

Andriolli de Brites da Costa

**A LENDA NAS PÁGINAS DO JORNAL
A PRESENÇA DO IMAGINÁRIO NO JORNALISMO A PARTIR
DA COBERTURA DOS TESOUREOS ENTERRADOS NO
PARAGUAI**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Dra. Gislene Silva.

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Andriolli

A lenda nas páginas do jornal : A presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai / Andriolli Costa ; orientadora, Gislene Silva - Florianópolis, SC, 2013.
132 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo. 2. Jornalismo. 3. Imaginário. 4. Folclore. 5. Notícia. I. Silva, Gislene. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.

Andriolli de Brites da Costa

**A LENDA NAS PÁGINAS DO JORNAL: A PRESENÇA DO
IMAGINÁRIO NO JORNALISMO A PARTIR DA COBERTURA
DOS TESOUROS ENTERRADOS NO PARAGUAI**

Ao saudoso mestre *Mário Marques Ramires*, que me mostrou desde cedo o tipo de jornalista que eu aspirava ser.

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão marcante para o início da minha vida como pesquisador, espero não ser leviano ou injusto com nenhuma das pessoas que, de maneira direta ou indireta, colaboraram para que este trabalho fosse levado até o final. Começo, desta forma, agradecendo primeiramente a Deus, que me acompanhou em cada nova etapa de minha vida. É preciso também registrar o agradecimento aos meus caríssimos padrinhos, *Balbina Ferreira de Brites e Laurindo Trombeta*, que me incentivaram desde cedo ao caminho do estudo, da dedicação e da cultura. Agradeço também especialmente aos meus pais, *Alda Maria Ferreira de Brites e Edgar Aparecido da Costa*, que apoiaram minha decisão de deixar Mato Grosso do Sul e buscar novos caminhos. Sem o suporte deles eu não teria conseguido.

Chegar a uma nova cidade sem conhecer nada nem ninguém é um desafio intimidador, mas quando a barreira é ultrapassada os laços que se formam marcam a vida toda. E é com essa certeza que faço meu agradecimento aos queridos amigos *Ana Juliana Fontes, Maira Sousa, Guilherme Guerreiro Neto e Luiza Martin*, que, cada um a sua maneira, foram minha família em Florianópolis. Sem a convivência com estas pessoas, minha experiência na ilha teria sido muito menos completa, edificante e prazerosa. Vale deixar também um obrigado especial à Ana e ao Guilherme, que na reta final cumpriram o papel de meus editores e *beta-readers*, tranquilizando-me um pouco mais no momento mais decisivo do mestrado.

Muitos outros também merecem agradecimento neste meu retorno aos bancos universitários. Pessoas que permitiram que eu me encontrasse como pesquisador e jornalista, e que me inspiraram – e inspiram – a ser cada vez melhor. Agradeço, desta forma, a todos os professores do Posjor com os quais tive contato, especialmente ao professor *Eduardo Meditsch* que, mesmo sem saber, me incitou a um desafio pessoal de tornar meu trabalho teoricamente relevante para os estudos do jornalismo. Agradeço também ao professor *Jorge Kanehide Ijuim*, cujas palavras ditas ainda na UFMS pautaram desde cedo o tipo de jornalismo que eu queria fazer. Agradeço igualmente ao professor *Mauro Silveira* pelo entusiasmo com que recebeu meu trabalho, pelo apoio ao ceder material de pesquisa e por divulgar efusivamente trabalho na *Revista Poranduba*. Registro também o obrigado à professora e orientadora *Gislene Silva*, que acreditou em minhas capacidades durante os dois anos do mestrado, mesmo quando eu

próprio fraquejava. O apoio, o encorajamento e a autonomia que ela me forneceu foram fundamentais para a conclusão desta dissertação.

Agradeço ao *Programa de Pós-Graduação em Jornalismo* por acreditar na viabilidade de meu projeto de pesquisa e a *Capes* pelo apoio financeiro. Agradeço à querida amiga e eterna caloura *Raphaella Paola Potter*, que deu suporte fundamental para a conversão das fitas dos documentários que eu tinha em mãos. No Paraguai, agradeço ao colega de pesquisa em patrimônio cultural, *Brian Gines Bejarano*, que foi meu cicerone na desconhecida *Asunción*. Agradeço ao diretor *Maurício Rial Banti*, que me enviou com exclusividade uma cópia de seu documentário sobre *plata yvyguy*, e à equipe do *ABC Color*, na figura do editor adjunto *Armando Rivarola* e do repórter *Javier Yubi*, que foram bastante atenciosos ao me receber no diário. Agradeço também ao professor *Aníbal Orué Pozzo*, que apontou caminhos teóricos para minha pesquisa e doou dois de seus fantásticos livros para nossa biblioteca.

Por fim, deixo aqui meus agradecimentos mais do que especiais a minha namorada *Dandara Feitosa da Cunha*, que sob todas as dificuldades de um namoro à distância, soube me apoiar e suportar em todos os momentos de dificuldade, nas horas de insegurança e de euforia, compreendendo a dedicação destinada a este projeto e o afastamento autoimposto de minha cidade natal. Nestes quase cinco anos que estamos juntos, fico contente em ver como ainda hoje, mesmo fisicamente distantes, com ela ao meu lado eu nunca me senti sozinho. Obrigado por estar comigo meu amor. Você me faz muito feliz!

“The cave you fear to enter holds the treasure you seek”
(Joseph Campbell)

RESUMO

Este trabalho trata do modo como a imprensa do Paraguai realiza a cobertura jornalística de matérias que envolvem a crença na lenda de tesouros enterrados no subsolo paraguaio, conhecida no país pela expressão guarani *plata yvyguy*. Para tanto, toma-se como corpus 40 matérias identificadas ao longo de três anos (2009-2012) no *ABC Color*, o maior dos diários paraguaios, que apresentaram o termo em seu título ou corpo de texto. Elucidam-se, nesta reflexão, os motivos pelos quais as notícias de mito e lenda são como são, e o lugar diferenciado em que se encontra cobertura de *plata yvyguy* no Paraguai, uma sociedade em que o imaginário dos tesouros enterrados incorporou-se de maneira indissociável dos modos de sentir, pensar e agir do povo. Buscou-se, a partir deste material, compreender a relação dos textos publicados com o lendário e as formas com que este é capturado e apresentado pelo relato jornalístico. O objetivo da pesquisa é o de problematizar a cobertura de elementos folclóricos e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social de uma comunidade. Esta questão se insere no debate do modelo ocidental de jornalismo que, fundamentado em uma lógica positivista e empirista, tenderia a marginalização em suas páginas do sensível, do imaginário, do fantástico e de tudo aquilo que pareça fugir das noções tradicionais de objetividade e factualidade.

Palavras-chave: Jornalismo; Notícia; Imaginário; Folclore; Paraguai.

ABSTRACT

This work aims to expose the journalistic coverage of newspaper articles which involve the belief in the legend of buried treasures in the Paraguayan underground, known in the Country as the Guaraní expression *plata yvyguy*. In order to achieve this goal, the *corpus* of this research was formed by 40 articles published over the three years of analysis (2009-2012) on the *ABC Color*, the biggest Paraguayan newspaper diary, which presented the expression in the title or in the body text. In this reflection, the reasons why myth and legend news are as they are were elucidated, as well as the different place in which they find themselves in the *plata yvyguy* coverage in Paraguay, a society where the buried treasures imaginary was inseparably incorporated in the folk ways of feeling, thinking and acting. This material is the base for the search to understand the relationship between the legendary and the forms by which it is captured and presented by the journalistic report. The objective of this research is to problematize the journalistic coverage of the folkloric elements and its acceptance by journalism as an important component of the social reality of a community. This question is inserted into the debate of the hegemonic western model of journalism which, based on a positivist and empiricist logic, tends to marginalize the sensible, the imaginary, the fantastic and everything which seems to escape from the traditional notions of objectivity and factuality.

Keywords: Journalism; News; Imaginary; Folklore; Paraguay

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - POR QUE AS NOTÍCIAS DE MITO E LENDA SÃO COMO SÃO?.....	20
1.1 Conceitos de notícia e a noticiabilidade dos fatos folclóricos.....	22
1.2 Jornalismo, imaginário e o paradigma da objetividade.....	32
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DE PLATA YVYGUY.....	50
2.1 Problematização dos conceitos de folclore.....	50
2.2 Problematização dos conceitos de mito e lenda.....	56
2.3 Tesouros enterrados no imaginário coletivo.....	63
2.4 Tesouros enterrados no imaginário paraguaio.....	67
CAPÍTULO 3 – TESOUROS ENTERRADOS NO JORNALISMO PARAGUAIO.....	76
3.1 Jornalismo paraguaio – História e Características.....	76
3.2 Tesouros enterrados no ABC Color.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
MATERIAL DE ANÁLISE.....	135
APÊNDICES.....	140
APÊNDICE A – Entrevista com Javier Yubi.....	141
APÊNDICE B - Entrevista com Armando Rivarola.....	149
APÊNDICE C - Entrevista com Aníbal Orué Pozzo.....	155

INTRODUÇÃO

A primeira vez que tomei conhecimento da existência das lendas sobre *plata yvyguy* – ao menos de seu conceito, ainda desconhecia o termo – foi em 2010. Eu realizava estudos exploratórios para o meu trabalho de conclusão do curso, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), quando me deparei com uma publicação do Arquivo Histórico de Campo Grande inteiramente dedicada à sociedade paraguaia. A reportagem que chamou minha atenção ocupava as páginas centrais da 4ª edição da *Revista Arca* e versava sobre a existência de imensas fortunas, na forma de tesouros enterrados, escondidas por todo o Paraguai, em uma região que se estenderia desde a fronteira de Mato Grosso do Sul até a fronteira com a Argentina. O texto dava as primeiras pistas de um resgate histórico que relacionava o surgimento das diversas versões desta lenda ao período da Guerra contra o Paraguai¹, conflito armado que se estendeu de 1864 a 1870 e marcou profundamente a história do País. O texto trazia também uma entrevista com um paraguaio que se dizia caçador de tesouros profissional, e afirmava já ter encontrado três “enterros”, como ele os chamava, e colaborado com a localização de outros tantos (MEGGIOLARO, 1993, p. 77).

Foi o diretor de jornalismo da rádio CBN de Foz do Iguaçu, Guilherme Wojciechowski, na época editor do *Sopa Brasiguaiá* (www.sopabrasiguaiá.com), que me apresentou o termo *plata yvyguy*, utilizado para se referir ao conjunto de lendas sobre tesouros ocultos no Paraguai. Seu blog fazia o *clipping* dos jornais fronteiriços, e a expressão com influência guarani, que significa “ouro enterrado”, era frequentemente encontrada em matérias no país vizinho. Incrustadas de maneira indissociável no imaginário paraguaio, estas lendas não se limitaram exclusivamente à literatura oral, transmitida e divulgada pelos mais antigos de geração em geração. Com o tempo, passaram também a ser promovidas e apropriadas por diversas mídias.

Ao longo da história, *plata yvyguy* tem servido de inspiração para famosos poemas, contos e peças teatrais, como *Sandia Yvyguy* (1933), de Julio Correa e a comédia *Plata Yvyguy Rekávo*, de Mario Halley Mora, considerada “o maior sucesso de bilheteria de toda a história do teatro nacional” (MUNICIPALIDAD DE ASUNCIÓN, 2007). Escrita na década de 1950 e encenada ainda hoje com grande audiência, a peça fez em 2013 sua primeira turnê pela Europa. Os tesouros enterrados, por

¹ A escolha deste termo, em oposição ao tradicionalmente utilizado “Guerra do Paraguai” vai ao encontro da compreensão histórica da corrente revisionista, ao qual retornaremos no capítulo III. No Paraguai, o conflito armado é conhecido como “*Guerra de la Triple Alianza*” ou “*Guerra del 70*”.

vezes, são apenas panos de fundo para discussões maiores dentro do universo artístico. *Che, che K-nal*, peça de teatro que estreou em 2009, por exemplo, traz a história de um chefe indígena que, após encontrar *plata yvyguy*, engana-se ao tentar agradecer a esposa. Ela havia lhe pedido uma televisão, e o homem acaba comprando todo um canal de TV. O humor, no caso, é usado para criticar a mídia e as suas representações sociais, e os tesouros enterrados servem apenas como pano de fundo (ABC COLOR, 2009a).

Mais recentemente, o tema despertou o interesse de cineastas e documentaristas (ABC COLOR, 2012i; 2012d)², sendo a mais recente dessas obras o documentário *Overava* (“aquilo que brilha”, em guarani), do diretor Mauricio Rial Banti. O filme, que acompanha três grupos de caçadores em sua busca pelo ouro escondido no subterrâneo, conta com apoio do Projeto DOCTV para exibição em TVs públicas de toda a América Latina.

A adaptação e apropriação do tema para outros suportes fazem a lenda ganhar um espaço já esperado nos jornais em editorias de cultura e entretenimento. No entanto, a presença da crença nos tesouros enterrados na imprensa paraguaia vai muito além do campo artístico ou da abstração e da fantasia. O imaginário das fortunas ocultas é tão forte nesta sociedade que o escritor Carlos Villagra Marsal, por ocasião dos 200 anos de independência do País, afirma ser impossível ignorar em meio a todas as idiossincrasias do povo paraguaio “a grande diversão nacional de todos esses anos: a busca por *plata yvyguy*” (ABC COLOR, 2011d). Ainda que descrita como diversão, a caça ao tesouro não é encarada como uma brincadeira. O próprio Villagra Marsal apresentou e aprovou um projeto na Convenção Nacional Constituinte no qual se institucionaliza a propriedade de toda a riqueza do subsolo. “Se um proprietário acha em sua terra é dele; se acha em terra fiscal deve dar metade ao estado, e se o encontra em propriedade alheia deve compartilhar com o proprietário. Está legislado no código civil” (ABC COLOR, 2011c)³.

² Até o final de 2011 o site www.abc.com.py era conhecido como ABC Digital. Posteriormente se tornou ABC Color. Para evitar possíveis confusões, utilizaremos a última denominação para nos referirmos ao jornal. Como o objeto de estudo também são as matérias publicadas no ABC, para diferenciar o material de análise das publicações utilizadas para contextualização optou-se por deixar a referência destas nas *notas de rodapé*.

³ Todas as citações, tanto do material analisado, quanto da bibliografia estrangeira, serão traduzidas livremente pelo pesquisador.

No Paraguai são frequentes os casos de pessoas acidentadas ou mesmo mortas como resultado da busca pelos tesouros escondidos. São igualmente comuns relatos da destruição de patrimônios públicos, motivada pela “febre do ouro” que há gerações vêm alimentando o imaginário dos paraguaios com o sonho do enriquecimento fácil. O mais famoso destes casos na história recente do País ocorreu em 2006 quando um grupo encabeçado pelo ministro da Suprema Corte, Victor Núñez, contratou máquinas pesadas para revolver uma área do *Parque Caballero*, em Assunção. O ex-ministro afirmava estar de posse de mapas e documentos antigos que indicavam que no local havia meia tonelada de ouro enterrado, escondido por um general durante a Guerra dos 70. Quando questionado sobre suas atividades paralelas como caçador de tesouros, defendeu-se respondendo que atuava “em sua qualidade de cidadão, e não como ministro”⁴.

As ações de Núñez, por mais peculiares que aparentem ser, estavam amparadas pela lei. O ex-ministro havia conseguido um visto autorizando as escavações junto a Enrique Riera, na época prefeito de Assunção. O acordo entre as partes previa que, após a atividade, fosse realizada a revitalização da área escavada e a doação de 50% do ouro - se encontrado - para o poder público. Este não foi um ato isolado do prefeito, que declarou firmar convênios e outorgar permissões com frequência para que caçadores buscassem *plata yvyguy* nas terras do município. A escavação do ex-ministro só não foi adiante porque, curiosos com a movimentação das máquinas até mesmo durante a noite, os moradores dos arredores do Parque alertaram a imprensa, que logo chegou ao local junto da polícia⁵.

Nos diários, no entanto, as matérias produzidas sobre o assunto não levantaram dúvidas sobre a crença (à primeira vista absurda) da existência dos tesouros enterrados e nem mesmo buscavam desmistificar ou desacreditar as lendas sobre o assunto. A cobertura do caso, hoje disponível apenas no acervo online do *ABC Color*, limitava-se a

⁴ *Repartir el tesoro en partes iguales fue la idea, dijo Riera*. ABC Radio, Asunción – PY, 10 Ago. 2006. Disponível em: <http://abcradio.com.py/2006-08-10/articulos/271287/repartir-el-tesoro-en-partes-iguales-fue-la-idea-dijo-riera>.

⁵ *Presidente de la Corte defiende el “hobby” de buscar plata yvyguy*. ABC Color, Asunción – PY, 11 Ago. 2006. Disponível em: <http://archivo.abc.com.py/2006-08-11/articulos/271451/presidente-de-la-corte-apoya-la-busqueda-de-plata-yvyguy>.

questionar o possível tráfico de influência utilizado pelo ministro para conseguir as autorizações com a prefeitura⁶ e as bases legais que versam sobre as possíveis atividades concomitantes ao magistrado⁷.

Ainda hoje, sete anos após o acontecido, o assunto é retomado vez ou outra pela imprensa, e o ministro mesmo destacando nunca ter encontrado “nem uma moedinha”, afirmou que vez ou outra ainda é procurado para assessorar buscadores de tesouro que desejam escavar legalmente nas terras do Estado⁸. A história se repetiu recentemente, no dia 10 de maio de 2013, quando moradores das vizinhanças denunciaram que funcionários públicos da cidade de Capiatá estariam escavando uma das ruas da cidade em busca de *plata yvyguy*. O próprio prefeito, Antonio Galeano, acompanhava as obras e informou que amigos seus receberam permissão para realizar a escavação, mas que nenhuma máquina utilizada era da prefeitura e que o visto era válido apenas para dois dias⁹. Mais uma vez a lenda não foi questionada, e sim a ação pública dos envolvidos. Tal comportamento se repete na cobertura de acontecimentos que envolvem a lenda dos tesouros enterrados em todos os jornais de referência do País, e não apenas nos periódicos da rede ABC. Também nos principais jornais da concorrência, o *Ultima Hora* e o *La Nación*, as matérias relatam mortes e acidentes¹⁰, expõe denúncias e consequências de escavações

⁶ *Ministro Núñez usó influencia*. **ABC Radio**, Asunción – PY, 10 Ago. 2006. Disponível em: <http://abcradio.com.py/2006-08-10/articulos/271289/ministro-nunez-uso-influencia>.

⁷ *Es la tercera vez que buscan el tesoro*. **ABC Color**, Asunción – PY, 10 Ago. 2006. Disponível em: <http://archivo.abc.com.py/2006-08-10/articulos/271288/es-la-tercera-vez-que-buscan-e->

⁸ *Nuñez: “Nunca encontré ni una monedita”*. **ABC Color**, Asunción – PY, 18 Fev. 2013. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/nunez-nunca-encontre-ni-una-monedita-540271.html>.

⁹ *Excavan calle en “busca de tesoro”, en Capiatá*. **ABC Color**, Asunción – PY, 10 Mar. 2013. Disponível em <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/interior/excavan-calle-en-busca-de-tesoro-en-capiata-570608.html>.

¹⁰ *Dos Hermanos fallecieron al quedar atrapados em um pozo*. **La Nación**, Asunción – PY, 27 Dez. 2010. Disponível em: <http://www.lanacion.com.py/articulo.php?art=6658>.

indevidas¹¹, ou até criticam as constantes invasões e depredações do patrimônio público quando as ações dos caçadores colocam em risco a segurança da população¹².

O fato chama atenção, visto que o jornalismo ocidental, desde o final do século XIX, é tido como lugar da racionalidade, da linguagem objetiva e referencial, e não da imaginação. Não ofereceria, portanto, o espaço adequado para que o lendário se manifestasse. Luiz Gonzaga Motta, considerando a cobertura de matérias que incorporam elementos fantásticos, já apontava que “na sua atitude de vigilantes da objetividade os jornalistas evitam o inefável. Quando cedem, é para ironizar e debochar dos disparates da realidade, desqualificando qualquer transcendência” (MOTTA, 2006, p. 9). De acordo com ele, mitos e lendas encontram espaço no “sisudo jornalismo tradicional” tendo o insólito como valor-notícia (MOTTA, 2006, p. 10). Assim, matérias que abordem o universo lendário recebem tratamentos dirigidos ao entretenimento, em uma cobertura voltada para o exótico, chamando atenção para o curioso, ao estilo *fait-divers*. Por vezes até mesmo “esvaziando os fenômenos de suas significações epifânicas, debochando das credices populares” (MOTTA, 2006, p. 9).

A pesquisadora Tamara Guaraldo estudou a cobertura realizada por quatro veículos jornalísticos do interior paulista sobre o mito do Unhudo, um tipo de morto-vivo que assombra a região de Pedra Branca. Em sua pesquisa, percebeu que mesmo a criatura sendo uma manifestação da cultura popular local, os poucos entrevistados que manifestaram acreditar no monstro tiveram tempo de tela bastante reduzido e “foram tratados como representantes raros da ingenuidade que ainda muitos teimam em localizar na ‘alma’ caipira” (GUARALDO, 2005, p. 155). As matérias optaram por valorizar versões oficiais divulgadas por autoridades políticas ou acadêmicas, que transformavam o ser, fonte de terror da população, em protetor do meio ambiente ou em elemento valorizador do turismo regional. O jornalismo ocidental, de forma geral, demonstra dificuldade em lidar com manifestações

¹¹ *El pozo era para buscar plata yvyguy*. **Ultima Hora**, Asunción – PY, 31 Jan. 2012. Disponível em: <http://www.ultimahora.com/el-pozo-era-buscar-plata-yvyguy-n499878.html>.

¹² *Búsqueda de plata yvyguy pone en riesgo un puente de Limpio*. **Ultima Hora**, Asunción – PY, 25 Mar. 2008. Disponível em: <http://www.ultimahora.com/busqueda-plata-yvyguy-pone-riesgo-un-puente-limpio-n103444.html>

oriundas do imaginário. Amparo Tuñón, ao analisar a construção de mitos a partir de acontecimentos culturais nas notícias, percebe como o domínio do texto sobre a imagem, da razão sobre a sensação e da busca de sentido sobre o noticiável demonstram sinais de respeito à cultura escrita, formal e factual, associada diretamente a alta cultura (TUÑÓN, 1990, p. 29). De maneira semelhante, Lena Frias, que foi editora do caderno B do Jornal do Brasil - o primeiro caderno cultural do País - teceu sua crítica sobre a perspectiva dominante presente na cobertura jornalística dos elementos pertencentes à cultura popular:

Cultura popular, folclore, manifestações populares, tudo isso é coisa antiga, baixa cultura. Entra na mídia se contar com uma moldura erudita, se interessar dramaturgicamente, se contar com o aval de alguma opinião midiática, de alguma personalidade ou artista (FRIAS, 2004, p. 68).

No caso paraguaio a cobertura que os diários fazem sobre *plata yvyguy*, no entanto, não se alinha a nenhum dos movimentos descritos acima. Primeiramente, ela não se limita à editoria de Cultura, estando pulverizada por todo o jornal. Assim, a apropriação da lenda sob uma ótica erudita (em um filme, livro, peça de teatro) explicaria a presença do tema nesta editoria, mas não nas demais. Mais do que isso, a divulgação da lenda pela mídia não vai ao encontro de interesses político-econômicos e nem mesmo se torna presente por seu caráter insólito. Ao contrário, com a crença naturalizada por tantas pessoas e a frequência constante das escavações, o lendário acaba ofuscado por fatos geradores da notícia muito mais concretos, como mortes, acidentes ou denúncias de crimes contra o estado.

A busca por tesouros enterrados é o “como” aconteceu, e não o “o que” aconteceu em uma narrativa jornalística. O centro do relato são as pessoas que morrem ao cavar poços em busca de fortunas enterradas (ABC COLOR, 2010k); caçadores que invadem e destroem propriedades na sede pelo enriquecimento fácil (ABC COLOR, 2012h), homens que oram a Deus para encontrar *plata yvyguy* e nunca mais tornar a passar fome novamente (ABC COLOR, 2011e), e não a lenda por si só.

Instigado por estas características, a princípio únicas, percebidas na sociedade e na imprensa paraguaia, este trabalho elege como **objeto de estudo** o modo como o jornalismo diário local cobre acontecimentos

envolvendo as lendas de *plata yvyguy*, sendo que por cobertura compreende-se o conjunto de textos que abordam um tema comum, não necessariamente a sequência de matérias sobre um mesmo acontecimento. O **objeto empírico** por sua vez, serão as matérias publicadas na versão online do *ABC Color*, o maior diário do país. A partir da análise dos relatos jornalísticos que trazem a expressão em guarani no corpo de texto, este estudo tem como **objetivo** problematizar a cobertura dos mitos folclóricos e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social de uma comunidade.

Há diversos caminhos e opções metodológicas possíveis de serem seguidas para investigar este tema – desde a Folkcomunicação até abordagens mais voltadas aos estudos antropológicos. No entanto, em sinergia com o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, optou-se por desenvolver a pesquisa tendo por base os estudos em Teoria do Jornalismo. Mais especificamente na Teoria da Notícia, visto que grande parte das matérias analisadas enquadram-se neste modelo do gênero informativo. Optou-se também pelo diálogo mais evidente entre autores norte-americanos e latino americanos, de modo a evidenciar de maneira clara as diferentes relações entre noções mais rígidas e mais abertas de objetividade e factualidade. Vale salientar que esta pesquisa não busca reduzir a Teoria do Jornalismo aos *News Studies*, mas sim que nela se apoia a partir da própria relação com o objeto de análise.

Para este estudo iremos nos restringir às matérias publicadas na versão online do *ABC Color*¹³ (www.abc.com.py), representante de 68,6% do mercado nacional dos diários impressos de referência. O site, o sétimo entre os mais visitados em toda a internet paraguaia¹⁴, produz diariamente material jornalístico próprio, mas também republica na rede as matérias da edição impressa, facilitando o acesso aos arquivos. No entanto, a página da internet e seu banco de dados sofreram diversas atualizações ao longo dos anos, e a precisão das buscas foi prejudicada quando a matéria foi publicada antes do segundo semestre de 2009. Desta forma, optou-se por trabalhar como período de análise apenas com os textos publicados a partir de agosto de 2009.

¹³ O ABC Color possui a maior circulação entre os jornais de referência no Paraguai com média de 36,6 mil exemplares diários. Dados de maio de 2013. Fonte: <http://archivo.abc.com.py/ejecutivo-v2/circulacion>

¹⁴ Dados de maio de 2013 do Ranking Alexa. Fonte: <http://archivo.abc.com.py/ejecutivo-v2/digital>

Mesmo com a alta representatividade de mercado do ABC, a escolha de trabalhar com apenas um veículo para então caracterizar todo o jornalismo diário paraguaio pode ser questionada. No entanto, como já apontamos, uma análise preliminar mostrou semelhanças na abordagem de *plata yvyguy* também pela cobertura jornalística no *Ultima Hora*, representante de 27,6% do mercado, e no *La Nación*, representante de 3,7%.

Outro motivo que privilegiou a escolha do ABC foi que, em uma triagem inicial de matérias que envolvessem a busca por tesouros enterrados, foram encontrados outros termos que se referiam a estas ações, desde simplesmente *tesoro escondido* ou *tesoro bajo tierra* até a derivação *plata yvyvy*¹⁵. Tais veículos não apresentavam qualquer padronização ao se referir a lenda, o que dificultava a seleção das matérias para análise. O *ABC Color*, por outro lado, sempre utilizou *plata yvyguy* em todos os textos sobre o tema. A expressão traz a presença do guarani, língua que mesmo sendo uma das oficiais do País, não tem seu uso muito frequente na imprensa tradicional e sua utilização depende de decisões editoriais.

A análise e a contextualização da imprensa paraguaia foi desenvolvida tendo como base a bibliografia levantada junto a *Biblioteca Nacional de Asunción*, bem como as entrevistas de apuração realizadas com o pesquisador e professor de jornalismo da *Universidad Nacional de Asunción*, Aníbal Orué Pozzo; com o memorialista e repórter especial do *ABC Color*, Javier Yubi e com o chefe de redação adjunto do mesmo jornal, Armando Rivarola, cujas transcrições estão presentes no apêndice da dissertação. Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas com o único intuito de nortear a pesquisa e de estabelecer um diálogo mais direto com a cultura paraguaia e eliminar possíveis interpretações aberrantes, visto que o estudo foi realizado a partir de outro horizonte social, com valores e referenciais diferentes daqueles do país vizinho.

É importante salientar que não se deseja propor uma maneira “correta” de realizar a cobertura jornalística de mitos e lendas, embora indicações de maneiras mais sensíveis de encarar o invisível, o inefável e o imaginário permeiem toda a dissertação. Isto porque não penso que caiba a esta pesquisa o papel de dizer aos jornalistas como estes devem fazer seu trabalho, mas sim analisar como este é desenvolvido – com

¹⁵ *Dos jóvenes perdieron la vida hoy, buscando "Plata Yvyvy"*. *Ultima Hora*. Asunción-PY, 26 Dez. 2010. Disponível em: <http://www.lanacion.com.py/articulo.php?art=6621>

todas as suas particularidades e contradições, com toda sua repercussão social e em sua dimensão ética.

Apesar de as análises e conclusões desenvolvidas neste trabalho dizerem respeito especificamente à sociedade paraguaia e a seus veículos de imprensa, busca-se com a identificação de práticas e processos semelhantes, bem como de uma cultura profissional com valores comuns, ampliar a compreensão do lugar ocupado pelo imaginário mitológico no jornalismo ocidental.

Da mesma forma, não se procura, com este trabalho, afirmar que o jornalismo paraguaio encara de maneira diferenciada todos os mitos e lendas folclóricos, mas sim que esta cobertura, a de *plata yvyguy*, é revestida de características que lhe são bastante peculiares em relação ao modelo ocidental de jornalismo, e que por isso merecem atenção. Não se trata de afirmar que o jornalismo praticado no Paraguai difere daquele desenvolvido no resto do mundo, mas sim que, mesmo compartilhando valores e características, a imprensa de cada País funciona de acordo com regras próprias inspiradas pela ação da conjuntura sócio-histórico-cultural.

A discussão levantada por este trabalho insere-se no debate sobre a epistemologia do jornalismo contemporâneo. Isso porque, seguindo a visão dominante sobre o modelo ocidental de jornalismo, este não se mostraria ambiente adequado para matérias que envolvam mitos e lendas folclóricas. O motivo é que tais elementos pertencem aos domínios do imaginário e das tradições orais e parecem, à primeira vista, ligados apenas ao plano subjetivo, de onde se leva a concluir que seriam incompatíveis com os ideais de verdade e objetividade que norteiam a prática jornalística. Tal linha de pensamento vincula o jornalismo a uma aproximação com os paradigmas das ciências naturais, manifestada na valorização da *objetividade* e em um *empirismo factual* – questões abordadas durante o Capítulo 1.

Neste capítulo, responde-se a pergunta “*Porque as notícias de mito e lenda são como são*”, fazendo referência direta aos estudos de Michael Schudson (1988), Nelson Traquina (2004) e fundamentando-se especialmente em Jorge Pedro Sousa (2002, 2004, 2005). Para tanto, realizou-se um levantamento de perspectivas e visões conceituais sobre a atividade jornalística e seus elementos fundamentais, tanto segundo a bibliografia acadêmica quanto as opiniões de profissionais e códigos deontológicos. A partir destes dados, elucidam-se as questões que concernem à presença ou à ausência dos mitos e lendas no jornalismo e ao modo como estes se manifestam nos veículos de imprensa.

O Capítulo 2 contempla as discussões contemporâneas sobre os conceitos de folclore, mito e lenda, explorando os pontos de divergência e elegendo aqueles mais afinados com a visão que orienta esta pesquisa, visto que os estudos destes temas não convergem para uma mesma vertente. Ao mesmo tempo, ao incorporar fragmentos de relatos de caçadores de tesouro, será traçado o percurso histórico da crença em *plata yvyguy*, de modo a demonstrar o quanto ela está imbricada na identidade cultural do povo paraguaio, e em como a lenda, da maneira como se manifesta, não poderia ter sido encontrada da mesma maneira em nenhum outro local.

Por fim, o Capítulo 3 descreve a história da imprensa paraguaia, sua evolução e os valores que compartilha ou que passou a compartilhar desde que os primeiros maquinários foram comprados durante a primeira república, em 1845, sob o monopólio absoluto do Estado, até o seu momento contemporâneo. É nesta conjuntura que está inserido o *ABC Color*, que será devidamente apresentado para dar início à análise empírica das matérias publicadas pelo periódico. Não há a preocupação de formar categorias de análise, ou de criar uma análise de conteúdo formal, mas sim de organizar o material empírico de modo a reiterar as discussões levantadas pelos capítulos anteriores e elucidá-las a partir de exemplos retirados das próprias matérias. Busca-se, desta forma, compreender a partir de toda a discussão anterior os motivos pelos quais a lenda está presente nas páginas do jornal.

CAPÍTULO 1 - POR QUE AS NOTÍCIAS DE MITO E LENDA SÃO COMO SÃO?

Um dos motores deste trabalho, e que movimenta grande parte das discussões presentes na pesquisa, é a forma diferenciada com que uma lenda (*plata yvyguy*) encontra seu espaço no jornalismo paraguaio.

No entanto, esta proposta – que é quase uma afirmação – traz em seu bojo também uma pergunta fundamental: se é diferente, o é em relação a que? Tal questionamento se desdobra em outros tantos, igualmente importantes: se há realmente esta diferença, como se configuram as peculiaridades que lhe garantem tal distinção? E seria mesmo algo tão específico assim?

Estas perguntas são impossíveis de serem respondidas lançando os olhos isoladamente para o objeto empírico (as notícias publicadas no ABC), e exigem uma reflexão mais abrangente sobre a presença do lendário no jornalismo. Desta forma, para começar a compreender as diferenças identificadas no país vizinho e esboçar respostas para os porquês que envolvem a cobertura das matérias sobre a busca por tesouros ocultos no Paraguai, é preciso de início responder à pergunta: “*Por que as notícias de mito e lenda são como são?*”.

Autores como Michel Schudson, Nelson Traquina e Jorge Pedro Sousa já dedicaram várias obras à busca por uma resposta para esta mesma pergunta, tendo como objeto não o mitológico, mas sim uma compreensão universal da notícia na atividade jornalística. Desta forma, tendo a obra destes pesquisadores como suporte, propor respostas para tal questionamento com um objeto mais restrito é uma tarefa menos hercúlea, mas também desafiadora. Isto porque os novos observáveis incitam a igualmente novos arranjos e percepções sobre o que vem sendo discutido teoricamente nos estudos de jornalismo.

Explicar porque as notícias de mito e lenda são como são é, ao mesmo tempo, esclarecer porque as matérias identificadas no jornalismo paraguaio fogem a esta norma. Assim, se de maneira geral a cobertura do lendário é marcada pelo sensacionalismo, pelo humor ou por tentativas de explicação científica, o raciocínio precisa ser capaz de ser revertido sem com isso desmentir o que foi apresentado anteriormente. A resposta para a pergunta central deste capítulo, portanto, não pode ser uma só, mas sim a articulação de várias proposições diferentes cujo resultado da equação é a cobertura de mito e lenda pela imprensa ocidental, com suas características universais bem como suas variações. Temos, portanto, que as notícias de mito e lenda são como são:

A) Porque se distanciam da visão tradicional de empirismo factual e objetividade que ainda hoje permeiam a prática jornalística, empurrando os enunciados noticiosos para os limites do jornalismo, conforme Luiz Gonzaga Motta.

B) Porque as relações da imprensa de cada sociedade com valores como objetividade, subjetividade e factualidade são construídas de maneira bastante particular.

C) Porque os modos de sentir, pensar e agir de um povo geram modos diferentes de relação com a cultura popular, e quando esta se manifesta de maneira mais intensa acaba por influenciar os valores-notícia.

D) Porque a própria concepção do que é e do que não é notícia não é única, mas construída com base nas ações e interações de diversas forças. Quais sejam: ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural, ação do meio físico e tecnológico e ação histórica, conforme Jorge Pedro Sousa.

Cada um destes elementos identificados será aprofundado durante este capítulo, sendo que os dois últimos serão apresentados na primeira seção e os dois primeiros na seguinte. Concentremo-nos, portanto, na questão da notícia, considerada por muitos como a matéria-prima para o jornalismo. Objeto de incontáveis estudos que buscam compreender as regras por trás de sua concepção e elaboração, a notícia é mais um dos elementos cuja conceituação não é ponto pacífico tanto dentro quanto fora da Academia, levando a infindáveis definições e interpretações.

Neste trabalho a notícia não é compreendida apenas como gênero do jornalismo informativo, mas como elemento fundamental para toda a prática do jornalismo. Tendo em vista o processo completo de produção jornalística, a compreensão de notícia vai além do trabalho do repórter. Passa desde a identificação do que é ou não noticiável, de sua elaboração, edição e diagramação – incluindo relação com fontes, editores e interesses organizacionais – até a sua publicação e recepção, visto que cada um desses elementos influencia na sua concepção. A própria notícia identificada inicialmente pode não tornar-se notícia como gênero, mas sim dar origem a uma reportagem, uma *charge*, um infográfico ou um editorial, devido à similaridade das forças que agem sobre a sua produção e elaboração. A seguir, acompanharemos as várias perspectivas sobre notícia que levaram à compreensão assumida nesta pesquisa.

1.1 Conceitos de notícia e a noticiabilidade dos fatos folclóricos

Diversas definições do que seria notícia no jornalismo foram compiladas por Nilson Lage, que não se satisfaz inteiramente com nenhuma delas. Para o autor, estas eram “na maioria ingênuas, algumas genéricas, nenhuma capaz de ‘determinar de maneira única seu objeto’” (LAGE, 2001, p. 52). Estas descrições, ainda que por vezes superficiais ou limitadoras, quando vistas em conjunto oferecem uma perspectiva mais completa do que seria, por fim o objeto notícia. Estas levam em conta características como o inusitado, a novidade, o interesse, a importância e a verdade. São elas:

- a) Se um cachorro morde um homem não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí, então, é notícia e sensacional (Amus Cummings)
- b) É algo que não se sabia ontem (Turner Cartledge)
- c) É um pedaço do social que volta ao social (Bernard Voyenne)
- d) É uma compilação de fatos e eventos de interesse ou importância para os leitores do jornal que a publica (Neil MacNeil)
- e) É tudo o que o público necessita saber, tudo aquilo que o público deseja falar: quanto mais comentário suscite, maior é seu valor; é a inteligência exata e oportuna dos acontecimentos, descobrimentos, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores; são os fatos essenciais de tudo o que aconteceu, acontecimento ou ideia que tem interesse humano (Colliers Weekly)
- f) Informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas (LAGE, 2001, p.52-53).

O próprio Lage propõe um significado de notícia, a princípio reduzido – estrategicamente - a sua estrutura textual. Seria então “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (LAGE, 2011, p. 54). Desta forma, o autor restringiria a discussão à compreensão de *importância* e não a abstrações mais complexas como *verdade* ou *interesse humano*. Esta definição, no entanto, articula-se mais como uma descrição empírica de

notícia, mas não a resolve teoricamente. Ainda segundo o autor, as notícias seriam compostas por dois componentes básicos: o componente lógico e o componente ideológico. O primeiro seria marcado por uma organização relativamente estável; já o segundo representaria “os elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia” (LAGE, 2001, p. 54).

Luiz Beltrão constata que existem numerosas definições de notícia, o que torna a sua definição tão difícil de atingir quanto a do amor, “sobre o qual falham todos os conceitos” (BELTRÃO, 2006, p. 82). Ainda assim, o autor sugere uma compreensão deste elemento do jornalismo fundada nos seguintes atributos que a caracterizariam: *a) Imediatismo*, *b) Veracidade*, *c) Universalismo*, *d) Interesse* e *e) Importância*. Acompanhemos, portanto, cada um destes elementos para verificar as suas relações.

Beltrão, quando se referia ao *imediatismo* como característica básica da notícia, vinculou o conceito à evolução dos meios de comunicação disponíveis na época. A notícia da descoberta do Brasil, registrada na carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, teria levado mais de um mês para chegar à corte portuguesa. Da mesma forma, a evolução do maquinário de impressão e produção dos jornais favoreceu a divulgação da informação até, nos dias de hoje, atingir a imediatês do tempo real. Notícia para Beltrão, desta forma, seria “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo da atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 2006, p. 82).

Acompanhando o raciocínio de Beltrão, percebe-se que a atualidade dos tais “últimos fatos acontecidos” está condicionada ao contexto do ocorrido. A evolução tecnológica permitiu que os jornais aprimorassem sua periodicidade, passando de folhas quinzenais ou semanais para publicações diárias. Ainda assim, por mais relevante que fosse um acontecimento, este ainda estaria sujeito aos horários de fechamento, à publicação na gráfica e à distribuição muitas vezes restrita aos principais centros urbanos. Hoje, a internet e as redes sociais deram um novo sentido à atualidade da cobertura de um fato, interferindo diretamente na definição de pauta dos demais veículos jornalísticos, tanto impressos quanto de *broadcasting*. Percebe-se assim a interferência da *ação dos meios tecnológicos* e da própria *ação histórica* na compreensão de notícia.

A *veracidade*, o segundo critério elaborado por Beltrão, entra em um território problemático e é compreensível o porquê de Lage ter

evitado introduzir a discussão de *verdade* no jornalismo. Ernesto Villanueva, ao explorar os códigos deontológicos da imprensa escrita pelo mundo, aponta como característica compartilhada em todos os países o dever ético do jornalista de brindar informação verdadeira.

Um jornalista cumpre com este dever na medida em que a) contrasta fontes de informação; b) realiza um trabalho diligente em busca de fatos noticiosos; c) identifica claramente quando se trata de rumores ou de informações não confirmadas e d) fundamenta as notas informativas que escreve e rechaça o uso de frases ambíguas como “dizem”, “comentam”, “parece ser” e outras similares que induzem a confusão (VILLANUEVA, 1999, p. 30).

Evitando debates filosóficos sobre a existência ou não de múltiplas verdades – ou de uma Verdade, única e inalcançável – sabe-se que a responsabilidade com a informação verdadeira, ao menos até o ponto verificado pela apuração, é condição *sine qua non* para o periodismo, diferenciando-o, por este compromisso, da literatura e da ficção. “Lemos a notícia acreditando que os profissionais não irão transgredir esse ‘acordo de cavalheiros’ entre jornalistas e leitores, pelo respeito dessa fronteira que torna possível a leitura de notícias enquanto índices do real” (TRAQUINA, 1993, p. 162).

Ao se pensar em informações que não sirvam como “índices do real”, é fácil remeter a entrevistas e personagens inventados, descrições fictícias ou relatos mentirosos. No entanto, por uma perspectiva mais ampla, percebe-se que o jornalismo sempre será incapaz de corresponder à realidade em toda a sua complexidade, devido à própria incapacidade humana de compreender a totalidade de qualquer acontecimento. Isso, no entanto, não quebra o acordo de cavalheiros ou vai contra os princípios da veracidade, assim como também não deve ser justificativa para coberturas levanias ou incompletas por parte da imprensa. É, sim, uma limitação que caracteriza o próprio jornalismo.

O alemão Otto Groth, ao discorrer sobre o relato jornalístico, já levantava esse tipo de questionamento. Em que nível o ser humano seria capaz de constatar fatos de forma fiel à realidade? Sob quais condições e dentro de quais limites a mente humana seria capaz de apreender a existência? O autor propõe que a capacidade de relatar a realidade tal e qual está além das capacidades humanas. “Basicamente, tudo o que vivenciamos está sujeito desde o começo a constituição do sujeito

conhecedor” (GROTH, 2009, p. 369). Mais do que isso, a compreensão do real também passaria pelos filtros da percepção, que podem ser variados de acordo com cada observador, já que “o estado das coisas da realidade é ambíguo e pode ser revivido de inúmeras formas” (GROTH, 2009, p. 369). A própria atenção que o repórter é capaz de dispender para cada acontecimento, influenciado muitas vezes pelo cansaço, pelas emoções ou pela disposição inicial, exerce papel decisivo no produto final do relato jornalístico. Percebe-se, desta forma, a influência da *ação pessoal* do repórter na definição do que virá a ser noticiado.

Retomando o raciocínio de Beltrão, resta ainda explorar três características para a definição de notícia. Enquanto o *universalismo* versa sobre a capacidade de compreensão e apreensão da notícia pelo maior número de pessoas possível, este está ligado diretamente aos valores “essencialmente cambiáveis” de *interesse* e *importância*. Tradicionalmente o jornalista clama para si a responsabilidade e a capacidade de definir, entre uma miríade de acontecimentos, aquilo que seria ou não interessante ou importante (relevante) para o leitor (SOUSA, 2004). O próprio Beltrão cita um periodista de veículo norte-americano, que teria proclamado: “Não damos ao público aquilo que ele quer, mas o que julgamos que ele precisa saber” (BELTRÃO, 2006, p. 84).

O jornalista Ricardo Noblat encara de maneira crítica esta que seria uma pretensão da própria categoria. Os profissionais da imprensa se comportariam como se soubessem mais do que os leitores o que eles querem ler (NOBLAT, 2004, p. 15). Segundo ele, grande parte dos manuais de redação descreve a notícia como “todo fato relevante que desperte interesse público”. No entanto, fora dos manuais, “notícia na verdade é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público” (NOBLAT, 2004, p. 31). Ao mesmo tempo, a compreensão da notícia seria algo impossível de ser descrito ou definido, perceptível apenas por meio de um “faro jornalístico”, indispensável para a profissão.

Já respondi mais ou menos assim à pergunta de um jovem estagiário sobre o que é notícia: “Quando você estiver diante de uma, saberá”. É isso o que costuma acontecer. Se vocês levam jeito para o ofício, saberão distinguir entre o que é notícia e o que não é (NOBLAT, 2004, p. 41).

De fato, há certa pertinência nessas afirmações. A assimilação dos valores profissionais compartilhados pela categoria ocupa papel

importante na definição do que merece ser noticiado. Com a experiência, é possível internalizar, mesmo que de maneira inconsciente, os fatos que mais serão capazes de despertar a atenção do leitor – o que explica o fato de jornais diferentes muitas vezes trazerem os mesmos destaques em suas chamadas de capa, ou evidenciarem os mesmos dados em suas coberturas, ainda sem que haja comunicação direta entre os veículos concorrentes.

É possível interpretar esta padronização das coberturas noticiosas dentro de um contexto capitalista, como o faz Ciro Marcondes Filho. Para ele, notícia é a informação transformada em mercadoria, sobre a qual incidem todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais. Assim “a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (MARCONDES FILHO, 1989, p.13). De maneira semelhante, Sousa cita Fraser Bond (1962) que afirma: “O que o público quer carrega o significado econômico de ser aquilo que ele compra. (...) Ao repórter inteligente não escapam nunca as tendências de mercado” (SOUSA, 2005, p. 33).

Frente a uma definição de notícia muitas vezes focada apenas no gênero informativo, ou centrada apenas nos jornais de referência, Gislene Silva propõe um “conceito expandido de notícia”, que a compreende a partir de suas mais variadas características: *informação, socialidade, poder, singularidade, atualidade, público, interesse e diversidade*. Na busca por uma definição que pudesse abarcar de *hard news* à *soft News*, de matérias sensacionalistas e fofocas à grande-reportagens, a autora estabelece que “notícia é a socialização de quaisquer informações de caráter público, atual e singular e que atendem a diferentes interesses” (SILVA, G. 2009, p. 14). Estes interesses não se restringiriam apenas às preocupações com a dicotomia de interesse público e interesse do público. “Diz dos interesses diversos de quem consome notícia como dos interesses de quem produz a mercadoria notícia (empresa, profissional, partido político, ONGs, sindicato, Estado) ou são sujeitos dela, como as próprias fontes ou os envolvidos” (SILVA, G. 2009, p. 14). Vale destacar que esta definição não diz sobre o formato da notícia, possibilitando a compreensão de uma definição mais aberta para este elemento do jornalismo, tal como apresentada no início deste capítulo.

Mauro Wolf recorre a Garbarino e compreende, também de maneira crítica, a *cultura profissional* e as restrições ligadas à *organização do trabalho* como os elementos fundamentais para explicar a definição do que é e o que não é notícia. A primeira é entendida como

“um inextricável emaranhado de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções” (WOLF, 1982, p. 10), concernentes à atividade jornalística e sua função na sociedade. Por sua vez, as estruturas organizacionais, as rotinas de trabalho e as demandas editoriais, sobre as quais se criam convenções profissionais que determinam a definição de notícia, “legitimam o processo produtivo, desde a utilização das fontes até à seleção dos acontecimentos e às modalidades de confecção, e contribuem para se precaver contra as críticas do público” (WOLF, 1982, p. 10). Estas seriam as manifestações da *ação social* e da *ação ideológica*.

Traquina chama a atenção para o fato de que não se pode compreender porque as notícias são como são sem compreender a cultura profissional da comunidade jornalística. Por meio de opções e seleções particulares (quem entrevistar, quais palavras utilizar), bem como da reivindicação do monopólio de saber, exatamente, o que é notícia, o autor estabelece que “os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e por efeito, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2004, p. 26). Para ele, as notícias como construção social são resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais e os profissionais de campo. Os jornalistas, assim, interagem em primeira instância com as diversas fontes e entrevistados, com os assessores de imprensa e aqueles interessados ou contrários à divulgação das informações apuradas. Da mesma forma, interagem com os membros de sua comunidade profissional, sejam os próprios editores ou outros profissionais de sua organização jornalística, seja com o de outros veículos que participam da mesma cobertura. E em última instância, é mesmo na interação com os outros profissionais da classe que decidem “o que é notícia, qual a sua importância e como é definida” (TRAQUINA, 2004, p. 28). A influência dos interagentes sociais também já foi apontada por Groth, que as destacava acima de preocupações quanto à forma ou à disposição do texto jornalístico.

O repórter não tem que considerar apenas as ordens que o objeto da notícia, a reportagem, lhe impõe quanto à forma e à dimensão da reprodução jornalística. Se ele relata para um único jornal, ele também tem que adaptar a escolha dos detalhes, o comprimento do relato e a formulação estilística de acordo com a particularidade e o público específico do jornal. (...) Muito frequentemente

somam-se a isto barreiras externas por causa das circunstâncias nas quais a reportagem tem que ser feita, resistências que as pessoas lhe colocam, astúcias dos objetos que o repórter precisa para cumprir a sua tarefa (GROTH, 2010, p. 368).

Por fim, de maneira muitas vezes imperceptível devido aos níveis de internalização envolvidos, segundo Traquina, o jornalista interage silenciosamente com a própria sociedade em que está inserido, e de onde emergem os valores sociais que marcam as fronteiras entre normal e anormal, legítimo e ilegítimo, aceitável e desviante. “As notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas partilham, como membros da sociedade, com a sociedade” (TRAQUINA, 2004, p 29). Seria esta a influência da *ação cultural*.

A proposta das seis forças que atuam na definição de notícia, e que norteiam este trabalho, foi apresentada por Jorge Pedro Sousa, inspirado nos modelos desenhados por Schudson (1988) e por Shoemaker e Resse (1996). Tais forças agiriam a partir de níveis interdependentes, integrados, interatuantes e sem fronteiras rígidas. Seguindo o raciocínio proposto por Sousa, as notícias são como são devido a influências da *Ação Pessoal* do repórter, suas intenções e sua capacidade; da *Ação Social*, resultado de dinâmicas e constrangimentos do sistema social e organizacional ao qual ele está inserido e da *Ação Ideológica*, representada pelas forças de interesse que dão coesão aos grupos sociais. Também exerce influência a *Ação Cultural*, já que toda a produção jornalística é fruto da cultura da sociedade em que é produzida, e onde o próprio jornalista está inserido em seus sistemas de valores; a *Ação do Meio Físico e Tecnológico*, visto que novos dispositivos e tecnologias agregam outras possibilidades ao que pode ou não ser alvo de cobertura jornalística; e, por fim, a *Ação Histórica*, onde coexistem em variada intensidade as cinco forças anteriores, alternando-se constantemente conforme o contexto histórico observado.

Para Sousa, “as notícias que temos, os formatos e conteúdos das notícias que temos, são frutos da história” (SOUSA, 2002, p. 90). Hoherembert, citado por Lage, afirma que os fatos que são ou não notícias variam “de um dia para o outro, de País para País, de cidade a cidade, e, sem dúvida, de jornal para jornal” (LAGE, 2001, p. 53). Por sua vez, Schudson coloca isso a prova, comparando 200 anos de cobertura do discurso do presidente pela imprensa norte-americana. “O que mudou não foi o reconhecimento da importância do presidente, mas antes a ideia do que devia ser uma notícia e do que devia fazer um

repórter” (SCHUDSON, 1988, p. 18). Sousa, por fim, define notícia, portanto, da seguinte forma:

Pode-se definir as notícias como artefatos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam de um processo de construção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos fatores de natureza *pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico/tecnológico*, que são difundidos pelos meios jornalísticos e aportam novidades com sentido compreensível, num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural (ou seja, num determinado contexto), embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2000, 106-107) [Grifo nosso].

É a interação entre todas estas ações que explicam porque as notícias são como são. Mas para compreender melhor os porquês que envolvem a cobertura de mitos e lendas é preciso que nos aprofundemos nos dois últimos elementos levantados: a Ação Cultural e a Ação Histórica. Isso porque a notícia, expõe Sousa, é um artefato que, mesmo involuntariamente, se apoia e faz uso de padrões culturais pré-existentes para ser realizado e para produzir sentido (SOUSA, 2002, p. 38). Assim, conclui o autor, “o processo de fabrico e a construção das notícias sofre uma ação informadora por parte do sistema sociocultural em que se insere” (SOUSA, 2002, p. 79). Da mesma forma, Karl Manoff, citado pelo pesquisador, faz notar que, frente a um acontecimento novo, a escolha dos modos que o jornalista encontra para realizar o seu enquadramento depende do “catálogo de frames disponíveis” em um determinado momento sócio-histórico-cultural. “Isto é, depende do aspecto que para o seletor de um enquadramento, como um jornalista, o real assume nesse momento, bem como da sua experiência, que lhe molda a percepção” (SOUSA, 2002, p. 80).

Por este ponto de vista, pode-se inferir que uma sociedade que, em determinado contexto histórico, encare a cultura popular com desdém em favor da modernidade, ou que eleja a lógica científica como a única verdadeira em razão da sabedoria tradicional, tende a espelhar uma imprensa cuja cobertura jornalística siga os mesmos preceitos. Por outro lado, em uma sociedade onde o lendário esteja integrado de maneira indissociável aos modos de sentir, pensar e agir da cultura local,

o jornalismo pode apresentar maior facilidade de lidar com as manifestações do imaginário popular.

Ainda diante de uma perspectiva do contextual, Luiz Gonzaga Motta apresenta uma definição de notícia que a apresenta como um relato sobre as coisas que ocorrem no mundo – mas não qualquer relato.

Ela tem uma especificidade, opera com a exceção, a inversão: a continuidade dos fatos não seduz a notícia, ela só se interessa pela ruptura ou transgressão da normalidade. Se não há exceção, não há notícia. Por isso mesmo, o jornalismo flerta com o absurdo, com o inverossímil e o aberrante, especialmente o jornalismo popular. Mas, não apenas o jornalismo popular, o jornalismo de referência costuma também ser atraído pelo inusitado, pelo estranho, pelo misterioso (MOTTA, 2006, p 10).

A notícia seria, então, o relato da ruptura da ordem, do aberrante, da variação. No entanto, como seria possível identificar a inversão sem um referencial cultural para servir de padrão? Miquel Rodrigo Alsina, ao estabelecer elementos principais de um acontecimento jornalístico, expõe que este suporia a ruptura espetacular das normas. No entanto, a manutenção da variação levaria a perda da novidade e à normalização do fato, trazendo como consequência a cessação do entendimento da ocorrência como um acontecimento (RODRIGO ALSINA, 1993). Mitos e lendas por vezes aparecem na cobertura jornalística devido ao seu caráter pitoresco, por ser a fuga da normalidade. *Mas e quando o lendário é compreendido com naturalidade?* E quando os modos de sentir, pensar e agir de uma sociedade fazem com que sua relação com a cultura popular manifeste-se de maneira muito mais evidente?

Em sua obra *O que é cultura?* José Luiz dos Santos defende que é preciso relacionar os processos culturais com os contextos em que são produzidos. Cada realidade cultural teria, desta forma, sua lógica interna, “a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” (SANTOS, 1993, p. 8). Manifestações oriundas das tradições populares, como o próprio lendário, mas também festas, jogos e costumes, não dizem nada por si mesmos. “Eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade” (SANTOS, 1993, p. 47). Tem-se, portanto, que as notícias de

mito e lenda são como são devido ao contexto em que são produzidas, e tal contexto permite todo o tipo de cobertura jornalística.

1.2 Jornalismo, imaginário e o paradigma da objetividade

Mitos e lendas folclóricas não encontrariam espaço adequado no jornalismo tradicional, pois não pertenceriam aos domínios da realidade concreta e objetiva, mas sim aos do imaginário mítico-simbólico. Ao das crenças da cultura popular cuja verificação de existência é impossível de ser negada ou confirmada. Ainda que seja alvo de explicação, no entanto, o lendário independe de embasamento científico para existir, pois sobrevive na imaginação, na oralidade, nos valores compartilhados por grupos e sociedades. Por esta explicação, temos que as notícias de mito e lenda são como são, porque se distanciam dos valores de empirismo factual e objetivo que ainda hoje permeiam a prática jornalística.

Não existe uma forma única e definitiva para descrever um mito folclórico, mas sim infinitos relatos e versões possíveis, em que apenas a essência permanece a mesma. Não há capacidade de confirmar aparições, mensurar tamanho, forma, peso ou cor de uma criatura fantástica, assim como não é possível capturá-la em fotografias ou vídeos. Dentro desta perspectiva, frente à incerteza do imaginário, tem-se que o jornalismo apresenta dificuldade em lidar com a *tradição oral*, visto que a imprensa tem necessidade de máquinas de registro e documentação, mas a oralidade fundamenta-se na memória e na espontaneidade. Como aponta Lippman.

Onde há uma boa máquina de registro, o serviço moderno de notícias funciona com grande precisão. [...] Em comunidades civilizadas, mortes, nascimentos, casamentos e divórcios são registrados e são conhecidos com exatidão, exceto quando são escondidos ou ignorados. [...] Acho que se descobrirá que existe uma relação muito direta entre a certeza da notícia e o sistema de registro (LIPPMANN, 2008, p. 168).

No entanto, ainda que o jornalismo tradicional não se prove o espaço adequado para o lendário, este ainda se manifesta nele. Para Luiz Gonzaga Motta, mitos e lendas – representados coletivamente como um dos elementos do “fantástico” – seriam tradicionalmente ignorados pelos

jornalistas em suas posições de vigilantes da objetividade. Vez ou outra, no entanto, estas manifestações capturariam a atenção da imprensa por seu caráter insólito e curioso. Seriam, desta forma, alvo de uma cobertura jornalística permeada pelo humor, pelo deboche e pela sátira, desconsiderando e desqualificando suas significações epifânicas (MOTTA, 2006, p 10). Seja com uma cobertura carregada de ironia ou com outra que se mostre respeitosa com as manifestações da cultura popular local, a simples presença destes elementos nas páginas de um jornal ou na tela da TV representa, por si só, um desvio no padrão. Uma subversão da perspectiva da objetividade jornalística. Além do que, tanto na imprensa escrita quanto na audiovisual é preciso dar a ver. Assim, a dificuldade de obter imagens para cobrir as narrações em *off* na televisão, ou de fotos para acompanhar a diagramação de uma matéria em um veículo impresso, leva ao abuso da utilização de trechos de obras cinematográficas ou ilustrações, o que muitas vezes reforça seu tom jocoso ou ficcional.

A presença do fantástico (ou de manifestação semelhante) leva os enunciados noticiosos aos limites do jornalismo, leva-os a distanciar-se da objetividade e derrapar para as subjetividades. É nessas fronteiras que o jornalismo parece ceder e abandonar sua racionalidade, submetendo-se à fábula e aos mitos, impregnando-se dos mistérios do inefável e dos absurdos (MOTTA, 2006, p 10).

Diversos fatores são os responsáveis pela abordagem dada pelo jornalismo para a cobertura do lendário em uma sociedade, dentre os quais, como exposto anteriormente, destaca-se a própria compreensão do *conceito de notícia* e o daquilo que deve ser noticiado. Mesmo que a prática jornalística partilhe valores comuns, estes elementos serão variáveis decisivas em cada localidade. Isto porque a capacidade de identificar o que é e o que não é relevante e noticiável vai depender das características culturais e das formas como uma sociedade se relaciona com cada fato folclórico¹⁶. Assim, os modos diferentes de encarar a vida, as formas peculiares de perceber a realidade, tudo isso vai influenciar no resultado final do produto jornalístico.

¹⁶ Fato folclórico é a denominação dada pelos folcloristas para qualquer manifestação dos modos de sentir, pensar e agir de um povo, que caracterize sua identidade.

A cobertura de *plata yvyguy* no Paraguai diferencia-se pela atenção dada ao universo lendário em relação à atitude que se percebe coletivamente no jornalismo ocidental. Podemos comprovar esta afirmação de maneira mais eficiente ao, em lugar de comparar infundáveis exemplos de coberturas envolvendo mitos e lendas em periódicos de diversos locais diferentes, discutir os elementos fundamentais compreendidos na atividade jornalística em países que incorporem o que Jorge Pedro Sousa identifica como o *Modelo Ocidental de Jornalismo*.

De acordo com o autor, este modelo “preconiza que a imprensa deve ser independente do estado e dos poderes, tendo o direito de reportar, comentar, interpretar e criticar as atividades dos agentes de poder, inclusive agentes institucionais, sem repressão ou ameaça de repressão” (SOUSA, 2002, p.33). Após longos períodos de monopólio estatal e de repressão violenta à liberdade de imprensa - e de evoluir de um jornalismo partidário para o jornalismo empresarial - este é o formato atualmente vigente na imprensa paraguaia, com o qual compartilha mais valores comuns do que com os demais modelos de jornalismo descritos por Sousa (A saber: *Autoritário, Comunista, Desenvolvimentista e Revolucionário*).

No Modelo Ocidental, é inegável a influência de ideais compartilhados pelo jornalismo norte-americano, que se tornaram um modelo a ser seguido especialmente graças à globalização e difusão das agências de notícias, bem como de suas normas de redação e estilo. Liriam Sponholz dá especial destaque à *objetividade*, uma palavra “frequentemente utilizada para denominar tudo o que se deseja do jornalismo” (SPONHOLZ, 2009, p. 9). É a partir da objetividade que viriam a surgir outras noções que também se tornariam “mandamentos do jornalismo norte-americano”, como neutralidade, imparcialidade, distanciamento e facticidade (SPONHOLZ, 2004, p. 146). No entanto, ainda que se mostre um elemento tão relevante, conforme aponta Traquina, “nenhum outro valor no jornalismo como a objetividade tem sido objeto de tanta discussão, crítica e má compreensão” (*apud* SPONHOLZ, 2004, p. 137).

A objetividade, como conceito, apareceria no jornalismo apenas no século XX, após a Primeira Guerra Mundial (SCHUDSON, 1978, p. 156). Ainda assim, o verbete que descreve objetividade na *Encyclopedia of American Journalism* registra: “Práticas e ideias mais tarde associadas com a objetividade no ato de apurar e disseminar informação sugerem que o conceito existia muito antes da palavra” (VAUGHN, 2007, p. 368). As noções de objetividade foram se modificando com o

passar dos anos, ainda que carregando, de uma maneira ou de outra, heranças do pensamento anterior. De início, ocupava lugar central nessa perspectiva a ideia de que o jornalista deveria capturar a realidade por meio da observação e verificação empírica dos dados, sem permitir a intervenção do sujeito observador – resultado direto do pensamento positivista e empirista que influenciou grandemente as ciências sociais no século XIX. A imprensa deste período, como afirma Tuñón, “fez seus os valores da primeira revolução industrial: progresso, modernidade, liberdade, cuja máxima virtude consiste em sua constante atualidade; e dos princípios filosóficos do iluminismo: razão, verdade, objetividade” (TUÑÓN, 1990, p. 30). Começa a ganhar força, então, a separação dicotômica entre objetividade-subjetividade, razão-emoção, ciência-senso comum que ainda hoje influencia a cobertura de mitos e lendas pelo jornalismo.

Ao assegurar, a princípio, um espaço para a informação neutra e factual, e para a deliberação “fora do eixo de corrupção, rancor e partidarismo que normalmente caracteriza o discurso público” (KAPLAN, 2010, p. 25), a objetividade foi abraçada pela imprensa estadunidense como definidora de seu compromisso público fundamental e como ferramenta crucial para a democracia. Tomada como estandarte pelos veículos jornalísticos do país, esta característica se tornou tão marcante que David Mindich, citado por Sponholz, é categórico: “se o jornalismo americano fosse uma religião, sua divindade suprema seria a objetividade” (SPONHOLZ, 2004, p. 147).

Traquina acredita que, mesmo com todas as críticas, a objetividade se mostra uma conquista útil, pois traça os métodos para que o jornalista possa seguir. “Forçado pela exigência de rapidez, o jornalista precisa de métodos que possam ser aplicados fácil e rapidamente” (TRAQUINA, 2004, p. 143). Philip Schlesinger, citado por Sousa, também levanta características positivas: “o estilo da informação objetiva e a norma da objetividade aparecem como o cimento que une a empresa jornalística. Profissional, organizacional e pessoalmente, a norma captura melhor o espírito do ofício e os hábitos mentais do jornalista” (SOUSA, 2009).

A força desta crença nos fatos não se restringiu ao território americano. Kaplan expõe que o código profissional de imparcialidade e da factualidade rigorosa, que orienta uma cobertura objetiva, tem sido celebrado como a mais orgulhosa conquista da imprensa nos Estados Unidos, chegando ao ponto mesmo da exportação e incorporação deste modelo pela prática jornalística de diversos outros países – ainda que de maneira descontextualizada.

Praticantes do jornalismo nos Estados Unidos e em todo o globo tem encarado a ética americana da objetividade como um modelo a ser emulado. Amparada pelo prestígio e poder dos Estados Unidos; reforçado por fundações e *think-tanks*, a ética profissional aparece como uma *commodity* ideal para a exportação. Quando o jornalismo de outras nações entra em crise, como nos antigos países comunistas, ou se cansa das paixões do partidarismo, a objetividade é proposta como a solução. No entanto, estes advogados estrangeiros da objetividade normalmente ignoram as condições institucionais que inicialmente promoveram e sustentaram sua criação americana (KAPLAN, 2010, p. 25).

Consciente da padronização que já afetava os veículos de mídia, em 1889, no anuário da imprensa francesa, Edouard Locroy citado por Traquina critica: “Americanizamo-nos todos os dias... A imprensa sofre uma transformação completa. O leitor exige a brevidade acima de tudo... E, sobretudo nada de doutrina! Nada de princípios” (TRAQUINA, 2004, p. 51). No Brasil, Ana Paula Goulart Ribeiro chama a atenção para o fato de que em meados do século passado, a defesa da objetividade e a recusa de vínculos explícitos com a literatura e política faziam parte da luta pela profissionalização do jornalismo em oposição ao amadorismo da atividade. “Reformar os jornais, afiná-los ao padrão norte-americano, ainda que apenas retoricamente, significava inseri-los formalmente na modernidade” (RIBEIRO, 2003, p. 158).

Também no Paraguai, a prática jornalística não ficou imune a estas influências. Ainda que relativamente recente, o conceito de objetividade está oficialmente presente na imprensa paraguaia desde 1950, com a publicação do livro *El cuarto poder* de Gerardo Halley Mora. Esta obra introduz no país vizinho os ideais racionalistas que inspiraram o jornalismo ocidental moderno, com um trabalho “centrado em autores estrangeiros, e recolhendo experiências de veículos, principalmente norte-americanos” (ORUÉ POZZO, 2007, p. 156). Ao mesmo tempo, surgem os primeiros cursos de formação em jornalismo, que passam a valorizar a objetividade no periodismo local.

Uma vez incorporados em outros países, estes valores são apropriados e reconfigurados pelos veículos de imprensa locais, mas ainda exercem influência na prática profissional em maior ou menor

escala. Desta forma, para discutir a cobertura do lendário no Paraguai, torna-se necessário realizar primeiramente um breve percurso histórico sobre a constituição destes valores componentes do jornalismo norte-americano, que colaboraram para tornar marginal a presença de mitos e lendas nos veículos de imprensa ocidentais.

Tais ideais começaram a imbricar-se no fazer jornalístico em meados do século XIX nos Estados Unidos, a partir do movimento conhecido como *Peny Press*, que definiu as bases para o jornalismo moderno – sendo muitas vezes reconhecida como o primeiro Novo Jornalismo (TRAQUINA, 2004). Antes dos anos 1830 a objetividade não era uma questão a ser levada em conta (SCHUDSON, 1978, p. 4) e os veículos de imprensa eram instituições partidárias, voltadas para as classes mais abastadas e financiadas por seus assinantes - em sua maioria membros do próprio partido que o jornal representava. Era a chamada *Party Press* (SOUSA, 2004, p. 80). Os textos limitavam-se a tratar de relações comerciais e informações que interessavam apenas a seus nichos específicos de circulação, sendo os editoriais os grandes carros-chefes das publicações (SCHUDSON, 1978, p. 15).

Por sua vez, os jornais que formaram a *Peny Press*, ou Imprensa Popular, como prefere Sousa (2004), aproveitaram-se das novas tecnologias de impressão que barateavam o custo de produção e introduziram um novo modelo de negócios. Estes não eram mais financiados por partidos ou assinaturas, mas sim pela publicidade, em sua maioria de armazéns ou boticários, e pela venda direta ao leitor por preço reduzido – apenas um centavo, comparado aos seis centavos dos demais periódicos (TRAQUINA, 2004, p. 50). Com o abandono dos vínculos partidários, os jornais passaram a se focar na produção das notícias visando o interesse público. Na *Encyclopedia of Journalism*, o verbete de objetividade afirma ainda que a imprensa popular demonstrou seu comprometimento com o bem público porque sabia que esta seria uma abordagem lucrativa (POWERS, 2009, p. 1028). E esclarece: “A objetividade se desenvolveu no jornalismo americano por razões econômicas, mas se tornou uma filosofia de trabalho. Um dos objetivos iniciais da objetividade era servir a criação de um público geral, com diversas posições políticas e orientações sociais” (POWERS, 2009, p. 1032).

Foi também neste período que surge a figura do repórter, configurando um jornalismo que não mais aguardava a notícia, mas partia em sua busca. As notícias eram ofertadas a um público variado e a uma classe média consumidora atraída pelos preços acessíveis e pela nova gama de assuntos a serem cobertos. A partir deste momento, “os

jornais passaram a refletir não apenas o comércio ou a política, mas a vida social” resgata Schudson (1978, p. 22).

A mudança de atitude dos veículos de imprensa, que abandonaram o partidário, demandava novos comportamentos e formas de reportar e de se relacionar com a realidade. “Neste novo jornalismo na era do positivismo, vive-se um culto dos fatos”, afirma Traquina (2004, p. 52). Os próprios cidadãos integrantes de uma realidade progressista e industrial passaram a exigir informação neutra e valiosa para acompanhar o ambiente de mudanças (BURGH, 2008, p. 39).

A revolução levou ao triunfo das notícias sobre o editorial e dos fatos sobre a opinião, uma mudança que foi moldada pela expansão da democracia e do mercado, e que levaria, em tempo, a difícil alegação de objetividade pelos jornalistas (SCHUDSON, 1978, p. 14).

Desta forma, em busca de nova legitimação, o jornalismo encontrou na aproximação com o discurso das ciências um horizonte de possibilidades e desenvolveu sua linguagem inspirada em “gramáticas comuns” também entre as metodologias de pesquisa do conhecimento científico (MEDINA, 2008, p. 18). Isto porque o real como objeto de conhecimento frequenta a oficina das ciências assim como frequenta a oficina jornalística (MEDINA, 2008, p. 19), pois tanto cientista quanto repórter “trabalham com a mediação da realidade, alcançada por meio da apuração e da investigação dos fenômenos” (SPONHOLZ, 2009, p. 20). Para Traquina, por sua vez, era a caça hábil dos fatos que dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador (TRAQUINA, 2004, p. 53). Schudson relembra que, ainda no final do século XIX, “muitos jornalistas eram ou treinados em disciplinas científicas ou compartilhavam uma admiração comum pela ciência” (SCHUDSON, 1978, p. 72).

Inspirada pelo modelo científico, a objetividade estaria “inserida em um empirismo ingênuo, marca registrada deste contexto cultural e que pressupõe que todo conhecimento vem da observação direta da realidade” (SPONHOLZ, 2004, p. 146). Kaplan, dissertando sobre as origens da objetividade no jornalismo americano e suas interfaces com a ciência, sintetiza:

Sob a objetividade, o jornalista adota o lugar do cientista e busca eliminar suas próprias crenças e valores como guias em determinar o que foi dito ou feito. Supostamente evitando todos os julgamentos e análises subjetivas, o jornalista empenha-se para se tornar um especialista rigoroso e imparcial em coletar informação. Mais do que somente encerrar alianças políticas formais e controles externos, a imprensa objetiva deve eliminar qualquer filosofia organizacional ou engajamento social para não influenciar na notícia (KAPLAN, 2010, p. 26).

Os jornalistas abraçaram a objetividade, mas, segundo alguns autores, de maneira distorcida. Keating afirma que tanto jornalistas quanto acadêmicos clamavam por objetividade, mas não eram os repórteres ou pesquisadores que deveriam exercer um distanciamento científico, mas sim o seu método (KEATING, 1991, p. 305). Schudson sugere que a objetividade não foi criada para negar a subjetividade, mas sim em uma compreensão de que é impossível recusá-la (SCHUDSON, 1978). No entanto, com o passar dos anos, esta concepção foi sendo desviada. O desenrolar da I Guerra Mundial, marcado por uma série de manobras propagandísticas; o surgimento da profissão de Relações Públicas e a falta de crença na democracia e no progresso econômico levaram a uma situação de dúvida crescente, em que nem mesmo os fatos eram dignos de confiança. No entanto, diante de tal situação, a objetividade - que havia surgido como um processo de verificação - desvirtuou-se e tornou-se reconhecida como a “fé nos fatos” (SOUSA 2002, p. 77).

Dan Schiller (1981) afirma que a pretensa objetividade e a crença cega na ciência por parte do público possibilitaram o surgimento e a replicação em massa de notícias falsas, como a publicada em 1835 pelo *New York Sun*, que relatava a descoberta da existência de homens-morcego vivendo na lua. O jornal, que teve grande repercussão na época, citava como fonte um periódico científico europeu, que havia realizado o feito graças ao uso de um novo e poderoso telescópio - cuja existência era o único fato verídico na matéria. Outro exemplo mais recente de boa fé na ciência foi a publicação da reportagem sobre o Boimate pela Revista *Veja* em 1984. A fonte do periódico foi um falso artigo científico, produzido como brincadeira de primeiro de abril, o que acabou gerando uma das “barrigas” mais famosas do jornalismo brasileiro.

E. Barbara Phillips recorda que durante muitos anos uma série de convenções ou cânones de objetividade tem servido como esquema protetor da imprensa. “Estes, baseados em vagas noções de equilíbrio, justiça, exatidão e neutralidade na escolha e edição das notícias atuavam como salvaguardas da autoridade legítima do jornalista” (PHILLIPS, 1976, p. 63). Da mesma forma, Gaye Tuchman defende que a objetividade tornou-se um ritual estratégico do jornalista, que a partir dela assegura credibilidade como parte não interessada e defende-se de acusações de parcialidade, críticas ou mesmo de acusações judiciais. “Atacados devido a uma controversa apresentação de ‘fatos’, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (TUCHMAN, 1972, p 75).

Um dos elementos que contribuiu para a rápida apropriação da objetividade pelo jornalismo foi o fortalecimento da atitude empiricista e cientificista que gradualmente tomou conta do pensamento intelectual nos Estados Unidos e na Europa no século XIX. Todd Gitlin (1979), citado por Traquina, fala da ascensão de “um vasto movimento intelectual em direção ao distanciamento científico e à separação cultural dos fatos do valor” (TRAQUINA, 2004, p. 52). A incorporação dos ideais positivo-cartesianos, que norteavam o pensamento científico, não foi uma circunstância particular do jornalismo, mas reflexo de um espírito do tempo que afetou todas as áreas da sociedade. Mesmo a arte estava, naquela época, “dominada pela preocupação positivista com observações objetivas, análises e classificações da vida humana” (SCHUDSON, 1978, p. 72).

O motivo que levou estas atividades a buscarem respaldo por meio de metodologias científicas deve-se ao fato de que, a partir do século XVII, a ciência começou a estabelecer-se como o único método válido de acesso a verdade, pautando a estrutura de pensamento em diversas áreas de acordo com a sua lógica própria. A crença de que a realidade poderia ser entendida através da coleção, classificação e interpretação dos fatos passou a dominar a sociologia, a ciência política e a economia. Assim, segundo Mindich, em paralelo a estas mudanças nas ciências sociais, teve início também à ascensão de noções objetivas em jornalismo: o empiricismo, o levantamento de dados e o método científico (*apud* SPONHOLZ, 2004, p. 147).

A aproximação com a razão científica trouxe uma série de novas posturas para o jornalismo, e mesmo pesquisadores que se posicionam de maneira crítica quanto a ela, como é o caso de Cremilda Medina, são incapazes de negar.

A contribuição pragmática é, no entanto, incontestável. Que seria das narrativas da contemporaneidade se encontrássemos na mídia apenas discursos abstratos, opiniões difusas, argumentos imprecisos? A reportagem jornalística recupera a experiência humana e traz a cena viva em contraponto à abstração das ideias ou à vã erudição. Ao se firmar no terreno do fenômeno imediato, ao reunir dados precisos, ao se aproximar no tempo e no espaço do real concreto, o jornalismo expressa uma forma de conhecimento da atualidade (MEDINA, 2008, p 27).

A autora, no entanto, também apresenta uma série de desdobramentos que, a seu ver, se desenrolaram de maneira negativa. O discurso jornalístico, por exemplo, passou a fundar-se em um empirismo factual, inspirado na máxima de que era preciso se ater apenas aos fatos. A objetividade surge como ideal a ser perseguido, de modo a buscar maior correspondência na representação de uma realidade igualmente objetiva. “As técnicas jornalísticas, fixadas sob a égide do paradigma positivo-funcionalista, tendem a se estratificar em uma mentalidade reducionista”, conclui Medina (1991, p. 195).

De acordo com a autora, ainda hoje tais posicionamentos oriundos do universo das ciências naturais são poderosamente operantes no jornalismo e sua herança pode ser percebida com facilidade.

Sempre que o jornalista está diante do desafio de produzir notícia, reportagem e largas coberturas de acontecimentos sociais, os princípios ou comandos mentais que conduzem a operação simbólica espelham a força da *concepção de mundo positivista*. Das ordens imediatas nas editoriais dos meios de comunicação social às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Auguste Comte: a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os

cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmadas pela sociologia funcionalista (MEDINA, 2008, p. 25). [grifo nosso]

A própria noção de real – concreto e palpável - era colocada em oposição ao quimérico (MEDINA, 2008, p. 20), afastando e relegando a um segundo plano as manifestações do sensível, do emocional, do simbólico e do imaginário. Com a ascensão da ciência como forma exclusiva de percepção do real, todos os outros conhecimentos não-sistemáticos, como o senso comum e os saberes populares, teriam sido deixados de lado, tornados inválidos pela lógica das ciências naturais como conhecimentos superficiais e ilusórios (SANTOS, 1989, p. 36). Para Lévi-Strauss o fosso que separou a ciência do que o autor chama de *pensamento mitológico* deu-se com a física moderna, de Newton, Bacon e Descartes. Os novos pensadores das ciências colocavam em cheque até mesmo a realidade do cotidiano. Assim, para eles, “o mundo real seria um mundo de propriedades matemáticas, que só podem ser descobertas pelo intelecto” (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 12).

Gilbert Durand esclarece que muito da aceitação deste discurso científico nas sociedades ocidentais deve-se ao fato de esta ser regida, desde o período socrático, por uma lógica binária, onde só é concebida uma aceção ou totalmente falsa ou totalmente verdadeira. Assim a imagem e, portanto, o imaginário, como não podem ser caracterizados de maneira tão polarizada, ganham ares de incerteza e ambiguidade. Nesta discussão, não se abordam as imagens pictóricas, mas sim as imagens mentais, construídas com base no equipamento cultural, e que, como retoma Durand, passa a ser caracterizada como a “mestra do erro e da falsidade” (1994, p. 2). Resquícios desse pensamento podem ser vistos até os dias de hoje, em que é bastante frequente o uso dos termos mito e lenda para se referir a algo falso, inverídico ou mesmo fantasioso. Assim, conclui Durand, com a razão estabelecendo-se como “único meio de ascender ou de legitimar o acesso à verdade, mais que nunca, a partir do século XVII, o imaginário é excluído dos processos intelectuais” (DURAND, 1994, p. 3).

Ainda segundo o autor, esta exclusão não ocorre de maneira semelhante nas sociedades não-ocidentais, visto que nestas, graças à própria formação da escrita, a relação com as imagens se dá de maneira diferente. Nos hieróglifos egípcios ou nos ideogramas chineses, cada caractere diz respeito a uma imagem e a sua composição forma sentenças que “misturam com eficácia, signos imagéticos e sintaxes abstratas” (DURAND, 1994, p. 2) – diferentemente do ocidente, onde a

composição de letras do alfabeto apenas reproduz a formação dos fonemas.

Isto se deve ao fato de que todas essas civilizações não-ocidentais, ao invés de fundar seu princípio de realidade numa verdade única, num único procedimento de dedução da verdade, sobre o modelo único do Absoluto, sem rosto e inominável, estabeleceram seu universo mental, individual e social, sobre fundamentos plurais, portanto, diferenciados (DURAND, 1994, p. 1-2).

Nas sociedades ocidentais, a aversão a imagens apontada por Durand é fruto de um longo processo de iconoclastia. O autor destaca grandes momentos iconoclastas que marcaram a historiografia do ocidente, e as últimas de suas manifestações dizem respeito diretamente à cisão do pensamento científico com o pensamento mítico: o surgimento da física moderna e o empirismo factual. Este se refere à necessidade de buscar apenas fatos concretos para que estes possam ser estudados sistematicamente. Desta forma, “o ‘fato’, ao lado do argumento racional, aparece como outro obstáculo que se inscreve contra o imaginário, cada vez mais confundido com o delírio, o fantasma do sonho, o irracional” (DURAND, 1994, p. 4).

Dentre as muitas definições possíveis para *imaginário*, Durand o descreve como “o ‘museu’ de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir” (DURAND, 1994, p. 1). Mas, se as imagens formadas pelo imaginário não pertencem – somente - ao mundo dos sonhos ou dos devaneios delirantes, então em qual instância elas são formadas? Para Márcia Benetti, “o imaginário pode ser definido como o conjunto de imagens mentais que permitem ao homem se expressar simbolicamente, tanto na relação com o mundo exterior quanto internamente, no mundo onírico ou dos devaneios (BENETTI, 2009, p. 287)”. Seriam formadas na mente humana, através de toda a rede simbólica que integra o homem à sociedade, a sua identidade e a sua cultura. No entanto, como relembra a autora, ele é anterior às culturas, precede a sua formação, e elas, invariavelmente o contém. É, pois, “o fio que costura os homens uns aos outros, independentemente de suas origens, crenças, agrupamentos sociais ou inscrições ideológicas” (BENETTI, 2009, p. 287), ou, como afirma Maffesoli, o cimento social que une os indivíduos em uma mesma atmosfera (MAFFESOLI, 2001).

Vale ressaltar também a definição apresentada por Juremir Machado da Silva:

[O imaginário] agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um *modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo*. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal (SILVA, J. M., 2003, p. 2). [grifo nosso]

A definição de Silva aproxima-se bastante da visão de folclore defendida por Edson Carneiro (1965), que o percebe como os *modos de sentir, pensar e agir* de um povo, que lhe caracterize sua identidade. Esta é a perspectiva que norteia este trabalho, e que será aprofundada durante o Capítulo 2. Percebe-se, desta forma, a proximidade do imaginário com a cultura popular, ainda que, como foi visto, estes não sejam equivalentes.

Durand afirma que é do casamento da factualidade dos empiristas e o rigor iconoclasta do racionalismo clássico que nasce, no século XIX, o positivismo. Chega-se, então, à formação final do pensamento científico, cujas ideias se espalharam por toda a sociedade ocidental. Ocorre, como afirma Claude Lévi-Strauss, um divórcio entre o pensamento científico e a lógica do concreto, ou seja, “o respeito pelos dados dos sentidos e a sua utilização como opostos às imagens, aos símbolos e coisas do mesmo gênero” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 22). Este raciocínio vai ao encontro do proposto por Durand, que afirma:

É do positivismo que se formam o cientificismo (doutrina que reconhece como única verdade aquela que é passível do método científico) e o historicismo (que só reconhece como causas reais aquelas que se manifestam mais ou menos materialmente, no acontecimento da história). Elas desvalorizam totalmente o imaginário, o pensamento simbólico, o raciocínio por similitude (DURAND, 1994, p. 4).

Na esteira deste pensamento, como aponta Gislene Silva, o imaginário costuma ser visto como oposição ao real, “enclausurado no

universo das culturas arcaicas e no mundo das artes” (SILVA, G. 2010, p. 246). Em verdade, o imaginário permeia todas as ações, criações e interpretações humanas, imerso em camadas da mente que remetem as formas mais antigas de simbolização. Como afirma Benetti, o imaginário não é o oposto nem subjuntivo da realidade. Há, segundo a autora, uma relação indissociável entre imaginário, simbólico e real (BENETTI, 2009, p. 287).

Mesmo com todo esse raciocínio metodológico, é simplesmente impossível excluir o sujeito da compreensão de um objeto em qualquer área. Ainda que imaginando um jornal que fosse capaz de aplicar todo o distanciamento idealizado na cobertura e produção da notícia, ele ainda seria permeado por emoções, por sentimentos e por elementos compartilhados no imaginário coletivo de todos os envolvidos em sua produção. Mais do que isso, “ao narrar fatos, ao ouvir especialistas que oferecem explicações, ao exibir imagens de todo tipo, o jornalismo ordena parte do caos da vida e trata do imaginário - ainda que não o pretendesse, centrado que está na singularidade dos eventos” (BENETTI, 2009, p 287).

Por que insistir no imaginário, se este é o domínio da arte por excelência? Diz-se: o domínio do jornalismo é o do real aparente e imediato. Mas, ao se tratar do Homem, seja ele personagem ficcional ou fonte de informação, não há como desvincular essa ambiguidade entre o real e o sonho, o objetivo e o subjetivo (MEDINA, 1995, p 45).

Confrontado com situações de crise ou com reportagens do tipo *what-a-story* que exigem respostas e atitudes imediatas, o jornalista, qual contador de histórias, recorrerá às grandes narrativas universais para estruturar a notícia e enquadrar o acontecimento em um relato que esteja em conformidade com as expectativas da sociedade (COMAN, 2005). Geraldine, citada por Rosângela Marçolla, esclarece que além da produção, é a facilidade do leitor em consumir uma narrativa que torna esse processo recorrente.

O jornalismo é produto, quer público, quer ser consumido. E busca as narrativas. Mas ele não paga o preço exigido: render-se ao imaginário, soltar-se, dar um tempo à razão instrumental, que esvazia o conhecimento e o faz refém da técnica.

O jornalismo usa as narrativas, abusa delas e finalmente as transforma. No jornalismo, narrativas-vida são quase sempre narrativas-fórmula (GERALDES, 2001, p. 147).

Shoemaker e Reese destacam a necessidade do jornalista de não simplesmente reportar, mas de contar histórias. E para isso, a imprensa tenderia a se apropriar de estruturas inspiradas em mitos, parábolas, lendas e histórias orais mais conhecidas em uma sociedade (SHOEMAKER, REESE, 1996, p. 109). Foi o que Marçolla também identificou, evidenciando as interfaces entre notícias policiais e contos de fada tradicionais. A autora traça paralelos entre coberturas de abandono de crianças com o conto de João e Maria; de violência sexual com Chapeuzinho Vermelho e de assassinato de esposas com a história do Barba Azul. Para ela, o repórter recorreria às narrativas internalizadas desde a infância de maneira inconsciente durante o processo de produção da notícia. “O jornalista abusa de narrativas-fórmula sem se dar conta de que já as conhecia como narrativas-vida” (MARÇOLLA, 2003, p. 2).

A abordagem que Tuchman dá para as notícias vai ao encontro deste pensamento, visto que a autora as classifica junto a outras histórias e narrativas universais, e assume que estas são produto de recursos culturais e negociações ativas entre produtores e receptores do elemento noticioso. O paralelo dos contos de fada com as notícias também é evidenciado:

Ambos possuem um caráter público em que ambos estão disponíveis para todos, como parte e parcela de nosso equipamento cultural. Ambos retiram da cultura sua derivação. Contos de fada asiáticos são necessariamente diferentes da variedade ocidental, assim como os jornais americanos são inextricavelmente diferentes de jornais murais da China contemporânea. Ambos tomam recursos sociais e culturais e os transformam em propriedade pública (TUCHMAN, 1978, p. 5).

Keren Tenenboim-Weinblat elucida uma tensão fundamental entre as noções de mito e jornalismo: O primeiro exige que as histórias sejam contadas e recontadas, já o segundo sempre busca o novo, o acontecimento inesperado, a fuga da normalidade (TENENBOIM-

WEINBLATT, 2009, p. 955). Jack Lule, por sua vez, identificou em seu livro *Daily News, Eternal Stories*, sete arquétipos compartilhados que frequentemente se repetiam na cobertura jornalística ao longo das décadas – entre eles o da figura do *Herói*, em matérias sobre esportes ou de ações individuais; do *Outro Mundo*, para matérias sobre países e realidades distantes e do *Dilúvio* para desastres naturais¹⁷. Conclui desta forma, que as notícias, assim como os mitos, “não nos contam o que aconteceu hoje, mas o que tem acontecido sempre” (LULE, 2001, p. 20).

Na mesma linha de raciocínio, Elizabeth Bird e Robert Dardenne afirmam que através do mito e do folclore os membros de uma cultura apreendem novos valores, definições do bem e do mal e emoções substitutivas. Isso não ocorre através de um único conto, mas sim de um conjunto de tradições e crenças populares que compartilham aquelas narrativas. Desta forma, considerando não uma notícia isolada, mas sim a sua coletividade, os autores defendem que, “enquanto processos de comunicação, as notícias podem atuar como o mito ou o folclore” (BIRD, DARDENNE, 1993, p. 4), operando em uma matriz comunal em relação ao repertório do público leitor (BIRD, DARDENNE, 1993, p. 274). Afinal, na relação imaginário e jornalismo, expõe Gislene Silva, “interessa o aspecto coletivo, a manifestação social do imaginário, uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva” (SILVA, G. 2010, p. 245).

A interface entre mito e jornalismo também foi apontada por Adriano Duarte Rodrigues (1988), que descreve como a narrativa jornalística exerceria para o homem moderno papel semelhante à narrativa mitológica, pois, à semelhança do mito, “os discursos midiáticos organizariam racionalmente a experiência do aleatório, integrariam representações fragmentadas da realidade num discurso organizado e ofereceriam um quadro explicativo do mundo”. (*apud* SOUSA, 2002).

Maia também identifica a presença de arquétipos e de construções oriundas do simbólico-mítico no jornalismo, explorando a construção do imaginário de natureza em 25 anos da Revista Globo Rural. Inspirada nas reflexões do historiador Hayden White, a autora afirma que o jornalismo seria tributário de padrões muito antigos de contar histórias, um legado que vêm desde as culturas arcaicas e que é partilhado por toda a humanidade (MAIA, 2011, p. 23). Desta forma, os textos jornalísticos constituem produtos simbólicos, que explicam a nossa

¹⁷ Os demais arquétipos apontados por Lule são a *Vítima*, o *Bode Expiatório*, a *Boa Mãe* e o *Trapaceiro*.

relação com o mundo, sedimentam modelos socioculturais e delimitam as fronteiras entre certo e errado. A notícia ocuparia, portanto, papel pedagógico e social semelhante ao do mito. Ela sintetiza:

A concepção do jornalismo como narrativa mítica sugere que as notícias são configuradas a partir de um padrão estrutural e de um acerto de temas e valores profundamente enraizados na cultura e apropriados como estratégia retórica e mercadológica pelos jornalistas com o objetivo de demarcar sua competência profissional, simplificar o conteúdo informativo, dar um significado universal aos acontecimentos narrados e, assim, produzir histórias fáceis e populares, que atraem e agradam o público (MAIA, 2011, p. 25-26).

O jornalismo recorreria ao repertório cultural comum de uma sociedade, e seria o espaço da “expressão clara ou obscura, latente ou facilmente visível” do imaginário social de todos os sujeitos envolvidos no universo noticioso, de repórteres e editores aos leitores e receptores (SILVA, G. 2010, p. 249). O imaginário é, pois, cimento social que une os que comungam de uma mesma cultura e torna-se indissociável de uma sociedade e de seus produtos culturais, entre os quais o próprio jornalismo. Este, além de ser incapaz de renunciar verdadeiramente ao imaginário, torna-se também importante para a sua disseminação.

Se o imaginário tudo perpassa, a imprensa é locus fecundo de observação desses vestígios imaginais, uma vez que as notícias trazem para a vida cotidiana toda a diversidade do mundo, da política e economia à arte e entretenimento, incluindo as próprias ocorrências ordinárias, do dia a dia (SILVA, G. 2010, p. 249-250).

Todas essas reflexões são importantes, pois ampliam a percepção tradicional do jornalismo e abrem frestas na perspectiva cientificista para a discussão da presença de muito mais do que a justaposição e o ordenamento de fatos nas páginas do jornal. Mostram que há elementos do sensível e do inefável que vão permear a prática jornalística independentemente do quão objetivo se pretenda ser. No entanto, ainda que discutindo mito e imaginário, estes estudos não abordam especificamente o mito diante da perspectiva folclórica. Identificam as

manifestações do imaginário que permeiam a feitura do jornal, mas não compreendem exatamente a cobertura de um ataque de lobisomem, de uma caçada ao caboclo d'água ou da própria busca por *plata yvyguy*. Tais fatos exigem um raciocínio mais específico e direcionado para compreender, afinal, porque as notícias de mito e lenda são como são.

CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DE PLATA YVYGUY

2.1 Problematização dos conceitos de folclore

Compreendemos, durante o capítulo anterior, as formas como o fato folclórico torna-se notícia a partir da influência dos valores culturais compartilhados dentro de cada sociedade. É isso – junto com os critérios de noticiabilidade variáveis, e a relação da imprensa de cada país com a objetividade e a subjetividade – que vai determinar as formas com que o lendário se apresenta na cobertura jornalística local. É o alinhamento de todos estes elementos que permite a relação que se observa entre a imprensa paraguaia e *plata yvyguy*. Desta forma, a proposta deste capítulo é justamente a de elucidar a construção do imaginário dos tesouros enterrados na sociedade paraguaia e o surgimento das lendas envolvendo o assunto.

Para isso, no entanto, é preciso deixar claros os conceitos chaves que serão trabalhados nesta seção, quais sejam: *folclore*, *mito* e *lenda*. Especialmente para o primeiro caso, tal como no capítulo passado, identificar uma definição comumente aceita não é algo que pode ser feito sem uma opção metodológica por uma linha teórica específica. Muita coisa mudou desde 22 de agosto de 1846, quando William John Thoms criou o vocábulo, inspirado pela união das palavras *folk* (povo) e *lore* (conhecimento). Antropologia, Sociologia e a própria Comunicação já se ocuparam de produzir reflexões importantes sobre a cultura popular, e os próprios Estudos Folclóricos (*Folk Studies*) vem buscando, desde meados do século passado, estabelecer-se como uma ciência válida, dona de um modo peculiar de olhar seu objeto de estudo. Mesmo o conceito inicial do folclore também se transformou, afinal “nenhuma disciplina de investigação humana imobilizou-se nos limites impostos quando do seu nascimento” (CASCUDO, 2000, p. 240).

Ao longo do tempo, o folclore já foi visto como “estudo das antiguidades populares” ou “estudo das sobrevivências de crenças e costumes e tradições arcaicos”; “ciência da tradição”; “resíduo de costumes antigos” ou “testemunho e exemplos de um antigo estado moral e intelectual” (CARNEIRO, 1995, p. 6). Mais recentemente também já foi encarado como forma de manutenção do *status quo* e da dominação social das classes burguesas, servindo a interesses políticos populistas e paternalistas (ARANTES, 1981, p. 8). De maneira bastante crítica José Jorge de Carvalho, ao discutir o lugar da cultura tradicional nas sociedades modernas, explica que não existe um conceito único para folclore. O que existiria seria uma pluralidade de opiniões e diferentes visões que, normalmente, acompanhariam a classe social a que o pesquisador pertence (CARVALHO, 2000).

Acreditando que o folclore é mais do que a simples recordação de tempos e costumes já superados, por sua vez, esta pesquisa alinha-se

com as reflexões dos folcloristas brasileiros, cuja maior expressão de suas perspectivas está manifesta na *Carta do Folclore Brasileiro*, de 1995. O documento, releitura da primeira *Carta* aprovada em 1951, foi produzido como iniciativa da Comissão Nacional do Folclore, com chancela da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), e determina a aceção oficial do termo no País. Estabelece, primeiramente, que folclore e cultura popular são conceitos equivalentes, e podem ser compreendidos como sinônimos. Assim, folclore seria “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social” (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995, p. 1).

A definição é propositalmente bastante aberta. Reúnem-se, então, em um mesmo conjunto, as comidas típicas, as danças e músicas tradicionais, os modos de produção artesanais, a medicina popular, as brincadeiras, gestos, costumes e aquilo que compreende a literatura oral de um povo. Estas são as cantigas de roda ou de ninar, causos e abusões, parlendas, ditos populares e, é claro, mitos e lendas. “Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico” defende Luiz da Câmara Cascudo (2000, p. 240), um dos maiores estudiosos da cultura popular brasileira e ainda hoje referência na área.

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, família, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e preservado pelo costume. Este patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os sentimentos diários desde que se integre aos hábitos grupais domésticos e nacionais. Este patrimônio é o folclore (CASCUDO, 2000, p XVI).

No entanto, nem tudo que é popular pode ser entendido como folclórico. O pesquisador paraguaio Dionísio Gonzalez Torres chama a atenção para essa problemática mesmo no Brasil. O autor afirma, citando Arthur Ramos (1942), que folclore, no País, “é uma expressão desmoralizada”, visto que qualquer estrela radiofônica era anunciada como “distinta intérprete de nosso folclore” e que os programas jornalísticos e de *broadcasting* falavam de folclore constantemente sem a consciência de seu real significado. Para Gonzalez Torres, um fato

cuja divulgação, difusão ou apreensão não tenha ocorrido espontaneamente e por meio da tradição, mas através de meios oficiais ou institucionalizados – dentre os quais a própria mídia e suas imposições de consumo – não seria folclórico, mas circunstancial. Poderia “simplesmente estar na moda” (GONZALEZ TORRES, 1995, p 21).

A cultura popular e a cultura pop, integrada à industrial cultural, são muitas vezes confundidas. Ainda que façam trocas constantes entre si, estas são essencialmente diferentes. Recorrendo novamente ao documento oficial, a *Carta do Folclore* estabelece que qualquer manifestação cultural pode ser considerada folclórica, desde que apresente as seguintes categorias: *aceitação coletiva, funcionalidade, tradicionalidade e dinamicidade*.

Dentre todas as categorias, talvez a mais importante seja a que estabelece o reconhecimento da dinâmica do folclore. Antes este era visto como reminiscência de tempos antigos, ou como algo que precisava ser preservado incólume e livre de quaisquer outras influências para permanecer puro em sua essência tal como nas décadas anteriores. A partir desta noção, não mais se voltam os olhos para o passado, em uma tentativa de identificar a origem comum das tradições e dos resquícios de culturas arcaicas que ainda hoje se manifestam nas sociedades contemporâneas. Passa-se a olhar para o presente, vinculando o folclore não ao “estudo das sobrevivências”, mas à cultura viva, dinâmica e em constante – ainda que lenta – mutação, “como a móvel enseada dá a ilusão da permanência estática, embora renovada, na dinâmica das águas vivas” (CASCUDO, 2000, p. 240).

O folclore conserva e mantém, mas também incorpora e apropria-se de novos elementos e significados, assim como remodela, refaz ou abandona aquilo que perde o sentido na atual conjuntura da sociedade a qual faz parte. “Sua vida oral é interminável porque a lenta substituição dos elementos pelos acessórios locais garante a compreensão que é a vida sucessiva” (CASCUDO, 1984, p. 17). Ele o faz para que continue a ser o retrato dos sentimentos populares e de suas reações frente às transformações sociais. Ainda que vivo, no entanto, o folclore não é alheio à morte – e esta a ele se apresenta na forma do esquecimento.

Edison Carneiro, autor de *A dinâmica do folclore* definia a expressão como os modos de sentir, pensar e agir de um povo em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais de seu tempo. E sob a pressão da vida social, o próprio povo seria o responsável por atualizar, reinterpretar e readaptar constantemente estas manifestações. É esse processo de conservação e mudança que fazem com que a cultura

popular não possa ser vista como uma mera forma de manutenção estática do *status quo*. Para Carneiro, o folclore é sempre, ao mesmo tempo em que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação. “O folclore planta as suas raízes no passado imemorial da humanidade e se projeta como a voz do presente no futuro” (CARNEIRO, 1965, p. 2).

Tal visão também se mostra importante, pois deixa de lado a ideia de que folclore seria o antônimo da modernidade, e que se manifestaria apenas em sociedades arcaicas ou interioranas. Em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo afirma que mesmo o laboratório químico, o transatlântico, o avião atômico e o parque industrial podem estar incluídos no folclore, desde que determinem projeção cultural no plano popular. No campo da literatura, José J. Veiga brinca com conceito semelhante no conto *A máquina extraviada* (1967), onde um construto de função desconhecida é abandonado em uma cidadezinha no interior. Com o tempo, o elemento estranho é incorporado no cotidiano: as crianças começam a brincar de esconder entre os cilindros e colunas, embaraçando-se nos dentes das engrenagens; as beatas, ao passarem por ela, curvam o corpo em uma mesura discreta e até mesmo nas datas cívicas a máquina passou a fazer parte das festividades. É como propõe Cascudo:

Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascerem hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, indumentárias, sátiras, lirismo, assimilados nos grupos sociais participantes. Onde estiver um homem viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica (CASCUDO, 2000, p. 240).

Um questionamento frequente entre aqueles que estudavam o folclore era o de se ele existiria em todas as sociedades. Isto é, seria possível existir uma cultura popular dentro de uma sociedade que fosse ela toda artesanal, como é o caso de certas tribos ou povos mais afastados? Carneiro discordava desta possibilidade, e compreendia folclore como “um corpo orgânico de modos de sentir, pensar e agir peculiares às camadas populares das sociedades civilizadas” (CARNEIRO, 1965, p. 1). Citando um pesquisador francês, o autor se questiona se o folclore teria lugar num povo, se todos os indivíduos dispusessem de uma educação superior, que os libertasse de todos os preconceitos e superstições (CARNEIRO, 1965, p. 10).

Cascudo, por sua vez, responde positivamente a este questionamento, e defende que todos os grupos sociais coexistem em

dualidade cultural: de um lado a cultura sagrada, oficial e hierárquica. Aquela transmitida pelas escolas, igrejas e instituições sociais. Do outro, “a cultura popular, aberta à transmissão oral e coletiva, histórias e acessos às técnicas habituais do grupo” (CASCUDO, 2000, p. 241). É popular tudo o que não é oficial. Se há imposição e obrigação, então foge da esfera da cultura popular. O raciocínio de Cascudo é muito importante, pois desvincula a ligação entre o folclórico e as sociedades iletradas ou que ignoram o conhecimento científico. A proposta do autor é a de pensar o folclore como uma forma de conhecimento, que não disputa espaço, mas coexiste paralelamente com as demais (científica, religiosa, etc). Gonzalez Torres também compreende a relação entre o conhecimento popular e científico, e afirma:

As ciências e a sabedoria popular estão muitas vezes, incluídas nas crenças, fruto da interpretação, nem sempre científicas e nem racional [...] dos fatos que ocorrem com o ser humano, e com outros seres viventes ou fenômenos da natureza ou do universo (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 15).

Assim, é possível compreender o porquê de, nos dias de hoje, ainda se recorrer à medicina popular mesmo com um universo de fármacos disponíveis; o porquê ainda se teme criaturas fantásticas em um mundo de poderosas armas de fogo ou mesmo o porquê de, em pleno século XXI, buracos ainda serem escavados em busca de tesouros enterrados. Os seres imaginários, como propõe o folclorista argentino Adolfo Colombres, povoam não apenas a noite com seus mistérios, mas também a plena luz do dia, sem que o progresso científico-tecnológico tenha podido acabar com eles. Isto porque as respostas encontradas pela razão e pela ciência estão longe, todavia, de acalmar todos os medos ancestrais do homem. Essas criaturas habitam o mais profundo da consciência, ali onde é tecida a trama da identidade cultural (COLOMBRES, 2008, p. 11).

O folclore de cada povo é formado com base nas diferentes composições formadas pelo mosaico cultural de influências de cada grupo social participante. No Brasil, por exemplo, é bastante difundida a ideia de que nossas tradições populares são o resultado de influências da cultura indígena (do braço Tupi), africana (com os escravos) e europeia - especialmente do português conquistador. No Paraguai, no entanto, a composição social organizou-se de outra maneira. No País vizinho os

negros, chamados por lá de *cambas*, quase não tiverem relevância. Exerceram influência os indígenas da etnia Guarani (Carijós) e os espanhóis.

A relação entre os povos também ocorreu de modo bastante próprio. Enquanto no Brasil os europeus conquistaram seu espaço por meio da força, submetendo a cultura local aos seus padrões, no Paraguai os espanhóis e carijós logo se aliaram para lutar contra as tribos chaquenhas. A relação amistosa (ainda que de dominação) aliada a quase ausência de mulheres espanholas favoreceu a mestiçagem. O idioma Guarani foi logo assimilado pelos europeus e tornou-se elo de ligação entre os diferentes grupos sociais, consistindo até hoje em um dos fatores aglutinantes da nacionalidade paraguaia (VÉLAZQUEZ, 2011, p. 26). A Constituição de 1992 incorpora o idioma como língua oficial do Paraguai, assim como o espanhol, reforçando que ambos os idiomas deveriam ser considerados na alfabetização. Estima-se que cerca de 90% da população paraguaia fale ou compreenda o Guarani (BOSIO, 2001, p. 55).

“Para que uma nação possa ser constituída, homens e mulheres que habitam o mesmo país precisam compartilhar um conjunto de realidades físicas e espirituais: um território, uma tradição, uma língua, um governo, uma história” (ACOSTA *et al*, 2010, p. 11). Os autores, que iniciam desta forma as reflexões sobre um Paraguai mestiço e plural, propõe que é destes valores compartilhados que desperta o sentimento de identidade nacional. E um componente decisivo para essa identidade seria justamente a cultura popular. São condutas e expressões, adivinhas, letras de música, lendas, crenças, magias, refrãos, músicas, protocolos, canções de cura, mitos “e em nosso País *agüerías*, *causos*, *compuestos* (versos romanísticos) e outras estruturas verbais em guarani e ou espanhol” (ACOSTA *et al*, 2010, p. 12). O folclore é, afinal, reflexo dos modos de sentir, pensar e agir de um povo e comunica muito sobre seus modos de ver o mundo.

2.2 Problematização dos conceitos de mito e lenda

Se o folclore é uma forma de conhecimento de mundo, fundado na tradição e na oralidade, é na literatura oral e nas narrativas que este manifesta toda a sua força comunicativa. Mitos e lendas, assim como o conto popular, as canções, provérbios e adágios, não oferecem apenas explicações para o fantástico ou o inexplicável. São também formas eficientes de transmitir – muitas vezes por meio do subtexto – valores socioculturais e ensinamentos práticos necessários para as sociedades

em que estão inseridos. É o caso dos seres protetores da mata, que carregam uma mensagem evidente de defesa e preservação do meio ambiente; dos monstros noturnos, que desencorajam pessoas a perambularem tarde da noite; ou das criaturas do ciclo da angústia infantil, que impedem que as crianças se afastem demais de seus pais sob o risco de serem devorados, sequestrados ou encantados por entidades sobrenaturais.

Ainda que muitas vezes utilizados como equivalentes, no entanto, mitos e lendas não são a mesma coisa. A crença de que haveria toneladas de tesouros enterrados durante a Guerra contra o Paraguai é uma *lenda*. Integra o repertório de conhecimentos não-oficiais do folclore da sociedade paraguaia. As várias versões desta lenda, aliada às diversas narrativas envolvendo fortunas ocultas existentes no País e no mundo, formam, por sua vez, um *mito*; o dos tesouros escondidos. Vamos às diferenciações.

Primeiramente o mito, cuja definição é a de maior complexidade. É bastante difundida a ideia de que homem atribui a seres superiores os fatos e fenômenos naturais ou sobrenaturais que não pode explicar. Estas narrativas fantásticas, que fugiriam a lógica da razão ou das ciências e tenderiam para o imaginário, seriam os mitos. Ao longo dos séculos, no entanto, a palavra sempre foi fixada de maneira imprecisa. As fábulas de Esopo, por exemplo, eram chamadas a sua época de AISOPOU MYTHOI. Hoje, no entanto, as narrativas com moralidades são mais ligadas aos contos de fadas ou maravilhosos do que à mitologia. Cascudo aponta que as escolas clássicas - francesa, inglesa e alemã - com seus graves mitólogos, não se preocuparam em estabelecer distinção específica para o termo. E acusa:

Durante muito tempo os sábios que trataram da mitologia grega, e que criaram a expressão de mito, não fizeram distinção alguma, e colocaram debaixo do mesmo nome todas as tradições religiosas que não pertençam a História, fosse, qual fosse a sua origem (CASCUDO, 1984, 104).

Ainda hoje, ao se pensar na mitologia grega ou mesmo na nórdica, é comum que venha a mente imagens de deuses, semideuses e toda uma cosmogonia já bastante icônica difundida pela literatura ou audiovisual. Mitos seriam, portanto, relatos de fatos e andanças dos deuses primitivos ou heróis (GONZALEZ TORRES, 1995, p 69). Cascudo, no entanto, não concorda com esta perspectiva e compreende

que existe uma diferença entre as práticas ritualísticas religiosas destas sociedades e as relações culturais de onde despertaria o elemento mítico.

Mas afinal, o que seria o mito para o autor? A resposta não é única. “O mito é o duende, o objeto ao redor do qual a lenda se cria” (CASCUDO, 2000, p. 328); ao mesmo tempo em que é ação personalizadora dos elementos e acontecimentos do mundo, como nos casos dos grandes Deuses do Olimpo (CASCUDO, 1984, p. 105-106). Carvalho Neto, em seu Dicionário de Teoria Folclórica, faz uma reflexão semelhante, e define o termo como a narrativa da ação de um ser inexistente. “É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo” (CARVALHO NETO, 1977, p.146). O mito, em resumo, é o personagem, é a ação personificada, é a ideia compartilhada.

Colombres, que estudou os seres mitológicos argentinos, reforça que o mito não é uma criação abstrata de um povo, mas algo que possui um sentido e uma função. Ele não é o fim da razão e nem a instância que a precede, mas é sim a forma de consciência mais ligada aos impulsos da vida, e que converte as emoções em imagens, não em conceitos. Não propicia uma fuga da realidade, mas convida a maravilhar-se com a mesma e a comprometer-se com ela. “O mito implica em uma forma de conhecimento na medida em que se torna um espelho que reflete e projeta a imagem que a cultura elabora sobre si, ou seja, sua cosmovisão” (COLOMBRES, 2008, p. 8).

Em uma reflexão similar, no livro *Mitos y leyendas del Paraguay Mestizo* os autores defendem que o mito é um relato que tem valor de exemplo, dotado de uma estrutura e de uma função; de substância simbólica e de valor pragmático. “É ao mesmo tempo uma mensagem e um meio, um *corpus* de histórias para decifrar e uma prática social narrativa” (ACOSTA *et al*, 2010, p.22). Ele “pensa” por meio de imagens e metáforas, tal como o sonho. Alimentando-se do imaginário dos grupos humanos, o mito expressa e reflete, organiza e legitima a cultura da sociedade em que está inserido, “ou, melhor dizendo, o sedimento que se encontra como substrato dela” (ACOSTA *et al*, 2010, p. 18).

Na verdade, a criatura mítica, em si, não possui valores, mas empresta os do sistema de valores da comunidade que representa como construção coletiva de um grupo social. É o que Álvaro Banducci aponta ao estudar as relações do morador do Pantanal Sul-mato-grossense com o Maozão, um ente mitológico protetor da floresta, que ataca violentamente caçadores que matam animais que não pretendem comer.

Um dos relatos, no entanto, afirma que o monstro teria deixado livre um paraguaio capataz de fazenda, pois este, além de valente, era atencioso com sua mulher e filhos. Não era o Maozão que valorizava e reconhecia a bravura e a família, ou que se preocupava com a falta de caça das matas, mas sim os próprios pantaneiros.

A presença tão marcante dessa criatura fantástica no imaginário local deve-se não tanto ao fato do pantaneiro nele ver-se espelhado, mas de poder pensar o seu mundo através dele. O Maozão justifica acontecimentos insólitos, misteriosos, como o desaparecimento de pessoas no campo; permite que o peão expresse, ainda que simbolicamente, as contradições que se impõem nas relações de trabalho no interior da fazenda e que vem afetando o seu modo de vida; e, ao mesmo tempo, ele reafirma valores sociais, como honra e coragem, e morais, de respeito à família (BANDUCCI JUNIOR, 2007, p.214).

Por conta de seu caráter mutante e mutável, o ato de descrever objetivamente as características de cada mito folclórico, como fazem tantas revistas ou enciclopédias, pode ser considerado apenas como o registro de um momento do processo de evolução do elemento mitológico – e não como sua versão definitiva. “Os rótulos que preguei na testa do Lobisomem ou do Saci-pererê podem ser arrancados facilmente. Fixei-os apenas com a mais matuta e leal das sinceridades” alerta Cascudo (2000, p. 13). A modernidade impõe novos medos, problemas e desafios para as pessoas, o que por vezes transformam e atualizam mitos antigos com novas roupagens. Era bastante difundido no Brasil o mito do Papa Figo, criatura representada por um negro velho e sujo, que atraía crianças com doces e prendas, as sequestrava e lhes devorava o fígado. Atualmente, tais características são utilizadas para descrever o “Velho do Saco”, e suas versões regionais, cujo novo objetivo é retirar os órgãos dos infantes para a venda no mercado negro (LÓSSIO, 2003, p. 4).

A dinâmica dos mitos pode ser percebida não apenas observando sua evolução em uma única sociedade, mas também quando estes migram, carregados na bagagem cultural dos indivíduos, e entram em contato com novos contextos socioculturais. A própria assimilação de novos mitos também é feita de maneira bastante natural, visto que em qualquer cultura o mito surgirá de inquietações, medos e necessidades

semelhantes. “Os portugueses aceitaram os duendes das florestas tupis como seres normais e capazes de façanhas idênticas a de seus trasgos e olhapins” exemplifica Cascudo (2002, p. 51).

O folclorista e formalista russo Vladimir Propp, ao analisar um corpus de 449 contos maravilhosos ou de encantamento, chegou à conclusão de que haveria um número limitado de histórias a serem contadas; seriam 31 funções possíveis. No entanto, da alternância entre as grandezas constantes e as grandezas variáveis, seria possível produzir um número praticamente infinito de narrativas diferentes (PROPP, 2001). Cascudo também propõe uma reflexão semelhante ao abordar os elementos da literatura oral. As narrativas orais, segundo ele, são constituídas por elementos justapostos, encadeados, formando o enredo, o assunto, o conteúdo. Separadamente, estes elementos não se apresentam virgens e novos, mas a novidade está justamente na disposição destes elementos-tema. “Essas variantes [...] que podem trazer as cores locais, algum modismo verbal, um hábito, uma frase, denunciando no espaço, uma região, e no tempo, uma época” (CASCUDO, 1984, p. 34). Exemplo facilmente visualizável pode ser o mito do Lobisomem, que também aparece como o *verfölfte*, o *loup-garou* e o *vou-kadlak*, dos alemães, franceses e eslavos. Ainda que compartilhem a ideia da transformação de homem em fera, em cada uma destas encarnações a criatura vai apresentar habilidades e fraquezas diferenciadas. Em verdade, tais diferenças podem ser identificadas mesmo dentro do próprio país.

O mito, presente pelo movimento, pela ação, pelo testemunho humano, pode conservar alguns caracteres somáticos que o individualizem, mas possui costumes que vão mudando, adaptados as condições do ambiente em que age. Os animais fabulosos são todos assim. Processos de encantação e desencantação, razão do castigo, fim da punição, forma, marcha, grunhido, canto, rosnado, mudam de região em região. O lobisomem nortista não é o de S. Paulo em determinadas minúcias específicas. Nem o Saci Pererê conhece o norte do país (CASCUDO, 1984, p. 52).

Esta adaptabilidade também uma característica bastante presente na *Lenda*, uma manifestação das tradições orais, muitas vezes confundida com o mito ou compreendida como seu sinônimo. De fato,

ainda que compartilhando diversos elementos comuns, os dois diferem-se em sua essência. Enquanto a ideia de mito está mais voltada para os personagens ou elementos que compõe a narrativa folclórica, a lenda é a própria narrativa. Enquanto o mito é essencialmente atemporal e anacrônico, a principal característica da lenda é o fato de ser facilmente vinculada há determinado espaço e em determinada época – vinculando-se de maneira quase que indissociável de um local ou região. Há o mito do saci e a lenda do Saci da Serra da Bodoquena; há o mito dos tesouros enterrados e há a lenda de *plata yvyguy* no Paraguai. Lenda é, portanto, “Episódio heroico ou sentimental, com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo” (CASCUDO, 2000, p. 328).

O lendário conserva uma essência permeada pela imaginação e pelo subjetivo, mas apresenta necessidade de fixação geográfica, de vínculo com algum episódio histórico ou com parte da biografia de um herói. Situações como esta fazem com que Carvalho Neto descreva a lenda como uma narrativa imaginária, mas que possui raízes na realidade objetiva (1977, p. 132). Neste sentido a lenda está ligada diretamente ao *fantástico* tal como propõe Todorov. Conforme o autor, quando um acontecimento inexplicável ocorre neste mundo que conhecemos - sem diabos, sílfides ou vampiros – aquele que o percebe deve optar por duas soluções: “Ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são; ou o acontecimento se produziu realmente [...] e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos” (TODOROV, 1975, p.181). O fantástico é justamente esta incerteza, é a tensão que vincula real e o imaginário. A partir do momento em que se escolhe uma das soluções propostas, abandona-se então o território do fantástico.

Gonzalez Torres define lenda como “uma narração fantástica sobre um fato que alguma vez aconteceu, em tempos muito remotos, e que se referem a pessoas ou coisas: podem ter origem verdadeira ou fabulosa, fantástica” (1995, p. 87). O autor ressalta que há lendas sobre pessoas ou fatos históricos, religiosos, de animais, de plantas, toponímicos e vários outros elementos. É comum, por exemplo, que personagens históricos importantes marquem profundamente o imaginário popular, levando ao surgimento de relatos de feitos maravilhosos ou inexplicáveis.

Exemplo conhecido no imaginário luso-brasileiro são as lendas que envolvem a volta de Dom Sebastião, monarca que faleceu em batalha ainda em 1578 e cujo retorno é clamado em diversas canções, poemas e peças, inspirando o movimento chamado Sebastianismo,

bastante presente em Portugal até o século XVII. No entanto, já no século XIX a lenda chegou ao Brasil e ganhou espaço especialmente no nordeste. Em Pernambuco, João Antônio dos Santos e seu séquito de seguidores sebastianistas fundou seu próprio reino, com costumes e leis diferentes das brasileiras. De acordo com Lúcia Gaspar, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco que estudou o fenômeno na região, o pregado dizia que o rei Dom Sebastião lhe havia aparecido em sonhos mostrando um tesouro escondido. O rei estaria para retornar, e quando o fizesse transformaria todos os que o seguissem em “pessoas ricas, jovens, bonitas e saudáveis” (GASPAR, 2006). Este episódio, ocorrido em 1838, ficou conhecido como “A tragédia da Pedra Bonita”, e seu fim trágico se deu com o suicídio coletivo de 87 pessoas incentivadas pelo “regente” a dar a vida pela crença. O caso mostra a força que o imaginário exerce sobre as pessoas e sobre suas vidas, indo muito além do plano subjetivo ou do mundo das ideais.

Relatos como o dos peões da Nhecolândia que poupam animais silvestres com medo de represálias do Maozão, o das crianças que não se afastam dos pais por medo do Velho do Saco, o dos caçadores de tesouros enterrados no Paraguai e do suicídio dos Sebastianistas na Pedra Bonita compartilham entre si a forte ligação com o imaginário popular. Pode espantar o fato de que seres humanos, adultos e racionais sejam capazes de tomar atitudes por vezes tão extremas sob a influência de mitos e lendas. Como graças ao lendário passam a agir deste ou daquele modo, evitam este ou aquele caminho, comportam-se desta ou daquela maneira.

Quem quer tenha passado sua infância no Paraguai poderia esquecer as preocupações, os medos e até mesmo os terrores experimentados diante da menção de certos nomes, associados a personagens temíveis? Ou as advertências dos adultos dirigidas às crianças para que abandone as suas brincadeiras quando chega determinada hora, sob o risco de que, ao não fazê-lo, se exporia a ser castigado por algum duende ou fada? (ACOSTA et al, 2010, p. 15).

Acontece, como lembra Colombres, que o mito se torna *vera narratio* para aqueles que o vivenciam. Ainda assim “custa-nos aceitar que as estruturas do imaginário podem chegar a ser mais reais que a maior parte dos atos e seres que povoam o mundo fenomenológico” (2008, p. 10). O autor relembra que a palavra “cachorro” não morde,

mas quando submergimos ao território do mito basta uma palavra para desencadear pavor, e há, por isso, seres que jamais devem ser nomeados. Compreende-se, desta forma, que “é à força do sentido, e não a mera existência física de algo, que determina aquilo que é real” (COLOMBRES, 2008, p. 10).

2.3 Tesouros enterrados no imaginário coletivo

Histórias sobre a existência de fortunas escondidas permeiam o imaginário de povos e grupos em todo o mundo. São os despojos de corsários e piratas – cuja localização se descobre com mapas secretos; tesouros perdidos dos Incas, Maias e demais povos ameríndios ou mesmo a existência de cidades inteiras feitas inteiramente de metais preciosos, como a mítica *El Dorado*. O sonho de que há grandes recompensas aguardando para mudar a vida daqueles sortudos ou inteligentes o suficiente para encontrá-las cativa e seduz, tornando as lendas sobre o assunto extremamente difundidas e populares.

Analisando narrativas orais de diversos povos que compartilham histórias sobre tesouros enterrados, Gilbert Durand encontrou entre elas vários pontos de intersecção. Nestas o ouro seria uma substância ambivalente, que ao mesmo tempo em que motiva riquezas e promove mudanças, também é a causa de desgraças. Sua ligação com o enterro e o enterramento remeteria ao desejo de se assegurar conforto e riquezas no além. O ouro escondido seria por vezes encerrado em um cofre ou caldeirão, fato que se comprova no Brasil e no Paraguai, onde são comuns relatos do uso de panelas, potes ou botijas para guardar os tesouros enterrados. “Esses assessórios habituais do tesouro lendário reforçam a polarização do ouro no seio dos símbolos da intimidade” (DURAND, 2002, p.265).

Em um livro totalmente dedicado ao assunto, escrito em 1911, Richard T. Paine afirma que caçar tesouros não é um trabalho, mas um jogo que fascina e envolve o homem, independentemente de sua reputação conservadora ou de sua postura ilibada no dia a dia. O desejo do enriquecimento fácil é mais forte que as convenções sociais e remete à infância e aos contos de fadas; ao pote de ouro no final do arco-íris. Eis algumas das lendas sobre o assunto presentes no folclore de várias sociedades:

Os negros das Índias Ocidentais explicam que as riquezas enterradas dos bucaneiros são frequentemente encontradas porque os espíritos

que tomam conta delas têm o hábito de espalhar o tesouro em partes desconhecidas assim que seus esconderijos são perturbados. Entre os beduínos é conhecida a lenda de imensas quantias escondidas por Salomão entre as fundações de Palmíria, e que o sábio monarca tomou precauções de alistar um exército de gênios (Djinns) para guardar o ouro pela eternidade (PAINE, 1911, p. 10).

Ainda de acordo com o autor, em algumas partes da Boêmia (atual República Checa), os camponeses acreditam que uma luz azul flutua sobre a localização dos tesouros enterrados, invisível aos olhos dos mortais exceto para aqueles destinados a encontrá-los (PAINE, 1911, p. 10). O relato assemelha-se às versões encontradas no Brasil, onde uma chama fantasmagórica apareceria nas noites de lua indicando o local do enterramento das botijas de ouro. Tal luminescência seria o fenômeno conhecido como fogo-fátuo, já bastante explorado cientificamente, e consistiria na poeira de ossos em decomposição que se tornam fosforescentes com o brilho do luar. As luzes deram origem a uma infinidade de lendas, normalmente ligadas às almas dos mortos, como o *Feu-follet* (França), a *Inlicht* – luz louca (Alemanha) ou o *Jack o' Lantern* (Inglaterra). Frequentemente, como aponta Cascudo, estas também fazem ligação com o enterramento de tesouros. Em Portugal as chamas, conhecidas como *Alminhas*, seriam os espíritos daqueles que deixaram dinheiro enterrado e que não se salvarão enquanto o outro permanecer escondido. É também o *Farol dos Andes* na Argentina e Uruguai, um clarão que escapa dos esconderijos dos tesouros (CASCUDO, 2000, p. 145).

No Brasil as chamas fantasmagóricas são frequentemente ligadas ao mito do Mboitatá, também conhecido nas derivações linguísticas como Boitatá, Bitatá ou Batatão. A serpente flamejante, protetora das matas e algóz dos indígenas foi um dos primeiros mitos brasileiros registrados no País. “Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e mata-os, como os curupiras”, descreve o Padre José de Anchieta, ainda em 1560. Outra manifestação bastante conhecida das luzes é a Mãe-de-Ouro, entidade que pode apresentar-se ora como passarinho, ora como lagarto e às vezes como mulher formosa de longos cabelos. Nas noites claras ela aparece como bolota de fogo com uma cauda longa e brilhante; forma que assume quando transporta o tesouro escondido de um lugar para o

outro. Quem conseguir encontra-la ficara para sempre endinheirado, mas aquele que falhar pode perder a sanidade. Registra Cascudo:

Pelas bandas de Santana do Parnaíba, São Paulo, conta-se que os jesuítas, donos das minas de ouro da região, perseguidos pelo marques de pombal, ordenaram aos trabalhadores que levassem para as galerias o ouro extraído das minas. A pressa e o desespero não permitiram a volta à superfície daqueles negros, que morreram sufocados”. Por isso, durante a Quaresma, ainda se ouvem os gritos e gemidos vindos do fundo da terra. E nas noites de lua aquela bola de fogo passa iluminando ainda mais a região. Quem tiver coragem pode, numa dessas noites em que ela aparecer, fechar os olhos, deitar-se no chão e fazer uma reza à mãe do ouro. O encanto pode desaparecer, mas haverá uma bola de ouro ao lado. Pode-se aproveitar todo o ouro, somente para fazer boas coisas, nunca para o mal dos outros, caso contrário haverá castigo (CASCUDO, 2000, P.350) [grifo nosso].

Cascudo identifica as lendas de tesouros enterrados e do “ciclo do ouro” (ligado à mineração) com os mitos ígneos e do fogo, e explica a ligação como uma reminiscência do axioma clássico “tudo que reluz é ouro” (CASCUDO, 2002, p. 29). A uma conclusão semelhante chegou Mário Cezar da Silva Leite em seu estudo dos mitos aquáticos matogrossenses. Nele, o autor apresenta várias versões que mostram como, mesmo sendo o tesouro encontrado pelo buscador, este será incapaz de receber a recompensa caso não tenha sido escolhido pela alma do guardião. “Neste caso, a pessoa vai encontrar, em lugar de ouro, só carvão” (SILVA LEITE, 2003, p.111).

A interferência de entidades protetoras é uma constante bastante frequente. Por vezes estas são almas amaldiçoadas, que buscam os escolhidos para encontrar as riquezas ocultas e libertá-las de suas sinas. Gilberto Freyre, na consagrada obra *Casagrande e Senzala*, descreve esta situação. A ganância e a mesquinharia dos grandes proprietários ao enterrar tesouros dentro de casa como aos mortos queridos explicaria o motivo do porque as casas-grandes serem sempre assombradas, com “almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos, pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro” (FREYRE. 1963 p.15-16).

Por outro lado, o espírito também pode ser o algoz do caçador de tesouros, que fará de tudo para impedir seu avanço.

Gerard T. Hurley, após investigar 250 histórias de tesouros enterrados nos Estados Unidos, apontou três características principais destas narrativas. A primeira é que são sempre contadas como sendo verdadeiras, preferencialmente curtas e "factuais", com muita descrição e detalhes. A segunda é que seus enredos tem normalmente uma estrutura simples, em duas partes: a) o tesouro sendo escondido, e b) o tesouro sendo buscado. A terceira característica, por fim, é a de que tais histórias normalmente terminam com o tesouro não sendo localizado. O fracasso ocorreria por duas motivações possíveis, a física ou a sobrenatural. A primeira incluiria mapas falsos, desmoronamentos e tempestades; e a segunda a intervenção de fantasmas e espíritos (HURLEY, 1951, p. 197).

Há modos, no entanto, de superar mesmo as dificuldades de grandeza sobrenatural. Como propõe Cascudo, por toda a superfície da terra os tesouros, riquezas e cabedais estão esperando os felizes escavadores que tenham coragem e fidelidade aos tratos supra terrenos, desde que sigam certos procedimentos ritualísticos indispensáveis para o bom andamento da caçada. Tais práticas, quase que cerimoniais, seriam semelhantes em todo o mundo. O autor elenca algumas, tais como: “trabalhar de noite; ir sozinho em silêncio, identificar o tesouro pelos sinais sucessivamente deparados e, se conseguir arrancar o ouro, deixar uma moeda. Jamais carregar tudo” (CASCUDO, 2002, p. 676) - e é a primeira moeda encontrada que deve ficar no lugar do tesouro. De maneira semelhante, Paine afirma que no Japão, se um pote de dinheiro for encontrado, um bolinho de arroz deve ser deixado no lugar de cada moeda retirada, como oferenda para qualquer espírito que possa ofender-se com a remoção do acumulado (PAINE, 1911, p. 10).

A religiosidade, especialmente a católica, também se apresentam fortemente no imaginário das lendas dos tesouros enterrados. No livro *Tesoros ocultos*, o famoso caçador de relíquias mexicano Benito Chávez-Hernandes alerta que os espíritos protetores podem possuir o corpo dos buscadores, ou mesmo acompanhá-lo após a remoção do tesouro para assediá-lo sua casa e sua família. A solução, diz ele, “não são feitiçarias ou exorcismos, mas a crença em nosso senhor Jesus Cristo, que ressuscitou ao terceiro dia com poder a glória” (CHÁVEZ-HERNANDEZ, 1999, p. 123-125). Gonzalez Torres sugere que, após uma escavação bem-sucedida, honrem-se os protetores do tesouro com uma missa ou novena dedicada às suas almas (GONZALES TORRES, 1995, p. 150). A iminência da salvação da alma aprisionada ao enterro

pode causar a irritação das forças infernais. Para proteger-se do assédio de inimigos diabólicos, Cascudo sugere desenhar o sinal de Salomão, “a estrela de dois triângulos, e trabalhar dentro dela, livre de investidas de Satanás” (CASCUDO, 2002, p. 677).

Todas estas sugestões oferecidas pelos autores podem parecer despropositadas ou deslocadas no tempo, como se fizessem sentido apenas em décadas passadas, em povos mais crédulos ou inocentes. No entanto, a busca por tesouros enterrados ainda hoje movimenta milhares de pessoas em todo o mundo, que se aproveitam da internet e dos meios digitais para trocar informações e divulgar serviços. O fórum <http://www.buscadores-tesoros.com> contém cerca de 13 mil participantes que publicaram mais de 150 mil mensagens que vão desde pesquisas históricas sobre tesouros perdidos, experiências pessoais e comercialização de kits de escavação – incluindo detectores de metais – cujos valores podem atingir mais de US\$ 50 mil. O próprio Benito Chávez, um dos autores mencionados acima, participou ativamente do fórum até ser preso pelo governo mexicano junto de seus dois filhos em 2009¹⁸. A família de caçadores de tesouros fabricava bombas caseiras para usar em suas escavações, o que violava a lei federal de armas de fogo e explosivos.

2.4 Tesouros enterrados no imaginário paraguaio

Quais motivos podem levar alguém a enterrar dinheiro, joias ou artefatos de valor? Por que encerrar embaixo da terra o acumulado de anos de trabalho ou objetos de grande estima? Várias podem ser os motivos: guerras, assaltos, a inexistência de bancos na região ou qualquer outra circunstância conjuntural. No entanto, o que todas as opções têm em comum é a presença de uma forte sensação de insegurança por parte do possuidor dos tesouros (CHÁVEZ-HERNANDES, 199, p. 11).

Assim como toda lenda, a crença da existência de tesouros escondidos no subsolo paraguaio possui um pano de fundo histórico, que lhe serve de sustentação. *Plata yvyguy* é ainda hoje a mais popular dentre as várias narrativas que surgem vinculadas a estes acontecimentos, mas não é a única. Conhecer e explorar a formação

¹⁸ PROCURADURIA GENERAL DE LA REPÚBLICA. *Consigna AMPF a tres presuntos responsables por violación a la ley federal de armas de fuego y explosivos*. Publicado em 14 Ago. 2009. Acesso em 04 Jun. 2013. Disponível em <http://www.pgr.gob.mx/prensa/2007/delega09/jal140809DPE390509.shtm>

deste imaginário das fortunas enterradas no país é essencial para compreender o contexto em que a lenda se desenvolve.

Vale ressaltar que mesmo falando em folclore do Paraguai, é impossível restringir o imaginário aos seus limites geográficos. O lendário não conhece fronteiras e expande sua influência, como lembra Gonzalez Torres. “A prova disso são os elementos e bens que encontramos em zonas limítrofes de países vizinhos, que foram territórios de nossa soberania, ou com os quais mantemos frequentes e importantes movimentos de migração populacional” (1995, p. 16).

As lendas dos tesouros enterrados no Paraguai começam a aparecer ainda nos tempos da Companhia de Jesus, e sua expulsão pela coroa espanhola em 1767. A ordem jesuítica foi criada em 1534 nos primeiros anos da reforma protestante, e tinha o objetivo de realizar uma renovação – ou contrarreforma – da igreja católica. Para tanto, os jesuítas buscavam a conversão de povos pagãos ao cristianismo, estabelecendo na região pontos de ensino e catequismo. Em 1587 a Companhia chegou ao Paraguai e iniciou seus trabalhos com os Guaranis, com quem logo fizeram relações de amizade. Foram os jesuítas os primeiros a sistematizar a língua Guarani, colaborando para sua difusão entre os colonizadores (VELÁZQUEZ, 2011, p. 82).

O memorialista paraguaio Javier Yubi¹⁹, repórter especial do *ABC Color* e responsável por várias das coberturas envolvendo a busca por tesouros enterrados, relata que jesuítas e conquistadores chegaram quase ao mesmo tempo na região que hoje forma o Paraguai. Acreditava-se que seria possível encontrar ouro por todos os lados, como nas colônias espanholas do Peru e Colômbia, o que não aconteceu. Os sacerdotes, por sua vez, seguiram para o interior e fundaram as *reducciones* de indígenas, dando início a construção de suas edificações. “Entre os indígenas, corre a versão de que os jesuítas estavam na verdade a procura de ouro, e para buscar o ouro usavam a desculpa de evangelizar e de querer levar melhores condições de vida aos indígenas”, resgata Yubi. Passou-se a difundir a ideia de que os padres ocultavam seus tesouros dentro de santos e imagens sacras de madeira, que eram então enviados à Europa as escondidas.

Villagra Marsal – escritor e pesquisador da história paraguaia - relata que na época as *missiones* paraguaias eram as mais ricas e prósperas em atividade, devido ao monopólio de exportação da erva-mate, couro e tabaco que os jesuítas possuíam (ABC COLOR, 2011c).

¹⁹ Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÉNDICE A.

Em 1750, no entanto, Portugal e Espanha estabeleceram o chamado Tratado de Madri, que versava sobre os limites de suas colônias na América do Sul. Em troca de ceder a Colônia de Sacramento o país lusitano receberia a região de Sete Povos das Missões, porém exigiu a expulsão dos missioneiros. Ainda segundo o pesquisador, com a ordem da Coroa Espanhola os jesuítas foram obrigados a partir “com uma mão na frente e outra atrás”, sendo inclusive despedidos para que se averiguasse se levavam consigo ouro em suas vestes. Mas que tesouro seria esse? O próprio pesquisador compartilha: “Fala-se de uma quantidade muito grande, cerca de 27 toneladas de ouro, que estaria reunida em um único lugar”.

Remetendo a esta época, quando história e memória se fundem em uma coisa só, surgem às primeiras narrativas orais sobre os tesouros ocultos, permeadas por doses de misticismo e sobrenatural. É o que relata Gonzales Torres em *Folklore del Paraguay*.

Quando os padres Jesuítas partiram de *Misiones*, esconderam em um lugar deserto todos os seus tesouros, dinheiro, joias e livros de sua sabedoria. Para isso, construíram edifícios com profundos e largos túneis subterrâneos entregues a proteção de índios maus ou espíritos e monstros (GONZALES TORRES, 1995, p. 97).

Relatos envolvendo os tesouros deixados pelos jesuítas espalharam-se por toda a região das *Misiones*, especialmente no Rio Grande do Sul. Gonzales Torres menciona uma das versões mais conhecidas bastante divulgada na região: a lenda da Mbororé. “Uma casa de pedra branca, sem portas nem janelas, cujas peças ou quartos e corredores estariam cheias de barras de ouro, prata e objetos de culto, também de ouro” (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 97). O local ainda estaria sendo construído quando se deu a expulsão dos padres, e o índio velho, cacique Mbororé, teria recolhido de toda região as riquezas dos templos e as guardou na casa, que vigia dia e noite a espera do retorno dos jesuítas (GONZALEZ TORRES, 1995, p 98). Cascudo registra a existência de Casas Brancas com tesouros ocultos também na Argentina e Uruguai, com os nomes de *Quimivil* e *Culumpajao* (CASCUDO, 2002, p. 284),

Juan Ambrosetti não fala em uma casa de pedra, mas sim em um *Pueblo* inteiro feito com casas sem portas ou janelas construídas a mando dos jesuítas. O acesso a este povoado, chamado Emboré,

ocorreria por túneis cujas bocas estavam escondidas escrupulosamente na mata virgem. Uma vez em seu interior, estaria disposto um tesouro que segundo os povos da região ultrapassaria em valor e quantidade a todos os que se fizeram referência nos contos das Mil e Uma Noites. No entanto, “os que transportavam os tesouros [...] desapareceram, e com eles o rastro que conduzia ao famoso Emboré, perdido desde então entre as sombras da selva impenetrável e densa da lenda” (AMBROSETTI, s/d, p. 124).

Os sacerdotes certamente eram possuidores de grandes riquezas, mas ao lendário coube multiplicar estas fortunas. No imaginário popular “Onde o padre saiu ficou um rastro de ouro”, lembra Cascudo (2002, p. 283). Não apenas a busca da Casa de Pedra, mas subterrâneos, poços, casas e torres antigas ou abandonadas tornaram-se possíveis esconderijos para o ouro desaparecido.

As Sete Missões no Rio Grande do Sul são centros de interesse para os sonhos das “botijas”, malas, jarrões, caixas, tudo repleto de ouro. Como, no acervo conhecido, as riquezas incalculáveis não apareceram ninguém acredita que o jesuíta as tenha levado, mas os escondera nos rincões desertos ou abruptos. Os índios fiéis foram indicados para sabedores desses segredos de Golcondas perdidas nas serras e encostas gaúchas, no fundo frio das lagoas imotas, sob a muralha de pedras. Os índios sabem do segredo, mas não trairão a confiança. Não dizem. Não confiam. Não desertam. E muitos ficaram vigilando, no meio do mistério secular, os montões que enriqueceriam países inteiros (CASCUDO, 2002, p. 284).

A expulsão dos jesuítas marca o início da febre do ouro que tomaria conta dos paraguaios e seria reforçada séculos depois dando origem a *plata vygyuy*. Interessante notar que ainda que a expressão com influência guarani signifique literalmente “tesouro enterrado”, não é qualquer riqueza escondida que é chamada por este nome. Recebe o vocábulo apenas tesouros que foram efetivamente escondidos durante a Guerra contra o Paraguai, conflito armado que devastou o País entre 1865-1870. O repórter Javier Yubi²⁰ é quem chama atenção para esta

²⁰ Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE A

diferença. Segundo ele, por vezes há relatos de pessoas que encontraram libras esterlinas, anéis ou outros objetos de valor em regiões onde houve conflito armado, fugas ou confrontos. “São moedas perdidas que foram pagas a algum soldado que morreu e então, depois de 100, 120, 130 anos, alguém vai e encontra. [...] Mas isso não equivale a *plata yvyguy*, pois não foram enterros”.

De qualquer forma a Guerra foi um marco fundamental no imaginário paraguaio, e frequentemente é revivido sob alguma bandeira política. O conflito armado ainda é muito presente na sociedade paraguaia, e qualquer fato associado à Guerra dos 70 captura a atenção do paraguaio²¹. E certamente não poderia ser diferente. Bonalume Neto (2004) cita um censo populacional realizado em 1870, indicando que 70% da população do país vizinho morreu na guerra, principalmente de fome e de doenças (p. 27), especialmente a população masculina, reduzida em 80%. Além do povo, o Paraguai também perdeu grande parte de seu território, sendo obrigado pelo Tratado de Paz (1872) a ceder ao Brasil os territórios entre o Rio Branco e o Apa. O evento povoou o imaginário paraguaio com uma série de mitos e lendas, no que Carvalho Neto identifica como o *Ciclo da Guerra do Paraguai*. Curuzú Bartolo e Curuzú Isabel, por exemplo, pessoas que faleceram na estrada retornando de batalhas e cujos espíritos passaram a auxiliar os paraguaios que pediam sua intercessão (CARVALHO NETO, 1997, p.132 e 133). Outra criatura bastante digna de nota é o Pombero, reconhecido por Fariña Nunes como o duende mais conhecido em todo o Paraguai. Diferentemente dos demais mitos locais, de influência Guarani, este surgiu por influência brasileira, inspirado pelas ações do Batalhão Pombeiro, um grupo especial de soldados cuja missão era a de infiltração, espionagem e sequestro dos paraguaios.

A tática empregada pelo famoso batalhão para cumprir com êxito sua missão, consistia em operar geralmente à noite, de acordo com as mais severas normas de discrição e silêncio em seus deslocamentos pelo terreno. Os pombeiros tinham que se mover como sombras e ser pouco menos que invisíveis (CARVALHO NETO, 1997, p. 42).

O medo era tanto que, com o tempo, foram criadas inúmeras lendas sobre os seres. Com a força da narrativa oral, os soldados

²¹ Anibal Orué Pozzo. Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE C.

tornaram-se duendes de pés peludos e silenciosos, que sequestravam as crianças que saíam à noite atrás de vagalumes, chupavam seu sangue e depois as penduravam no topo das árvores. Os Pomberos moram em árvores ocas ou casas abandonadas e são extremamente agressivos e violentos (CARVALHO NETO, 1997, p. 221).

Se o Pombero é o mito mais popular surgido a partir da Guerra dos 70, *plata yvyguy* é certamente a lenda mais conhecida. Sua versão mais difundida é a que fala da existência do Tesouro Nacional (ou Tesouro do Marechal). Nela, Francisco Solano López, presidente do país e general das tropas paraguaias entre 1862 e 1870, teria confiscado das famílias do país todas as suas economias, objetos de valor e libras esterlinas para manutenção dos esforços de combate, escondendo-as posteriormente com a iminência da derrota. O tesouro teria sido levado em numerosas carretas, acompanhada de escolta militar, na retirada para Cerro Corá. “Conta-se que as carretas que levavam este tesouro, quando a sorte do Marechal e seu povo estava selada, foram deixadas em uma profunda fenda na cordilheira de Amambai, lugar que nunca pode ser encontrado” (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 149).

Mas de onde teria vindo tanta quantidade de ouro se a maior parte dela havia sido confiscada da população? E por que se fala tanto em libras, sendo que esta era a moeda corrente da Inglaterra? A justificativa, segundo Villagra Marsal, remeteria ao governo anterior, em que o presidente e pai do Marechal, Carlos Antonio López, era o detentor do monopólio sobre a exportação de todos os produtos produzidos no país. Deste modo, o povo deveria produzir e fornecer ao estado, que revendia e repassava a parte que cabia a cada família. “Como não havia banco, o Paraguai cobrava também em ouro e em libras esterlinas e, por tanto, o governo pagava também em libras esterlinas” (ABC COLOR, 2011c).

Uma variação da história do Tesouro do Marechal é a que fala da existência do tesouro de Madame Lynch. Esposa de Solano López, a irlandesa Elisa Alicia Lynch foi deportada do País após a morte do marido na batalha de Cerro Corá em 1º de março de 1870. Seus bens foram saqueados e suas propriedades incendiadas, mas dizem que seu grande tesouro nunca foi encontrado. Gonzalez Torres relata que historia real do ocorrido já foi desvendada. Segundo ele Madame Lynch teria entregado ao chefe da saúde militar do exército, Dr. Guillermo Stewart, a custódia de parte de sua fortuna pessoal pouco antes da batalha de Ita Yvate. “Conta à história que Stewart desertou de nosso exército em 21 de dezembro de 1868 e que, depois, traíndo a confiança de Madame Lynch, não devolveu o que lhe havia sido entregado em custódia” (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 150). Elisa ainda tentou reaver seus

bens recorrendo ao tribunal da Escócia, mas apesar de haver ganhado a causa, a sentença não pode ser executada, pois Stewart declarou-se insolvente. Madame Lynch morreu sem dinheiro algum em Paris, em 27 de julho de 1886. Ainda assim, seu tesouro continua alimentando o imaginário dos paraguaios até os dias de hoje.

Registram-se, da mesma forma, outros acontecimentos que ajudam a compor a lenda de *plata yvyguy*. Dizem que quando as coisas já iam muito mal, o povo juntava as poucas joias, bombas de tereré, correntes, colheres e demais objetos feitos de prata em um recipiente que metiam debaixo da terra (ACOSTA *et al*, 2010, p. P. 77-78). A iminência de novas batalhas e a crescente sensação de insegurança incentivava os enterramentos, que eram identificados com marcas em árvores ou acidentes de terreno. A população por vezes precisava abandonar suas casas e acompanhar as tropas do Marechal López carregando consigo apenas o indispensável, esperando voltar para suas propriedades com o fim do conflito. A guerra implacável, no entanto, fez com que muitos jamais conseguissem retornar aos seus lares, e mesmo os que retornaram já não se lembravam mais dos lugares do enterro. Desde então, não há região no país onde não se fala ou busque *plata yvyguy* (GONZALEZ TORRES, 1995, p 149).

A literatura militar registra factualmente a busca por tesouros escondidos ainda durante o conflito armado. Durante as manobras de Guerra o exército brasileiro invadiu Assunção, a Capital paraguaia, em 1869. Meses antes, no entanto, Solano López já havia evacuado a cidade transferindo a capital para Luque e posteriormente para Piribebuy e Curuguaty (BOSIO, 2001, p. 66). O general Dionísio Cerqueira, no livro de memórias do exército *Reminiscências da campanha do Paraguai*, relembra alguns destes episódios que presenciou na cidade.

Quando o exército entrou em Assunção, achou-a abandonada. Pouco a pouco foram aparecendo mulheres idosas, como que explorando. (...) De vez em quando, entrava uma pela casa de um oficial e pedia humildemente para levantar um tijolo ou cavar um buraco – e tirava uma panela com onças e patações (CERQUEIRA, 1980, p. 309).

Por certo que houve vários casos concretos de enterramento de tesouros durante a Guerra, mas coube ao imaginário popular multiplicar estas fortunas em valor e quantidade. Cada tronco oco de árvore, cada

caverna, cada porão, poço ou construção antiga tornou-se a possível localização do X indicado pelo mapa do tesouro. Cada pote, botija ou jarro embaixo da terra tornou-se um baú contendo riquezas suficientes para resolver a vida de quem os encontrasse. Javier Yubi²² relata que antigamente os indígenas eram enterrados em urnas funerárias de cerâmica, e que com isso vários túmulos guaranis foram violados na esperança de que houvesse tesouros escondidos em seu interior. Casas e construções começaram a ser invadidas e depredadas. Nem mesmo as igrejas eram deixadas de lado pela ação dos buscadores. “O Paraguai sempre foi uma sociedade muito católica, mas depois da Guerra dos 70 as pessoas começaram (a invadir igrejas e) cortar a cabeça dos santos. [...] Achavam os santos talhados em madeira muito pesados. Achavam que haveria ouro em seu interior”.

A versão dos enterros como fruto da Guerra contra o Paraguai é relativamente conhecida em estados brasileiros que fazem fronteira com o Paraguai, especialmente Mato Grosso do Sul – um dos palcos diretos do conflito armado e herdeiro de diversos territórios outrora paraguaios. Em sua tese de doutorado sobre os “causos” da região do Pantanal sul-mato-grossense, Ricardo Pieretti Câmara relata que as narrativas de “enterro” fazem parte da memória pantaneira em um tênue limite entre fantasia e realidade. Das versões recolhidas por ele é frequente a que afirma que quando o exército paraguaio retroagia, já com a guerra avançada, precisava enterrar seu dinheiro pelo caminho – visto que carregavam muito ouro. “Esses enterros são cercados de histórias sobrenaturais e resvalam nos relatos de assombração, porque se acredita que o dono do dinheiro matava o ajudante que estivesse junto, para não sobrar testemunha” (CÂMARA, 2007, p.148). Em entrevista ao documentário *Memórias da Guerra Grande*, o professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Osmar Galeano de Souza, filho de paraguaios, relata uma versão semelhante. Ele, que ouviu falar pela primeira vez dos tesouros enterrados graças ao seu avô – que era ele próprio um buscador – também conhecia a versão da lenda ligada ao exército de Solano López.

Então à medida que ele ia avançando... Ia fugindo da guerra, como se diz né? Então ele ia enterrando esses tesouros. Mas ele não só enterrava, ele matava... Mandava matar três ou quatro soldados

²² Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE A

paraguaios que deveriam ficar cuidando desse enterro. Ora, mas isso aí faz parte de toda uma história que o povo conta. Eu ouvia do vô João, ouvia do meu pai... Mas eu nunca soube precisar se isso era alguma coisa verdadeira (SILVEIRA; DOURADO, 2006).

As mortes violentas envolvendo as histórias sobre tesouros enterrados ajudam a proliferar os relatos de que espíritos agressivos assolariam o esconderijo das fortunas ocultas. No Paraguai estas almas penadas recebem um nome, Porá, e representam os fantasmas revoltados presos a terra para resolver pendências do mundo dos vivos. No caso dos espíritos ligados a *plata vygyuy*, estes teriam sido enviados de volta a terra por Deus, para que possam entregar seus tesouros para pessoas de seu afeto ou merecedoras do prêmio. Somente desta forma poderão expurgar seus pecados e ingressar ao paraíso (ACOSTA *et al*, 2010, p. 77).

A presença de um Porá é indicada muitas vezes pela presença de luzes movediças – os fogos-fátuos. Caso o tesouro esteja em uma casa, é possível ouvir ruídos noturnos, arrastar de cadeiras, correntes ou móveis. A presença de animais estranhos também é um indicativo importante, especialmente a imagem de um cachorro branco sem cabeça (GONZALEZ TORRES, 1995, p. 149). Relato semelhante também foi colhido na fronteira do Paraguai com o Mato Grosso do Sul, onde o cacique Getúlio Juca de Oliveira, da tribo Bororo, descreve o ataque sofrido pelos indígenas por parte do *López Resakue* (os Olhos de Lopes). Guardiões que teriam sido deixados pelo próprio Marechal na região, que protegiam os tesouros enterrados pelo exército paraguaio. O lugar teria muito “bicho encantado”. Onças, cobras e outros seres mais perigosos que atacam quem tenta chegar próximo ao ouro. “Então vai uns bicho que a gente não conhece, uns tipo de monstro assim, pra atropelar as pessoas, só pra não levar aquele enterro. Agora, quem pode pegar aquele ouro [...] é somente aquele que vai ser o dono mesmo” (SILVEIRA; DOURADO, 2006). A pessoa que for destinada a encontrar o tesouro, segundo o cacique, poderá prosseguir em sua escavação sem se preocupar com o assédio dos animais ou monstros.

Acosta registra que uma vez que o espírito encontre aquele que parece ser merecedor do tesouro, este se fará ver de múltiplos modos, tanto na vigília como durante o sono; “Como que a conduzir de cabresto (o eleito) até o lugar exato aonde o tesouro está enterrado” (ACOSTA *et al*, 2010, p. P. 77). Dizem que ao se aproximar do local do enterramento,

durante a chuva, é possível ouvir o som dos soldados em marcha, disparos, gritos, ou mesmo perceber brilhos e vultos que atravessam as pastagens, revivendo os momentos da Guerra dos 70. Dizem que o fragor e as luzes são feitos pelo próprio dono do tesouro, quando já encontrou aquele a quem deseja entregar. Por isso, quem escuta estes estampidos não devem temer. “Depois de feitas algumas destas ações piedosas, o fantasma se chama ao silêncio, e aquele a quem elegeu pode ir tranquilo desenterrar o que será seu” (ACOSTA *et al*, 2010, p. P. 77-78). Caso necessário, é possível mandar fazer uma missa, reza ou novena em favor da alma.

CAPÍTULO 3 – TESOUROS ENTERRADOS NO JORNALISMO PARAGUAIO

3.1 Jornalismo paraguaio – História e Características

No primeiro capítulo foi possível explorar os modos como a própria concepção de jornalismo e os valores compartilhados por cada sociedade pautam o que pode e o que não pode ser notícia. Já no

segundo, ao investigar a formação do imaginário dos tesouros enterrados no Paraguai, foi possível evidenciar como a lenda está imersa de maneira inseparável da história e da cultura daquele povo, o que a torna difícil de ser ignorada pelos *media* locais. Este capítulo, por sua vez, recupera ideias e reflexões dos anteriores, localizando diretamente as características do jornalismo paraguaio que levam a atual cobertura de *plata yvyguy* pelo *ABC Color*. Para isso, no entanto, torna-se necessário traçar a trajetória do jornalismo paraguaio até os dias de hoje, compreendendo seus elementos constituintes e valores particulares – bem como do próprio veículo escolhido para a pesquisa.

Segundo Beatriz Bosio, em seu livro *Periodismo Escrito Paraguay*, até algum tempo atrás os termos estadista, catedrático e jornalista eram praticamente sinônimos no País (BOSIO, 2001, p. 19). Isso pela própria formação da imprensa no Paraguai, que se desenvolveu tardiamente e durante muito tempo esteve fortemente vinculada ao governo central. Para fins de comparação, Marques de Mello (2003) aponta que a imprensa surge na América espanhola 14 anos após o início da ocupação das terras; cerca de 18 anos depois na América inglesa e quase três séculos mais tarde na portuguesa. Este último período é muito próximo ao experimentado no Paraguai, mesmo com a influência dos colonizadores espanhóis. Enquanto no Brasil os primeiros periódicos (*Correio Braziliense* e *Gazeta do Rio de Janeiro*) foram impressos pela primeira vez em 1808, no país vizinho as primeiras iniciativas da imprensa começariam a aparecer apenas a partir da década de 1840; data que marca o fim da ditadura Francia no País.

O isolamento que o Paraguai sofreu desde sua independência da Espanha por mais de meio século, impediu que o povo se informasse dos acontecimentos bem-sucedidos, das novas ideias, de noções de vida cidadã e da transformação do mundo. Dos direitos e obrigações de seus habitantes. A vassalagem interna foi um signo nocivo na condução do País que deixou impressa suas marcas na mente do cidadão (CRICHIGNO, 2010, p. 13).

Mas retornemos ao período da colonização. A casa forte de *Nuestra Señora de la Asunción* foi fundada em 1537 pelo capitão Juan Salazar y Espinoza, e foi o centro da expansão colonial do Paraguai. Nessa época o País ainda fazia parte da *Provincia Gigante de las Indias*, junto com a Argentina, cuja capital, Buenos Aires, foi fundada um ano

antes, em 1536. Mais tarde, em 1617, uma cédula real divide a província em duas governorias: a do Paraguai e a do Rio da Prata. Bosio salienta que este é um acontecimento determinante, visto que Assunção fica submetida economicamente aos portos de Buenos Aires (BOSIO, 2001, p. 58). Mais tarde, em 1776, o Paraguai passaria a pertencer ao Vice Reino do Rio da Prata até a sua independência, e este seria apenas o começo das complexas relações com a Argentina, que influenciariam mais tarde diretamente o jornalismo paraguaio.

Durante a primeira metade do século XIX, com a invasão da Península Ibérica pelas tropas de Napoleão, a América espanhola sofreu a influência de uma série de movimentos libertadores, especialmente com as ações de Simón Bolívar e José de San Martín. No Paraguai isso não foi diferente, e desde 1811 o estado governou sem que se reconhecesse a supremacia de um poder estrangeiro, declarando sua independência. Os responsáveis pela gestão e organização do País durante este período foram os generais Alfonso Yegros, Fernando de la Mora e Pedro Juan Caballero, que formavam a *Junta Superior Gubernativa*. De acordo com Velázquez (2011, p. 143), durante os dois anos de atividade da Junta, foi incentivada a formação de professores e pesquisadores, a participação cultural e o lazer, assim como a leitura e as artes. O nome *República del Paraguay* foi definitivamente assumido em 1813, com aprovação no Congresso Nacional.

Em 1814, no entanto, este mesmo congresso nomeou o então cônsul da república, José Gaspar Rodríguez de Francia, o ditador temporário da República paraguaia. Dois anos depois ele receberia o título de O Ditador Perpétuo, pelo qual é reconhecido até hoje. Francia governaria com plenos poderes até a sua morte, em 20 de setembro de 1840. Logo que subiu ao poder, o ditador ordenou a prisão de Yegros, Caballero e de la Mora, que foram executados ou confinados até a morte nos hospitais do exército.

Durante o período ditatorial centralizador desaparecem figuras representativas, como a dos prefeitos, e de transcendência cultural, como o colégio de seminaristas e as casas de ordens religiosas. Bosio afirma que Francia implementou uma política de enclausuramento. Seu governo não permitia a entrada nem a saída de barcos, pessoas nem produtos algum sem a aprovação pessoal do ditador. Foram proibidas especialmente a entrada de livros, correspondências e periódicos do exterior (BOSIO, 2001, p. 61). Francia proibiu da mesma forma a educação média e superior, assim como a formação profissional do exército. Velázquez aponta:

Tantos eram os poderes do ditador que cabia a ele a aprovação de medidas e repartições, julgamentos sobre a disposição do traçado das cidades, autorização ou recusa de matrimônios, a resolução sobre o vestuário e o racionamento da tropa, e outras questões não menos particulares (VELÁZQUEZ, 2011, p.144).

Com a morte de Francia sobe ao poder o governo consular de Mariano Roque Alonso e Carlos António López. Em 1944, com a aprovação da nova constituição paraguaia, López é eleito o primeiro Presidente Constitucional da República do Paraguai. Foi este o cargo que ocupou até sua morte em 1862, sendo sucedido por seu filho, Francisco Solano López. Coube a “Don Carlos” exercer um governo de abertura ao exterior e de modernização do País, dotando-o de infraestrutura e contratando técnicos estrangeiros (BOSIO, 2001, p. 63). Durante a administração de López foram adquiridas as primeiras prensas do País, uma em *Corrientes* na Argentina e outra no Brasil, que finalmente dariam início à imprensa paraguaia.

O jornalismo que emerge desse período acompanha o espírito do tempo dos governantes do momento, sendo produzido também a partir das esferas do poder (ORUÉ POZZO, 2012, 2. 21). Durante o período franquista não existiram órgãos de difusão no Paraguai, salvo os decretos que comunicavam alguma decisão oficial. Muitas vezes, de acordo com Bosio, nem se conhecia a existência de alguma determinação até que o cidadão era acusado de algum delito (BOSIO, 2001, p. 97). Em um ambiente de comunicação restrito como o da época, a autora não enxerga que havia grande preocupação com a liberdade de imprensa. Ainda segundo ela, é justamente no governo López que surgem as primeiras iniciativas para uma lei de imprensa que regularize suas liberdades, com um decreto de 1855 que assinalava o direito de todo cidadão de publicar suas ideias e opiniões. No entanto, no mesmo decreto, o presidente também sancionava todo tipo de restrições e discriminava sete categorias de ações configuradas em delitos – limitando a própria liberdade de expressão que defendia. “A verdadeira imprensa livre, exercida por cidadãos com direitos e protegidos por uma constituição legítima, teve que esperar a conclusão da trágica guerra da Tríplice Aliança para fazer sua aparição” (BOSIO, 2001, p. 97).

Ainda assim, Carlos López não tardaria em perceber no jornalismo um forte aliado, utilizando a imprensa para reforçar e

divulgar as ideias e propostas defendidas pelo governo. Isso ocorreu logo quando a Argentina, então sob o comando de Juan Manuel de Rosas, começou a dar indícios do desejo de anexar o Paraguai sob sua submissão, como na época do Vice-Reino do Rio da Prata. Ciente destas intenções, além de realizar uma forte campanha política contrária, López dá início em 26 de abril de 1845 às publicações do *El Paraguayo Independiente*, aquele que é considerado o primeiro periódico do País. Durante as 118 edições publicadas a folha contava com o próprio Carlos López como redator principal e só parou de circular quando as pretensões de anexação argentinas foram abandonadas. “López executa a tarefa de lograr este reconhecimento não por meio de exércitos ou armas, mas pela palavra escrita” (BOSIO, 2001, p. 19-20). A mensagem assinada pelo próprio presidente esclarece:

O governo mandou redigir *El Paraguayo Independiente* para rebater as pretensões exorbitantes do governador de Buenos Aires, contra a nacionalidade paraguaia e para demonstrar de maneira palpável:

- 1) Que o Paraguai, desde o Congresso Geral de 1810, esteve livre de Buenos Aires; e que a independência paraguaia foi reconhecida explicitamente pelo Governo das Províncias Unidas do Rio da Prata em 1811.
- 2) Que o governo de Buenos Aires, postergando o Direito do Povo e a sagrada fé pública, violou manifestamente todas as condições convencionadas pelo tratado de aliança de 12 de Outubro de 1811. Que o governo paraguaio o declarou roto, e se despreendeu em 1813 de tal tratado, e de todas as relações com Buenos Aires e se declarou independente de todo poder estrangeiro.
- 3) Que em 1842 nada mais fez que renovar e ratificar esta declaração absoluta e definitiva de sua independência e soberania nacional, para o único fim de pedir o reconhecimento geral das nações, e que só por um ato de deferência e amizade com o governo argentino o incluiu nesta generalidade, não obstante seu reconhecimento anterior.

- 4) Que virtual e expressamente desde seu primeiro pronunciamento tem sido e é considerado o Paraguai por diferentes e principais nações como um Estado Soberano.
- 5) Finalmente, que tem inquestionável direito de manter e sustentar sua independência e seu direito tradicional derivado do regime espanhol para recorrer ao Paraná com seu pavilhão nacional; e que Buenos Aires não tem título algum para se opuser (FUNDACION CULTURA REPUBLICANA, 1987, p. 61).

Além de representar sua função como propaganda nacionalista, o *El Paraguay Independiente* pouco colaborava para a formação de um público crítico e bem-informado. Segundo Juan Crichigno, o jornal carecia de opinião, debate, polêmica ou discussão, e limitava-se a fixar e informar o ordenamento da vida social (CRICHIGNO, 2010, p. 19). Depois do *Independiente* começaram a surgir vários outros periódicos, ainda seguindo o mesmo modelo, sendo que as primeiras tentativas de jornalismo realmente independente e de crítica ao governo são logo suprimidas ou publicadas apenas na Argentina. Por sua vez, de apoio governista, o *Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles*, circulou por 15 anos (de 1853 a 1868) e tinha na direção Juan Andres Gelly, partidário de López e editor do jornal anterior. Segundo Velázquez, o *Semanario* “era um periódico com bastante informação, e expressava o pensamento do presidente” (VELÁZQUEZ, 2011, p. 167). Bosio acrescenta que o veículo “Também fazia o papel da imprensa oficial, como medidas governamentais adotadas, informações sobre o comércio, fronteira e tinha uma seção de cartas e às vezes trazia folhetins” (BOSIO, 2001, p. 88). Agentes paraguaios no exterior atuavam como seus correspondentes internacionais, e o jornal apresentava crônicas sociais dos costumes da época, sempre centrados na figura e na família do presidente da república.

As primeiras tentativas de difusão de informação em massa pela imprensa, de acordo com Crichigno, não foram em publicações diárias, mas em periódicos semanais ou quinzenais que apareciam invariavelmente com quatro páginas. Somente no final do século XIX, a incorporação de linotipos e novos maquinários permitiria a aceleração tecnológica do desenvolvimento da imprensa paraguaia (CRICHIGNO, 2010, p. 15).

Após o incidente com a Argentina, Carlos Antônio López governou com certa tranquilidade até sua morte, quando foi sucedido por seu filho mais velho, Francisco Solano López, que já atuava como seu vice-presidente. Solano López seria o responsável por comandar o país durante o período mais crítico de toda a historiografia paraguaia, e cujas implicações não foram superadas até hoje: A Guerra contra a Tríplice Aliança, composta pela união de Brasil, Argentina e Uruguai. O conflito armado assolou o país de dezembro de 1864 até maio de 1870 e deixou como legado a morte de 80% da população masculina e boa parte da feminina; a destruição da infraestrutura local; a perda de territórios e uma dívida externa somente perdoada décadas no futuro. De acordo com Bosio, o Paraguai perde durante a guerra um total de 94.080 km² para o Brasil e 62.000 km² para a Argentina, e foi obrigado a pagar uma dívida “dez vezes maior do que a que Napoleão III, no mesmo ano, pagou para a Prússia após a guerra franco-prussiana” (BOSIO, 2001, p. 161).

Os acontecimentos que levaram à Guerra e à forma como esta se desenrolou ainda são obscuros e geram teorias e versões das mais variadas, inspiradas por correntes de revisionismo histórico. De fato, o governo paraguaio não se rendeu, e a aliança brasileira, da mesma maneira, também não arrefeceu. De acordo com Alberdi, a Guerra havia sido prevista para durar três meses, mas se estendeu por quase cinco anos, e tal erro de cálculo tão significativo trouxe impactos imensos para todos os envolvidos.

Equivocar-se de três a cinquenta meses, nesse cálculo de tempo, foi equivocar-se em quinhentos milhões de pesos e no sangue de 50.000 homens. (...) Pensou o Brasil que tomar a capital em que residia o governo era o equivalente a tomar o Paraguai e colocar fim a guerra, mas temos visto que ocupada Assunção por seu exército, López continua possuidor de todo o Paraguai, menos Assunção, que de certo modo está fora do país (ALBERDI, 1946, p. 29).

O primeiro movimento revisionista, logo após a derrota paraguaia, colocava a responsabilidade deste “equivoco” e a culpa de dizimação da população na figura do *ditador* Solano López - não mais presidente - e no próprio povo “por segui-lo naquela *aventura*” (MAESTRI, 2009 p. 5). Mesmo os paraguaios se dividiriam em relação à aceitação da figura do ex-governante. Cecilio Báez, do jornal *El Civico*, publica em 1902 um perfil de Solano destacando que este havia

sido a personificação do orgulho, da vaidade, da soberba, da paixão e da desumanidade. Que não recebia conselhos de nada e de ninguém, e que até mesmo “obrigava mães a amaldiçoarem e renegarem seus filhos, sob o pretexto de serem traidores da pátria” (*apud* ORUÉ POZZO, 2008, p. 215).

López foi ele próprio considerado traidor da pátria, e só mais tarde teve sua figura recuperada como a de um homem sábio, justo e culto, vítima dos desmandos brasileiro e inglês. Autor de *Genocídio Americano*, publicado em 1979, o jornalista José Julio Chiavenatto foi um dos responsáveis por divulgar essa nova imagem da Guerra contra o Paraguai, oferecendo outros olhares para as figuras históricas de grandes “heróis” brasileiros. Na interpretação de Chiavenatto, o comandante das tropas do Brasil, General Duque de Caxias, por exemplo, torna-se um sangrento genocida; e a Guerra uma manobra política de interesses imperialistas.

Um contraponto a todas essas visões é apresentado a partir da década de 1990 por pesquisadores dentre os quais se destaca o historiador Francisco Doratiotto. Se por um lado a primeira corrente da historiografia personalizadora coloca nas ambições de López a responsabilidade pelo conflito, a segunda, a teoria imperialista, faz o mesmo com a Inglaterra, tornando-a a grande arquiteta do conflito. A corrente defendida por Doratiotto aponta a conjuntura da formação e definição dos estados nacionais da região do Rio da Prata, e enfatiza a “tentativa da burguesia mercantil portenha de impor sua hegemonia regional, grande razão da independência e do isolamento paraguaio” (MAESTRI, 2009, p. 16). Assim, se um misto de desespero e paranoia da guerra empurrou o Paraguai para um verdadeiro holocausto, o autor não considera como nada acidentais o comportamento das demais nações envolvidas.

Várias interpretações versam sobre os motivos que levaram à Guerra. A versão mais difundida é que a intervenção do governo brasileiro na derrubada do governo ditatorial uruguaio incitou López a tomar medidas contrárias, pois, como aponta Maestri, a extensão do braço brasileiro até a região “condicionava a saída ao mar do Paraguai à vontade do Império e da Argentina” (MAESTRI, 2009, p. 4). Como represália, o Paraguai invadiu a região do sul do Mato Grosso (Nova Coimbra e Dourados), e *Corrientes* na Argentina. Além disso, apreendeu em novembro de 1864, em águas paraguaias, o navio mercante Marquês de Olinda, o que foi considerado o estopim da guerra.

No início do conflito do Brasil com Uruguai, Solano López havia se oferecido como “mediador do Rio da Prata”, e mostrou-se partidário

de Atanasio Aguirre, o então presidente do país platino; decisão esta que foi ignorada pelo império brasileiro. Em seu livro *A Batalha de Papel*, Mauro Silveira mostra como os jornais do império brasileiro utilizaram a charge política como arma de guerra, menosprezando e diminuindo as ações do governo paraguaio. No entanto, o maior golpe pode ter sido dado na verdade pela imprensa argentina, que chacoteava constantemente do Paraguai, considerando-o “um inseto que jamais sairia da crisálida”, debochando das ações de Solano e de sua tentativa de impor maior poder político. É como afirma Thompson, um dos historiadores de maior renome da historiografia da Guerra:

A imprensa portenha, sempre inimiga de López, zombava com grande sarcasmo do ‘mantenedor do equilíbrio do Rio da Prata’, escarnecendo também da fabrica de artigos de couro, que a folha oficial paraguaia, *Semanario*, considerara um dos preparativos de guerra. Tais zombarias, embora muito divertissem seus autores, calaram profundamente no espírito de López, que as sentiu mais que qualquer dos reveses que veio a sofrer durante a guerra. Chegou mesmo a mencioná-las em sua correspondência com o governo argentino, qualificando-as de artigos despidorados, e não pode haver duvida que foram tais artigos a causa principal de haver López iniciado a guerra contra a confederação argentina (THOMPSON, 1968 p. 36 *apud* SILVEIRA, 2009, p 147).

No entanto, o humor e a crítica ácida não foram armas exclusivas da Tríplice Aliança. Durante o período da Guerra, além do *Semanario*, apareceram diversos veículos de menor tiragem e vida curta, também sobre a tutela do governo, cujo objetivo era apoiar a moral das tropas paraguayas e desmoralizar os adversários. De intenção satírica ou motivacional, o *Cacique Lambaré*, o *Cabichui*, *El Centilla*, *La Estrella* e outros tantos continuaram circulando mesmo com a contenda em seu estágio mais avançado. De início os jornais eram produzidos em papel importado, mas com o bloqueio a que o País estava submetido durante a guerra, foi preciso tomar soluções para que o material continuasse a ser impresso. Velázquez relata que com a escassez de papel, os jornais eram grafados a navalha em madeira e replicados em couro bovino (VELÁZQUEZ, 2011, p. 174). Bosio resgata que também foi utilizada a fibra do caragatá, uma planta típica do país, na fabricação dos jornais,

sendo a primeira vez que se produzia papel no Paraguai (BOSIO, 2001, p. 88). Os jornais e seus técnicos cumpriam até as últimas consequências seu objetivo de animar o espírito combativo dos soldados e de exaltar seus sentimentos patrióticos.

O que tem em comum toda a imprensa desta época? Em primeiro lugar era fonte oficial da hierarquia militar. A imprensa era do Estado e expressava sua política. É muito conhecida a exaltação da figura do Marechal López na imprensa combatente. Como exemplo, basta mencionar o tom patriótico e super-otimista das edições que coincidem com o aniversário do Marechal. Dado que os fechamentos eram muito próximos da derrota final e diante de um panorama desolador, no qual havia perecido mais da metade da população, é surpreendente o esforço intelectual e material para entregar uma publicação deste teor, para o qual se utilizavam muito os recursos já quase esgotados (BOSIO, 2001, p. 93).

Os jornais produzidos durante o período da Guerra contra o Paraguai formaram o chamado *Periodismo Combatiente*, e eram caracterizados por seu estilo “popular e direto, por sua imagem expressiva e clara, refletindo o típico humor paraguaio através de ágeis artigos, comentários e versos escritos em guarani e castelhano” (TICIO, 2007). Bosio ressalta o consumo do material nas duas línguas, especialmente ao lembrar que o Guarani sempre foi um idioma predominantemente oral, o que referenda a preocupação dos López com a educação formal – praticamente proibida durante o governo Francia (2001, p. 89). A autora também aponta que, se até então o jornalismo produzido era apenas aquele da imprensa oficial, voltada para a divulgação dos interesses do estado, é a partir deste período bélico que começa a se desenvolver um jornalismo mais criativo que caracteriza até os dias de hoje a imprensa paraguaia (2001, p. 96).

A Guerra contra o Paraguai marcou fortemente o imaginário local, fazendo com que tudo que esteja vinculado a ela receba maior atenção. Em *Periodismo y Nación*, Orué Pozzo estuda o confronto entre dois periódicos, um em 1902 e outro em 1919 em relação à representação da primeira república e a construção de valores unificados de nação. Durante este período, “se preparavam as emoções e se

desenhavam novas identidades, que poucos anos mais tarde – quando inicia o conflito bélico com a Bolívia – se constituiriam em importantes marcos para encarar o novo desafio” (ORUÉ POZZO, 2008, p. 19). Nesta obra, o autor afirma que ainda hoje o País é herdeiro desta tradição jornalística, que reforçou valores no imaginário paraguaio que com o passar do tempo tornaram-se internalizados pela população.

A realização de “peregrinações” aos “lugares santos” - os sítios das grandes batalhas das guerras contra a Tríplice Aliança -; a comemoração de datas de batalhas e das datas de nascimento e de falecimento dos governantes; a edificação de monumentos, estátuas, epitáfios e outros tantos símbolos e signos, contribuem no contexto dos mesmos para a construção do imaginário e de representações sociais; e em todo esse contexto, o jornalismo reinterpreta papel fundamental (ORUÉ POZZO, 2008, p. 17-18).

Basta acompanhar o raciocínio do autor para poder compreender que fenômeno semelhante também ocorreu em relação à busca por *plata yvygy*. Se, como vimos no capítulo anterior, já existiam relatos de tesouros enterrados desde o período jesuítico, foi apenas com a força da Guerra, marcada fortemente no imaginário local, que a crença na lenda ganhou as proporções encontradas hoje e que são refletidas na imprensa.

A Guerra dos 70 acabou com a morte de Solano López em Cerro Corá, mas os exércitos de ocupação só se retiraram em 1876, quando finalmente o Paraguai ganhou de volta a sua autonomia. Em uma tentativa de reestabelecer o poder político, é redigida uma nova constituição em 1870, que fala de uma “irrestrita liberdade de imprensa”, enunciando direitos e garantias individuais. O artigo 18 dessa constituição versa sobre a permissão de “publicar suas ideias pela imprensa sem censura prévia”, e o artigo 24 de que “a liberdade de imprensa é inviolável, e não se ditará nenhuma lei que coaja de algum modo este direito” (BOSIO, 2001, p. 101).

A luta por uma imprensa livre não foi fácil, e as garantias individuais e de liberdade da constituição funcionavam mais no plano teórico do que no prático, pois grupos da oposição invadiam as redações e destruíam as máquinas e o mobiliário sempre que contrariados. “Nesta época, para qualquer periódico o futuro era incerto e seu presente uma luta tenaz pela sobrevivência” (BOSIO, 2001, p. 133). Ainda assim os jornais persistiram. Começa a surgir aí uma característica que Orué

Pozzo identifica no jornalismo paraguaio; a valorização da liberdade de imprensa muito acima da objetividade ou factualidade (2007).

A imprensa privada desperta no Paraguai após a invasão de Assunção. Com o final da contenda, Assunção foi retomada como capital do País. Emergiram, então, dois grupos que apoiavam lideranças diferentes: o *Club del Pueblo* (que daria origem no século seguinte ao Partido Colorado) e o *Gran Club del Pueblo* (que daria origem ao Partido Liberal). Como o acordo entre os grupos provou-se impossível, este último logo perceberia a importância da imprensa para arregimentar o apoio de correligionários e funda o jornal *La Regeneración* em 1870. Poucos meses depois o *Club* também daria início a seu veículo de imprensa, o *La Voz del Pueblo* (VELÁZQUEZ, 2011, p. 200). Salvo o período da ditadura militar de Strossner, quando era tolerada apenas a existência de um partido único, estes dois grupos permanecem como oposição até os dias de hoje no Paraguai.

Assim nasce o jornalismo privado no Paraguai, e se desenvolve ao longo de sua história sem se afastar da tendência de perseguir a liberdade de expressão, a objetividade da informação ou, ao contrário, o serviço dos partidos políticos ou governantes no poder, observando os fatos conforme os interesses a cada editor. O aspecto econômico tampouco é deixado de lado, e desde a aparição do primeiro periódico assunceno, a publicidade adquire importância para sobrevivência e lucro [dos jornais] (CRICHIGNO, 2010, p. 30).

Se antes a imprensa era representativa da voz do governo, após a guerra inicia-se, um jornalismo político-partidário, “com publicações de curta vida e escassa tiragem, geralmente acompanhando ocasionais candidaturas presidenciais” (BOSIO, 2001, p. 101). Ainda assim, o acontecimento foi de extrema importância para o amadurecimento do jornalismo paraguaio, bem como da própria população, visto que estes eram levados a debater publicamente questões políticas e públicas, formando a crítica e a opinião. Nesse contexto, a imprensa desempenhou papel decisivo no apoio a educação e como espaço de discussão de temas nacionais. “Não era coincidência, portanto, que os grandes políticos e líderes de opinião foram também grandes jornalistas” (BOSIO, 2001, p. 141).

O vazio de comunicação escrita que acompanhou os habitantes desta nação por séculos transformou-se abruptamente na multiplicação de periódicos (CRICHIGNO, 2010, p. 18). Durante os primeiros trinta anos do século XX, segundo Velázquez, as mais diversas tendências políticas e sociais fizeram da imprensa seu meio de expressão no Paraguai. “Do *Germinal*, de orientação anarquista, até *Los Principios*, hoje católica; do *El Diario*, que aparece por espaço de trinta e seis anos, até o semanário que morre no primeiro número” (VELÁZQUEZ, 2011, p. 233). Ao todo, segundo a pesquisadora, foram 162 diários e semanários, de duração e importância das mais variadas, que surgiram em Assunção e nos principais povoados do interior de 1900 a 1936.

A criatividade e inventividade desenvolvidas durante a Guerra contra o Paraguai viriam a ser novamente requisitadas durante outro conflito armado ocorrido pouco tempo depois e que também gerou trágicas consequências para o povo paraguaio: a Guerra do Chaco (1932-1935). A contenda se desenvolveu devido a uma série de confusões envolvendo a fronteira entre Paraguai e a Bolívia, que se aproveitou do enfraquecimento do país vizinho para reivindicar o território do chaco paraguaio. Durante os três anos de batalha foram cerca de 90 mil mortos, sendo 53 mil bolivianos e 36 mil paraguaios. A economia de ambas as nações foi seriamente prejudicada e coube à Argentina, antiga adversária do Paraguai, o papel de apoiadora da reconstrução do País.

Mesmo com a imprensa não mais nas mãos do governo, mas sim pulverizada entre os diversos grupos sociais, mais uma vez o periodismo combativo cumpriu seu papel de apoio moral às tropas e de escárnio dos adversários. Com maior acuidade profissional, desta vez os jornais contavam com melhor qualidade de diagramação, edição e impressão, ainda que sem perder o caráter humorístico e de deboche. Bosio afirma que foi a Guerra do Chaco o marco da maturidade da imprensa escrita no Paraguai.

As publicações eram modestas, algumas mimeografadas, mas com grande carga de humor, como rasgo cultural característico do povo paraguaio, sobretudo em situações limite. Ocorreram certas constantes na história do “jornalismo combatente” paraguaio, como a elaboração de papel nas trincheiras. Do arbusto de nome “*Yvirá-Yepiró*” se obtinha papel, elemento fundamental e instrumento de comunicação dos

soldados com seus entes queridos (BOSIO, 2001, p. 197).

O desenvolvimento da imprensa durante a cobertura das trincheiras da Guerra do Chaco sofreria um duro baque no retorno, quando a constituição de 1940 elimina liberdades de imprensa, instaura a censura prévia e dá início a um novo período ditatorial no Paraguai que se consolidaria em 1954, quando assume o cargo de presidente do país o general Alfredo Stroessner - cargo este que ocuparia até 1989. Com um mandato de 35 anos, esta é a segunda ditadura que mais tempo permaneceu no poder no continente americano, atrás apenas do governo de Fidel Castro. Stroessner extinguiu o multipartidarismo e as garantias constitucionais, forçando a pacificação interna por meio da repressão. Mesmo sujeitas à censura prévia, os próprios veículos realizavam uma censura interna das matérias a serem publicadas sob pena de terem suas sedes invadidas e seu maquinário destruído. No entanto, o Paraguai não estava mais isolado do mundo como na Primeira República, e o ataque aos veículos de imprensa não passaram despercebidos pela mídia estrangeira. “A perseguição, encarceramento e exílio de jornalistas, intelectuais e políticos terminaram por encurralar a ditadura, que nos últimos anos esteve praticamente isolada da comunidade internacional” (BOSIO, 2001, p. 219).

Esta situação insustentável perdurou até que em 1989 um golpe de estado derruba por fim o ditador, que passa o resto de seus dias exilado no Brasil, onde falece em 2006. Livres dos desmandos da ditadura, a imprensa paraguaia vive, conforme Bosio, situação semelhante à experimentada pela espanhola, em um momento que ficou conhecido como o *Destape*. “Tornou-se irresponsável. Suas páginas refletiam acusações infundadas em alguns casos ou tergiversação avessa aos fatos para acomodar posturas circunstanciais” (BOSIO, 2001, p. 228). A própria autora, no entanto, compreende o fenômeno e o descreve como fruto de seu tempo, visto que, na medida em que vão se consolidando as instituições, a imprensa também vai encontrando seu ponto de equilíbrio na sociedade.

É da constituição de 1992, já superados os entraves da ditadura Stroessner, que são determinadas as atuais diretrizes da atividade jornalística no país. Primeiramente, garante-se a livre expressão da liberdade de imprensa, assim como a difusão do pensamento e da opinião sem que se incorra censura alguma. Declara-se que os meios de expressão são de interesse público e que, portanto, não podem ser fechados e nem ter seu funcionamento suspenso. Fica proibido também

qualquer tipo de ação que vise impedir o fornecimento de insumos para a imprensa (como o papel) ou a interrupção de frequências de radiodifusão. O exercício do jornalismo, em qualquer de suas funções, é livre e não está sujeito à autorização prévia. Mais do que isso, o jornalista também tem direito de publicar suas opiniões firmadas sem censura do meio onde trabalha²³.

Até o ano de 2010, Crichigno, ao somar apenas o total de diários privados que surgiram nos 200 anos de imprensa independente do país, chega a um total de 116 publicações, cujo marco na história da imprensa escrita paraguaia demonstra-se como “um símbolo da inquietude por exercer o direito da informação, da opinião e da liberdade” (2010, p. 18). Liberdade esta, que para Bosio, é uma conquista incessante para a historiografia da imprensa paraguaia.

Atualmente, o Paraguai conta com uma imprensa vital, profissional e seu produto alcança níveis universais de qualidade, tanto em produção como em conteúdo. Dele se pode inferir um grande avanço, ainda que a tarefa de serviço a comunidade mereça, todavia, maiores esforços e dedicação. De todo modo, a sociedade paraguaia pode permanecer tranquila, pois a liberdade de expressão trabalhosamente obtida não parece correr perigo algum, graças à própria imprensa, mas, sobretudo à sociedade, que perdeu costume de temer e que já não vacila em exteriorizar suas inquietudes (BOSIO, 2001, p. 245).

A imprensa paraguaia contemporânea é herdeira de toda esta tradição. Da criatividade, do improviso e do nacionalismo do jornalismo de *combatiente*, da pluralidade de vozes do pós-guerra, das lutas constantes pela liberdade. Foi durante a Guerra do Chaco, especialmente entre 1920 e 1930 que os jornais paraguaios começaram a aperfeiçoar seus serviços de informação, reforçaram plantas de redação, modernizaram equipamentos impressores e entraram em uma busca para aumentar suas respectivas tiragens e número de leitores, ao mesmo tempo em que concediam maior importância para a publicidade como fonte de recursos (VELÁZQUEZ, 2011, p. 233).

²³ Constituição da República do Paraguai. Disponível em <http://www.tsje.gov.py/constituciones.php>

O jornalismo paraguaio enfim começava a seguir os moldes do norte-americano. Na década de 1950, surgem os primeiros cursos de formação em jornalismo, que passam a valorizar a objetividade no periodismo local (ORUÉ POZZO, 2007, p. 156). O surgimento de uma imprensa ética e responsável, com foco no interesse público e não de partidos políticos ou do mercado começa então a se consolidar, com a exigência de um profissional capaz de atender a essas demandas. Em carta endereçada a uma das primeiras turmas de graduação em jornalismo do país, o diretor do *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* (Ciespal), elenca alguns dos valores deste novo jornalista. Seria um homem com compreensão de si mesmo, da sociedade e da natureza do fato que presencia, capaz de produzir um relato que tenha em mente a natureza histórica do acontecimento e sua eventual influência social, “para então traduzir – despidido de preconceitos – a versão a qual tomou conhecimento em seu conteúdo intrínseco, em suas entranhas permanentes, no que realmente significa como acontecimento humano de interesse coletivo” (*apud* SIMON, 1973, p. 7).

Na mesma época, Gerardo Halley Mora publica *El cuarto poder*, obra que introduz os preceitos de objetividade e factualidade no jornalismo paraguaio, inspirado em autores estrangeiros e recolhendo experiências de veículos norte-americanos. Defende também o início de uma imprensa independente, ética e responsável, que construa credibilidade.

Vale a pena insistir nas finalidades que uma imprensa responsável deve seguir como objetivos básicos. Devemos falar sobre o sentido da responsabilidade do jornalista, ao que se pode somar sua atitude frente ao público, e seu interesse de não trair a confiança do mesmo e de constituir uma entidade cuja autenticidade da informação não poderá ser colocada em dúvida. (...) De uma função que siga os cânones ou regras de um desenvolvimento em torno da verdade e da boa fé (*apud* HALLEY MORA, 1991).

Mesmo assim, a imprensa do país ainda servia muito mais como voz de grupos sociais do que como representante de um jornalismo universal, factual e noticioso. A partir de meados do século XX, o periodismo local iniciaria seu processo de separação de uma base partidária para, anos mais tarde, “tornar-se independente dos partidos e

dependente do mercado” (ORUÉ POZZO, 2012, p. 22). Em 1950, como apresentado na Introdução, Um destes marcos estaria sedimentado em 1967 com o surgimento do *ABC Color – El diário completo*, que revolucionou a imprensa do país na questão dos prazos e da qualidade.

Dono de um “bom serviço telegráfico, de ilustrações coloridas, muita informação nacional, comentários e notas culturais” (VELÁZQUEZ, 2011, p. 288), o ABC ficaria conhecido como o primeiro diário que não abraçou causas partidárias ou governamentais desde o início, e que nem mesmo surgiu como voz de facção alguma. Crichigno descreve como característica a inclinação do *ABC Color* pela investigação, adaptando-se a tendência geral operada no campo do jornalismo internacional (2010, p. 441). Seguiu, como aponta Bosio, o modelo do *New York Times* da década de 1890 (2001, p. 238).

A ligação com o jornalismo americano estava impregnada em toda a ideologia do projeto, visto que a diretoria do jornal preocupou-se com a formação de seus quadros de redação com base na escola de jornalismo da Universidade de Columbia. O ABC também foi o primeiro diário a contratar uma equipe de jornalistas profissionais que se dedicavam exclusivamente a tarefa de editar um diário, e cujos salários eram altos o suficiente para evitar o multiemprego.

Criado durante o governo ditatorial de Stroessner, o renome internacional que o veículo rapidamente construiu colaborou para que os jornalistas incorressem de penas mais brandas. Ainda assim vários repórteres foram presos ou perseguidos, até que em 1984 o jornal foi fechado para abrir novamente apenas em 1989, com a derrocada do presidente (BOSIO, 2001, p. 239-240). Isto porque, diferentemente de muitos jornais da época que se voltaram para a cobertura de notícias do mundo para evitar desagradar o governo, o ABC focou seus esforços na produção de noticiários locais, especialmente no interior, expondo “situações incompatíveis com as maravilhas divulgadas oficialmente pelo governo de um Paraguai com grandes problemas sociais” (CRICHIGNO, 2010, p 442).

Além da qualidade técnica e de impressão, que o caracterizariam desde o início, o *ABC Color* também foi o primeiro a se preocupar com as tiragens diárias, e desde 1997 convida anunciantes e empresários para verificar a impressão do jornal em seu parque gráfico. A partir de 2000, o veículo contratou também uma empresa de auditoria e tornou-se o primeiro periódico paraguaio com tiragem verificada. Outro diferencial foi que a rede investiu também ao longo dos anos na publicação de encartes e suplementos, que marcaram uma nova era para o jornalismo local. Em edições gratuitas e fracionadas, o diário publicou livros como

a *Colección Imaginación y Memorias del Paraguay* e a *Biblioteca Popular de Autores Universales*. Em se tratando de suplementos, ainda hoje o jornal mantém a publicação de ao menos um caderno especial por dia²⁴.

Desde 1996, a Rede ABC marca presença na internet, com a criação do website www.abc.com.py. De início o site era conhecido como *ABC Digital*, mas no final de 2012 uma mudança editorial padronizou as marcas da rede ABC. Atualmente, o *ABC Color* tem, então, as matérias de sua edição impressa replicadas integralmente na edição online. Ao mesmo tempo, há textos publicados exclusivamente na versão digital, nem sempre produzidos por jornalistas, mas também por colunistas, blogueiros ou pelos próprios leitores. Com uma tiragem diária de 36,6 mil exemplares, e com o website sendo a página jornalística mais visitada do Paraguai, o *ABC Color* é o maior diário de referência do País.

3. 2 Tesouros enterrados no *ABC Color*

Entre agosto de 2009 e agosto de 2012 foi possível identificar nos arquivos do *ABC Color* um total de 40 textos, entre notícias, reportagens e artigos, que traziam o termo *plata yvyguy* em seu título ou corpo de texto – conjunto este que chamaremos genericamente de “matérias”. A partir do levantamento destes dados, busca-se através de uma análise de conteúdo, de caráter descritivo, elucidar a ligação do jornalismo com a lenda e identificar quais as manifestações dela que são mais facilmente capturadas pela reportagem. Nesta pesquisa, compreende-se a análise de conteúdo como:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e

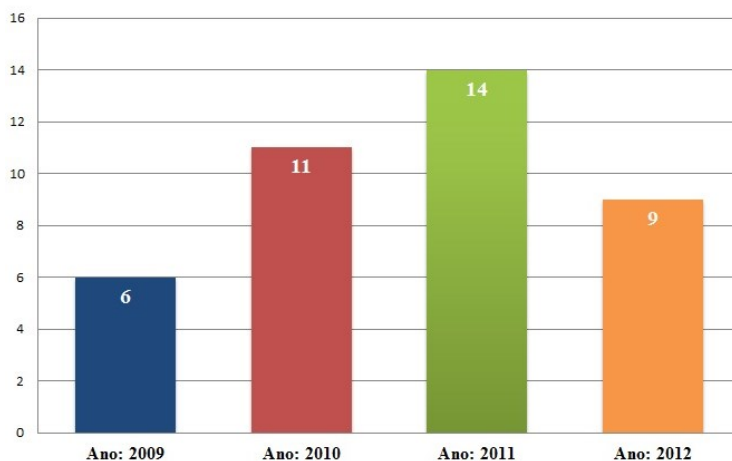
²⁴ Atualmente o *ABC Color* publica os seguintes suplementos: *3 Fronteras*, *ABC Revista*, *ABC Rural*, *Casa y Jardín*, *Centinela*, *Cultural*, *Económico*, *Empresas y Negocios*, *Escolar*, *Gaceta del Sur*, *Gastronomía*, *Judicial*, *Motor 3*, *Mundo Digital*, *Periodismo Joven*, *Revista VIP*, *Salud* e *Weekend*. Dados de 18 jul. 2013.

passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

A escolha da análise de conteúdo deu-se devido ao fato de esta ser reconhecida como um dos métodos de análise mais eficientes para interpretar a vida social de uma época, por sua capacidade de fazer inferências sobre aquilo que foi publicado (HERSCOVITZ, 2007, p. 123). Este método, no entanto, quando aplicado isoladamente, é bastante questionado por sua ênfase nos dados quantitativos e na falta de contextualização do que foi levantado (HERSCOVITZ, 2007, p.125), sendo frequentemente empregado nas ciências sociais empíricas. Neste trabalho, no entanto, a análise é apenas o movimento inicial do estudo que permitirá abrir espaço para a problematização da cobertura jornalística de mito e lenda a partir da realidade específica da imprensa paraguaia, retomando as discussões levantadas durante os capítulos anteriores.

O total de matérias publicadas durante os 36 meses analisados apresentou uma média bastante representativa de 1,25 textos por mês que envolvem, de uma forma ou de outra, a lenda dos tesouros enterrados. Englobam-se, neste grupo, desde as reportagens envolvendo mortes causadas durante uma escavação em busca de *plata yvyguy* até artigos ou reflexões onde a lenda aparece de maneira mais abstrata, como metáfora ou comparação. Percebe-se, ao observar o *Gráfico 01*, que há certa constância na quantidade de publicações ao longo dos anos, o que mostra que os números encontrados correspondem a coberturas cotidianas, e não estão centradas em único momento de acontecimentos atípicos.

Existiu de início a hipótese de que seria encontrado um número maior de matérias concentradas nos meses do último trimestre do ano. A ideia era de que as prospecções dos paraguaios em busca de tesouros escondidos aumentariam com a iminência do réveillon e a perspectiva de começar vida nova após a virada do ano. Tal fato, no entanto, não se comprovou e houve mais uma vez pouca variação mesmo calculando uma média mensal. Quando há alguma concentração evidente de textos em um determinado período, ela sempre está pautada por algum outro acontecimento de pano de fundo – seja a estreia de uma peça sobre *plata yvyguy*, seja denúncias do uso de dinheiro público na busca de tesouros. É possível, entretanto, identificar um número levemente maior de matérias publicadas a partir do segundo semestre (57,5%), mas isto ainda é insuficiente para confirmar a hipótese inicial.

Gráfico 1 – Disposição das matérias do corpus ao longo dos anos de análise

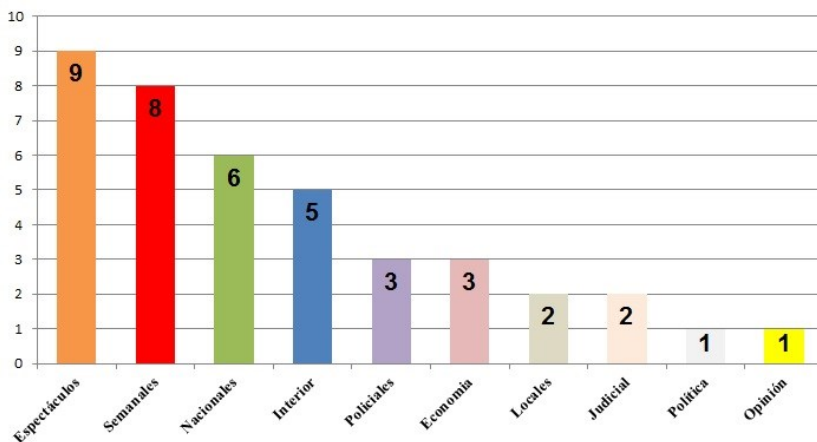
Fonte: Produzido pelo autor

Observou-se também a constância do nome dos repórteres que assinavam as matérias clipadas, para verificar o nível de influência da ação pessoal de um ou outro jornalista do veículo na definição de *plata yvyguy* como algo noticiável pelo *ABC Color*. Uma das dificuldades para chegar a esta resposta foi a de que as matérias publicadas no site não levam com frequência a assinatura do autor/repórter; apenas 18 dos textos analisados continham alguma identificação (45%). Houve, contudo, pluralidade na autoria das matérias, ainda que com alguma repetição. Participaram da cobertura de tesouros enterrados o repórter especial Javier Yubi (3), o repórter de *investigación y economía* Jorge Benítez Cabral (3), a jornalista da editoria geral Nancy Duré Cáceres (2), o enviado especial Pedro Gómes Silgueira (2) – no caso, uma entrevista publicada em duas partes – e o correspondente Sergio Escobar Rober (2). Além de Rober, quatro outros correspondentes do interior do Paraguai assinam e identificam suas sucursais na autoria de seus textos, bem como dois outros jornalistas da redação, uma colunista e até mesmo uma jovem de 20 anos de idade, que escreveu um artigo publicado no suplemento *periodismo joven*²⁵.

²⁵ No final de 2012 o ABC sofreu uma reforma editorial que além de padronizar as marcas da rede, unificando *ABC Color* e *ABC Digital*, também alterou a disposição das editorias em todo o site, criando novas categorias e incorporando outras que pertenciam apenas à edição impressa. Como a análise se deu antes da

Outra das inquietações foi a de verificar se a presença de textos envolvendo o lendário no diário devia-se às características próprias da narrativa jornalística presente em editorias mais abertas. Não seria surpreendente, por exemplo, encontrar textos sobre tesouros enterrados nas seções culturais ou em suplementos semanais, vistos que estas editorias são permeadas por textos que permitem uma maior fruição, com apelo ao lirismo e à literatura. Caso isto se confirmasse, seria possível compreender que mitos e lendas seriam elevados à categoria de notícia ao serem apropriados pelo cinema, pela literatura ou pelo teatro - à alta cultura, enfim, que toma para si a cultura popular e reveste seus produtos de inspirações folclóricas para atrair novos consumidores. No entanto, ao observar o *Gráfico 02*, percebe-se que, mesmo com a predominância das editorias voltadas para a cultura e o entretenimento, ao estilo *soft news*, como é o caso de *Artes y Espectáculos* (22,5%) e do caderno dominical *Semanales* (20%), houve uma quantidade bastante considerável de textos publicados em editorias mais voltadas para as *hard news* (57,5%).

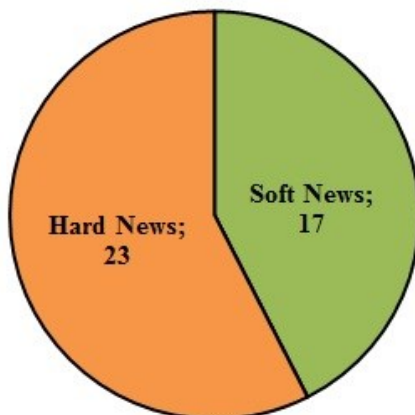
Gráfico 02 – Disposição das matérias nas editorias do *ABC Color*



Fonte: Produzido pelo autor

Gráfico 03 – Disposição das matérias entre *Hard News* e *Soft News* no *ABC Color*

reforma, para esta pesquisa optou-se por manter o nome original da editoria em que as matérias foram publicadas.



Fonte: Produzido pelo autor

Houve grande distribuição de matérias sobre *plata yvyguy* nas mais variadas áreas do periódico, incluindo editoriais que tradicionalmente, em outros países, não apresentariam espaço para o lendário, como é o caso de *Economia, Judicial e Política*. No país, o imaginário dos tesouros enterrados não está enclausurado no universo das culturas arcaicas ou no mundo das artes (SILVA, G. 2010, p. 246), mas sim toma parte em várias instâncias das ações e reações humanas da sociedade paraguaia. Como fato folclórico, pertencente à cultura popular local, a lenda se manifesta naturalmente nos modos de sentir, pensar e agir daquele povo, o que faz com que o assunto esteja refletido tanto em editoriais mais abertas quanto nas mais fechadas a tergiversações, subjetividades e sensações.

O fato observado mostra também que as matérias produzidas são enquadradas não com base no envolvimento com o lendário, mas sim fundamentado no acontecimento gerador da notícia. Ao escrever uma matéria, o jornalista aborda a morte, a denúncia, o acidente, em um universo em que os tesouros enterrados são apenas o plano de fundo. Com isso, retomando o que aponta Sousa (2002, p. 80), o repórter tem acesso a um “catálogo de frames disponíveis” muito mais amplo na hora de decidir o enquadramento da notícia sobre *plata yvyguy*. Desta forma, são evitadas as abordagens padrões normalmente utilizadas pela imprensa ocidental em matérias que registram a presença de mitos e lendas, pois o acontecimento é retratado como mais uma notícia cotidiana.

Interessante também ressaltar a predominância de matérias na editoria *Nacionales* em razão daquelas identificadas na editoria *Interior*. Diversas matérias foram alocadas nesta seção, mesmo comportando acontecimentos ocorridos em cidades interioranas. Percebeu-se uma falta de padrão no enquadramento das notícias no *ABC Color*, pois uma matéria envolvendo um acidente durante a busca por *plata yvyguy* pode em um momento estar na editoria *Nacionales* e em outro na *Policiales*, e assim por diante. Como a imprensa paraguaia possui uma relação organizacional menos rígida, especialmente no que tange ao contato entre editor e ao repórter, é possível inferir que a disposição das matérias nesta ou naquela editoria depende muito mais do *feeling* do jornalista quanto ao acontecimento do que à alguma determinação mais evidente das normas do diário quanto ao conteúdo de cada editoria.

Mesmo com poucas matérias endereçadas à editoria de *Interior* foi possível constatar que 60% de todos os textos analisados abordavam acontecimentos que se desenrolaram fora da Capital do País. Não se pode, evidentemente, desconsiderar a representatividade das matérias que registram acontecimentos em Assunção, porém boa parte destas versam sobre peças teatrais a serem encenadas ou filmes a serem exibidos nos teatros da cidade, o que poderia corroborar com a ideia de que o lendário se manifestaria de maneira mais presente nos rincões afastados dos grandes centros. No entanto, ao observar a grande maioria das cidades interioranas presentes nas matérias, como Luque, Capiatá, Lambaré e Ypacaraí, percebe-se que estas estão dispostas em um raio de cerca de 50 km de distância da capital paraguaia. O fato indica duas coisas: Em primeiro lugar, que não há tanto afastamento assim dos centros urbanos, mostrando que o lendário está verdadeiramente integrado à sociedade paraguaia como um todo. Em segundo, que os braços do ABC, mesmo com correspondentes em sucursais do interior, não se afastam tão longe assim dos assuntos de Assunção.

Para verificar a possível influência de demandas editoriais do jornal no direcionamento de pautas ou na forma de realizar a cobertura de matérias envolvendo *plata yvyguy*, foram realizadas entrevistas com o editor adjunto do *ABC Color*, Armando Rivarola²⁶, e com o repórter especial Javier Yubi. Ficou claro, no entanto, que não há qualquer deliberação sobre o assunto, tanto no sentido de incentivar quanto de desencorajar estas matérias. A naturalidade com que o lendário é

²⁶ Entrevista concedida ao pesquisador em 15 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE B.

encarado na sociedade, constantemente evidenciada neste trabalho, é também apontada por Yubi, que afirma que a lenda, por si mesma, não é acontecimento marcante o suficiente para tornar-se notícia. Isto porque a caça a tesouros enterrados no Paraguai é algo tão frequente que não traz qualquer novidade que mereça ser noticiada.

Geralmente *plata yvyguy* se aborda quando há algum problema. Milhares de pessoas estão buscando *plata yvyguy* todos os dias. Aborda-se quando de repente a pessoa caiu e morreu buscando *plata yvyguy*, derrubou um edifício buscando *plata yvyguy*. Isso é notícia. Geralmente a notícia *de plata yvyguy* está relacionada a alguma denúncia, queixa ou problema (Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE A).

Vimos anteriormente que a notícia é o relato de acontecimentos que apresentam um rompimento com a normalidade, a fuga de um padrão, aquilo que se destaca dos acontecimentos do dia a dia. Da mesma forma, conforme o Capítulo 1, se sabe que a definição do que é e do que não é notícia passa por diversos critérios, muitos deles relativos às características e peculiaridades únicas da sociedade – e, por consequência, da imprensa – de cada País. Retoma-se, então, a pergunta lançada durante o primeiro capítulo: o que acontece com a cobertura jornalística de um país em que o lendário é compreendido não como acontecimento exótico, mas como algo cotidiano? A resposta para a questão é o que se percebe na cobertura de *plata yvyguy* no Paraguai. Neste caso, a lenda se apresenta não pelo seu caráter insólito, mas sim porque não pode ser separada dos modos de sentir, pensar e agir daquelas pessoas. Ela é elemento componente da cultura popular que caracteriza a identidade do povo paraguaio, e o jornalismo, como produto cultural, imerge também neste universo.

Motta aponta para conclusão semelhante ao analisar a imprensa na América Latina, um lugar onde “a realidade das paisagens e dos homens parece ser mais extravagante do que em qualquer outro lugar” (MOTTA, 2002, p. 71). Os imaginários latino-americanos, para o autor, situam-se nos limites entre real e fantástico, história e imaginação. Melhor dizendo, como sintetiza Gabriel Garcia Marques, “o descomedimento faz parte da nossa realidade²⁷”. Nos países deste

²⁷ (LAPLANTINE *apud* MOTTA, 2002, p. 71).

continente, a própria realidade é, em si, incrível. Lugares onde homens e mulheres que buscam tesouros enterrados durante a noite, guiados por sonhos de almas penadas ou detectores de metais, fazem parte do dia a dia da população. Se a notícia está, então, baseada na excepcionalidade, para Motta a nossa realidade é uma notícia permanente. “Aqui o homem morde o cachorro todos os dias. Aqui, os excessos, as falhas e as inversões são permanentes, são a norma” (MOTTA, 2002, p. 71).

A capacidade de aceitar o lendário como parte integrante da realidade é apenas o primeiro passo para uma cobertura jornalística que envolva o assunto. Se a simples crença no mito, na maioria dos casos, não se mostra como algo relevante o suficiente para ser noticiado, é por meio de outros valores-notícia que os acontecimentos ganham as páginas dos jornais. Diferentes características sócio-histórico-culturais particularizam a definição do que é notícia em cada sociedade, e é a partir deste referencial que se torna possível compreender como mitos e lendas – ou, mais especificamente, determinado mito e determinada lenda – podem ser englobados pela cobertura jornalística em certo contexto e não em outro.

Sousa (2002) afirma que os critérios de valor-notícia são, essencialmente, de índole social, ideológica e cultural, embora não exclua da equação a ação pessoal do repórter. O autor defende que os valores-notícia revelam certa homogeneidade na cultura profissional jornalística transnacional, embora não sejam rígidos nem universais. Os critérios evoluem e mudam ao longo do tempo, abrindo espaço para que assuntos que anteriormente não eram cobertos ganhem espaço na mídia com o passar dos anos. São, portanto, “frequentemente de natureza esquiva e, por vezes, contraditória, e funcionam conjunta e inter-relacionadamente em todo o processo de fabricação/construção das notícias” (SOUSA, 2002, p. 95).

Para Wolf, noticiabilidade é “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 2003, p. 172). O autor fundamenta-se em Garbarino e defende que é a partir da cultura profissional e das organizações de trabalho que se compreende a aptidão de um acontecimento para ser noticiado. Tal qualidade é constituída por um conjunto de requisitos, partilháveis ou não, que permitirão ao jornal selecionar cotidianamente, entre uma miríade de acontecimentos indefinidos, uma quantidade finita de notícias a serem publicadas. Tudo aquilo que não corresponder a esses requisitos é “excluído” das rotinas produtivas, e não atinge o estatuto de notícia (WOLF, 2003, p. 192).

Existem inúmeras listas de critérios de noticiabilidade, elencados por diferentes autores ao longo dos anos. Sousa sintetiza boa parte desses fatores:

Os critérios de noticiabilidade geralmente incluem, sob a forma de uma lista, fatores como a oportunidade, a proximidade, a importância, o impacto ou a consequência, o interesse, o conflito ou controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o sensacionalismo, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade (SOUSA, 2002, p. 96).

As notícias de mito e lenda são como são porque se alinham de maneiras diferentes aos diversos valores-notícias presentes em cada sociedade. Por vezes, os critérios para a sua manifestação na imprensa são a peculiaridade, o insólito, o bizarro ou o pitoresco. Por outras, como no caso das matérias sobre os tesouros enterrados no Paraguai, o lendário pode incorporar-se em critérios de noticiabilidade mais tradicionais, vinculados a acontecimentos do dia a dia, como crimes, acidentes ou denúncias.

Para verificar as formas como a lenda manifesta-se no jornalismo paraguaio, foram identificadas entre as 40 matérias clipadas, cinco grandes temas presentes na cobertura jornalística dos tesouros enterrados pelo *ABC Color*, dispostas a seguir em ordem de maior representatividade em número de matérias. Desta forma, os tesouros enterrados encontrariam espaço nas páginas do jornal como:

A) Inspiração artística, (30%) para matérias que tratam de peças teatrais, livros ou obras audiovisuais cujo tema central é a busca por ouro escondido;

B) Depredação, (25%) para as matérias que evidenciem a destruição de patrimônio público pelas ações dos buscadores de tesouro;

C) Denúncia ou Queixa, (22,5%) para reportagens que tragam investigações sobre ou suspeitas de escavações ilegais ou comportamento criminoso;

D) Sonho ou Desejo, (15%) para os textos em que a lenda se apresente puramente graças a seu caráter cultural e simbólico, ou mesmo em sentido metafórico;

E) Acidentes, (7,5%) para relatos de mortes e infortúnios envolvendo *plata yvyguy*.

Tabela 01 – Grupos Temáticos

Inspiração
1) <i>El nuevo tesoro de Colla</i>
2) <i>Fiesta de San Juan frente al Cabildo</i>
3) <i>Inician rodaje de "Overava"</i>
4) <i>El gran actor cómico Rafael Rojas Doria cumplió sus 80 años</i>
5) <i>Galería de creadores paraguayos</i>
6) <i>Rojas Doria de gira con "Al Rojas vivo"</i>
7) <i>Harán un "homenaje en vida" al gran actor cómico Luis D'Oliveira</i>
8) <i>"Soy una enamorada del teatro"</i>
9) <i>Falleció Carlos Martínez Gamba, gloria de la literatura en guaraní</i>
10) <i>Martínez Gamba se encuentra grave</i>
11) <i>Enrique Collar denuncia la destrucción de sus obras</i>
12) <i>Comedias en salas de teatro asuncenas</i>
Depredação
1) <i>La joya del Manduvirá</i>
2) <i>Hasta hermano de Lugo pidió buscar "plata yvyguy" en viejas estaciones</i>
3) <i>Plata yvyguy Rekávo</i>
4) <i>Robo de piezas del museo de Santaní que daría en el folclórico "oparei"</i>
5) <i>Oratorio de Olivares</i>
6) <i>Denuncian el robo de patrimonios históricos del museo de Santaní</i>
7) <i>Comisión ecológica denuncia abandono de ex estación de ferrocarril de Ypacaraí</i>
8) <i>Hasta buscadores de "plata yvyguy" depredan el patrimonio ferroviario</i>
9) <i>Estaciones del ferrocarril son usadas para bares y viviendas de particulares</i>
10) <i>Buscan tesoro en estación de tren</i>
Denúncia/Queixa
1) <i>Pozo era para "plata yvyguy"</i>
2) <i>Las noticias más resaltantes del 2011</i>
3) <i>Excavación era un pozo para buscar agua, dicen</i>
4) <i>Antecedentes son nefastos</i>
5) <i>Plata yvyguy y las inversiones de la SA de ministro</i>
6) <i>Fiscalía allana vivienda donde cavaron pozo de 30 metros</i>

7) <i>Hallan elementos para buscar metales en fosa de Ñemby</i>
8) <i>Falsa denuncia movilizó a policías y fiscales en Ñemby</i>
9) <i>Hallan pozo, municiones y documentos en un terreno en litigio en Itauguá</i>
Sonho/Desejo
1) <i>Excedentes Rekávo</i>
2) <i>Grandes misterios sin resolver</i>
3) <i>Camilo, Larissa y el default</i>
4) <i>El dueño del circo</i>
5) <i>Mitos y verdades sobre el paraguay</i>
6) <i>Plata Yvyguy, la gran distracción nacional</i>
Acidentes
1) <i>Dos hombres caen a un pozo por buscar plata yvyguy</i>
2) <i>Tres hombres quedan enterrados en Capiatá mientras cavaban un pozo</i>
3) <i>Un buscador de “plata yvyguy” muere sepultado</i>

A divisão acima foi feita tendo como base a relação do texto jornalístico com a lenda, e serve mais para facilitar a disposição da abordagem dos assuntos do que como uma estrutura rígida. Muitas matérias classificadas como referentes à *Depredação*, por exemplo, poderiam facilmente estar representadas também em *Denúncias*. No entanto, como a questão do patrimônio depredado destacou-se de forma bastante proeminente durante as primeiras análises, viu-se necessário destacá-la das demais. A seguir, abordaremos cada um destes grupos temáticos destacando fragmentos de algumas das matérias para elucidar exemplos de situações a serem descritas.

É importante notar que raras vezes o termo *plata yvyguy* é explicado nas matérias do ABC, e menos ainda são as situações onde a lenda é contextualizada. Além disso, nos jornais de referência, o idioma guarani não é utilizado frequentemente. Quando o é muitas vezes deve ser acompanhado de seu significado traduzido. De acordo com o editor do jornal, Armando Rivarola²⁸, apenas alguns termos dispensam a tradução, por serem tão conhecidos que mesmo aqueles sem fluência no idioma são capazes de compreender e *plata yvyguy* é um deles²⁹. A

²⁸ Entrevista concedida ao pesquisador em 15 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE B.

²⁹ O ABC Color possui a seção ABC Remiandu, em que as principais notícias do site são traduzidas para o guarani. No entanto, segundo Rivarola, a página é

expressão só foi utilizada com a devida tradução em 30% dos textos publicados sobre o tema. Outro dado interessante é que em seis matérias (15%) a expressão *plata yvyguy* foi adicionada, entre parêntesis, à citação de algum entrevistado, cuja fala remete à busca por tesouros enterrados. Um destes exemplos é o depoimento do chefe comunal da *Asociación Nacional Republicana* (ANR): "Durante meu mandato cheguei inclusive a denunciar publicamente que algumas pessoas estavam cavando no lugar em busca de tesouros (*plata yvyguy*)" (ABC COLOR 2011k, 2011i). Em outra matéria, ao introduzir o assunto da busca pelos tesouros ocultos, o diário acrescenta que estes são "conhecidos no Paraguai como *plata yvyguy*" (ABC COLOR, 2009f).

Nas matérias em que o lendário se apresenta como *Inspiração cultural*, a explicação ou a contextualização da lenda é ainda menos frequente, visto que normalmente esta se manifesta representada em alguma peça de teatro tradicional, obra literária reconhecida ou tradição tão internalizada que nem mesmo o enredo é retomado, e o leitor precisa recorrer ao seu repertório cultural para compreender o acontecido. É o caso da matéria *Fiesta de San Juan frente al Cabildo* (ABC COLOR, 2012e), que cita quando diversos participantes do festival começaram a realizar brincadeiras típicas de São João, como *o yvyrasyîre jejupi*, *kambuchi jejoka*, *paila jeheréi*, *ka'i rãipe*, *kure ñembohuguái* e *plata yvyguy rekávo* ("em busca de tesouros enterrados", em guarani). Nenhuma das brincadeiras é descrita ou explicada de qualquer forma.

A exceção óbvia para o observado é o caso de estreias de novas obras, que reascendem o assunto envolto em novas discussões. Exemplo disto é a matéria *El nuevo tesoro de Collar*, que descreve o recém-lançado longa-metragem do cineasta e artista plástico Enrique Collar, *Costa Dulce*, cujo enredo envolve a busca por tesouros enterrados. A referência à lenda vai ao encontro do que foi exposto no segundo capítulo e a vincula à Guerra dos 70.

A história em si trata de um jovem que, ao ficar responsável por cuidar de uma casa, fica obcecado com a busca por *plata yvyguy*, versão popular que nasceu depois da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), quando as famílias paraguaias para colocar em segurança todas as suas riquezas e pertences, sejam grandes ou pequenas, dos

muito pouco visitada. Jornais populares, como o *Crónica*, *Extra* ou o *Popular*, mesmo em edições impressas, utilizam frequentemente o idioma em várias editorias e colunas.

invasores estrangeiros que vinham às nossas terras, enterravam seus tesouros em lugares com referência para poder recuperá-los ao voltar da guerra (ABC COLOR, 2012i).

Durante o segundo capítulo, foi possível conhecer as diversas origens e manifestações da lenda dos tesouros enterrados. O imaginário de *plata yvyguy* no Paraguai contempla o ouro perdido dos jesuítas, a fortuna de Madame Lynch, as carretas que guardam o *tesoro nacional* de Solano López ou os pequenos montantes pessoais de ouro, joias e pedras preciosas escondidos pelas famílias paraguaias (seja para evitar a doação obrigatória para o exército do País, seja para mantê-los ocultos dos soldados invasores na Guerra dos 70). Todas estas versões foram contempladas, em menor ou maior escala, pelas matérias analisadas nesta pesquisa, com predominância da versão do ocultamento de fortunas particulares pela própria população durante a Guerra contra a Tríplice Aliança.

Por sua vez, de acordo com a cultura popular local, o tesouro se apresentaria para o buscador na forma de sonhos premonitórios, almas penadas que indicam o local do enterro, luzes fantasmagóricas dos fogos-fátuos ou pela presença de animais sobrenaturais. A imprensa paraguaia encara a busca pelos tesouros escondidos com naturalidade, mas o elemento sobrenatural nunca se faz presente na narrativa jornalística. Há uma única menção aos espíritos errantes e a presença de um cachorro branco sem cabeça como indicador da existência de ouro num local, conforme o artigo *Grandes misterios sin resolver* (ABC COLOR, 2012a), do já mencionado suplemento *Periodismo Joven*. Trata-se, no entanto, de uma citação bastante conhecida do livro *Huellas de Metal y Madera*, de Pedro Encina Ramos, também disponível na página da Wikipédia sobre *plata yvyguy*³⁰.

De maneira geral, sempre que há contextualização para a busca do ouro escondido, as matérias falam de mapas do tesouro e detectores de metais, mas não mencionam soluções fantásticas, o que evidencia a

³⁰ A citação presente no artigo é a seguinte: “Na noite tempestuosa, que cobre o céu com raios e trovões, a pessoa que transita pela comarca pode contar que observa uma chama misteriosa e fugaz, que se move de um lado para o outro, para apagar-se, posteriormente, ao pé de uma planta de corte (*juasy’y*). A mesma não é outra coisa, senão o desejado *plata yvyguy* (tesouro enterrado). Da mesma forma, conta-se que muitas pessoas viram em altas horas da noite um cachorro branco sem cabeça que logo desaparece em algum local” (Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Plata_yvyguy)

tentativa de realizar um tratamento objetivo para a subjetividade do universo lendário. A crença existe e é contemplada pelo jornalismo local, mas apenas nas instâncias do palpável, do que pode ser descrito e relatado.

Sabe-se que o lendário, em si, não tem valor-notícia suficiente para despertar o interesse dos repórteres, e depende dos acontecimentos aos quais está vinculado. No entanto, centenas de pessoas buscam tesouros escondidos a todo o momento em terras paraguaias, um espelho do grande interesse coletivo que o assunto desperta na população. Interesse este que não passa despercebido pela imprensa que, por compartilhar dos mesmos valores socioculturais de seu público leitor, retrata frequentemente *plata yvyguy* em suas páginas. Desta forma, ao mesmo tempo em que apresenta um retrato da sociedade paraguaia, o jornalismo local também reitera a crença na lenda, reintroduzindo e alimentando o imaginário dos tesouros enterrados para seu público leitor.

A possibilidade de encontrar tesouros escondidos encanta os adultos, levando-os a cometer ações impensáveis na busca por *plata yvyguy*. Antes disso, no entanto, o lendário também fascina crianças, incorporando-se desde cedo em seu imaginário. Exemplo evidente desta situação pode ser percebido no texto *Galeria de Creadores Paraguayos*, publicado originalmente no suplemento escolar do *ABC Color*, mas replicado no site em *Semanales*. A publicação apresenta uma breve biografia do escritor paraguaio Helio Vera, e incorpora o trecho de seu conto *La Consigna*, que trata da busca infundável pelos tesouros ocultos. Com base no conto, a matéria prossegue sugerindo etapas de desafios para incentivar os leitores a também produzirem sua própria obra literária. A saber:

1) Anote os resultados de uma mini-enquete com as pessoas a sua volta sobre a existência de *plata yvyguy*.

2) Escreva suas próprias impressões sobre a possibilidade de que ainda haja tais tesouros em certos lugares do país.

3) Imagine que você encontrou um tesouro no pátio da sua casa. Crie um antes e depois de tê-lo encontrado. Tempere seu relato com ingredientes fantásticos.

4) Escreva todas as ideias que te vierem à cabeça. Não importa se parecerem impossíveis ou fora do comum. Deixe fluir as imagens. Sonhe acordado e escreva.

Acompanhando a publicação, ao seguir todos estes passos, restará apenas o último. “Finalmente, dê forma ao seu conto e este será, talvez,

seu primeiro relato sobre *plata yvyguy*. Parabéns!” (ABC COLOR, 2011).

Ao espelhar o interesse coletivo pelos tesouros enterrados o jornalismo colabora para manter o assunto vivo na mente das pessoas, mesmo que como uma esperança distante da possibilidade de mudar de vida. Interessante notar, no entanto, que ao longo dos três anos de análise não foi encontrada uma única matéria que apresentasse o resultado bem-sucedido de uma prospecção. Há apenas histórias de mortes, fracassos ou suspeitas. É como o apontado por Hurley que, como vimos no capítulo anterior, percebeu que nas 250 histórias coletadas sobre tesouros enterrados nos Estados Unidos, a maioria terminava com o tesouro não sendo encontrado (HURLEY, 1951, p. 197). O fracasso, seja motivado por obstáculos físicos ou sobrenaturais, no entanto desanima os interessados em também procurar as fortunas perdidas.

Não se trata apenas do resultado de uma ou outra matéria, mas de uma sequência de narrativas que se repetem constantemente envolvendo a mesma ideia. E neste processo de troca constante, a imprensa reforça e reitera – espontaneamente e inconscientemente - o imaginário de *plata yvyguy* desde a infância ao recorrer à curiosidade e à ludicidade dos leitores mirins. Tuñón (1990) compreende o mito como a forma mais antiga de simbolizar a realidade, de transcender e de dar sentido à experiência cotidiana. Assim, a imprensa e os meios de comunicação em geral, ao se apropriarem deste, assumem o papel dos novos mitólogos da sociedade contemporânea.

A imprensa de referência, como os antigos e venerados mitólogos da antiguidade, é o meio mais capacitado para dar credibilidade e veracidade às notícias que conta, uma vez que não apenas narra, mas também argumenta, também dá sentido. (TUNON, 1990, p. 39)

Enquanto as matérias de *Inspiração Cultural* evidenciam a ludicidade da crença nos tesouros enterrados, que permeia o imaginário de todas as gerações, o segundo grupo temático de matérias mais proeminentes do período analisado traz justamente a negatividade destas ações. São os textos sobre *Depredação* e destruição do patrimônio público, prospecções ilegais que acontecem normalmente em antigas estações de trem, casas abandonadas e construções históricas ligadas à época da Guerra contra o Paraguai - ou ao menos que pareçam antigas o

suficiente para remeter a este período. Os envolvidos não temem por sua própria segurança e nem se deixam intimidar pela vigilância local. Exemplo disso foi o que ocorreu em Ypacaraí, quando mesmo com dois fiscais contratados, a controladoria da *Ferrocarriles del Paraguay* (Fepasa), ao chegar na estação ferroviária, encontrou buscadores no exato momento em que escavavam o piso do local (ABC COLOR, 2010g).

O imaginário muitas vezes distorce os fatos, de modo que é criada uma historiografia própria entre os buscadores. É o caso do casarão abandonado apresentado na matéria *La joya del Manduvirá* (ABC COLOR, 2012h), que pertenceu ao produtor rural José Manuel Bello. Espalhou-se, no entanto, o boato de que a propriedade era na verdade de Madame Lynch, mulher do Marechal Solano López, e de que nela poderia estar encerrada a sua fortuna perdida nos tempos do pós-guerra.

Como tal, tem despertado as mais frequentes lendas que, principalmente, se relacionam com os tesouros enterrados em baixo dos pisos ou nas redondezas. E não são poucos os que têm se aventurado à busca com resultados supostamente satisfatórios, ainda que nunca comprovados. “Somos pobres porque queremos; aqui há muito ouro. Os Barúá tornaram-se ricos encontrando *plata yvyguy*”, afirma em guarani Silvio Fleitas Sandoval (60), cuidador da propriedade antigamente conhecida como *Campos del Manduvirá* (ABC COLOR, 2012h).

Esta reportagem foi uma das três escritas por Javier Yubi que envolvem a lenda de *plata yvyguy*. Em verdade, todos os textos de autoria do jornalista estão enquadrados neste grupo, pois dizem respeito à atividade depredatória dos caçadores. No caso desta matéria, o texto descreve a antiga beleza da casa, com suas colunas, vitrais e grandes painéis pintados nas paredes, e como toda a formosura do ambiente foi maculado pelos buscadores de tesouros escondidos. Mesmo um amontoado de rochas naturais localizado nas redondezas tornou-se motivo para incentivar a busca, pois a barreira levaria a um túnel repleto de objetos preciosos escondidos por ordem de Solano López. “Dizem que embaixo dessas pedras que parecem uma gruta há uma Virgem de ouro maciço. Muita gente já tentou movê-la, mas é impossível!” (ABC COLOR, 2012h), afirma um dos entrevistados. Na mesma matéria, é

evidenciado o modo como barcos afundados, cavernas, poços e toda sorte de locais ermos carregariam a potencialidade do enriquecimento fácil. A dificuldade de chegar a estes ambientes com obstáculos por vezes intransponíveis colabora para a disseminação das lendas, visto que se torna impossível comprovar a veracidade das suposições dos caçadores.

Todas as matérias pertencentes a este grupo apresentam uma postura crítica quanto à ação destrutiva da busca por tesouros ocultos, mas talvez a mais representativa destas seja a reportagem, também assinado por Yubi, que traz o título guarani, “*Plata yvyguy rekávo*”. A matéria difere-se das demais publicações analisadas pela forma como se refere aos buscadores de tesouros, caracterizando-os como “vândalos” e criminosos. O texto questiona as ações de um grupo destes na invasão e depredação da estação ferroviária de *Ybytymí*, um povoado há 95 km da capital Assunção, e rechaça a atividade pela irresponsabilidade e pela destruição ao patrimônio público que tal perseguição desenfreada envolve.

Agora abandonada por completo, a histórica estação de *Ybytymí* encontra-se em total decadência e *a mercê de vândalos que colocam em risco sua existência*. Há cerca de quinze dias ela foi invadida por buscadores de tesouros que ingressaram de forma clandestina, altas horas da noite, para realizar importantes escavações em seu interior. Cavaram poços de quase dois metros de profundidade, em áreas de cimento, e até mesmo abriram buracos nas robustas paredes de pedra (ABC COLOR, 2012c) [Grifo nosso].

As matérias sobre depredação são naturalmente questionadoras, mas esta é a única que se posiciona de maneira tão incisiva contra os caçadores de tesouros paraguaios. Talvez neste caso seja possível apontar diretamente a influência da ação pessoal do repórter, visto que Yubi, que é memorialista e especializado na área de museus, interessa-se particularmente por temas envolvendo patrimônio histórico, material e imaterial³¹. Vale ressaltar, no entanto, que a crítica do jornalista na matéria limita-se à ação das pessoas envolvidas, e busca por meio de depoimentos e da própria apuração demonstrar a impossibilidade de que

³¹ Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE A.

a prospecção seja bem sucedida. O repórter entrevista um funcionário responsável por cuidar da estação, que ao ser informado sobre os motivos que levaram à depredação do local, responde: “Mas que *plata yvyguy* haveria aqui? Todos os chefes da estação eram meus amigos e nunca nenhum deles comentou ter escutado movimentos raros em seu interior” (ABC COLOR, 2012c).

Mais do que isso, a descrença é a de que haveria ouro enterrado naquele local específico, sem invalidar o fato de sua existência em algum outro. Isso apesar do próprio jornalista ter afirmado em entrevista não acreditar nos relatos sobre tesouros ocultos. Para ele, não é possível discutir a lenda quando esta se manifesta de maneira muito secundária na matéria e sim concentrar-se nos outros acontecimentos geradores da notícia. O lendário não pode ser comprovado ou verificado, não permitindo, de fato, a sua refutação. “O que podemos fazer é falar de casos em que a pessoa buscou um tesouro, mas que nós jornalistas, pela apuração, sabemos que não existia. Como *plata yvyguy* já está no inconsciente do leitor, é algo que não se confronta. Não se busca explicar o que é isso³²”.

Os responsáveis pela depredação de patrimônio histórico paraguaio não são apenas gente humilde, fruto das classes menos favorecidas, mas também figuras públicas, grandes empresários ou políticos influentes. Quando se descobre o envolvimento de tais pessoas na busca por tesouros escondidos, a imprensa passa a encarar a caça à *plata yvyguy* não com a naturalidade de sempre, mas sim como um escândalo – especialmente diante da possível utilização de influência pessoal ou dinheiro público para a realização das prospecções.

A simples sinalização de que algo assim possa acontecer torna-se passível de ser noticiado, como o caso da matéria *Hasta hermano de Lugo pidió buscar “plata yvyguy” en viejas estaciones*. No caso, divulgava-se que Ronaldo E. Lugo Méndez e David Galeano Méndez, respectivamente irmão e sobrinho do então presidente Fernando Lugo, encaminharam solicitação para a Fepasa pedindo permissão para o início de obras de prospecção de *plata yvyguy* em uma estação ferroviária no interior do país. O texto ressalta que o representante da agência recusou o pedido, “dando a entender que encaminhou a nota à gerência de Patrimônio apenas porque se tratava de parentes do chefe do Estado e para deixar constada a intenção de tais pessoas” (ABC COLOR, 2012g).

³² Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÉNDICE A.

A mudança de comportamento da imprensa nestes casos chama a atenção. É aceitável que o povo, de maneira geral, realize escavações em busca de tesouros enterrados, desde que tal fato restrinja-se a uma esfera privada. Nestes casos, ainda que haja mortes, brigas ou discussões, o fato é tratado com objetividade, em um relato curto e simples, sem qualquer tipo de julgamento moral sobre as ações daquelas pessoas. No entanto, quando a cultura popular demonstra sua influência não apenas nas classes menos abastadas, mas também com figuras públicas proeminentes, o acontecimento muda completamente de figura e ganha novas abordagens. O valor-notícia passa a ser outro, ficando vinculado à proeminência da pessoa pública, e o caso é apresentado de maneira escandalosa. É como se a própria sociedade compreendesse os motivos pelos quais o povo se permita levar pelo imaginário e sonhe encontrar tesouros enterrados, mas questiona que o mesmo seja feito por membros das classes mais ricas.

Um caso que evidencia este fato e que sempre vem à tona nas matérias de denúncia foi o da escavação do *Parque Caballero*, realizada em 2006 pelo ministro da Suprema Corte, Victor Núñez. Envolvido em diversos escândalos, desde sanções por comportamento antiético até vínculos fiscais com empresas de terceiros, não há ação realizada por Núñez em que sua atividade como buscador de tesouros não seja lembrada. Em 2010, na matéria *Plata yvyguy y las inversiones de la SA de ministro*, Núñez se via envolto em denúncias de investimentos ilegais na ordem de US\$ 1 milhão de uma SA ligada à sua família, sendo que a empresa havia declarado anteriormente um faturamento de apenas US\$ 9,5 mil. De onde teria surgido todo este dinheiro? O próprio público trouxe a explicação. “Os leitores do ABC ligaram para lembrar que em 2007 o ministro estava envolvido em uma gigantesca escavação no *Parque Caballero*, em busca de *plata yvyguy*. Teria retirado Núñez os 500 quilos de ouro naquela ocasião? Apenas isso poderia explicar (o fato)” (ABC COLOR, 2010a).

O fato de que os próprios leitores não permitem que o diário se esqueça deste acontecimento, e cobram do jornal a memória da prospecção fracassada é bastante interessante e carrega muito significado. Isso mostra que a diferença da abordagem que se desnaturaliza nas matérias de denúncia não são fruto de implicância do periódico, mas sim reflexo de comportamentos e percepções da própria sociedade paraguaia.

Grandes esquemas e escândalos públicos levam à matérias de denúncia, pois envolvem outras esferas de atuação social, com maior implicância na sociedade. No entanto, há neste grupo também as

pequenas denúncias de uma esfera privada. São queixas de vizinhos assustados com a movimentação estranha nas redondezas, pessoas temerosas com os buracos escavados próximos às suas casas ou acordos fracassados que, por um motivo ou outro, se tornaram casos de polícia. É o que se percebe em matérias como *Pozo era para “plata yvyguy”*, que sintetiza estes relatos.

Segundo fontes, a inquilina cavou um poço depois de obter autorização das donas da casa, aparentemente em busca de um tesouro escondido durante a guerra da Tríplice Aliança, para evitar que caísse em mãos inimigas. O poço foi feito com a condição de que, se algo fosse encontrado, deveria ser dividido com as proprietárias. Estas acusaram a inquilina de ter achado o tesouro e, ao não compartilhar o botim, surgiu um conflito que chegou à fiscalização e à Polícia (ABC COLOR, 2012b).

O caso chama a atenção pelo impasse em que estão os envolvidos. As proprietárias discutiam a posse de um tesouro cuja existência não havia sido – e nem pode – ser comprovada. Frente à impossibilidade de verificação, o jornalismo recorre aos antigos paradigmas de objetividade e se atém aos fatos. Houve uma queixa registrada na polícia, e é isso que acaba sendo noticiado, com a lenda figurando como o motivo da disputa inicial. Mais do que isso, a imprensa busca no relato de depoimentos declaratórios e em evidências levantadas pela apuração os elementos necessários para construir a matéria sem depender da subjetividade do universo lendário.

Em entrevista, Javier Yubi afirma que em duas décadas de reportagem nunca se deparou com uma história onde houvesse evidências de que um tesouro foi retirado de alguma escavação. Mesmo na área de museus, uma de suas especialidades, também jamais localizou qualquer peça que tivesse sido fruto do desenterro de *plata yvyguy*. Outra evidência normalmente apresentada pelos *plata yvyguy rekaha* seria a de pessoas que se tornaram cegas graças ao contato com os gases tóxicos liberados pelo *entierro*. O jornalista registra que mais uma vez tampouco encontrou qualquer comprovação de ocorrências deste tipo. Há apenas histórias, que se escuta desde criança, desta ou daquela pessoa, a conhecida de um conhecido, que teria encontrado um tesouro e mudado de vida. “Nunca era uma história como a pessoa encontrou e comprou esta mansão aqui. (...) É sempre algo intangível

(...) Dizem que encontrou *plata yvyguy* e partiu³³”. Yubi supõe até mesmo que o tesouro possa ser utilizado para mascarar enriquecimentos ilícitos. Acontece, como lembra o jornalista, que uma pessoa que encontrasse um tesouro faria de tudo para manter o fato em segredo, o que colabora para aumentar as suspeitas, as acusações e as dúvidas, alimentando ainda mais o imaginário local.

Vale também destacar, nas matérias que envolvem este tipo de acontecimento, como a busca por tesouros enterrados é uma alternativa muito mais apaziguadora frente às outras possibilidades cujas implicações seriam muito mais significativas. Uma sequência de notícias publicadas em novembro de 2009 falava sobre a descoberta de um poço de 30 metros de profundidade (informação mais tarde ratificada para 12 metros) em uma propriedade na cidade de *Ñemby*. A denúncia partiu de vizinhos, que acreditavam que a escavação tratava-se de um túnel construído por membros do *Ejército del Pueblo Paraguayo* (EPP), um grupo guerrilheiro nacionalista, o que foi logo descartado pelo jornal (ABC COLOR, 2009c). Na matéria *Falsa denuncia movilizó a policías y fiscales en Ñemby*, a dona da casa, ao questionar o trabalho policial, alegou que não entendia tamanho alvoroço, pois estava apenas buscando *plata yvyguy* no local, e que mais tarde faria da escavação uma fossa asséptica (ABC COLOR, 2009d). De maneira semelhante, no final de 2011, em um retrospecto das notícias mais importantes do ano, a escavação de um “estranho poço” ao lado da residência da policial da delegacia antissequestro, Sandra Quiñónez, causou comoção nacional. As suspeitas iniciais eram de que o fosso era na verdade um túnel construído para invadir a propriedade da representante da lei. “O fato nunca foi completamente esclarecido, e acredita-se que os responsáveis buscavam *Plata Yvyguy*” (ABC COLOR, 2011n), justifica o jornal.

A naturalidade com que é encarada a crença no ouro enterrado é percebida não apenas na forma como *plata yvyguy* é abordada no texto, mas também como ela pode simplesmente passar despercebida frente a um contexto maior. É o que se percebe na forma como o assunto surge em meio a matérias que não abordam especificamente as ações geradas por caçadores de tesouro, mas que ainda assim demonstram a força da lenda no como manifestação do *Sonho/Desejo* do paraguaio. Tal situação pode ser facilmente percebida na matéria *El dueño del circo*, publicada em 2011. O texto traz uma entrevista com Eliodoro Rojas, 55, dono de um circo itinerante. Em certo momento, ao questionar sobre as

³³ Entrevista concedida ao pesquisador em 14 de janeiro de 2013, Asunción-PY. Ver APÊNDICE A.

dificuldades enfrentadas pelo entrevistado durante a vida, o jornalista pergunta se algum dia ele já havia passado fome. Rojas confirma, e emenda:

Uma vez fiquei muito desesperado, pois não tinha dinheiro e estava comendo há três dias uma panela de feijão que minha esposa havia cozinhado. Tinha muita fome e fui comer goiabas. Então, pedi a Deus que me ajudasse a encontrar algum *plata yvyguy*, que me retirasse daquela situação (ABC COLOR, 2011b).

O assunto encaminha-se, então, para outras dificuldades, como os acidentes de trabalho na vida circense. O trecho traz um recorte perfeito dos modos como a lenda de *plata yvyguy* está integrada na alma do povo paraguaio. O desespero de um homem casado e faminto que buscou intercessão divina para encontrar ouro enterrado, assunto este que para qualquer jornalista estrangeiro ganharia destaque central no texto, torna-se apenas mais um detalhe na construção textual do personagem na imprensa paraguaia. O fato não parece ter surpreendido ou chamado à atenção do jornalista, pois o desejo de mudar de vida por meio de uma solução *ex machina* como esta é tão natural no país quanto apostar na loteria ou fazer uma “fezinha” no jogo do bicho.

Poucos são, afinal, os que não sonhem ou aspirem desenterrar o ouro prometido do subterrâneo. Tal fato pode ser visto no próprio artigo de aniversário de 44 anos do *ABC Color*, intitulado *Camilo, Larissa y el default*. Nele, a autora assinala, com humor, o desejo de que todos “encontremos *plata yvyguy* para enfrentar nossa inadimplência pessoal de cada mês” (ABC COLOR, 2011h).

Neste grupo temático, percebe-se como *plata yvyguy* se apresenta por vezes como elemento caracterizador da identidade paraguaia, como metáfora ou figura de linguagem. A síntese de todos estes observáveis é a entrevista com o escritor Carlos Villagra Marsal, publicada no website do jornal em duas partes. A primeira foi intitulada *Plata yvyguy, la gran distracción nacional* (ABC COLOR 2011c) e a outra *Mitos y verdades sobre el paraguay* (ABC COLOR, 2011d). A entrevista foi publicada por ocasião do bicentenário da independência do País, e explorava os modos como a caça aos tesouros enterrados faz parte da história do Paraguai desde antes de sua própria autonomia da coroa espanhola. Vale

ressaltar que esta é uma das poucas matérias que tratam *plata yvyguy* referindo-se a crença pelo termo lenda (*leyenda*)³⁴.

Com 200 anos de Independência e séculos de busca por *plata yvyguy*, pese a toda a lenda, é pouco o que se sabe sobre os achados, pois “a pessoa que o retirou não têm muito interesse em contar, mas sim de desfazer-se do ouro, convertê-lo em dólares, euros ou adquirir outros bens. Em todo caso, ninguém fica com as moedas ou lingotes em sua casa” (ABC COLOR, 2011c).

O próprio escritor alimenta esta ideia, e afirmou conhecer pessoas que desenterraram um sino de origem jesuítica em Caaguazú, escondido há 7 metros abaixo da terra. Dentro dele, tampado com cera, havia dezenas de diamantes. “Tenho o sino em meu museu, e a pessoa que o encontrou nos anos 1970 teve a boa sorte de poder levar os diamantes para venda em Amsterdam” (ABC COLOR, 2011c). Diferente da entrevista com o dono do circo, esta não é apresentada em formato *pingue-pongue*, mas sim em texto corrido, o que torna difícil saber o encaminhamento da conversa. Na matéria, no entanto, não é feita qualquer tentativa de verificar a informação apresentada por Villagra Marsal. O jornalista baseia-se somente nas declarações do escritor, e protege-se, objetivamente, por meio do uso das aspas. Sejam as informações verdadeiras ou falsas, resta somente a constatação, feita pelo entrevistado, de que *plata yvyguy* é a “grande diversão nacional” dos paraguaios (ABC COLOR, 2011c).

Durante a cobertura do bicentenário da independência, esta frase de Villagra Marsal tornou-se tão referenciada nas outras seções do jornal que foi citada inclusive no artigo *Excedentes Rekávo*, publicado na editoria de *Opinión*. Em tradução livre, o título poderia ser entendido como “em busca de excedentes”, um trocadilho que faz referência ao termo guarani *plata yvyguy rekaha*, a busca por tesouros enterrados. “Àquilo que segundo o escritor Carlos Villagra Marsal foi uma ‘diversão’, agora, se soma um novo capítulo a esta busca por ‘riqueza fácil’ pelos paraguaios: a busca por ‘excedentes de terra. (...) São os novos caçadores de tesouros, uma atualíssima e rentável diversão nacional” (ABC COLOR, 2011g). O artigo fala sobre lotes cuja

³⁴ Em outras três oportunidades (7,5%) *plata yvyguy* é tratada por “mito”. Como as ocorrências não se repetem, temos que os tesouros enterrados são encarados como “mito” ou “lenda” em 17,5% das matérias analisadas.

propriedade ainda não foi reclamada, e sobre pessoas que se dedicam a realizar consultas e medições das terras alheias para verificar brechas possíveis. O texto acrescenta ainda, em tom metafórico, que há diversas anedotas dificilmente verificáveis de pessoas que fizeram fortuna com expedições em busca de tesouros ocultos, ao mesmo tempo em que há crônicas jornalísticas bastante reais, e mais recentes, sobre como os caçadores acabam literalmente enterrados em grandes fossas que eles próprios cavaram em busca do ouro prometido.

Dentro os vários casos de infortúnios durante a busca por tesouros enterrados, poucos são os casos que acabam registrados no ABC. Durante a pré-análise percebeu-se que vários relatos de desastres eram noticiados nos jornais populares, mas passavam despercebidos pelo jornal paraguaio. As matérias que envolvem exclusivamente relatos de acidentes tem seu valor-notícia focado na tragédia do acontecimento, no número de envolvidos e na proximidade do ocorrido. Seu desenvolvimento é construído com base nas respostas e nas reações humanas dos buscadores, dos sobreviventes e dos que participaram das manobras de resgate.

Exemplo do caso é a matéria *Un buscador de “plata yvyguy” muere sepultado*, conta-se como o colono Eleucipo Gavilán revezava-se no trabalho de escavação com o colega Bartolomé Gonzalez, quando o barranco despencou, fazendo o homem cair em um fosso de oito metros de profundidade. A matéria da morte de Gavilán, aliás, é a única do grupo na editoria *Policiales*. As demais, intituladas *Dos hombres caen a un pozo por buscar plata yvyguy* e *Tres hombres quedan enterrados en Capiatá mientras cavaban un pozo*, pertencem à editoria *nacionales*. Interessante fazer notar também a idade das vítimas das tragédias, que vão de 17 (ABC COLOR, 2012f) a 56 anos (ABC COLOR, 2010h), indicando o fascínio e a esperança que jovens e adultos carregam de mudar de vida graças ao tesouro lendário.

Diferentemente do caso de matérias que envolviam destruição de bens públicos, não há julgamento algum das ações dos buscadores, mesmo com a ocorrência da morte. Há apenas o relato de que o amigo “manifestou que de imediato tentou auxiliar Gavilán, mas não pode fazer nada devido ao fato de encontrar-se só” (ABC COLOR, 2010h). Quando mais trabalhada, a matéria aproveita este viés humanizado, mas não raro trata-se apenas de um curto registro, estilo notas policiais, com a simples descrição do ocorrido e de como o fato se desenvolveu. Este fato observado traz em si grande significado. Isto porque a cobertura enxuta e factual dos acidentes envolvendo a busca pelos tesouros

escondido é a manifestação mais clara de um comportamento objetivo da imprensa paraguaia frente a uma manifestação do subjetivo.

Ao abrir espaço para o lendário, o jornalismo paraguaio se distancia da visão tradicional de empirismo factual e objetividade do final do século XIX que permeia a prática jornalística até os dias de hoje. No entanto, mesmo que a objetividade não seja uma preocupação central da prática jornalística paraguaia, esta ainda se faz presente, restando o distanciamento proposto pela presença do lendário no noticiário local. Isto se mostra de maneira bastante clara na cobertura dos acidentes, onde o relato é composto apenas pela descrição distanciada do que foi observado pelo repórter – preenchendo as respostas tradicionais do lead jornalístico. O que aconteceu? Quem morreu? Quando morreu? Como morreu? Onde morreu? Porque morreu? A matéria é escrita como que resolvendo este questionário, e a busca pelos tesouros enterrados seria apenas a resposta às questões relativas ao *Como* e ao *Por que*, sem que haja maior aprofundamento. Noticia-se a morte em uma prospecção de *plata vygyuy* da mesma maneira como se noticiaria um falecimento causado por um acidente na construção civil.

Outra forma com que a objetividade se manifesta na cobertura paraguaia é nas “aspas” dos entrevistados. Estas são totalmente declaratórias e não há qualquer tentativa de confirmar a veracidade das afirmações. É claro que não é possível verificar ou refutar a crença nos tesouros enterrados, mas informações trazidas pelos entrevistados nunca são confrontadas ou recebem uma investigação mais rígida antes da publicação. É o caso do sino jesuíta que Carlos Villagra Marsal afirma estar em seu museu pessoal (ABC COLOR, 2011d). Não se pode saber se realmente o sino foi escavado de um antigo povoado jesuítico, e talvez fosse difícil confirmar a venda dos diamantes encontrados junto às joalherias estrangeiras. No entanto, há elementos passíveis de maior apuração (como a própria existência, em si, do sino). O jornalismo paraguaio, ao se omitir da pesquisa e da verificação, e defender-se estrategicamente com frases declaratórias, colabora para o clima de incerteza e de fantasia que permeia o imaginário dos tesouros enterrados em todo o País.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente a lenda ganha espaço nas páginas do jornal utilizando o exótico, o insólito, o fantástico como valor notícia. Estas

coberturas tendem frequentemente para a ironia, com matérias que debocham das credices populares, ironizam os modos de sentir, pensar e agir da cultura popular. Cremilda Medina chama a atenção para o fato de que a relação do jornalista com seu povo, e com suas manifestações culturais, acontece pela comunhão, não pela rejeição. “Às vezes surpreendemos, justamente nas páginas ditas culturais, a ironia, o desprezo, o rancor, como respostas a própria face que se espelha no fundo do poço” (MEDINA, 1991, p. 205).

Este comportamento, muitas vezes, nem mesmo é consciente, visto que o repórter, na elaboração da notícia, recorre ao “catálogo de frames disponíveis” da imprensa daquela sociedade, buscando o tipo de enquadramento sempre utilizado para determinado acontecimento. A capacidade de publicar matérias que envolvam mito e lenda, de uma perspectiva que fuja do padrão apontado está em uma imprensa que está ela própria imersa nos mesmos valores culturais, no mesmo imaginário, que a sociedade em que o lendário se manifesta de maneira mais efetiva. Assim, encarando-o com naturalidade, a imprensa teria a liberdade de acessar um catálogo muito mais abrangente de enquadramentos disponíveis para a elaboração da notícia envolvendo o lendário. Isto porque este não seria elemento central da matéria, e ficaria em segundo plano em razão de fatores geradores da notícia muito mais concretos, como mortes acidentais, denúncias de prospecções ilegais ou estreias de peças artísticas cuja lenda serviu de inspiração.

A soma de diversos elementos explica porque as notícias de mito e lenda são como são, e é também o resultado da equação destas forças interatuantes que explicam a cobertura diferenciada encontrada na imprensa paraguaia. Sabemos que as formas com que o lendário se manifesta no jornalismo estão ligadas: A) À distância que o imaginário apresenta de valores ainda presentes na imprensa ocidental, como factualidade e objetividade – empurrado os enunciados noticiosos para os limites do jornalismo; B) Ao peso e às relações construídas pela imprensa de cada país com a objetividade e a subjetividade; C) À própria concepção de notícia, que apresenta certa hegemonia transnacional, mas não é rígida nem universal, e é definida com base em uma série de fatores sócio-histórico-culturais e aos interesses pessoais e ideológicos envolvidos na sua elaboração.

A dificuldade de retratar o lendário vem de vários fatores. Vem da dificuldade da imprensa de lidar com temas que não possibilitam o registro e a verificação; do reflexo de uma sociedade cujas relações com a cultura popular não se desenvolvem de maneira tão presente ou integrada e, principalmente, da formação de um jornalismo que desde o

século XIX está fundamentado nas lógicas científicas e positivocartesianas, referenciadas principalmente pela objetividade, o que não abriria espaço para a tergiversação, para o inefável, para o fantástico e para o sensível. Isto porque as imagens míticas construídas pela cultura popular não podem ser reduzidas a uma lógica binária de real/irreal, o que propicia que a imprensa se apresente como um terreno pouco fértil para as manifestações do imaginário. Da mesma maneira, vale lembrar, como afirma Todorov (1975) que o *fantástico* é a tensão entre os universos do real e do maravilhoso, e, desta forma, também não pode ser nem comprovado nem refutado sob o risco de cruzar as fronteiras e adentrar em um destes dois universos. Não há registros que confirmem a existência das manifestações do lendário, que permitam sua transcrição, sua fotografia, sua filmagem. Existem, no entanto, vestígios de sua crença, manifestos na ação das pessoas que nele acreditam.

Diversas possibilidades de observáveis podem ser evidenciados por uma pesquisa científica. Isto por que as escolhas metodológicas direcionam o olhar, posicionando a pesquisa de maneiras variadas frente ao objeto de pesquisa. Seria possível realizar um estudo evidenciado a semelhança do comportamento da imprensa em todo o mundo frente aos elementos do imaginário popular. Afinal, em um plano geral, a estrutura da cobertura jornalística, a definição do que é e do que não é notícia, a hierarquia das instituições jornalísticas e o modelo de trabalho da imprensa pouco variam. Este trabalho, no entanto, buscou aproximar o olhar e identificar também as diferenças que, por mínimas que sejam, influenciam diretamente no resultado final de uma cobertura jornalística. Os veículos paraguaios não cobrem de maneira diferenciada mitos e lendas como um todo, apenas o fazem com *plata yvygyy*. E tal comportamento não pode ser compreendido apenas a partir de um estudo dos periódicos do País, mas sim de um escrutínio na alma do povo paraguaio. Não se pode falar da imprensa sem levar em conta a sociedade em que ela está inserida. E da mesma forma como cada povo carrega seus próprios sistemas de valores, o mesmo também acontecerá com seus veículos de imprensa.

Com isto em mente, este estudo segue uma linha de raciocínio inevitável para a compreensão do tema que se propõe a abordar. Primeiro apresenta as características do modelo ocidental de jornalismo, que fundado na lógica científica e na razão, exclui o imaginário de suas fileiras e assume para si apenas o factual, o verificável, o empírico. Em seguida retrata a relação do jornalismo com a objetividade e evidencia as formas como, mesmo ao ser recusado constantemente pela prática jornalística, o imaginário nela se faz presente e a tudo perpassa. As

imagens mentais construídas a partir deste imaginário popular divergem daquelas formadas pela loucura ou pelo devaneio justamente pelo fato de serem construídas socialmente. De serem elementos indissociáveis da identidade cultural de um povo. Desta forma, apresenta-se a construção e formação histórica do imaginário destes tesouros enterrados no Paraguai e as formas como este permanece vivo ainda nos dias de hoje. Por fim, o último capítulo retoma as discussões anteriores explorando-as no próprio texto jornalístico – o espaço em que foram manifestas. A divisão nos grupos temáticos *Inspiração artística*, *Depredação*, *Denúncia ou Queixa*, *Sonho ou Desejo* e *Acidentes* busca mais organizar as matérias que carregam elementos comuns, permitindo sua descrição de maneira mais coesa, do que formar categorias de análise propriamente ditas.

A busca pelos tesouros enterrados poderia ter sido compreendida em sua instância simbólica. Não como o tesouro em si, material, concreto e histórico, mas sim como a aspiração final e os desejos que se ligam em uma constelação de imagens míticas compartilhadas desde o início dos tempos. Não foi esta, no entanto, a opção deste estudo. Da mesma forma como o jornalismo compreendia *plata vygyuy* de maneira concreta, factual e mundana, também optou-se por fazê-lo durante a análise para não perder o objeto de vista em meio às abstrações possíveis. Da mesma forma, dentro do universo imaginário, optou-se pelo aporte teórico dos estudos folclóricos, que trazem este imaginário manifesto e vivo, presente na vida e na alma das pessoas.

Mitos e lendas fazem parte da cultura popular de uma sociedade, estão imersos em seus modos de sentir, pensar e agir. Marcam presença frequentemente nas ações, reações e inações dos grupos humanos. É neste sentido que o lendário encontra espaço no jornalismo tradicional, fora das tradicionais coberturas sensacionalistas. Mitos e lendas levam pessoas a fazer – ou deixar de fazer – coisas antes impensadas, a ter este ou aquele comportamento, a aspirar, sonhar, desejar que o fantástico faça parte de sua realidade. E é nas repercussões sociais destas ações que a imprensa encontra um dos modos de tratar o universo lendário. Afinal, qualquer manifestação que gere interesse coletivo não passa despercebida pelos meios jornalísticos. Jorge Fernandez, então diretor do Ciespal, já registrava isso em uma de suas cartas:

Os meios de informação – imprensa, cinema, televisão – formam parte ativa de todo o fazer humano. Nada de interesse coletivo cursa a margem destes veículos do conhecimento.

Talvez eu possa tornar concreta esta afirmação no sentido de que não é possível que um acontecimento de significação histórica possa ser ocultado. A mecânica da vida social, em suas formas políticas, econômicas e culturais, requer antes de tudo a mais plena e eficiente difusão dos fatos para alcançar uma RESPOSTA COLETIVA capaz de torna-los compreensíveis, duráveis e de atingir os resultados previstos (*apud* SIMON, 1973, p. 6).

Ainda que não seja possível confirmar ou recusar a lenda, impossibilitado de alcançar a verdade almejada para os acontecimentos, o jornalismo não recusa seu compromisso inicial com a veracidade ao abordar o universo folclórico. Isto porque, os mitos e lendas são narrativas culturalmente significantes que expressam valores, crenças e ideologias fundamentais de uma sociedade. Neste sentido, o mito “não é uma história falsa ou o oposto da verdade, mas uma história que representa a visão de mundo de uma cultura. E esta visão é produzida e reforçada diariamente pelos meios noticiosos” (TENENBOIM-WEINBLATT, 2009, p. 955).

Karen Tenenboim-Weinblatt percebe que a mídia não apenas transmite informação, mas também participam da construção, manutenção e disseminação de mitos culturais por meio da notícia. O reforço deste imaginário se dá muito devido à própria impossibilidade da imprensa de confirmação das crenças folclóricas. Afinal, se algo não pode ser comprovado nem rejeitado, resta então à dúvida – território ideal para a propagação do lendário no imaginário do País. Afinal, as notícias, como já apontava Motta, são uma forma de “transmissão cultural” na qual o fundamento é a reiteração. Isto é:

Por um lado, são informativas (ainda que impregnadas de elementos das ideologias e dos imaginários de quem a produz). Por outro, essas mesmas notícias instigam a imaginação dos leitores-receptores que trazem para o ato de leitura toda a memória cultura de que são portadores (MOTTA, 2002, p. 13).

Com a produção e reprodução constante e frequente de narrativas similares, que colaboram para a disseminação de uma ideia, a imprensa e os meios de comunicação tomam a forma dos novos mentores e mitólogos das sociedades contemporâneas. Ao carregar o mito em suas notícias, carregam também partes das funcionalidades do fato folclórico, inseridas na narrativa lendária ou mitológica e transmitidas graças à ludicidade e a curiosidade que o assunto desperta em todas as gerações. “Sua importância na conformação de crenças e valores sobre o mundo que nos rodeia é similar a da religião e da arte, em épocas passadas, enquanto formas de expressão de significados simbólicos” (TUÑÓN, 1990, p. 27).

Estas conclusões, atingidas por meio de reflexões teóricas, concretizam-se na forma da pesquisa empírica realizada tendo em vista a imprensa paraguaia e a peculiaridade de sua relação com a lenda de *plata yvyguy*. Ao observar as publicações de três anos do jornal de maior circulação do País, o *ABC Color*, e retirar como *corpus* 40 matérias que envolvem o lendário de uma maneira ou de outra, percebe-se a força que o imaginário dos tesouros enterrados exerce sobre aquela sociedade – e, porque não, sobre o seu jornalismo. A crença na lenda, o desejo por encontrar o ouro prometido e as constantes tentativas de desenterrá-lo são encaradas na maioria das vezes com naturalidade tanto pela população quanto pelos jornalistas. Não assusta o fato de um adulto implorar aos céus para que Deus o permita encontrar um *entierro* que lhe salve da situação de miséria que se encontra; da mesma forma como mortes constantes envolvendo prospecções ilegais não surpreendem mais do que acidentes laborais.

Histórias de tesouros enterrados não são uma moda de agora; fazem parte da historiografia paraguaia desde o período Jesuítico. Talvez desde a sua colonização, visto que a chegada dos colonizadores deveu-se a busca do ouro prometido das Américas. A escavação em busca do *El Dorado* oculto no subsolo paraguaio ganhou força especialmente com a Guerra contra o Paraguai, um acontecimento que marcou fortemente o imaginário coletivo daquele povo. Tendo em vista o panorama do pós-guerra, em 1870, com a morte de seu chefe-de-estado, a dizimação de 80% da população masculina e boa parte da feminina, a destruição da infraestrutura e o grande endividamento, é fácil compreender a potencialidade do desejo de mudar de vida. De encontrar por meio do acaso, do sonho, do sobrenatural ou simplesmente da predestinação um pote de tesouro no fim do arco-íris que lhe livraria de todos os problemas.

Retomando o pensamento de Edison Carneiro, sabe-se que o folclore, ao mesmo tempo em que uma acomodação, é um comentário e uma reivindicação. Os paraguaios não entregam suas vidas e suas esperanças à busca dos tesouros enterrados por ambição ou por credulidade. Ao executarem estas ações, dizem muito sobre uma sociedade que é ineficiente em fornecer possibilidades de ascensão social e de melhores perspectivas de vida, levando a população a se apagar ao lendário e ao fantástico. *Plata yvyguy* planta suas raízes no passado do povo paraguaio, mas também se projeta como a voz do presente no futuro (CARNEIRO, 1965, p. 2).

Com o passar dos anos, o surgimento de peças teatrais de grande sucesso, livros, poemas, documentários e, é claro, as constantes matérias publicadas envolvendo a busca pelos tesouros escondidos, o imaginário de *plata yvyguy* só fez crescer. Ao publicar matérias envolvendo a lenda, os jornais reforçam e divulgam por meio da notícia a própria crença dos tesouros enterrados, e o fazem mesmo para seus leitores mais jovens. Os veículos reiteram a lenda, reforçam sua presença no imaginário coletivo, seja ao noticiar os acontecimentos em que o lendário é pano de fundo, seja ao encarar os tesouros enterrados como metáfora ou figura de linguagem, espalhando-a em diversas instâncias.

A lenda tornou-se tão famosa que mesmo aqueles que não falam o idioma guarani reconhecem a sua origem e sabem o significado da expressão. Leva homens e mulheres de várias idades a escavarem fossas de 15 metros de profundidade mesmo com o risco do desmoronamento, a invadirem casas abandonadas independente dos perigos envolvidos, a escavarem as paredes de antigas estações ferroviárias sem se importar com a vigilância local ou mesmo com a polícia. O tema é tão presente que está inserido no Código Civil, impulsiona acordos entre empreiteiros e prefeitos; leva políticos a arriscarem seus mandatos em tráfico de influência e desvios de verbas públicas na certeza de que serão capazes de desenterrar toneladas e mais toneladas de ouro. A lenda tornou-se parte do dia a dia, do modo de habitar o mundo, como propõe Susca:

As palpitações, as criaturas e as recriações do imaginário coletivo são, portanto, testemunhas vívidas – intangíveis, contudo, estruturantes, presentes na nossa vida emocional e onírica, mais do que na elaboração racional – das novas modalidades através das quais se vai transformando a

experiência percebida, o modo de habitar o mundo (SUSCA, 2007, p. 79).

A imprensa local retrata todos estes elementos da sociedade paraguaia, e tece sua crítica às ações desmedidas dos buscadores. Repórteres, como Javier Yubi, dedicam especial atenção ao tema, buscando por meio da apuração, desestimular as prospecções irregulares que devastam o patrimônio público. “Os vândalos que alimentam ilusões de encontrar botijas milionárias, mais do que achar tesouros ocultos, conseguem na verdade destruir um valioso tesouro pertencente a todos os paraguaios” (ABC COLOR, 2012c). No geral, no entanto, a imprensa concentra-se em uma abordagem objetiva desta manifestação subjetiva, recorrendo a estratégias para retratar o lendário sem com isso se afastar em excesso dos limites do jornalismo tradicional. Há pouca apuração, mas muita descrição e depoimentos declaratórios.

Não é apenas graças a acontecimentos atípicos ou a influência da ação pessoal dos repórteres que a lenda se faz presente nas páginas do jornalismo paraguaio. O lendário encontra seu espaço graças à ação social das organizações jornalísticas – menos rígidas e controladoras; a um periodismo mais autônomo, criativo, bem-humorado e nacionalista, desenvolvido da necessidade de afirmação e reafirmação da identidade paraguaia em seus inúmeros conflitos. Uma imprensa herdeira de tradições próprias e de um imaginário latino-americano fantástico, que ultrapassa qualquer pretensão de busca por um sisudo jornalismo ocidental com foco em experiências norte-americanas.

Mesmo tendo em vista as demandas de objetividade durante a cobertura de mitos e lendas, há várias pessoas capazes de jurar ter visto, vivenciado ou experimentado o contato com uma criatura folclórica, mas destes não se pode exigir provas mais concretas do que seus próprios depoimentos e ações. Incitados pelo medo, encorajados pela esperança e investidos da fantasia de um continente onde a realidade se confunde com o sonho – ou como coloca Jorge Luiz Borges, “o real era uma virtualidade do sonho”³⁵ – ruídos noturnos, sombras vistas de canto de olho ou a chama fantasmagórica dos fogos-fátuos são comprovações mais do que suficientes para a experiência vivida. São pessoas que invadem casas abandonadas, que buscam tesouros escondidos guiados por sonhos premonitórios e que acreditam que o fracasso está condicionado a ter ou não o coração puro, agir desta ou daquela

³⁵ (LAPLANTINE *apud* MOTTA, 2002, p. 71).

maneira. Homens e mulheres, de todas as idades e classes sociais, que se entregam, em determinados momentos, a busca pelo ouro das lendas.

Entre depoimentos de pesquisadores, professores, curiosos ou *plata vygygy rekahas*, em reportagens, documentários ou livros, a verdade sobre a existência de tesouros no subsolo paraguaio ainda não pôde ser verificada. E talvez, ao pensar bem, perceba-se que isso nem seja realmente importante. A realidade do lendário está manifesta no comportamento das pessoas, e o jornalismo se apercebe disto. Afinal, como aponta Gislene Silva, na relação entre imaginário e jornalismo, o que interessa é o aspecto coletivo do acontecimento, a manifestação social deste imaginário, “uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva” (SILVA, G. 2010, p. 245).

Cabe ao jornalismo compreender o horizonte social no qual a lenda está diretamente ligada, contextualizando as crenças que levaram ao acontecimento noticioso. Para os que nele acreditam, o imaginário da lenda ganha acentos de real, criando fortes interfaces entre a realidade subjetiva e a objetiva. São essas ligações que permitem que mitos e lendas ganhem seu espaço nas páginas do jornal, e foi uma dessas possibilidades que esta pesquisa se dedicou a demonstrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA Feliciano; AGUILERA JIMENEZ, Domingo; VILLAGRA MARSAL, Carlos. *Mitos y leyendas del Paraguay mestizo*. Asunción: Servi Livro, 2010

ALBERDI, Juan Bautista. *El Brasil ante la democracia de America – las disenciones de las republicas del Plata y las maquinaciones del Brasil*. Buenos Aires: Ed. ELE, 1946.

AMBROSETTI, Juan B. *Supersticiones y leyendas*. Buenos Aires, s/d

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BANDUCCI JUNIOR, Álvaro. **A natureza do pantaneiro –** Relações sociais e representação do mundo no Pantanal da Nhecolândia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: KUNSCH, Dimas. (Orgs.). **Esfera pública, redes e jornalismo**. São Paulo: E-papers, 2009, p. 286-298.

BIRD, S. Elizabeth, DARDENNE, Robert. W. Mito, registro e “estórias”: Explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

BONALUME NETO, Ricardo. Tríplice desafio. In: **A Guerra do Paraguai: Origens do conflito que sacudiu o continente**. Revista Nossa História. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, ano 2 nº 13, novembro de 2004, p. 27.

BOSIO, Beatriz González de. *Periodismo escrito paraguayo 1845-2001. De la afición a la profesión*. Asunción: Intercontinental Editora, 2001.

CÂMARA. Ricardo. Pieretti. **Os causos: uma poética pantaneira**. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Letras (FFCHL) São Paulo, USP, 2007, 393 p.

CARNEIRO, Edison. **A dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CARVALHO, José Jorge de. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. In: **Seminário Folclore e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: Funarte. 1992.

CARVALHO NETO, Paulo de. *Folklore del Paraguay* – sistemática analítica. Asunción: Editorial El Lector, 1997.

_____. *Diccionario de Teoría Folklórica*. Guatemala Editorial Universitaria, Universidad San Carlos de Guatemala, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1984.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHÁVEZ-HERNÁNDEZ, Benito. *Tesoros ocultos*. México: Amate Editorial, 1999.

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio americano: A Guerra do Paraguai**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CRICHIGNO, Juan. *Diarios del Paraguay*. Asunción: Edição do Autor, 2010.

COLOMBRES, Adolfo. *Seres mitológicos argentinos*. Buenos Aires: Colihue, 2008. 320 p.

COMAN, M. *Cultural anthropology and mass media: a processual approach*. In: ROTHENBUHLER, E. W.; COMAN, M. (orgs.). *Media anthropology*. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 46-55.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**. Salvador: CNF, 1995.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *L'imaginaire: Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994. Tradução: José Carlos de Paula Carvalho. Acesso em 11 abr. 2012. Disponível em http://www.marculus.net/textos/O%20Imaginario_%20G_Durand_traducao.pdf

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala**. Brasília: UNB, 1963.

FRIAS, Lena. Mídia e folclore - uma relação de conflito. in: FERRETTI, Mundicarmo (orgs.) **Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore**. Recife: Comissão Nacional de Folclore; São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2004. p. 66-72

FUNDACION CULTURA REPUBLICANA. *Mensajes de Carlos Antonio López*. Fundación Cultura Republicana, Asunción, 1987.

GASPAR, Lúcia. **Sebastianismo no Nordeste brasileiro**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Publicado em: 20 Nov. 2006. Acesso em: 04 Jun. 2013. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>.

GONZALEZ TORRES, Dionísio. *Folklore del Paraguay*. Asunción: Editora Litocolor SRL, 1995.

GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. **Comunicação, cultura e mídia**: o mito do Unhudo da Pedra Branca. 2005. 221 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2005. Disponível em

http://www4.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/tamara.pdf. Acesso em 01 Jan. 2013.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HURLEY, Gerard T. *Buried treasure tales in America*. in: *Western Folklore*, Vol. 10, No 3. (Jun, 1951). p. 197-216

KAPLAN, Richard. *The origins of objectivity in American journalism*. In: ALLAN, Stuart (Org.) **The Routledge Companion to News and Journalism**. New York: Routledge, 2010. p. 25 – 37

KEATING, Peter. **The Haunted Study: A Social History of the English Novel 1875–1914**. London: Fontana Press, 1991.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LÓSSIO, Rúbia. **Lendas: processo de Folkcomunicação**. Conferência Nacional de Folkcomunicação (Folkcom), 2003. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/bb/CTA3_-_Rubia_Lossio.pdf. Acesso em 04 de jun. 2013.

LULE, Jack. **Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism**. New York: Guilford Press, 2001.

MAESTRI, Mário. A guerra contra o Paraguai: História e Historiografia - Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. In: *Estudios Históricos*. Rivera (Uruguai). Nº 2, Pag. 1-29, ago. 2009.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. Mídia cultura e tecnologia. no. 15, ago. 2001. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.74-81.

MAIA, Flávia Dourado. **O jornalismo entre o efêmero e o eterno: Imaginário e Natureza na Globo Rural (1985-2010)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia - Jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2a ed., São Paulo: Ática, 1989.

MARÇOLLA, Rosângela. **Histórias de tradição oral: matéria-prima do jornalismo**. 2007. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcolla-rosangela-historias-tradicao-oral.pdf>. Acesso em 01 Jan. 2013.

MARQUES DE MELO, José. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. *In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (orgs). **Jornalismo e acontecimento***. Florianópolis : Insular, 2010.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008, 116p.

_____. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. (org.) **Novo pacto da ciência - A crise dos paradigmas, 1º Seminário transdisciplinar - Anais**. São Paulo: ECA/USP, 1991.

MEGGIOLARO, Márcia. **Entierros do Paraguai: Suas lendas e mistérios**. *In: ARCA - Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande*. Campo Grande. Nº 4, Pag 77-78, dez. 1993.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Grande Plano, 1997.

MORÍNIGO, J. M.; BRÍTEZ, E. **La construcción de la opinión pública en el Paraguay**. Asunción: PROMUR-GES, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do fantástico: Jogos de linguagem na comunicação jornalística**. São Leopoldo: Editora

Unisinos, 2006.

_____. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, RS, n. 19, p. 65-80, set./dez. 2002.

MUNICIPALIDAD DE ASUNCIÓN, *Subió a escena en el municipal "Plata Yvyguy Rekavo"*. **Municipalidad de Asunción**. Asunción, PY, 23 Mar. 2007. Disponível em: www.mca.gov.py/noticias/210307_1.htm. Acesso em: 23 Out. 2012

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2004.

ORUÉ POZZO, Aníbal. **Comunicación, medios y ciudadanía: Introducción al pensamiento comunicacional en Paraguay**. Asunción: Arandurã, 2012

_____. **Periodismo y nación – Paraguay a inicios del siglo XX**. Asunción: Arandurã, 2008

_____. **Periodismo en Paraguay: Estudios e interpretaciones**. Asunción: Arandurã, 2007

_____. **Oralidad y escritura en Paraguay**. Asunción: Arandurã, 2002.

PAINE, Ralph D. **The book of buried treasure**. London: William Heinemann, 1911

PHILLIPS, E. Barbara. Novelty without change. In: **Journal of Communication**, Vol. 26, No. 4, p. 87-92. Dez, 1976.

POMER, Leon. **A Guerra do Paraguai: A grande tragédia rioplatense**. São Paulo: Global, 1980

POWERS, Matthew J. Objectivity. in: STERLING, Christopher H (Orgs). **Encyclopedia of Journalism**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2009. 2551 p.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 31, 2003. p. 147-160.

ROCHA, Dorangélica de la. *La formación profesional del periodista*. Asunción: Intercontinental Editora, 2004

RODRIGO ALSINA, M. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal, 1989

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SCHILLER, Dan. **Objectivity and the News**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

_____. Porque é que as notícias são como são. In: Comunicação e Linguagens, vol8. P. 17-27. Lisboa, 1988.

_____. *News as stories*. In: ROTHENBUHLER, Eric W.; COMAN, Mihai (Eds.). *Media anthropology*. Thousand Oaks: Sage, 2005. pg. 121-128.

SHOEMAKER, Pamela J; REESE, Stephen D. **Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content**, New York: Longman, 1996

SILVA LEITE, Mário César. **Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal**. Cuiabá: Catedral Unicen Publicações, 2003.

SILVA, Gislene. Imaginário coletivo: Estudos do sensível na teoria do jornalismo. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, RS. Vol. 17, n. 3, p. 244-252, set./dez. 2010.

_____. **O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos**. Florianópolis: Insular, 2009.

_____. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano VI, no. 2. Jul/dez 2009.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVEIRA, Mauro César; DOURADO, Leonardo. **Vestígios da guerra grande**. Campo Grande: UFMS, 6 fitas de vídeo Betamax (110 min).

SIMON, Victor. **La enseñanza universitaria de periodismo en el Paraguay**. Asunción: LA VOZ, 1973.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

_____. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: Além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009

_____. **As ideias e seus lugares: objetividade em jornalismo no Brasil e na Alemanha**. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 2004. Disponível em <http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2004-2%20144-165%20liriam.pdf>. Acesso em 01 jan. 2013.

SUMPTER, Randall S. *News Value*. in: STERLING, Christopher H (Orgs). **Encyclopedia of Journalism**. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 2009. 2551 p.

SUSCA, Vincenzo. **Nos limites do imaginário: o governador Schwarzenegger e os telepopulistas**. Porto Alegre: Sulinas, 2007

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Vol. 1**. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. *News and Myth*. in: STERLING, Christopher H (Orgs). **Encyclopedia of Journalism**. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 2009. 2551 p.

TICIO, Escobar. *Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay*. Asunción: Servilibros, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TUCHMAN, Gaye. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1978.

TUÑÓN, Amparo. *El acontecimiento cultural y la construcción de mitos*. In: *Anàlisi – Quaderns de Comunicació i Cultura*. N. 13, 1990. P. 27-41. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/analisi/02112175n13p27.pdf>.

VAUGHN, Stephen L. *Encyclopedia of American Journalism* (Orgs). New York: Routledge, 2007.

VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Breve historia de la cultura en el Paraguay*. Asunción: Servi Libro, 2011.

VILLANUEVA, Ernesto. *Deontología informativa - Códigos deontológicos de la prensa escrita en el mundo*. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana y Pontificia Universidad Javeriana, 1999.

SIMON, Victor. *La enseñanza universitaria de periodismo en el Paraguay*. Asunción: LA VOZ, 1973

SPONHOLZ, Liriam. *As ideias e seus lugares - Objetividade em jornalismo no Brasil e na Alemanha*. Comunicação & Política, Rio de Janeiro, v. XI, p. 144-165, 2004.

_____. *Jornalismo, Conhecimento e Objetividade: Além do Espelho e das Construções*. Florianópolis: Insular, 2009.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MATERIAL DE ANÁLISE

ABC COLOR. *El nuevo tesoro de Colla*. ABC Color, Asunción – PY, 19 Ago. 2012i. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion->

[impresas/suplementos/abc-revista/el-nuevo-tesoro-de-collar-438747.html](http://www.abc.com.py/impresas/suplementos/abc-revista/el-nuevo-tesoro-de-collar-438747.html)

. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *La joya del Manduvirá*. **ABC Color**, Asunción – PY, 05 Ago. 2012h. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresas/suplementos/abc-revista/la-joya-del-manduvira-433748.html>.

Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Hasta hermano de Lugo pidió buscar “plata yvyguy” en viejas estaciones*. **ABC Color**, Asunción – PY, 12 Jul. 2012g. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresas/economia/hasta-hermano-de-lugo-pidio-buscar-plata-yvyguy-en-viejas-estaciones-425225.html>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Dos hombres caen a un pozo por buscar plata yvyguy*. **ABC Color**, Asunción – PY, 10 Jul. 2012f. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nacionales/dos-hombres-caen-a-un-pozo-por-buscar-plata-yvyguy-en-luque-424633.html> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Fiesta de San Juan frente al Cabildo*. **ABC Color**, Asunción – PY, 08 Jul. 2012e. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresas/artes-espectaculos/fiesta-de-san-juan-frente-al-cabildo-423615.html> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Inician rodaje de "Overava"*. **ABC Color**, Asunción – PY, 20 Mar. 2012d. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresas/espectaculos/inician-rodaje-de-overava-381408.html>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Plata yvyguy rekávo*. **ABC Color**, Asunción – PY, 12 Fev. 2012c. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/plata-yvyguy-rekavo/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Pozo era para “plata yvyguy”*. **ABC Color**, Asunción – PY, 31 Jan. 2012b. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/pozo-era-para-plata-yvyguy/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Grandes misterios sin resolver*. **ABC Color**, Asunción – PY, 28 Jan. 2012a. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/grandes-misterios-sin-resolver/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Las noticias más resaltantes del 2011*. **ABC Color**, Asunción – PY, 30 Dez. 2011n. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/el-gran-actor-comico-rafael-rojas-doria-cumplio-sus-80-anos/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *El gran actor cómico Rafael Rojas Doria cumplió sus 80 años*. **ABC Color**, Asunción – PY, 30 Out. 2011m. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/el-gran-actor-comico-rafael-rojas-doria-cumplio-sus-80-anos/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Galería de creadores paraguayos*. **ABC Color**, Asunción – PY, 25 Out. 2011l. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/galeria-de-creadores-paraguayos-2304/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Robo de piezas del museo de Santaní quedaría en el folclórico “oparei”*. **ABC Digital**, Asunción – PY, 21 Set. 2011k. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/robo-de-piezas-del-museo-de-santani-queraria-en-el-folclorico-oparei/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Oratorio de Olivares*. **ABC Color**, Asunción – PY, 28 Ago. 2011j. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/oratorio-de-olivares/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Denuncian el robo de patrimonios históricos del museo de Santaní*. **ABC Color**, Asunción – PY, 23 Ago. 2011i. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/denuncian-el-robo-de-patrimonios-historicos-del-museo-de-santani/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Camilo, Larissa y el default*. **ABC Color**, Asunción – PY, 7 Ago. 2011h. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/camilo-larissa-y-el-default/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Excedentes Rekávo*. **ABC Color**, Asunción – PY, 17 Jul. 2011g. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/excedentes-rekavo/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Rojas Doria de gira con “Al Rojas vivo”*. **ABC Color**, Asunción – PY, 04 Jul. 2011f. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/rojas-doria-de-gira-con-al-rojas-vivo/> .

Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *El dueño del circo*. **ABC Color**, Asunción – PY, 27 Feb. 2011e. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/el-dueno-del-circo/>

. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Mitos y verdades sobre el paraguayo*. **ABC Color**, Asunción – PY, 14 Feb. 2011d. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/mitos-y-verdades-sobre-el-paraguayo/> .

Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Plata Yvyguy, la gran distracción nacional*. **ABC Color**, Asunción – PY, 14 Feb. 2011c. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/plata-yvyguy-la-gran-distraccion-nacional/>

. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Comisión ecológica denuncia abandono de ex estación de ferrocarril de Ypacaraí*. **ABC Color**, Asunción – PY, 13 Feb. 2011b. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/comision-ecologica-denuncia-abandono-de-ex-estacion-de-ferrocarril-de-ypacarai/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Excavación era un pozo para buscar agua, dicen*. **ABC Color**, Asunción – PY, 24 jan. 2011a. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/excavacion-era-un-pozo-para-buscar-agua-dicen/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Tres hombres quedan enterrados en Capiatá mientras cavaban un pozo*. **ABC Color**, Asunción – PY, 26 Dez. 2010k. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/tres-hombres-quedan-enterrados-en-capiata-mientras-cavaban-un-pozo/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Harán un “homenaje en vida” al gran actor cómico Luis D’Oliveira*. **ABC Color**, Asunción – PY, 25 Out. 2010j. Disponível em:

<http://www.abc.com.py/nota/haran-un-homenaje-en-vida-al-gran-actor-comico-luis-doliveira/> . Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Antecedentes son nefastos*. **ABC Color**, Asunción – PY, 09 Ago. 2010i. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/164985-antecedentes-son-nefastos/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Un buscador de “plata yvyguy” muere sepultado*. **ABC Color**, Asunción – PY, 12 Mai. 2010h. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/117308-un-buscador-de-plata-yvyguy-muere-sepultado/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Hasta buscadores de “plata yvyguy” depredan el patrimonio ferroviario*. **ABC Color**, Asunción – PY, 24 Abr. 2010g. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/108165-hasta-buscadores-de-plata-yvyguy-depredan-el-patrimonio-ferroviario/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *“Soy una enamorada del teatro”*. **ABC Color**, Asunción – PY, 23 Abr. 2010f. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/107630-soy-una-enamorada-del-teatro/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Falleció Carlos Martínez Gamba, gloria de la literatura en guaraní*. **ABC Color**, Asunción – PY, 21 Abr. 2010e. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/106580-fallecio-carlos-martinez-gamba-gloria-de-la-literatura-en-guarani/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Martínez Gamba se encuentra grave*. **ABC Color**, Asunción – PY, 19 Abr. 2010d. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/105478-martinez-gamba-se-encuentra-grave/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Estaciones del ferrocarril son usadas para bares y viviendas de particulares*. **ABC Color**, Asunción – PY, 13 Abr. 2010c. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/102566-estaciones-del-ferrocarril-son-usadas-para-bares-y-viviendas-de-particulares/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Enrique Collar denuncia la destrucción de sus obras*. **ABC Color**, Asunción – PY, 16 Mar. 2010b. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/89608-enrique-collar-denuncia-la-destruccion-de-sus-obras/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Plata yvyguy y las inversiones de la SA de ministro*. **ABC Color**, Asunción – PY, 08 Mar. 2010a. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/85369-plata-yvyguy-y-las-inversiones-de-la-sa-de-ministro/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Fiscalía allana vivienda donde cavaron pozo de 30 metros*. **ABC Color**, Asunción – PY, 06 Nov. 2009f. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/43335-fiscalia-allana-vivienda-donde-cavaron-pozo-de-30-metros/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Hallan elementos para buscar metales en fosa de Ñemby*. **ABC Color**, Asunción – PY, 06 Nov. 2009e. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/43350-hallan-elementos-para-buscar-metales-en-fosa-de-nemby/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Falsa denuncia movilizó a policías y fiscales en Ñemby*. **ABC Color**, Asunción – PY, 06 Nov. 2009d. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/politica/falsa-denuncia-movilizo-a-policias-y-fiscales-en-nemby-38073.html>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Hallan pozo, municiones y documentos en un terreno en litigio en Itauguá*. **ABC Color**, Asunción – PY, 05 Nov. 2009c. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/42873-hallan-pozo-municiones-y-documentos-en-un-terreno-en-litigio-en-itaugua/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Buscan tesoro en estación de tren*. **ABC Color**, Asunción – PY, 24 Set. 2009b. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/27789-buscan-tesoro-en-estacion-de-tren/>. Acesso em: 23 Out. 2012

_____. *Comedias en salas de teatro asuncenas*. **ABC Color**, Asunción – PY, 06 Ago. 2009a. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/11110-comedias-en-salas-de-teatro-asuncenas/>. Acesso em: 23 Out. 2012

APÊNDICE A – Entrevista com Javier Yubi

Javier Yubi é repórter especial do *ABC Color* e memorialista paraguaio, autor da *Colección Javier Yubi*, que inclui livros como *La Guerra Grandes - Imágenes de una Epopeya* e *Asunción Siglo XIX*. Entrevista gravada em Assunção, PY, em 14 jan. 2013.

Javier: Esta tradição (dos tesouros enterrados) vem de muito longe. Vou começar a te explicar o porquê de *plata vygyuy* ser tão forte no Paraguai, e porque a imprensa, os meios escritos ou os jornalistas, como eu, quando tratam de *plata vygyuy*, o fazem como algo de convivência, algo normal, algo que não nos surpreende. Não é algo fantasioso, mas que está ligado a nossa maneira de viver o dia-a-dia. E por que razão? Bom, quando em tempos coloniais os jesuítas vieram para colonizar as famosas *reducciones* de indígenas, que habitavam esta parte que mais tarde se tornaria o Paraguai... No atual território paraguaio havia oito destes lugares. Foram os primeiros. Os primeiros povoados jesuítas se fundaram aqui. E nessa época, já com os jesuítas, um pouco depois chegaram também os conquistadores. Os conquistadores chegam em busca de ouro... Do tesouro dos índios, dos habitantes primitivos. Eles acreditavam que encontrariam ouro por todos os lados, ouro que efetivamente havia na região do Peru, da Colômbia, da Bolívia... Mas no Paraguai quase não. Então, na época em que os jesuítas vieram se falava muito do famoso *El Dorado*... O *El Dorado* onde supostamente toda cidade era feita de ouro. Nunca foi encontrado. E os jesuítas foram para o interior, para os bosques, e fundaram as *reducciones* de indígenas, e começaram a construir e montar suas edificações. Entre os indígenas, corre a versão de que os jesuítas estavam na verdade a procura de ouro, e para buscar o ouro usavam a desculpa de evangelizar e de querer levar melhores condições de vida aos indígenas. Que os jesuítas usavam santos, imagens sacras, em madeira, e que guardavam ouro dentro. E que inclusive enviavam estes santos à Europa.

Andriolli: Escondidos?

J: Sim, escondidos. Isso foi há muito tempo atrás; em 1609 surge a primeira *reducción*, a de *San Ignacio Guazú*, no Paraguai. Então se inicia a questão do ouro e de *plata vygyuy*... Esta... Esta lenda do ouro. Porque *plata vygyuy* é na verdade ouro. As pessoas buscam o ouro, o tesouro enterrado. Isto é *plata vygyuy*, não é “*plata*” do metal “prata”. Então, já neste tempo circulava esta versão. Neste tempo se forma a

famosa lenda dos tesouros escondidos em imagens ou em paredes de construções.

A: Porque guardavam os tesouros nas paredes das construções?

J: Não guardavam. É a crença. Efetivamente nunca foi comprovado que tenham guardado, mas as pessoas acreditam que sim. Esta crença cresce, cresce, cresce... Chega o século XIX e a Guerra da Tríplice Aliança. Com a Guerra da Tríplice Aliança ocorrem êxodos, e neste tempo, nesta parte, circulavam também as libras esterlinas. As moedas de ouro da Inglaterra. Unidades europeias que circulavam por aqui. Chega a Guerra dos '70 e acontece o êxodo. Gente que tem que deixar a cidade...

A: Fogem da guerra, fogem da fronteira...

J: Fogem da Guerra, mas fogem temporariamente. Veja por exemplo Assunção, cuja evacuação se deu em janeiro de 1869. Acredita-se que muita gente, sabendo que iria fugir não se sabe para onde, enterrou em sua casa todos os seus objetos de valor.

A: Para que pudessem busca-los de volta...

J: Claro. Artigos de ouro e prata, tudo o que tinham foi supostamente enterrado. Além disso, há a famosa lenda de que o Marechal levava ouro em carretas por todos os lados. Então o que acontece? Acontece a Guerra, muita gente vai e nunca mais volta para casa. Depois disso, se recuperam as populações e as pessoas... Veja bem, não há documentação, mas se transmite que nas localidades que estiveram envolvidas com a Guerra, pode haver *plata yvyguy*, os tesouros enterrados. E assim começa a busca. Buscam por todos os lados. E o que acontece? Mesmo no auge de *plata yvyguy*, porque até hoje há pessoas que buscam *plata yvyguy*, eu até hoje não encontrei ninguém que encontrou. Só os que dizem ter encontrado.

A: Essa é uma situação interessante, porque alguns amigos que moram no Paraguai me disseram conhecer pessoas que encontraram *plata yvyguy*, ainda que isso nunca tenha sido documentado. Por sua vez, na imprensa, analisando o ABC de 2009 até 2012, todas as histórias relatadas são histórias de fracasso...

J: Por isso te digo. Ninguém encontrou. Isso é *plata yvyguy*. Isso inclusive que é a ambição pela busca de *plata yvyguy*, que faz com que desrespeitem até mesmo elementos sacros. O Paraguai sempre foi uma

sociedade muito católica, mas depois da guerra dos 70 as pessoas começaram, nos *pueblos* jesuíticos, a cortar a cabeça dos santos. Começam a partir os santos, porque achavam muito pesados os santos talhados em madeira. Achavam que deveria haver ouro em seu interior. Aqui há igrejas que correm o risco de desabar, pois cavaram suas fundações até o cimento para buscar tesouros. Porque existe uma máquina que faz “pipipipi”, e então onde há construções antigas, pátios antigos, casas antigas, as pessoas alucinam que pode haver *plata yvyguy*. Aqui destruíram monumentos, edificações históricas importantes...

A: A estação de Ybytymí, por exemplo...

J: Sim, em Ybytymí cavaram por todos os lados e nada encontraram. Por quê? Porque a máquina soa onde há metais, não porque há *plata yvyguy*. Também buscam em relação à *plata yvyguy*... Sai na imprensa que os buscadores constantemente destroem restos arqueológicos. Os indígenas antigamente eram enterrados em urnas funerárias de cerâmica. Quando as pessoas encontram um destes potes, acreditam que seja *plata yvyguy*, pois creem que quem fugiu da Guerra escondeu seus tesouros em potes de cerâmica. Então quando encontram potes enterrados, rompem todos, desesperados por *plata yvyguy*. Nunca se encontrou e nunca se viu. Às vezes dizem que uma pessoa encontrou *plata yvyguy*, ficou rico e sumiu. Mas nada comprovadamente é verdade. Por isso te digo como jornalista que trabalhou muito com este tema; efetivamente nunca entrevistei alguém que tenha encontrado ou que tenha me mostrado nada. Na área de museus, que também é o meu forte, nunca encontrei um objeto de *plata yvyguy*. Mas supostamente há gente que encontrou. Inclusive a lenda diz que há muita gente que ficou cega, pois ao abrir o pote sai um gás que lhes afeta os olhos. Tão pouco encontrei algum cego.

A: Dizem também que se você não tem coração puro, não vai encontrar o tesouro...

J: Sim! Também dizem que de repente, há um fenômeno químico que faz com que um fogo apareça em pleno ar. As pessoas cavam pensando que lá vão encontrar alguma coisa e nada encontram.

A: Na minha pesquisa encontrei várias versões sobre *plata yvyguy*. O tesouro se manifestaria a partir de espíritos, sonhos ou até a presença de animais estranhos. Na imprensa, no entanto, não aparecem estas versões. Aparece somente que houve a busca por *plata yvyguy*, e esta busca é muitas vezes apresentada como um

problema social. Como, mesmo duvidando tanto da existência dos tesouros enterrados, você escreve uma matéria séria sobre *plata yvyguy*?

J: Bem... Geralmente os jornalistas não acreditam em *Plata Yvyguy*, mas nós temos que refletir a história da maneira mais concreta possível. Em casos, por exemplo, de matérias sobre patrimônio, como no caso de Ybytymí, a denúncia é de que os buscadores de *plata*, como delinquentes, comprometeram todo este patrimônio em busca de um tesouro que não vão encontrar. Que o jornalista, através da apuração, sabe que não vão encontrar. No entanto, há uma obsessão coletiva. Eu conheço muita gente que busca, que compra as máquinas que supostamente detectam tesouros. Outro lugar onde se busca muito é em Ñeembucú, onde transcorreu a Guerra da Tríplice Aliança. Lá foram encontradas muitas libras esterlinas, mas não *plata yvyguy*. São moedas perdidas que foram pagas a algum soldado que morreu e então, depois de 100, 120, 130 anos, alguém vai e encontra. Então, efetivamente, consta que nos campos de batalha há pessoas que encontram libras esterlinas ou mesmo anéis de mulher. Mas isso não equivale a *plata yvyguy*, pois não foram enterros. Talvez tenha havido uma fuga, houve um enfrentamento, morreu muita gente, e isso ficou por muito tempo ali, pois são zonas muito desabitadas e cheias de árvores.

A: Na matéria sobre Ybytymí, você caracteriza os caçadores de tesouros como vândalos, e critica a ação deles frente à destruição do patrimônio público. Mas notei que em momento algum a própria lenda de *plata yvyguy* é confrontada.

J: Não, não se discute a lenda, porque é impossível abordar a lenda em si quando ela é muito secundária na matéria. Na matéria a lenda resultou-se em secundária, pois não há forma de explicar a lenda. Porque a lenda, em si, as pessoas daqui já conhecem. O que podemos fazer é falar de casos em que a pessoa buscou um tesouro, mas que nós, pela apuração, sabemos que não existia. Então como *plata yvyguy* já está no inconsciente do leitor, é algo que não se confronta. Não se busca explicar o que é isso.

A: Pensa então que é uma situação muito particular de Paraguai? Digo isso, pois no Brasil são comuns matérias que falam sobre mitos e lendas serem pejorativas contra as pessoas que acreditam neles.

J: Não escrevemos para ridicularizar, mas sim para desacreditar. Desacreditamos a possibilidade de encontrarem alguma coisa. O que

apresentamos no caso concreto de Ybytymí, que você leu, foi que baseado nessa lenda as pessoas cometeram um grande dano ao patrimônio histórico. Então é sobre como uma ilusão faz este grande percurso. Agora, esta ilusão você pode tê-la livremente, desde que... É um mito, uma lenda que está muito arraigada no Paraguai, mas que causou sim muitos danos, muito prejuízo, pois o povo, em seu imaginário coletivo, crê nisso.

A: O que me chama a atenção é como a busca por tesouros não fascina apenas crianças. Mesmo adultos, quando se veem em uma situação complicada desejam encontrar *plata yvyguy* para que possam sair desta situação. Acontece isso na matéria *El Dueño de Circo*, do ABC. O entrevistado diz que rezava a Deus para encontrar *plata yvyguy* e nunca mais passar fome na vida.

J: É seguramente algo que não nos surpreende que durante uma entrevista alguém possa dizer isso. No entanto, é interessante e chama atenção como as pessoas acreditam que vão encontrar *plata yvyguy*, mas que não vão encontrar um pequeno tesouro. Pensam que vão encontrar um tesouro que vai solucionar sua vida. Pensam em encontrar um pacote cheio de moedas, que vai valer muitíssimo, e que vai solucionar seus problemas. É uma fantasia tremenda, pois se todos tivessem tanto dinheiro assim para enterrar, isso indicaria uma sociedade extremamente desenvolvida. E a sociedade paraguaia não era, era normal! Era inclusive pobre, pouca gente rica. O mesmo acontece com as famosas carretas de López. Muita gente diz que em algum momento vai aparecer a carreta de López cheia de ouro. E em nenhum inventário oficial, em nenhuma circunstância, se descreveu que havia uma carreta com ouro. Mas o povo fala em sete carretas. Sete carretas de ouro que foram enterradas em algum lugar. Estão em algum lugar enterradas. Também falam em casa abandonadas. Quando as propriedades são muito lindas... Há uma casa abandonada em Arroyos y Esteros que é uma área onde viveu um europeu, então é uma casa muito importante, e para a época muito linda porque foi decorada com pinturas e murais por dentro. Espalhou-se que era a casa de Madame Lynch e imediatamente começaram a buscar tesouro em todo o arredor. Se as histórias incluem o Marechal López ou Madame Lynch a uma propriedade ou algo que teria sido deles, imediatamente já relacionam com *plata yvyguy*. As pessoas quebraram as paredes, romperam o cimento, abriram o telhado para invadir durante a noite. Um lugar muito alto, e muito perigoso, inclusive para sua integridade. Poderiam cair, ou ser atacados por algum animal ou inseto, mas fazem isso em busca do famoso *plata yvyguy*. E

nós temos que privilegiar isso. À parte da lenda, e à parte do pitoresco que rodeie a história. E então nós registramos isso. No caso desta propriedade que escrevi, uma propriedade bem decorada, de muito bom gosto, e que não tem nada de *plata yvyguy*, nunca se encontrou. Mas dizem que aquele que mover as pedras, pedras naturais que estão ali... Aquele que mover as pedras vai poder sacar *plata yvyguy*. E isso está detalhado no texto.

A: De agosto de 2009 a agosto de 2012, encontrei 40 matérias que falam de *plata yvyguy*. São mais de uma por mês, fazendo uma média, somente no ABC. Pensa que a presença tão frequente destas matérias no jornalismo paraguaio contribui para que esta lenda permaneça no imaginário das pessoas.

J: Sim. Creio que sim, porque alimenta a fantasia do povo. Porque se as pessoas estão procurando tesouros, elas negam que estejam fazendo isso porque não querem que todo mundo saiba. Além disso, há aqui uma obra teatral muito importante que creio que ainda está em cartaz, que é *Plata Yvyguy Rekávo*. Então, até obras teatrais... *Plata Yvyguy* está inserido na cultura local. Não são somente pessoas comuns que vão buscar, pois há toda uma estrutura, intangível, obviamente, que faz com que isso perdure e se mantenha. E desperte a curiosidade. Porque creio que muita gente tem sua curiosidade despertada. Aqui também nos diários, você deve ter se dado conta, que oferecem nos classificados máquinas de encontrar ouro. Pode procurar por “*plata yvyguy*” ou “busca de tesouros”, talvez. “Máquina de detectar metais” aparece também. Isso também faz com que mais pessoas acreditem, comecem a cavar, cavar daqui, cavar dali. Pensam que há ouro por todo lado, mas como eu te disse, de concreto, como comunicador social em todo esse tempo, jamais vi resultado positivo nisso. Para mim é uma lenda.

A: *Plata Yvyguy* é um termo em Guaraní, certo?

J: É uma mescla, porque a palavra *plata* é espanhola. *Plata Yvyguy* é tesouro embaixo da terra.

A: Tenho a impressão de que o Guaraní não está muito presente na imprensa. Em sua maioria os jornais escrevem em espanhol...

J: Exato, mas há palavras clássicas que nós não traduzimos. Geralmente é uma palavra só em guaraní e nós, quando queremos que

seja compreendida, sempre traduzimos. Mas *plata yvyguy* já não se traduz. É tão conhecida, que não é necessário.

A: Fiz uma avaliação e vi que ABC sempre escreve *plata yvyguy*. O *Ultima Hora* às vezes escreve *plata yvyvy*, às vezes *tesoro bajo tierra*. O *Crónica* também varia... Houve algum direcionamento editorial para a escolha destas palavras que serão sempre escritas em guarani?

J: Não. Ao menos no que diz respeito a mim, e em quase 20 anos de casa, nunca recebi nenhuma instrução de que deveria escrever assim ou não. Fica diretamente a critério do jornalista. No meu caso não traduzo porque é uma palavra tão conhecida que mesmo aquele que não fala guarani vai saber o que é.

A: Houve em algum momento alguma orientação específica sobre como abordar matérias que falam de *plata yvyguy*?

J: Não, fica a critério do jornalista. E geralmente *plata yvyguy* se aborda quando há algum problema. Milhares de pessoas estão buscando *plata yvyguy* todos os dias. Aborda-se quando de repente a pessoa caiu e morreu buscando *plata yvyguy*, derrubou um edifício buscando *plata yvyguy*. Isso é notícia. Geralmente a notícia de *plata yvyguy* está relacionada a alguma denúncia, queixa ou problema.

A: Pensa então que o jornal pode escrever sobre a lenda quando ela não é o fato principal? O fato seria a morte, a destruição de patrimônio, o acidente...

J: Sim. Ao menos não me lembro de uma notícia que fale de *plata yvyguy* sem que seja assim...

A: Houve um artigo de opinião e uma entrevista com o pesquisador Carlos Villagra Marsal que tratam de *plata yvyguy* pelo seu valor imaginário, discutem-na como lenda mesmo. Mas são praticamente apenas estes dois exemplos nestes três anos que analisei. As outras 40 matérias estão divididas em quase todas as outras editoriais do site, exceto esportes. Está tão pulverizado...

J: Que entra em qualquer ambiente, o tema *plata yvyguy*. Entra em história, cultura, na informação do dia a dia. Pode se relacionar com qualquer editoria. Pode ser uma leitura de entretenimento, uma leitura cultural, policial. Está inserida na cultura, como eu disse, mesmo em peças teatrais. Penso que pode haver mesmo livros sobre isso. Creio que sim. Pois, como eu te disse, está no imaginário coletivo do paraguaio.

A: Quando ouviu falar de *plata yvyguy* pela primeira vez?

J: Muito criança... Muito criança, e no sentido de fábula. Porque diziam que tal personagem encontrou *plata yvyguy* e partiu. Nunca era uma história da pessoa que encontrou e comprou aqui esta mansão, ou esta casa muito linda, muito grande, e se tornou milionário. Não, sempre está ligado a algo intangível. Eu ouvia em guarani: “Dizem que este senhor saiu do povoado, ficou rico, dizem que encontrou *plata yvyguy* e partiu”.

A: Esta mesma história pode ser contada em qualquer localidade apenas trocando o personagem...

J: Sim, isso mesmo. Em qualquer lugar. Inclusive calculo que *plata yvyguy* pode servir para esconder certos delitos. Alguém que roubou algo, para explicar seu crescimento econômico, diz que encontrou *plata yvyguy*. Mas nunca se viu onde encontrou, o que encontrou... Principalmente no interior, aqui ninguém vai acreditar.

A: Interessante também que não são apenas campesinos ou interioranos que acreditam em *plata yvyguy*. Vi a notícia da escavação do parque Caballero em que o ministro da Corte Suprema, Victor Núñez, acompanhado de médicos, advogados e membros das forças armadas, buscaram tesouros enterrados. São pessoas de alta posição social.

J: Bem. Políticos, médicos, advogados e até mesmo padres, religiosos... Em um local chamado Limpio, que tem uma igreja muito antiga, o padre local colocou em risco a estrutura de todo o patrimônio cavando em busca de *plata yvyguy*. Ele, um religioso, uma pessoa que tem muitos estudos, estudos teológicos, até mesmo ele crê. E como te disse, patrimônios, objetos de arte sacra, muitos se perderam. Porque muita gente acreditava que ao parti-los, encontrariam ouro. Não é exatamente *plata yvyguy* mas é uma derivação da busca por tesouros.

A: Agora um pouco sobre o jornalismo. Conhece o trabalho jornalístico de outros países?

J: Conheço jornalistas. Gente do *O Globo*, no Brasil; do *Clarín*, do *Mercurio* do Chile.

A: E quando pensa no jornalismo feito por estes países, pensa que o jornalismo paraguaio está mais ligado ao jornalismo da América Latina ou inspirado no modelo dos estados unidos?

J: Mais latino penso eu, pois há muita informalidade. Um pouco, não muita. No sentido de que temos muitas licenças de não ser tão rígidos, tão severos. De não ter um editor tão rígido e que te confronte quanto ao que você escreve. Eu posso escrever, escrever, escrever e pronto. Publico. Não passa nada. É muito mais livre. Registrar tudo, ver suas fontes, muito formal. Tudo o que se diz tem que ser o mais aproximado, o mais documentado possível.

A: No jornalismo americano há uma necessidade de buscar a objetividade. Pensa que no Paraguai há essa valorização da objetividade, ou acha que valores como a liberdade de imprensa, tendo em vista os longos governos ditatoriais, são mais presentes?

J: É como você disse. Eu como jornalista posso escrever um artigo, cuidando um pouco das questões legais, mas posso escrever de acordo com meus critérios e isso não se discute. Mas nada se discute. Não sei se funciona assim no Brasil, mas temos aqui a reserva da fonte. Podemos proteger a fonte, e na pior das hipóteses dizer que não temos fonte. Mesmo em processos judiciais. Funciona também com uma carta branca para um pouco de relaxo, não por má fé. Mas com um pouco de informalidade. Não valorizamos exatamente a objetividade, a necessidade de confrontar os fatos, isto aqui com a outra parte. Às vezes sim, às vezes não.

Armando Rivarola é chefe de redação adjunto do *ABC Color*. Foi editor e tradutor para o espanhol do livro *The Paraguayan War - Causes and early conduct*, do historiador Thomas Whigham. Gravada em Assunção, PY, 15 jan. 2013.

Armando: Primeiramente, como eu já disse, estou a sua disposição, mas como editor conheço muito pouco sobre o tema da sua pesquisa, que é *plata yvyguy*...

Andriolli: Eu compreendo. Não se preocupe, vamos abordar aqui mais questões referentes ao ABC Color e ao jornalismo paraguaio do que os tesouros enterrados. Bom... Eu analisei as matérias que traziam *plata yvyguy* em seu corpo de texto ou título de agosto de 2009 a agosto de 2012. Encontrei 42 textos. No entanto, como compilei estas matérias da versão online do site, gostaria de ter certeza do que são editorias, suplementos, colunas... Por exemplo, até 2011 havia a editoria *Espectáculos* no website. Agora, no entanto, essa seção desapareceu e foi substituída por *ABC Revista*.

Ar: Sim, trocamos o formato no ano passado de nossa página na web, talvez por isso você esteja confuso. Antigamente o site copiava as mesmas editorias do diário em papel, e agora ele tem suas próprias editorias. Então é por isso. Não é que *Revista* seja necessariamente igual à *Espectáculos*, ela pode ir para qualquer seção do site. São sessões mais amplas, e que podem incluir matérias de outras editorias do impresso.

An: Todas as matérias publicadas na edição impressa estão online?

Ar: Tudo o que se publica na edição impressa está no website, em geral. Há poucas exceções. Mas nem tudo que se publica no site está no impresso. Porque o site do ABC tem uma dinâmica de imediatês, do dia a dia, de informação contínua e que não cabe no diário em papel. Ou às vezes o que fazemos é publicar algo no diário em papel e complementá-lo no site, há mais espaço para algum documento, alguma coisa assim.

An: Penso também que anteriormente havia o ABC Color e o ABC Digital. Mas agora me parecem que são uma coisa só...

Ar: Sim. Que bom que notou isso, pois esta é a nossa intenção. Queremos ser uma única marca, com todos os serviços jornalísticos que o ABC dispõe. É um processo em que, independente do formato, somos o ABC Color.

An: Matérias que falam de *plata yvyguy* estão presentes nas seguintes editoriais. Diga-me se alguma delas não é exatamente uma editoria, mas uma coluna ou suplemento: *espectáculos, semanales, interior, nacionales, policiales, locales, economia, judicial, política, opinión*.

Ar: Sim, são todas editoriais. Com uma diferença, em *opinión* entram também posts dos blogs dos colunistas do website. Textos que não se publicam no diário em papel. Mas geralmente os colunistas do diário em papel também escrevem para lá. Há pessoas que publicam suas colunas no website, mas que não necessariamente saem no impresso. É mais amplo, incluem políticos, cidadãos comuns que querem escrever... Acontece isso na seção “crônicas cidadãs”, por exemplo. A pessoa publica uma foto, um comentário... Algo está presente no impresso, não tudo.

An: O material publicado no website, excluindo obviamente as "crônicas cidadãs", são publicadas por jornalistas?

Ar: Não necessariamente, pois temos os blogs como eu te disse. Podem ser jornalistas também... Há jornalistas no ABC que tem seus blogs, mas não limitamos. O presidente da republica pode publicar no blog, um político, um congressista, uma pessoa do setor artístico ou algum profissional. Então no blog pode-se ter uma série de ocupações.

An: Uma coisa que percebi do jornalismo paraguaio é que ele é escrito principalmente em espanhol com algumas poucas palavras em guarani. Normalmente o significado destas palavras são explicados. Mas com *plata yvyguy* isso não acontece.

Ar: Sim, é um pouco arbitrário. Há mais palavras que são de uso tão comum que não se considera necessário explicar. Mas não é uma norma, depende um pouco do momento. O ABC é um diário espanhol, e o idioma lido no Paraguai é principalmente o espanhol. O guarani é mais um idioma oral. É uma língua que hoje tem uma academia, o guarani, que se ensina na escola, se aceita uma grafia nova, então agora se lê mais em guarani, mas não é massivo. Temos uma sessão em guarani no website chamada *Remiandu* que é somente em guarani. Onde se traduzem as notícias principais em guarani. Mas é muito pouco visitada. É mais algum estudioso, algum pesquisador, que encontra... Temos tradutores aqui que traduzem durante a noite.

An: Há alguma demanda editorial sobre como os repórteres devem abordar *plata yvyguy*?

Ar: Não. Especificamente não... Não... Ao que você se refere quando fala em demanda editorial?

An: Por exemplo, notei em meus anos de análise, que as matérias normalmente não confrontam a crença dos tesouros enterrados. Normalmente só abordam fatos como a morte de um buscador ou a destruição de patrimônio público, e caracterizam este fato como algo ruim.

Ar: Não é nenhuma exigência, se pode escrever de qualquer forma. Há pessoas que podem querer discutir o mito, outros que vão pela destruição do patrimônio, ou de pessoas que constroem grandes poços. E isso se reporta. *Plata yvyguy*, simplesmente, não é um grande tema para se reportar.

An: *Plata yvyguy* então encontra seu espaço no jornal quando está em segundo plano?

Ar: Claro. Em primeiro lugar está a denúncia, o acidente, a morte. Sim... Sim.

An: Em minha pesquisa, fazendo a média, encontrei mais de uma matéria publicada por mês no ABC que trata de *plata yvyguy*. É um número considerável. Pensa que essa frequência constante de matérias nos periódicos colabora para que o imaginário dos tesouros enterrados permaneça vivo?

Ar: É possível, é possível... É possível que sim. Mas na verdade não é preciso muito, pois este é um tema particular que esta muito no imaginário paraguaio. Muito no mito e na lenda do Paraguai. Isso está... Este tema em particular. Mas penso que sim, os diários insistem muito... ABC por exemplo é um diário que insiste muito nos temas. Insistem e abusam mesmo. Abusam de fazer campanha. Faz campanha de insistir, insistir, insistir sobre o tema. É nossa forma de fazer. Não nesse caso em particular, mas sim, é possível que sim.

An: Sabe se há no Paraguai alguma manifestação no imaginário tão forte quanto *plata yvyguy*?

Ar: Sim, sim, a cultura e a mitologia guarani é muito forte aqui. Então se fala muito dos personagens mitológicos, que tomam diferentes formas. Falam sério, falam de brincadeira. A sério se fala, por exemplo, do Pombero. O Pombero é como o lobisomem no Paraguai. Sempre as

peças... Não, não sempre, mas é comum que as pessoas se refiram ao Pombro. Ou se refiram ao Jacy Jaterê.

An: Mas estes mitos não estão na imprensa...

Ar: De repente podem estar também. Muitas vezes se menciona, e às vezes se toma uma coisa sensacionalista, ou em forma de brincadeira, para criticar ou para comparar a políticos.

An: Entendo. Mas essa é uma diferença que encontrei em *plata yvyguy*. ABC quando fala de *plata yvyguy*, o faz com seriedade. Não como brincadeira. Não é comum que seja uma piada.

Ar: Verdade...

An: Agora sobre o jornalismo. Quando pensa no tipo de jornalismo praticado no Paraguai, pensa que ele está mais ligado ao jornalismo de qual país?

Ar: Bem, nós temos uma influência muito grande do jornalismo argentino, por uma questão cultural e de idioma também, certo? Assiste-se muito à televisão por aqui, e os diários argentinos também são bastante procurados. Sabe-se o que está sendo dito na imprensa Argentina... Mas não sei de influência. Tem suas particularidades também. O guarani, por exemplo, é uma dessas diferenças. Tudo bem, no impresso você encontra poucas palavras, mas é só ligar a rádio, a TV, que você encontra uma entrevista em guarani. E geralmente não se traduz. Deixa-se assim. Muito menos na rádio, sobretudo no interior. É muito comum.

An: Que outras características pensa que são particulares ao jornalismo paraguaio?

Ar: Tem sua particularidade com o objeto da imprensa. Bem, nós saímos de uma ditadura há alguns anos, então aqui realmente há bastante liberdade. Não há censura direta a imprensa. Há obviamente pressões contra a imprensa, mas liberdade há. E os diários, principalmente o ABC, são muito vocais, expressam com muita força sua opinião. Tomam posições. ABC nunca foi um diário neutro, por exemplo. ABC sempre toma uma posição diante de um tema, e nem sempre são as posições mais populares. É muito frequente que vá contra uma opinião mais generalizada, geralmente do governo. Mas é uma imprensa bastante incisiva, bastante molesta e polêmica. Nós temos um público com uma opinião muito polêmica sobre os diferentes meios, eles opinam muito sobre os meios. Opinam muito sobre o ABC, qual a posição do

ABC, se o ABC está bem ou está mal. O criticam, o questionam, o acusam de ter certos interesses... Isso acontece muito nas redes sociais, agora, que são uma fonte, um termômetro de opinião que vem de um setor, por que... Porque a internet não tem grande penetração em toda a sociedade paraguaia. Mas por ali se vê as próprias discussões a favor e contra o que o ABC publica. Fazemos acompanhamento das redes sociais e temos um departamento especialmente para responder as questões das redes sociais.

An: Quanto à questão da objetividade. Pensa que ela é decisiva como um dos valores do jornalismo paraguaio?

Ar: Não. Penso que a objetividade é mito também. Não existe e nós, por exemplo... No ABC particularmente não... Não fazemos... Não... Não nos preocupamos com a objetividade. Nós, digamos, pretendemos ser independentes sim, no sentido em que não tratamos que nada nos diga o que temos que fazer ou o que pensar. Mas objetivo não. Como eu te disse, nesse momento, tomamos posição sobre quase todos os temas, e posições muito abertas, muito fortes. E... Às vezes, politicamente o ABC toma posições difíceis de rotular. Às vezes direita, às vezes não tanto. Mas se toma posição.

An: É correto dizer que o ABC é o jornal de maior leitura no Paraguai, ou os jornais populares e gratuitos também ocupam boa parcela dos leitores?

Ar: Não, o ABC é o diário líder em leitura e também em influência. Mas temos também grande concorrência, concorrência também do diário Última Hora. Também um diário bastante antigo, muito consolidado, que é nosso concorrente e está muito forte também no mercado. E também há muitos meios audiovisuais, rádios... Penso que a imprensa escrita, em termos quantitativos, em média, se calcula que circulam diariamente 100 mil periódicos numa publicação de 100 milhões. Mas é claro que não é só quem compra que lê o jornal, então podemos multiplicar este valor por algum número esse número de periódicos que circulam. Mas sim, os diários marcam a agenda no Paraguai, a agenda jornalística. Especialmente o ABC, mas não só o ABC. Os diários têm, digamos, esta particularidade. É muito importante o que publicam os diários. E geralmente, também, os outros meios tomam o que sai nos diários e apresentam em seus segmentos. Então geralmente são os diários que tem mais influência na opinião pública.

APÊNDICE C - Entrevista com Aníbal Orué Pozzo

Aníbal Orué Pozzo é docente do mestrado em Ciências da Comunicação da Faculdade de Filosofia da *Universidad Nacional de Asunción*. É autor de vários livros como *Oralidad y Escritura em Paraguay* (2002), *Periodismo en Paraguay* (2007) e *Periodismo y Nación – Paraguay a inicios del siglo XX* (2008). Gravada em Assunção, PY, 14 jan. 2013.

É preciso muito cuidado por que... O que pode ser mitologizado no caso brasileiro? Um mito real? A partir daí se constroem várias... Com relação ao acontecimento real... Que se tornam mitos. Mas um mito real. A questão de *plata yvyguy* é muito real no Paraguai. Por causa da guerra da tríplice aliança. Lopez e o exército paraguaio estavam fugindo, e ao levar seus tesouros, pensando que em algum momento poderiam voltar, os enterravam. Então há um fato real entre eles. Todos os mitos e lendas estão relacionados a fatos reais. Não é um problema de como tratam os meios, mas como a própria população constrói isso. Não se trata somente dos meios. Por exemplo... Tem que ter cuidado por que... Em ir por este caminho, por que... Porque em geral todos os mitos e lendas, exceto os que vêm do folclore popular ou da tradição guarani, que parte também se expressam no Brasil... No Mato Grosso há muito... É diferente, por exemplo, a lenda que você trabalha do Jacy Jaterê... Aquele que aparece durante a *seita*... A *siesta*, e se encarrega de... Tratar de levar as pessoas para a montanha. Ou no caso do Kurupi, que é uma pessoa que tem um pênis enorme que carrega enrolado na cintura. Isso os meios também tratam, mas tratam de uma forma diferente... Do que *plata yvyguy*. Porque isso está caracterizado como mitos e lendas que vem de uma determinada tradição. No caso, *plata yvyguy* tem sua origem em um fato real. Os mitos que se constroem sobre isso são diferentes dos outros. No caso brasileiro, se pensarmos em Canudos e em Conselheiro por livros que temos tanto de... Euclides da Cunha quanto de Vargas Llosa. Ambos tratam por visões diferentes, mas são mitos reais. A... A mitologização do ser humano. E com *plata yvyguy* os fenômenos são muitos parecidos por... Não são necessariamente mitos e lendas que são tratados da mesma forma com que são tratados os outros mitos e lendas.

Pensa então que é um caso muito específico este de *plata yvyguy*?

Existem casos específicos em diferentes lugares. Se pensar em situações assim no Brasil, também vai encontrar. Foi o que aconteceu com esta questão... López enterrou seu ouro...

Ele enterrou de verdade, ou acredita-se que tenha enterrado?

Em várias situações... E em vários registros orais pós-guerra, por parte de pessoas que formaram... Pessoas que sobreviveram à guerra, por registro, Davam essa declaração que se enterravam os tesouros. O povo de Assunção, quando as tropas chegam em 1869... Assunção

estava vazia, não havia ninguém em Assunção. As pessoas fugiram e enterraram seu ouro pensando que iriam voltar. Então, aí há um fato real. Eles enterraram seus pertences. É claro que ao lado de tudo isso há também uma construção de meio... Uma representação sobre isso. E por outro lado há o imaginário que se constrói sobre isso, mas são fatos reais. Por isso que peço que tenha um pouco de cuidado quando diz que o jornalismo paraguaio trata de forma diferente os mitos e lendas.

Não quero dizer que ele trata diferente todo mito e lenda, claro, mas sim este caso específico: o imaginário da existência dos tesouros enterrados no Paraguai.

Claro, mas qual é o fato real disso? Quando invadiram Assunção, e as pessoas fugiram das tropas... As pessoas fizeram isso. Ai está um acontecimento factual.

Certo. No entanto, penso que a existência factual dos tesouros enterrados, mesmo que eles existam, são menos importantes do que as ações que as pessoas cometem e que são então capturadas pelo relato jornalístico.

Claro, a imprensa pode pensar isso. Afinal a imprensa parte deste acontecimento para construir esta representação. Não é nada novo... E constrói diferente em diferentes momentos históricos. Também... Esta mesma representação, em algum momento histórico diferente, não será a mesma que tem agora. Mas... Em geral o jornalismo paraguaio não tem esta tradição que está apontando. O que pode... O perigoso... É que os próprios jornalistas construam mitos sobre seus próprios mitos. Então há uma construção de mitos sobre os mitos que o jornalista constrói. Esse é um problema que pode aparecer na cobertura de *plata yvyguy*.

Pensa então que o jornalista, ao capturar no seu relato a busca por *plata yvyguy*, continua alimentando o imaginário dos tesouros enterrados.

É possível.

Analisei de agosto de 2009 a agosto de 2012 o ABC Color. Eu o escolhi porque seu arquivo era mais organizado e acessível. Encontrei 40 matérias que falam de *plata yvyguy*. Fazendo uma estatística, são mais de uma por mês. Então, a frequência destas matérias indicam ao menos duas coisas. Primeiro que *plata yvyguy* é algo tão presente e representativo na sociedade paraguaia que não pode ser ignorada pela imprensa. Segundo, indica também que as

peças, a partir da reprodução dessas matérias contínuas, continuam a ter em pauta *plata yvyguy*. Javier me disse que quem busca *plata yvyguy* normalmente não quer que outras pessoas saibam. Não quer divulgar. Então... O que colabora para a continuação deste mito é todo o entorno. É a peça *plata yvyguy rekavo*, o documentário *Overava* do Maurício Rial Banti, a imprensa também...

Continua a construir esse tipo de representação de *plata yvyguy*. De alguma maneira isto está presente. É por isso. É uma série de temas. Mas... Voltemos a sua pergunta inicial, que era...

Era sobre o lugar que o jornalismo paraguaio coloca *plata yvyguy*... Por que o Paraguai encontra espaço para um mito no jornalismo? A minha visão é que ele encontra esse espaço não o encarando como um mito, mas como parte da realidade.

Claro. Isso é possível. Mas... É uma realidade social. A representação do imaginário são muitas vezes construções totalmente... Os meios, o governo, a igreja, colaboram com esse tipo de... No caso, *plata yvyguy* é forma a parte... É um processo social com feridas... Algo que ainda a sociedade Paraguai não superou. Algo que esteja associada a essa guerra ainda está muito presente. Muito, muito presente na sociedade paraguaia. E de tempo em tempo renasce em função da política. Mas a Guerra da Tríplice Aliança faz com que qualquer fato associado a ela tenha mais atenção.

Você escreve que a objetividade não é tão decisiva na produção jornalística no Paraguai...

Isso não só no Paraguai. No Brasil é a mesma coisa, na Argentina é a mesma coisa. É uma questão de épocas... Os tempos são diferentes. A objetividade começa a ser introduzida no Paraguai a partir dos anos 1950, mas a partir dos anos 60, a partir dos Estados Unidos. No Brasil não sei, os tempos são um pouco distintos... Mas não que não tenha existido. No Paraguai a objetividade é muito recente frente à história do jornalismo. Muito recente porque se pode dizer que nos anos 60 ela se consolida. Isso faz o que, uns 50 anos?

A influência norte-americana na imprensa paraguaia é recente então, começa a partir dos anos 50. Pensa que o jornalismo paraguaio está mais ligado a um jornalismo norte-americano, ou a um latino-americano? E qual seria esse?

Um jornalismo latino-americano, mesmo sem definir o que é um jornalismo latino-americano. Seus modelos, sua referências, são muito mais argentinas. Muito mais argentinas no Paraguai.

Quais são essas características que você identifica como mais ligadas ao jornalismo argentino.

Por exemplo, o jornalismo argentino durante a década de 70... Principalmente 70... Depois da primeira ditadura militar com a emergência de... De Perón, foi um jornalismo muito ligado as reivindicações políticas. A ditadura argentina começa em 76, e sai em 83 com Alfonsín. E a partir deste momento, os jornalistas começam a cobrir a ditadura, e quando volta em 76 com Alfonsín, os temas efervescentes são também políticos. E esses temas são muito próximos ao jornalismo paraguaio, porque há... Assessores no jornalismo argentino trabalhando aqui. Há empresas do grupo *Clarín*, por exemplo... Seis ou oito meses atrás eles controlavam as maiores empresas de televisão por cabo. Então a relação é muito próxima. Tanto empresarial quanto emocionalmente... Um dos jornais muito bons, que é o jornal *La Nación*, este jornal praticamente mexe com um... Com uma assessoria estreita de jornalistas argentinos. Então a influência do jornalismo argentino no Paraguai, historicamente também tem sido muito importante.

A abordagem dos temas é diferente? No sentido de que ele é mais livre, emotivo, se deixa permear mais por sentimentos ou sensações?

Isso é uma experiência própria do jornalismo Paraguaio, claro que tem suas influências, mas... Em certa medida os jornais estão sempre permeados por emoções.

Digo, mais evidentemente. Claro que mesmo o jornal que mais defende a objetividade sempre vai trazer emoções...

Sem dúvida, é impossível isso. Mas... Tem mais estilos, muito mais próximos ao jornalismo argentino. Muito mais estilos... Em termos de redação. É muito mais próximo ao jornalismo argentino. Por uma questão... Existem cerca de 300 a 500 mil paraguaios na Argentina. Se existissem 500 mil paraguaios no Brasil a influência seria muito maior. A influência é... O que todos fazemos quando vamos a outro país? Vemos os jornais de outros países e “Hmm! Muito bom, ta, ta, ta, ta”, e tentamos fazer... Começamos a fazer uma coisa muito semelhante aqui, inicialmente. Depois vamos caminhando, mudando, para formar o

nosso. O que é que os paraguaios que estão na Argentina geralmente consomem? O jornalismo argentino! Qual é a relação que tem com seus familiares aqui? Qual o diálogo que se estabelece quando o paraguaio vem aqui? Então... Há um padrão referencial que é argentino. Mas isso é histórico. Vem da época da independência. Claro que isso muda de acordo com os poderes políticos. Mas uma coisa... Uma coisa são os poderes políticos, outra coisa são as relações sociais, que são independentes das relações do poder. É a presença do paraguaio na Argentina determina... Há jornalistas exercendo aqui que moraram muito tempo na Argentina. A pessoa que cobre política no ABC, no congresso, se formou na argentina, viveu na Argentina. Seria interessante pensar o que essa aproximação com a Argentina tem a ver com o seu tema.

Durante a minha qualificação, sugeriram que eu buscasse dialogar mais o jornalismo paraguaio com um jornalismo latino-americano e não com os modelos referenciais norte-americanos. Talvez então este jornalismo esteja mais disposto a aceitar que pessoas morrem cavando em busca de tesouros enterrados como algo cotidiano. Naturalizado.

Plata yvyguy é uma metáfora para a mudança. Para a mobilidade social. É a metáfora... Em outro lugar pode ser outra coisa, mas aqui é *plata yvyguy*. Por isso está internalizada, isso sim. Mas... Agora, aquilo que seriam... As especificidades no tratamento jornalístico em relação ao tema. Se essas são especificidades do jornalismo paraguaio, do diário ABC Color, de alguma editoria. Aí evidentemente será preciso comparar. Buscar alguma relação com o Brasil para encontrar um elo condutor a esta especificidade. É um exemplo, pode fazer a comparação.

Na minha pré-análise eu verifiquei o *Última Hora* também, e era muito semelhante. Escolhi o ABC porque eles sempre se referiam a tesouros enterrados como *plata yvyguy*, enquanto o *Última Hora* tratava às vezes assim, às vezes como *plata yvyvy* e até como *tesoro bajo tierra*. Penso que o uso do termo, é uma formação muito específico que indica diretamente esta construção imaginária. Achei por bem excluir Crónica e outros jornais populares, pois o objetivo é justamente tratar da seriedade da cobertura. Por exemplo, no domingo, Crónica tinha um fantasma na capa. E uma imagem de um fantasma. E isso descaracteriza a seriedade que busco.

A questão é que *plata yvyguy* é factual, é um fato. O que eu pensaria é analisar quão diferente é essa cobertura de algo que também possa ser especificado como mito ou lenda. A aparição do lobisomem no Brasil... Compararia um com o outro e aí buscaria esta especificidade. Se não, não vejo como poderia construir seu modelo.

Existe uma diferença entre mito e lenda. Lenda é uma construção narrativa imaginária, que está fundada em uma localidade específica. Por isso a lenda tem muito mais estofamento contextual, e se mistura muitas vezes a história e a memória. Então elas estão mais ligadas a um acontecimento. O mito é uma ideia, é muito mais solto. O *Yacy Yaterê*, por exemplo, seria um mito. *Plata yvyguy* é uma lenda. A diferença é que há um conjunto de lendas que dizem respeito à *plata yvyguy*. Então uma coisa seria isso, a presença do lendário, que diz respeito à cultura local... E se diz respeito à cultura local, acaba estando presente no jornalismo. E outra coisa é um mito que, mesmo presente no imaginário coletivo, não é localizado. No Brasil as coberturas de mitos são extremamente irônicas. Vão pelo *fait divers*... A cobertura é um deboche, é uma piada. É diferente do que acontece com *plata yvyguy*, por exemplo. E mostra que existe este espaço, mas este espaço se dá quando mito e lenda são encarados não como notificações do fantástico, mas as notícias do dia-a-dia.

Hm... É que trabalhei muito pouco esta narrativa no jornalismo paraguaio, então estou tentando imaginar historicamente este. Se vamos falar de teoria do jornalismo, perfeito... Porque creio que em poucos lugares do mundo, o curso de jornalismo tem teoria do jornalismo. Há a teoria da comunicação. E em Santa Catarina, há um dos poucos lugares do Brasil que tem. E há autores que constroem o campo jornalístico como campo... Na questão da epistemologia é compreensível. Estou tentando pensar e visualizar. Não sei se concordar ou surpreender-me em relação à cobertura de *plata yvyguy* no Paraguai. O que me apresenta é que é diferente da cobertura de mito e lenda de outros países, especialmente no Brasil. Você despertou este interesse de estudar desta perspectiva. Mas a pergunta em todo caso é... Realmente quão específica essa característica é. O que assumo é que este fato pode ser um fato usado para discutir teoria do jornalismo. A partir do campo epistemológico, em termos de ver a partir de este fato... Discuti-lo dentro do campo do jornalismo e da teoria do jornalismo. Até aí eu vejo uma possibilidade. O que sim eu gostaria de saber é quão específico é isso para o jornalismo paraguaio. Pode ser exclusividade do ABC...

Pode ser que não seja nada específico. Que a forma que toma um determinado tratamento, a um fato jornalístico, da forma que se constrói a narrativa. O que é específico aí?

No ABC, ouvi que nunca teve nenhuma demanda editorial em relação à *plata vygyuy*. Tudo o que era escrito vinha do repórter, e nunca havia edição. Sempre se escreve e é publicado. Então se eu pensasse apenas na ação pessoal de um repórter, ou de uma editoria, eu poderia pensar que era algo particular. Mas quando eu levo em conta 40 matérias espalhadas em quase todas as editorias do jornal... Penso que não é tão específico, penso que é mais abrangente.

Sim... Mas estou pensando no específico da cobertura. Pode ser *plata vygyuy*, como pode ser também outro fato. Agora, não me arriscaria... Precitaria de mais elementos hoje, mas não me arriscaria a dizer que o jornalismo paraguaio trata uma lenda de forma diferente de outros jornalismo. Uma coisa é escrever como trata, e não que trata diferente de algo. É uma possibilidade. Agora, outra discussão também... Que aí seria interessante fazê-lo é que... A construção do campo jornalístico, como surge, pensando no jornalismo norte-americano, o que não é factual não encontra espaço no jornalismo, vai para a literatura... O que pode discutir é, é buscar evidências históricas. Porque apesar do jornalismo ser factual, se constrói sobre fatos... O jornalismo também trata de mitos e lendas por um lado... E isso também é parte do jornalismo... Não, não parte do jornalismo, parte da sociedade. Não é que necessariamente questiona. Há varias possibilidades de levar esta discussão ao campo... Que pode trabalhar teoria do jornalismo. Minha pergunta é porque isso é diferente do outro? Isso não posso responder. Se pudesse responder isso, perfeito. Mas em princípio, me levanta a dúvida: quão diferente é isso? Porque a princípio pode ser da narrativa, a editoria de política tem sua narrativa, a policial tem também... Social, dentro do periódico...

Mas estas matérias como eu disse estão em várias editorias, então não podemos pensar que seja específico da narrativa de uma editoria.

No livro *taking journalism seriously*, há alguns elementos... Como todo norte-americano, é muito egocêntrico. Não considera outra bibliografia, mas são elementos interessantes no conteúdo que não propõe especificamente a construção do campo jornalístico, mas traz elementos que ajudam a questionar o seu objeto. Porque há a

multiplicidade e a especificidade do campo. Poderia pensar na especificidade do tratamento da informação. Há, por outro lado, analisando o texto e somente fazendo uma análise do texto jornalístico, não importa necessariamente se isso é assim ou não. Você pode tirar essa camisa de força, porque *plata yvyguy* é um eixo para se discutir teoria do jornalismo. O que importa é como o texto aborda o fato. *Plata yvyguy* cria representações que pode relacionar a identidade paraguaia no sentido histórico. *Plata yvyguy*, de alguma forma, gera elementos que te repetem a sociedade paraguaia. E então, pensar e trabalhar... Porque *plata yvyguy* te oferece determinados recortes em determinados seguimentos da população associado a esse tema. Isso tudo com um, porém. É a identidade Paraguai, mas em certos setores.

Já penso que *plata yvyguy* comunica com setores muito mais amplos. Posso citar, por exemplo, o caso do ministro Victor Nunes em 2006. Ele estava acompanhado de pessoas de altas classes sociais. Isso mostra e afasta de cara a ideia de que esteja ligada somente a camponeses ou interioranos. E de qualquer forma, a cultura, como um todo, representa coletivamente o país. Por exemplo, eu posso falar que o tereré ou a dança da garrafa, são manifestações da cultura Paraguai. Não é todo mundo que gosta e nem toda região que pratica, mas eu posso falar que são manifestações da cultura paraguaia, porque elas imediatamente remetem ao país.

Claro, porque há construções tanto dos meios, igreja, escola, que vão tornando isso desde os 4-5 anos... A família... Mostrar isso como identidade paraguaia, mas...

É um movimento institucionalizado, claro. Mas como parte do folclore, essa cultura também é espontânea. *Plata yvyguy*, por exemplo, está presente nas narrativas orais e muitos paraguaios tomam contato com elas desde criança. A imprensa paraguaia, por exemplo, escreve majoritariamente em espanhol e sempre que traz o guarani, a expressão é explicada. *Plata yvyguy* só foi explicada uma única vez em três anos no ABC Color, e isso, segundo um dos repórteres, porque é um termo tão conhecido que mesmo quem não fala guarani conhece. Então penso que, mesmo não institucionalizada, *plata yvyguy* faz parte sim da identidade paraguaia.

Pode ser... Pode ser... Você tem uma boa quantidade de material empírico para trabalhar.

Título: El nuevo tesoro de Colla

Olho: Costa Dulce se llama la nueva película que el cineasta Enrique Collar terminó de filmar en Itaiguá Guazú. El rodaje duró 20 días, con gente sin trayectoria actoral. La fuerza de este cine se centra precisamente en estos actores, que recrean la leyenda de la plata yvyguy

Data: 19/08/2012

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/el-nuevo-tesoro-de-collar-438747.html>

Compañía Potrero, Itaiguá Guazú, un lugar rudimentario si se quiere, relajado, apacible, en contacto con la naturaleza, donde el silencio solo se rompe con el rugir de las motos. Allá, donde el trabajo duro, la escasez de contacto humano debido a las distancias, produce una población de gente amable, sin prisas, amiga de la conversación y las historias. Los mitos y leyendas locales enlazan las tradiciones con las nuevas generaciones. Y es en este punto donde entra en acción Enrique Collar con su tercera película, denominada Costa Dulce, que trata precisamente de la leyenda de la plata yvyguy, expresión guaraní que significa tesoro oculto o escondido.

Si bien el nombre tiene que ver con una de las calles de Itaiguá Guazú, la historia en sí trata de un joven que, al quedar al cuidado de una casa, se obsesiona con la búsqueda de plata yvyguy, versión popular que nació después de la Guerra de la Triple Alianza (1865-1870) cuando las familias paraguayas para poner a salvo todas sus riquezas y pertenencias, ya sean grandes o pequeñas, de los invasores extranjeros que venían a nuestras tierras, enterraban sus tesoros en lugares con referencias para poder recuperarlos al volver de la guerra.

Y bueno, de esto se trata la nueva película impulsada por Collar. Con esta propuesta suman dos los largometrajes que reflejan una mirada y reflexión sobre el universo urbano y rural del Paraguay. Es que Collar cree en la continuidad de realizar películas que aporten culturalmente a nuestro país y al nuevo cine latinoamericano. “Esto nos da experiencia laboral para mejorar todos los aspectos del lenguaje del cine. De esta manera podemos exhibir en el ámbito internacional un Paraguay creativo y competitivo. Lograr la continuidad del trabajo posibilita mejorar el mercado local, generando fuentes de trabajo y haciendo factible la formación y el crecimiento profesional en la producción ejecutiva, la dirección, los técnicos y actores”, expresa el director.

Collar también cree que a través de un cine imaginario propio se puede ir construyendo un lenguaje acorde al sentimiento y las distintas facetas que conforman nuestro país y su cultura rica y compleja en su geografía e historias, un caudal que espera sea documentado y llevado al mágico lenguaje del séptimo arte.

Para el logro de Costa Dulce, Collar mantuvo el mismo equipo con el que hizo Miramenometokéi y Novena. “Hoy, estas dos producciones son una realidad en movimiento, ya que llevan recorriendo numerosos festivales internacionales, poniendo en primer plano un producto artístico de calidad y hecho en Paraguay con técnicos locales”, afirma el cineasta.

Este equipo técnico está conformado por Christian Núñez en la dirección de fotografía, Juan Carlos Careaga en sonido, Luz Marina Servín en la producción de campo, Nelson de Santaní en la asistencia de dirección y casting, Christian Acosta como foquista, Steven Báez en la asistencia general, Walter Jara en la distribución y Celso Chamorro en la producción ejecutiva.

Cada uno puso empeño y cariño. Juan Carlos Careaga, por ejemplo, entre otras cosas, se dedica a la labor de músico, compositor, productor artístico. Es propietario de Aural, un centro de audio y música para tvé, radio y cine. Ahí trabaja con un equipo técnico de sonido, editores, actores de doblaje, locutores profesionales y además de un staff interesante de músicos sesionistas, actores y locutores profesionales. Su experiencia en largometraje es sólida. Participó en Merimnao – Mentas divididas; 18 cigarrillos y medio, una coproducción paraguaya, española, mexicana. También estuvo en Sin decir Te amo; Semana Capital; en Novena, por supuesto, y en muchos otros.

Luz Marina Servín bromea diciendo que ella se dedica a “ramos generales”. “Estoy en todo. Estoy en la producción de campo y de contención de un grupo masculino”, exclama riendo, ya que ella es la única mujer del equipo técnico. Igualmente realiza servicios para interiores, ambientaciones, musicales de espectáculos, en fin, “ramos generales”.

Nelson de Santaní es director y actor de teatro, con varias puestas en su haber como La parada y Domesticadas; en esta ocasión, participó activamente en la asistencia de dirección y casting. A más de castings de lugareños como protagonistas posibles, también realizó castings de casas. “Fuimos de casa en casa buscando la ideal para nuestros intereses. Y dimos con la de Leonicia Pereira”. Doña Leonicia es una señora muy amable, risueña, que vive con su nieto y observa muy de cerca todos los preparativos que se realizan en su casa los días de filmaciones. “Al principio, se mostraban tímidos, pero junto con su nieto terminaron siendo ayudantes nuestros. Hasta nos orientaban sobre posibles locaciones para lograr nuestro objetivo”, explica Nelson.

ABC Revista conversó también con doña Leonicia. Contenta porque su casa va a salir en el cine, expresó que todos están pendientes de lo que está pasando en Potrero y ella se siente feliz. “Avy’a, omarchá (estoy feliz, esto funciona)”, afirma sobre la elección que le favoreció.

Don Juan de Dios Collar, protagonista principal de Novena, también tiene un papel en esta propuesta, así que aprovechamos su presencia para charlar brevemente con este actor, que fue descubierto a los 65 años. “Te necesito, tío”, fueron las palabras de su sobrino Enrique Collar que bastaron para lanzarse a la actuación sin experiencia alguna. “Tuve que aceptar porque Enrique me buscó”, añade. Y así, sin más ni más, de la noche a la mañana, de artesano de la goma pasó a ser actor de cine y con sobrada solvencia. Sorprendió a propios y extraños. Fue ovacionado en la première de Novena. Dice que en ningún momento de las filmaciones sintió timidez. Pero esto no es todo: compone poemas, aunque no usa lápiz ni papel para ello, todo lo tiene en su mente. En fin, gente sin experiencia, una vez más, aseguran el éxito de esta nueva propuesta, que será llevada a Holanda para su edición y posterior estreno tanto en nuestro país como en importantes festivales. “Vivimos días fantásticos durante los rodajes, con procesos constantes de creatividad; estamos seguros que va a gustar”. ¿El final? ¿Se encuentra el tesoro? “Lo dejamos para el estreno... pero seguro va a impresionar y sorprender”, expresa Collar mientras se aleja para chequear las últimas tomas de su nueva película.

Del campo al séptimo arte

Personas sin trayectoria actoral que incursionan en la pantalla grande sorprenden gratamente. Para este filme, también se buscó gente sin experiencia. Llama la atención la naturalidad con que se adentran en los personajes y el impacto que luego

causa entre los espectadores. Cristhian Riveros es un joven de 17 años que ni se imaginaba que algún día podía ser el protagonista principal de una película. Pero pasó y está feliz. “Al principio, me daba un poco de vergüenza, pero después ya me era natural estar con el equipo y grabar”, cuenta el mismo en el penúltimo día de grabación. Claro que también está la pericia del director, de saber enseñar al actor inexperto y llevarlo a tener una mayor veracidad para que pueda transmitir. Lo claro y concreto es que a Cristhian se le abren nuevos horizontes donde la película sobre su vida puede cambiar radicalmente

Título: La joya del Manduvirá

Olho: Una artística mansión rural, hoy en estado de abandono, pinta el espíritu del Paraguay de principios del siglo XX. Sus paredes adornadas con frescos han despertado en el imaginario popular la creencia de los tesoros enterrados en tiempos del Mariscal López.

Data: 05/08/2012

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/la-joya-del-manduvira-433748.html>

El imaginario popular sostiene que la elegante mansión pertenecía a Madame Alicia Elisa Lynch, la compañera sentimental del Mariscal Francisco Solano López. Como tal ha despertado las más ocurrentes leyendas que, principalmente, se relacionan con tesoros enterrados bajo los pisos o en los alrededores. Y no son pocos los que se han aventurado a la búsqueda con resultados supuestamente satisfactorios, aunque nunca comprobados. “Somos pobres porque queremos; acá hay mucho oro. Los Barúa se hicieron ricos sacando plata yvyguy”, afirma en guaraní Silvio Fleitas Sandoval (60), cuidador de la propiedad antiguamente conocida como Campos del Manduvirá.

La artística edificación era de un acaudalado estanciero llamado José Manuel Bello, dueño de unas 17.000 hectáreas de tierras. Se ubica a 18 km del centro de Arroyos y Esteros, en el lugar conocido como Puerto Bello, próximo al río Manduvirá. Sobresale en medio de bosquecillos donde abundan enormes bloques de piedras que hacen de atractivo jardín natural. A un costado, se sitúa una antigua capillita, donde es venerada la Virgen de Caacupé cada 8 de diciembre. Comentan los lugareños que la misma fue levantada en tiempos del padre Fidel Maíz, quien habría sido el introductor de la sagrada imagen, después de terminada la Guerra de la Triple Alianza (1865-1870).

De fina arquitectura, la casa presenta una serie de escalones frontales que conducen a una terraza de acceso, protegida por verjas de hierro forjado. Ocho columnas sostienen el frontis decorado con pinturas al fresco, que en partes fueron tapadas por una capa de pintura a la cal. La puerta principal, en medio de dos ventanales, lleva a un amplio salón central con pisos mosaicos, donde los diseños pictóricos muestran la ruina de Humaitá, paisajes campestres y vistas de alguna localidad europea. Hay peces, aves, flores y otros elementos de naturaleza muerta en tenues colores que resaltan la habilidad del artista que trabajó los frescos.

En un cuarto del sector derecho se aprecian el mapa del Paraguay, un plano de las tierras pertenecientes al señor Bello, con sus dimensiones y sus demarcaciones. Figuran también los diversos animales (vaca, cabra, oveja, caballo, cerdo) que se criaban en el establecimiento, así como los rubros de plantaciones agrícolas (maíz, maní, algodón, tabaco y otros), cítricos y maderas de explotación. Y no se dejaron de lado las diversas especies de peces presentes en aguas del río Manduvirá. Anagramas con las iniciales J.B., hasta elementos de la masonería con la escuadra y el compás, enriquecen el decorado que tiene grabado el año 1918, tal vez como fecha de finalización de los frescos.

En otro cuarto del ala izquierda, donde no hay pinturas murales, se guardan una cómoda con tapa de mármol, una cama y un ropero de época que, aunque estropeados, denotan el buen gusto de los huéspedes iniciales de la sorprendente mansión. Un hall posterior con arcos, ricamente ornamentado con la temática mural, expone los deterioros que hoy amenazan la existencia del edificio con peligrosas rajaduras, signos de humedad y ataques de alimañas. Descubierta del viejo cielo raso de tela, el tramado del maderamen delata la fortaleza de especies nobles que resisten el accionar de las termitas.

Con dos bloques laterales, probablemente agregados con posterioridad, se dio ampliación al exquisito plano, que, según el cuidador, fue realizado y ejecutado por arquitectos franceses. Un aparatoso motor de hierro europeo indica la instalación de agua corriente en algunas de las dependencias del caserón, que se surtía de un pozo posterior.

“De chiquito, yo venía a esta casa y le conocí a doña Alejandra Rolón de Bello, la viuda del dueño. Este establecimiento era inmenso; se llegaba por el río y tenía mucho movimiento. Pero luego, ella empezó a vender las tierras, antes de morir, en 1958”, confirma Fleitas Sandoval.

El hombre, de tez morena, baja estatura y agradable sonrisa, lleva doce años en la función de encargado de la propiedad, ahora reducida a 19 hectáreas. Solía dormir en una de las habitaciones, pero la inseguridad y el acecho de personas inescrupulosas que atropellan la casa con el propósito de explorar su interior en busca de tesoros enterrados obligaron al casero a mudarse a otro sitio. Hace tres meses, los profanadores abrieron un boquete en el techo del baño para ingresar por la noche a cavar cerca de los cimientos. “El dueño actual, don Gustavo López Bello, me dijo que ya no me quede a dormir, porque tenía miedo de que me claven o me maten los malandros”, advierte el anfitrión.

“Cuando era chico, yo me paseaba por acá y siempre escuché decir a la gente que esta era la casa de Madame Lynch”, dice Luis Ibáñez Pankow, el hombre que oficia de amable guía a ABC Revista. Y es lo que la mayoría del vecindario de la compañía Itapirú sostiene. Hay muchas fábulas en torno a la existencia del caserón en este lugar alejado. Cuentan que, en tiempos de don José Manuel Bello, las celebraciones de la Virgen de Caacupé duraban hasta quince días. “Mis abuelos solían recordar que se hacían corridas de sortijas, carreras de caballos, partidos de fútbol y los banquetes continuaban semanas enteras. Se carneaban entre diez y doce novillos para los asados a los que asistían todos los vecinos, hasta invitados del extranjero”, aporta Teófilo Fernández, conocido por el apodo de Oro. El hombre, de 51 años, oriundo de la zona, cuenta que realizó algunas que otras prospecciones, pero niega haber encontrado algo de valor. Él asegura que los montículos de piedras son bocas de túneles donde se habrían depositado grandes cantidades de objetos preciosos por orden del Mariscal Francisco Solano López. “Se dice que bajo esas dos piedras que parecen una gruta hay una Virgen de oro macizo. Mucha gente ya intentó moverlas, pero es imposible”, advierte Oro.

Silvio Fleitas Sandoval revela que, no lejos de la casa, en el lecho del río, se encuentra encallado el barco Itapirú “repleto de tesoros”, que se intentó rescatar en tiempos del presidente Andrés Rodríguez. “Fue el Mariscal López quien mandó hundir el barco ahí. Yo sé porque mi papá (Braulio Antonio Fleitas) trabajó en el intento de recuperar algo. Encontraron muchas cosas, pero no pudieron llegar hasta donde estaba el cargamento de oro, porque había que desviar el agua para sacar del fondo los restos del barco y, finalmente, se dejó así nomás”, remata el baqueano.

Los memoriosos recuerdan que, hasta medio siglo atrás, desde la terraza de la mansión se apreciaba una vista admirable del paisaje del río Manduvirá, pues el campo se mantenía limpio de vegetación. Sin embargo, en este estado, se acrecienta el misterio y las leyendas que rodean a tan exquisita obra arquitectónica en medio del silencio. ¿Cuál es el futuro de este rico legado? La pregunta flota sin respuesta. Según el cuidador, el propietario reside en el exterior, al parecer en África. Mientras, la soledad y la indiferencia recorren a diario los recovecos del edificio que se resiste a desaparecer. Y hoy, aunque abandonado, la fuerza de su concepción artística vuelve a generar emociones.

Abandono

Con exactitud, los vecinos no saben explicar desde cuándo se deshabitó la casa. Algunos señalan que habría sido a partir de los años 60. Lo cierto es que varios son los perjuicios causados por los profanadores: han robado todos los elementos de la electricidad, se rompieron aberturas, y apenas queda una de las artísticas rejas que protegían las ventanas.

Localización

A 18 kilómetros de Arroyos y Esteros, transitando por un empedrado que termina en puerto Naranja Jhai, se llega a Puerto Bello. Un corto desvío rudimentario que parte desde la compañía Itapirú conduce a la artística mansión de don José Manuel Bello, que se levanta imponente a un centenar de metros de la ribera del río Manduvirá

Título: Hasta hermano de Lugo pidió buscar “plata yvyguy” en viejas estaciones

Olho: Las excavaciones en sitios históricos en busca de supuestos tesoros es una práctica que afecta desde hace un tiempo a las antiguas estaciones ferroviarias. Ahora se sabe que hasta un hermano de Lugo pretendió un permiso para eso.

Data: 12/07/2012

Editoria: Economía

Link: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/economia/hasta-hermano-de-lugo-pidio-buscar-plata-yvyguy-en-viejas-estaciones-425225.html>

La Dirección de Patrimonio Histórico de la Secretaría Nacional de Cultural confirmó ayer a nuestro diario que en marzo pasado Ferrocarriles del Paraguay (Fepasa) remitió a esa oficina un pedido de permiso para “realizar trabajos de prospección en la cercanía de la estación Patiño”, solicitud hecha a su vez a la empresa ferroviaria por Ronaldo E. Lugo Méndez y David Galeano Méndez, hermano y sobrino, respectivamente, del entonces presidente Fernando Lugo.

Como todo el ferrocarril ha sido declarado patrimonio histórico, para cualquier trabajo se precisa ese permiso.

El titular de Fepasa, Marcelo Wagner, admitió ayer la existencia de tal situación, pero aclaró que la petición de búsqueda de “plata yvyguy” nunca fue aceptada, dando a entender que accedió a elevar la nota a Patrimonio porque se trataba de parientes del jefe de Estado y, además, para dejar constancia de la intención de tales personas.

La nota de pedido de Lugo Méndez y Galeano Méndez tiene fecha del 2 de marzo de 2012 y tuvo entrada en Fepasa ese mismo día, y la misiva de Wagner a la Dirección de Patrimonio es del 5 de marzo, según copia proveída por el titular del Ferrocarril a solicitud nuestra.

Para el propio Wagner es llamativo que por ese mismo tiempo algunos encargados de estaciones denunciaron que personas desconocidas habían realizado excavaciones en algunas de esas antiguas terminales rurales, como Ybytymí y Paraguarí, hechos que habían sido denunciados ante las autoridades pertinentes.

Más anteriormente, en los primeros meses del 2010, un informe de la Contraloría General ya había dado cuenta de que los buscadores de oro u otros eventuales tesoros enterrados habían hecho de las suyas en estaciones más cercanas a la capital, como Ypacaraí y Patiño (Areguá), y más recientemente surgieron versiones de que había ocurrido lo mismo en Luque, pero el cuidador del sitio lo desmintió.

Para tener la versión de los peticionantes del permiso a Fepasa, solicitamos a Wagner algún teléfono de contacto, pero dijo que no lo tenía. De todas maneras queda abierta la posibilidad de que llamen o acudan al diario si tienen algo que aclarar sobre esta publicación a fin de publicar su versión.

Hoy, asamblea de Fepasa

La asamblea general ordinaria de Fepasa se completará hoy. Participarán delegados de los accionistas, en este caso el Estado (99%) y ESSAP (1%). Hay versiones de que la continuidad de Marcelo Wagner como titular está en duda, pero él dijo ayer que no sabe nada al respecto. Fepasa está en una crítica situación financiera desde hace varios años.

Título: Dos hombres caen a un pozo por buscar plata yvyguy

Olho: Dos hombres cayeron a un pozo de aproximadamente 20 metros de profundidad, tras excavarlo en busca de plata yvyguy. El hecho ocurrió este mediodía en la ciudad de Luque.

Data: 10/07/2012

Editoria: Nacionales

Link: <http://www.abc.com.py/nacionales/dos-hombres-caen-a-un-pozo-por-buscar-plata-yvyguy-en-luque-424633.html>

Según informó la corresponsal de ABC Color, Teresa Blanco, los hombres cayeron al profundo pozo de unos 20 metros cerca de las 12:15 de este martes. Fue en el barrio Ycuá Duré de la ciudad de Luque.

Los involucrados son dos hombres, Juan de Larrosa Villalba mayor de edad y Bruno Ariel Villalba de 17 años. El primero salió ileso tras el rescate de los bomberos voluntarios y el segundo se presume falleció tras la caída.

Agentes de Criminalística se encuentran en el lugar, así como también el fiscal Augusto Ledesma y bomberos voluntarios que continúan realizando labor de búsqueda y rescate del joven de 17 años.

El predio donde sucedió el percance es de la propiedad de Juan de Larrosa Villalba, según informó la corresponsal.

Título: Fiesta de San Juan frente al Cabildo

Olho: El Centro Cultural de la República El Cabildo realizó su ya tradicional fiesta de San Juan en el conjunto de plazas de la Independencia, donde decenas de stands

ofrecieron comidas típicas paraguayas, venta de artesanías y juegos para los más pequeños

Data: 08/07/2012

Editoria: Artes y Espectáculos

Link: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/artes-espectaculos/fiesta-de-san-juan-frente-al-cabildo-423615.html>

Trabajadores de diversas instituciones cercanas al Cabildo fueron los primeros en degustar de los platos tradicionales de nuestro país como mbeju, pastel mandi'o, butifarra con mandioca, pajagua mascada, chicharõ trezado, chipa guasu, e incluso vori vori, con precios accesibles.

Los niños prefirieron los juegos de kermés que fueron instalados en la Plaza de Armas, como el tiro al blanco, la lotería familiar, la calesita y la rueda de Chicago.

La Banda de Músicos de la Policía Nacional animó la fiesta en la primera parte de la jornada, mientras los más atrevidos jugaban los juegos típicos de San Juan, ofrecidos por la organización Red Cultural, como el yvyrasy're jejupi, kambuchi jejoka, paila jeheréi, ka'i räipe; kure ñembohuguái; plata vygyuy rekávo, entre otros.

Las parejas se presentaron para participar del concurso de baile de polca, demostrando sus habilidades y destrezas frente al jurado compuesto por la profesora de danzas Elizabeth Vinader, el periodista Javier Yubi, la directora del Cabildo, Margarita Morselli, y en representación del Ministerio de Educación y Cultura, Alcibiades Ayala.

Título: Inician rodaje de "Overava"

Olho:

Data: 20/03/2012

Editoria: Artes y Espectáculos

Link: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/espectaculos/inician-rodaje-de-overava-381408.html>

Mauricio Rial Banti, el director de "Tren Paraguay", comenzó a rodar su nuevo material: "Overava".

Dicho trabajo es un documental para televisión, ganador del concurso DocTv III. Es la primera vez que nuestro país participa en este concurso.

Rial Banti trabaja en conjunto con la productora El Tendedero, de Jerónimo Buman.

El premio consiste en la financiación del proyecto y a mitad de año será exhibido en los 17 canales públicos de los 15 países de Latinoamérica que participan. En nuestro país será emitido por TV Pública.

"Overava" retrata el mito del plata vygyuy desde la visión popular. "La idea del director nace de rescatar este aspecto de la cultura paraguaya compartida por gran parte de la población y que al mismo tiempo la representa como tal. Al contar con gran difusión, esto permitirá que la historia y cultura del país lleguen a muchos lugares", señalan.

El rodaje durará tres semanas siguiendo la ruta del Mariscal López: Patiño, San Ignacio, Humaitá, Pilar, Valenzuela, Paraguarí, Cerro León, Vapor Cue, Arroyos y Esteros, Santaní y Unión, entre otros.

El equipo se completa con la productora ejecutiva Gabriela Cueto; la jefa de producción, Adri Casco; el director de fotografía, Luis Reggiardo; el sonidista, Diego Kartaszewicz, y el asistente de dirección, Fernando Valdovinos

Título: Plata yvyguy rekávo

Olho: Patrimônio

Data: 12/02/2012

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/plata-yvyguy-rekavo/>

Centenarias anécdotas de viajes inolvidables atesoran las paredes de la antigua estación de tren del pueblo de Ybytymí, próximo a celebrar 230 años de fundación. Hoy, en total estado de abandono, esta valiosa edificación histórica podría derrumbarse a consecuencia de los graves deterioros que le causan vándalos buscadores de tesoros.

Por la nueva ruta asfaltada que une Paraguarí con Villarrica, transitan raudos vehículos que desde sus ventanillas aprecian un sobrecogedor paisaje natural de serranías y campos verdes. Apenas la nostálgica fachada —recién pintada de amarillo y marrón— de la antigua estación de tren avisa el pasaje por Ybytymí, pequeño pueblo habitado por solo 550 personas (Censo Nacional 2002).

Hoy que la vía rápida deja en el olvido siglos de aislamiento, la emblemática estación ferroviaria mantiene en pie el recuerdo de los ruidosos viajes en aquellos aparatosos vehículos movidos a leña y vapor de agua. Cuando el 12 de junio de 1889 se habilitó el servicio del ferrocarril, Ybytymí experimentó cambios favorables. Desde entonces sus habitantes podían desplazarse a ciudades vecinas y llevar sus productos para comercializar en otros mercados. Antes, debían trasladarse en carretas o caballos hasta Sapucaí para abordar el tren rumbo a Asunción u otras localidades intermedias. Historias pasadas. Desde la decadencia del tren en los años 90, las vías fueron quedando vacías y las estaciones, abandonadas. En setiembre de 2004, las autoridades de la privatizada empresa Ferrocarriles del Paraguay Sociedad Anónima cedieron en usufructo la estación de Ybytymí a Cirila de la Gracia y a su hermano Ciriaco. Luego sirvió de refugio a Eugenia Alcaraz, una mujer que se instaló con su familia hasta un par de años atrás. Ya entonces, había sido despojada de todo su mobiliario y nada quedaba de los equipamientos de madera y hierro que hacían funcionar la terminal.

Ahora, abandonada por completo, la histórica estación de Ybytymí se encuentra en total decadencia y a merced de vándalos que ponen en peligro su existencia. Hace unos quince días fue invadida por buscadores de tesoros que ingresaron en forma clandestina, en horas de la noche, a realizar importantes excavaciones en su interior. Cavaron pozos de casi dos metros de profundidad, en cercanías de los cimientos y hasta produjeron grietas en las fornidas paredes de piedra. Este ataque se suma a los daños causados por el paso del tiempo y el descuido. Las macizas aberturas de madera, puertas y ventanas, se hallan destartadas. Los elementos de las instalaciones eléctricas desaparecieron en su totalidad, y el maderamen del techo resiste por ser de importante grosor, pues se ve invadido por termitas y todo tipo de alimañas. Inclusive las salas sirven de refugio a las vacas sueltas que deambulan por la zona y llenan de heces los pisos de ladrillo. Un bloque anexo sobrevive sin el techo que, según los vecinos, voló con un temporal y quedaron en pie solo las paredes. Las vigas y marcos de puertas y ventanas fueron robados por completo.

Francisco Eladio Bodenser vive detrás de la estación. El hombre de 86 años —en pareja con Rosa Garcete, una mujer a la que dobla en edad y es madre de sus tres hijos— dice no haberse percatado del ingreso de los buscadores de plata yvyguy. “Ya

habremos estado durmiendo, porque no sentimos nada. Pero no es la primera vez que entran ahí; antes habían entrado a romper las paredes de piedra y ahora hicieron los pozos”, expresa en guaraní. Afincado hace 40 años en el lugar, Bodenser lamenta que ninguna autoridad o institución se ocupe de salvar la antigua construcción. A él le gustaría que Jonathan, el menor de sus hijos, de ocho años, pudiera enseñarles a sus nietos el edificio en pie. Y Rosa piensa en el uso que se podría dar a la ruinosa construcción. “Es una lástima que la estación se esté perdiendo; hubieran hecho ahí una biblioteca o escuela de danzas, como hicieron en otros lugares con las estaciones”.

En la casa contigua vive Roberto Hobecker, 78 años. El hombre, de padre alemán, trabajó de foguista en 1957, luego se retiró de las actividades ferroviarias. Ganó buen dinero acarreado en carreta fardos de algodón desde La Colmena a Ybytymí para ser transportados en los vagones de carga. “Traía 1200 kilos y cobraba doce guaraníes; era el tiempo en que recién se habían instalado los japoneses en La Colmena”, recuerda con una sonrisa. Sus ganancias le permitieron adquirir hace cuatro décadas la casa que ahora habita con sus hijos y nietos, detrás de la estación. En charla informal, Hobecker desgrana sus memorias. Nunca olvida que alrededor de la terminal ferroviaria había gran cantidad de rollos de madera provenientes de Carayaó para ser distribuidos entre Asunción y Encarnación. Respecto al accionar de los vándalos, se excusa, porque asegura que sucedió mientras se encontraba de viaje en Ciudad del Este. “Pero qué plata yvyguy va a haber ahí. Todos los jefes de estación eran mis amigos y nunca ninguno de ellos comentó haber escuchado movimientos raros en el interior”, concluye.

El que sí pudo observar que los delincuentes eran tres hombres transportados en un vehículo negro es su nieto Roberto Ojeda. El joven de 22 años se cruzó con los malhechores en el pueblo y luego, a la noche, se percató que el mismo coche estaba estacionado al costado de la edificación profanada. “Quién sabe de dónde vinieron, pero habrán estado ahí adentro hasta las doce y media por ahí”, señala.

En desconocimiento de los últimos sucesos, Casimiro Néstor González Moreno, intendente municipal de Ybytymí, avisa que la Comuna tiene interés en la conservación del patrimonio arquitectónico del pueblo. “El año pasado hicimos un proyecto para restaurar y convertir la estación en museo y parque público. En aquel momento el ministro era Efraín Alegre y nos había prometido ayudar, pero al salir del Ministerio de Obras Públicas, el plan quedó estancado”.

No obstante, González Moreno mantiene el optimismo por concretar el salvataje de la vieja terminal. Confía en que el director de Obras Públicas del MOPC, arquitecto Gustavo Glavinich, se encargará de viabilizar las tareas de restauración. “Me dijo ahora que nuestro proyecto entró en el presupuesto de este año. Ojalá salga antes de que sea muy tarde y perdamos este valioso patrimonio histórico”, advierte el jefe comunal.

En los papeles figura que además de la recuperación edilicia se harán 1200 metros de camineros y se instalará un parque infantil. Las obras, según lo presupuestado, costarán 620.000.000 de guaraníes.

“A nivel municipal no contamos con fondos para encarar la recuperación de la estación. Logramos elevar las recaudaciones de noventa millones del año 2010, a doscientos diez millones en el 2011, pero es insuficiente. El 75 % se destina a salarios de funcionarios y empleados, y no nos quedan recursos para nada prácticamente”.

Casimiro Néstor González Moreno aclara que la estación pertenece a Ferrocarriles del Paraguay Sociedad Anónima, pero que cuentan con un convenio que les habilita a realizar reformas y usufructo del local.

La nueva pintura exterior fue solventada por el precandidato del Partido Liberal Radical Auténtico para la Gobernación de Paraguarí, García Miró. Se coloreó, unos veinte días atrás, para resarcir los daños ocasionados por las pintatas políticas en las paredes.

Hoy la vieja estación de tren de Ybytymí resiste en silencio y soledad los atentados que la sitúan en riesgo de desmoronamientos. Inconscientes de sus actos, los vándalos que avivan ilusiones de encontrar millonarios botines en su interior, más que hallar tesoros ocultos, lo que en verdad hacen es destruir un valioso tesoro perteneciente a todos los paraguayos.

Identikit

Ybytymí queda a 110 km de Asunción. Es una pequeña población rural asentada en el departamento de Paraguarí. Su fundación data del año 1783, en épocas del gobernador Pedro Melo de Portugal y Villena. Visitar la comunidad es como transportarse a tiempos idos. Durante la siesta, el silencio domina el ambiente. Apenas el mugido de las vacas o el canto de los pájaros quiebran la quietud. Casi todas las puertas se cierran y ni un alma deambula por el centro. La amabilidad de los ybytymienses se manifiesta en la calle. Un visitante se cruza con algunos de ellos y es saludado de manera espontánea y cordial. Son personas sencillas que labran la tierra. Se dedican mayormente a la agricultura doméstica. Cultivan cebolla, tomate, locote, sandía y otros comestibles. Y crían gallinas y cerdos. Un reducido número de ganado vacuno forma parte del patrimonio económico de la comunidad. La plantación de algodón y caña dulce, en menor escala, contribuye también al ingreso de divisas.

Tesoros sacros

Viejas casas dispuestas en los alrededores de la iglesia, levantada en medio de una gran plaza, conforman el panorama urbano de Ybytymí. El antiguo edificio eclesial, reconstruido en 1857, durante el gobierno de Don Carlos Antonio López, es uno de los tesoros más apreciados del lugar. Fue restaurado en el 2003 y al año siguiente terminó la intervención del artístico altar mayor. Luego, los trabajos de conservación alcanzaron a dos altares laterales que ubican santos tallados en madera en el siglo XVIII. Llamen la atención la imagen de tamaño natural de San Roque y tres sillas muy trabajadas. La feligresía católica celebra cada 7 de octubre las festividades de la Virgen del Rosario, santa patrona de la comunidad.

Título: Pozo era para “plata yvyguy”

Data: 31/01/2012

Editoria: Policiales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/pozo-era-para-plata-yvyguy/>

Un pozo que fue cavado dentro de una vivienda del barrio Santísima Trinidad de la capital en busca de “plata yvyguy” fue verificado ayer por una comitiva fiscal-policial, tras un conflicto surgido entre las dos propietarias del inmueble y una inquilina.

El pozo, de 1 por 1,5 metros de superficie cuadrada y nueve de profundidad, fue encontrado en una pieza del inmueble perteneciente a las hermanas Evangelina y Elizabeth Pintos, que actualmente es alquilado por Ezequiela Ovelar.

Según fuentes, la inquilina hizo cavar el pozo tras obtener la autorización de las dueñas de la casa, al parecer en busca de un tesoro escondido durante la guerra de la Triple Alianza, para evitar que caiga en manos enemigas. Fue con la condición de que si encontrara algo lo compartiera con ellas.

Sin embargo, estas acusaron a la inquilina de haber hallado el tesoro y al no compartir el botín surgió un conflicto que llegó a la fiscalía y la Policía.

La cercanía del inquilinato con el banco Visión ubicado en la esquina de Sacramento y Stma. Trinidad, motivó la intervención de la fiscalía Natalia Acevedo y de los agentes de la Comisaría 12ª metropolitana, Criminalística y Antisecuestro.

Título: Grandes misterios sin resolver

Olho: DINERO ENTERRADO, CIVILIZACIONES PERDIDAS Y DIBUJOS ENIGMÁTICOS

Data: 28/01/2012

Autora: Victoria Ramírez (20 años)

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/grandes-misterios-sin-resolver/>

El universo siempre ha estado rodeado de secretos y enigmas, desde misteriosos círculos en campos de cultivos, civilizaciones que se perdieron de la noche a la mañana hasta fantasmas autóctonos que anuncian la existencia de "plata yvyguy". El hombre es débil frente a lo desconocido y le fascina todo lo oculto. ¿Cuáles son tus misterios preferidos?

Durante la década de 1980, empezaron a verse extrañas formaciones en campos de cultivos. En cientos de suelos de toda Inglaterra se veían dibujos perfectamente realizados; la simetría y las medidas de cada uno eran exactas. La primera reacción de la gente fue atribuir estas "obras" a extraterrestres y la mayoría sigue manteniendo esa firme posición. Durante los 90, aparecieron dos personas que se adjudicaron las obras, pero quedó demostrado que nada tenían que ver con ellas.

En nuestro país, tenemos el gran misterio del "plata yvyguy" o la plata enterrada. Se habla de grandes cofres de oro, plata y joyas sepultados durante la Guerra de la Triple Alianza. La leyenda dice: "En la noche tempestuosa que cubre el cielo con rayos y truenos, la persona que transita por la comarca suele contar que observa una llama misteriosa y fugaz, que se mueve de un lugar a otro, para apagarse posteriormente al pie de una planta de tala (juasy'y). La misma no es otra cosa que el mentado plata yvyguy. Asimismo, se cuenta que muchas personas vieron en horas de la noche un perro blanco sin cabeza, que luego desaparece en algún sitio".

El último misterio es la desaparición de la civilización maya. Se manejan varias hipótesis de cómo este grupo que ocupaba gran parte de América Central llegó a su fin. Algunos investigadores apuntan a que se produjo una gran sequía en sus pueblos y emigraron en busca de una forma de sobrevivir. Otros dicen que los mayas predijeron el final de su propia civilización y se suicidaron masivamente; una tercera creencia dice que están por ahí esperando el 21 de diciembre de 2012 para mostrarse una vez al mundo.

Título: Las noticias más resaltantes del 2011

Data: 30 de Dezembro de 2011

Editoria: Nacionales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/las-noticias-mas-resaltantes-del-2011/>

Las noticias más resaltantes del 2011

El año del Bicentenario estuvo caracterizado por festejos, ataques del EPP y muchas movidas por parte de Lugo en su gabinete. El dengue estuvo presente todo el año. A pesar de lo negativo se puede resaltar la venida de grandes artistas internacionales.

Alrededor del mundo resonaron noticias como la muerte de Bin Laden y Gadafi, así como el terremoto que azotó al Japón. En el plano deportivo, la Albirroja logró el subcampeonato en la Copa América, la interminable violencia en el fútbol no dejó de estar presente y por supuesto los campeonatos logrados por Nacional (Apertura) y Olimpia (Clausura).

ENERO

Inicia el año del Bicentenario

El mapping que se realizó en la fachada del antiguo Cabildo fue el mejor inicio para el año del bicentenario patrio. Artistas nacionales acompañaron a la ciudadanía en las plazas del Congreso en el primer día del año.

Lugo ordenó el cierre de Tacumbú

El penal de mayores de Tacumbú, abarrotado y sobrepasado en su capacidad, deberá ser cerrado por orden del presidente de la República Fernando Lugo.

Monedas doradas pierden vigencia

Las monedas de G. 50, G. 100 y G. 500 de color dorado perdieron vigencia este año. El Banco Central del Paraguay las sacó de circulación y unificó el tamaño, peso y color de las nuevas monedas.

Pablino Cáceres reemplazado en la SAS

El titular de la Secretaría de Acción Social, Pablino Cáceres, fue destituido por el presidente Fernando Lugo. Rumores adelantaron el cambio varios meses antes y se habló de una pulseada entre los partidos de izquierda en el gobierno por el puesto.

Bomba explotó en canal de Tv

Una bomba explotó en la base de la antena de Canal 9 en el barrio Sajonia de Asunción sin dejar heridos. Posteriormente otro artefacto fue detonado por explosivistas en el parque que se encuentra al lado de la teledifusora.

Ministro veranea con vehículo oficial

El ministro de la Corte Suprema de Justicia fue sorprendido utilizando un vehículo oficial en Punta del Este, Uruguay. El magistrado se excusó y mencionó que un reglamento le permite usar esa camioneta.

Convención colorada modifica estatuto para dar paso a Cartes

La convención del Partido Colorado decidió modificar el estatuto partidario y habilitar al empresario Horacio Cartes quien va a precandidatarse a la presidencia de la República por esa agrupación. El hecho se desarrolló en medio de sillazos y empujones, finalmente los "cartistas" triunfaron por amplia mayoría.

Una bomba en comisaría de Horqueta deja 4 heridos

Una bomba, presuntamente instalada por la banda criminal autodenominada EPP, explotó en el patio de la comisaría de Horqueta, departamento de Concepción. La misma dejó a cuatro agentes policiales heridos y una patrullera inutilizada.

Detienen a implicado a atentado contra Cabañas

José Jorge Balderas, alias el JJ, fue detenido en México por las autoridades de ese país. El hombre es sindicado como el responsable de disparar contra el futbolista paraguayo Salvador Cabañas en un bar del Distrito Federal en 2010.

Campamento paramilitar en el este

Una decena de personas fueron detenidas en Alto Paraná mientras participaban de un entrenamiento paramilitar. Las personas fueron finalmente liberadas y participaban de un campamento del Partido Comunista del Paraguay, un desprendimiento del Partido Comunista Paraguayo.

Hallan extraño pozo al lado de la vivienda de fiscalía antisequestro

Un pozo parecido a un túnel fue encontrado por intervinientes en la vivienda contigua a la de la fiscalía antisequestro Sandra Quiñónez en Lambaré. El hecho nunca quedó completamente aclarado, se cree que los responsables buscaban **Plata Yvyguy** (tesoros enterrados).

Bomba en el aeropuerto de Moscú

Un atentado con bomba dejó 36 de muertos y dos centenares de heridos en un aeropuerto de Moscú el 24 de enero. Un joven suicida de 20 años habría sido el causante del hecho que fue condenado por toda la comunidad internacional.

Las lluvias causan caos en el tránsito de la capital

El tránsito asunceno es uno de los más afectados ante las precipitaciones. La falta de desagües apropiados generan que ciertas calles queden inundadas y los ciudadanos afectados.

Wikileaks menciona a Fernando Lugo

Los cables filtrados por Wikileaks dieron una descripción del presidente paraguayo cuando fue electo como presidente paraguayo. Hablaban de influencia de Chávez.

Declaran emergencias por lluvias en balnearios brasileños

Varias playas y balnearios populares de Brasil fueron declaradas en situación de emergencia tras la gran cantidad de lluvias en ese país. El turismo de paraguayos que viajaban al vecino país fue afectado.

Mejora la salud de Fernando Lugo

Luego de que se le detectara cáncer al presidente Fernando Lugo en el 2010, y tras la realización de un tratamiento en Sao Paulo y Asunción, el médico del mandatario informó que el titular del Ejecutivo se encuentra "excelente" de salud.

Paraguay reconoce a Palestina como Estado

Paraguay reconoció en este mes a Palestina como un Estado libre e independiente. Más de la mitad de los países miembros de las Naciones Unidas hicieron lo mismo.

Asesinan a condenado por secuestro de María Edith

Uno de los condenados por el secuestro de María Edith Bordón de Debernardi fue asesinado de siete disparos en la cabeza en Ciudad del Este. José Tomás Rosa contaba en ese momento con libertad condicional.

Imprudencia al volante causante de tres muertes

Tres jóvenes que paseaban por la veraniega ciudad de San Bernardino a toda velocidad murieron luego de alcanzar una altísima velocidad y chocar contra algunos árboles. La imprudencia al volante es causante de muchas muertes en nuestro país.

La violencia estuvo presente desde el inicio del año

El portero de Guaraní Pablo Aurrecochea recibió un pedrazo antes del inicio del primer partido del torneo Apertura paraguayo. Guaraní reclamó los puntos pero finalmente el partido se volvió a disputar. Fue el primero de una serie de incidentes que empañaron el fútbol con violencia durante todo el año.

Falleció una joven promesa del básquet paraguayo
Luego de recibir un golpe en la cabeza en un juego de básquetbol falleció tras una larga agonía el joven Rodrigo Gómez Caniza (14) quien jugó el último año en el equipo juvenil de Sol de América.

Título: El gran actor cómico Rafael Rojas Doria cumplió sus 80 años

Data: 30 de Octubre de 2011

Editoria: Artes y Espectáculos (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/el-gran-actor-comico-rafael-rojas-doria-cumplio-sus-80-anos/>

El lunes pasado Rafael Rojas Doria celebró sus primeros 80 años de vida, de los cuales lleva casi seis décadas sobre los escenarios, casi siempre con personas humorísticas. Actuó en cine, televisión, fue cabeza de compañía con su Compadre César Álvarez Blanco y escribió también un libro.

Nacido en el seno de la familia conformada por Julio Rojas Arrúa, quien peleó en la Guerra del Chaco, y Fredesvinda Doria, Julio Rafael nació en Asunción el 24 de octubre de 1931. Realizó sus estudios en el Colegio Nacional de la Capital y en 1950 se inscribió en la Escuela Municipal de Declamación y Arte Escénico, bajo la dirección de Roque Centurión Miranda, de donde egresó cuatro años más tarde, si bien ya en el último año fue invitado por Ernesto Báez para representar en el Teatro Victoria, su primera obra como profesional: "Yo quiero".

Conoció a su esposa Dalia Concepción Moreno, con la cual formó una familia hasta pocos meses atrás en su inseparable compañera falleció. En los años cincuenta y sesenta, además de actuar en teatro, tomó parte en las célebres películas "El Trueno entre las hojas", "La sangre y la semilla", "La burrerita de Ypacaraí".

Por esos años ya había formado el dúo cómico Los Compadres junto a Rafael Rojas Doria, con quien forman su propia compañía en 1971 y con la cual realizan los más grandes éxitos de la escena nacional como "Plata yvyguy rekávo" y otras de autoría, entre otros, de Mario Halley Mora.

En los años ochenta también incursiona en la televisión en el programa humorístico "La oficina de Alberto", graba discos con sus chistes y más recientemente toda esa experiencia la publica en el libro "Con la risa en el alma", de Editorial El Lector.

En los últimos años es figura invitada en puestas de Domingo Coronel.

Título: Galería de creadores paraguayos

Data: 25 de Octubre de 2011

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/galeria-de-creadores-paraguayos-2304/>

Helio Vera, en su corta existencia, gracias a su talento y esfuerzo ganó uno de los lugares más elevados entre los mayores escritores de nuestro país. Polifacético, cultivó el periodismo de opinión, el ensayo y el cuento con igual excelente nivel. Póstumamente, se dio a conocer su única novela La casa blanca. Hoy leeremos una parte de su cuento La consigna, extraído del libro Angola y otros cuentos. Luego escribiremos al respecto.

Un cuento de Helio Vera

La consigna

(Fragmentos)

Cómo no iba a reconocer este lugar. Quién mejor que yo, Regalado Montiel, el mejor y más mentado mariscador del Piripukú. Baqueano de alto precio, que no se arregla con cinco reales ni con provistas de poca monta. Veterano del 70, desde Corrientes en adelante, lo que no es poco decir. Sargento mayor que fui del ejército del Mariscal; oficial de la Escolta, hombre de su confianza total, sombra infalible de sus pasos.

El lugar, así mismo. Igualito que cuando lo dejé hace treinta años. A espaldas del pirizal, amenos de media legua de camino firme. Bajando una lomada. Como entonces, todo idéntico: el aire podrido que viene del agua estancada con cada golpe de viento; el enjambre de mariposas; la poca luz amarilla que dejan pasar las ramas; el monte tupido, que hay que abrir a golpes de machete.

Aquí están las marcas que dejamos entonces, en 1870, cuando vinimos a esconder el tesoro de la patria, por orden del Karai Guasu; para que no lo agarren los kamba o no se lo repartan los traidores de la Legión. Veo las viejas cicatrices en la corteza de los árboles. Todavía apuntan, como una flecha, hacia el yvyraromi, grande como una catedral, que se recuesta sobre el barranco.

Las marcas están más altas, ahora ennegrecidas. Casi sobre mi cabeza. Mucha más arriba que cuando las hicimos, a machetazos, con los payaguá que me acompañaron aquella vez. Los árboles crecen, señor, como la gente. Cada uno busca un espacio más arriba de los demás para orearse al sol más tibio.

Yo mismo encontré este lugar. El arroyo se agranda y forma este remanso, de agua negra y profunda. Ahora lo cubren demasiados camalotes; los habrá traído una creciente, quién sabe de dónde. Alguna vez se irán bien lejos, boyando sobre la correntada. El agua bajará hasta su antiguo nivel y la tierra quedará lavada y fresca.

Quién pensaría que todo ese oro está allá abajo, en el fondo del remanso. Revuelto con el lodo, brillando entre las maderas podridas de las cajas, que todavía tendrán grabada la estrella naciente, el escudo de la República.

Tanta riqueza durmiendo; envenenando el agua, encandilando a los peces. Las chafalonías. Los rosarios de palta, de quince misterios. Las joyas. Los anillos carretones. Los aros de muchos ramales. Las onzas de oro. Las libras esterlinas. Las filigranas de los joyeros de Luque. La plata labrada de las iglesias.

Casi ya no se ve la enorme cadena, gruesa y pesada, que se abraza al yvyraromi. Los eslabones envuelven al árbol, se confunden con la madera, se bañan en la savia. Después, confundidos con los helechos, viborean silenciosamente hacia el remanso y se hunden en el agua mansa, hasta enroscarse en los cajones sellados, uno por uno. Como una kuriju. Traerla hasta aquí fue un trabajo de negros, de tantas arrobas que tenía. Apenas pudimos bajarla de la carreta.

El propio Karai Guasu me dio la consigna. Fue la noche que llegamos a orillas de la laguna Kapi'ivary, en las nacientes del Ypané Guasu. Habíamos cruzados dos veces la cordillera y andado sin rumbo por los campos de Jerez. La tropa se caía de flaca, debilitada por el hambre. Cinco mil comenzamos la retirada hacia el Norte y ya no éramos más de quinientos. Es resto se quedó por el camino, para siempre.

Íbamos buscando la boca de la picada del Chirigüelo, que nos conduciría hasta Cerro Corá. El Mariscal creía que estaríamos bien protegidos en ese lugar: una especie de

olla de piedra que forma la cordillera, escondida en un lugar inaccesible, de fácil defensa. Faltaban pocas leguas para llegar y estábamos haciendo la última posta. NO había cristianos por aquellos despoblados. Algunos Ka'ygua merodeaban por las cercanías, hacia cerro Sarambi y cerro Guasu. A veces veíamos sus fogones y escuchábamos sus cantos, a lo lejos. Pocas veces se acercaron. Ellos decían que el ombligo del mundo estaba en Yvypyte, a distancia cercana, entre los montes.

Había llovido a cántaros en los últimos días. Todos estábamos muy maltratados, desfallecidos. Aquella noche, la gente descansaba en el barro, como podía, o improvisaba sobrados en las horquetas de los árboles. Solamente los centinelas andaban por el campamento, casi en cueros, abrazados a sus rifles, los ojos vigilantes.

El Mariscal me hizo llamar. Acabábamos de ranchar con tiras del correaje, ablandadas a fuerza de hervir el agua; solo como ilusión, para engañar al estómago. Yo ya maliciaba algo, aunque no todo, de lo que iba a ocurrir. Las carretas que llevaban el tesoro no habían sido descargadas. Esperaban cerquita de la tienda del Karai, rodeadas de un cordón de centinelas.

Hicimos el inventario de su contenido, pieza por pieza, a la luz de un lampíu. El viejo vicepresidente Sánchez hizo de escribano. Me dieron todo el caudal, bajo recibo, con orden de ponerlo a salvo, en lugar seguro y secreto. Firmé sin dudar. Recuerdo la fecha —29 de enero de 1870— y el cuchicheo de Sánchez cuando repasaba el contenido del cargamento. Se apoyaba en un bastón para no caerse de sueño y de debilidad.

(Continuará)

(Helio Vera. Angola y otros cuentos. 2ª edición. Arandurã. 1994)

Después de la lectura

- * Busca el significado de los vocablos que te resultan desconocidos.
- * Haz un esquema de las cualidades del yo protagonista.
- * Ubica la acción del cuento en el tiempo y el espacio (dónde y cuándo sucede).
- * El narrador personaje se dirige a alguien en especial; intenta deducir a quién.
- * El trato Karai Guasu que usa con reverencia el narrador está aplicado al mariscal López. Anota a qué otro personaje histórico se lo nombraba de esa forma respetuosa y solemne.
- * En una línea, escribe qué tema te parece que desarrolla este relato de Helio Vera.

II – Escribir

- Anota los resultados de una miniencuesta entre gente de tu entorno sobre la existencia del plata yvyguy.
- Escribe tus propias impresiones sobre la posibilidad de que aún haya tales tesoros en ciertos lugares del territorio del país.

- Imagina que hallas un tesoro en el patio de tu casa. Crea un antes y un después del hallazgo. Condimenta tu relato con ingredientes fantásticos.
- Escribe todas las ideas que te “lluevan”; no importa que parezcan imposibles o fuera del sentido común. Deja fluir las imágenes como si soñaras, pero sin dormir, es decir, sueña despierto y escribe.
- Finalmente, dale forma a tu cuento, que será, quizás, tu primer relato sobre plata yvyguy. ¡Congratulaciones!

Título: Robo de piezas del museo de Santaní quedaría en el folclórico “oparei”
Data: 21 de Septiembre de 2011
Editoria: Interior (Impressa)
Link: <http://www.abc.com.py/nota/robo-de-piezas-del-museo-de-santani-queraria-en-el-folclorico-oparei/>

Ex Intendentes “No Tienen Pistas de lo Acontecido”, dijo fiscalía Lilian Ruiz.

El robo de valiosos objetos del museo de San Estanislao, denunciado a mediados de agosto último por el ex embajador de Paraguay en Francia y ex intendente de este distrito sampedrano, Iván Evreinoff Carrillo, corre el riesgo de quedar impune. La fiscalía Lilian Ruiz, quien de oficio abrió una carpeta para investigar el hecho, dijo que no pudo avanzar.

SAN ESTANISLAO (Sergio Escobar Rober, corresponsal). La fiscalía Lilian Ruiz comentó que en estos momentos se encuentra en la etapa de notificación a los ex intendentes, quienes podrían tener alguna responsabilidad en el caso.

Al respecto, dijo que su investigación se basa netamente en las publicaciones periodísticas, atendiendo que la fiscalía no recibió ninguna denuncia formal de Iván Evreinoff Carrillo, quien reside desde hace 25 años en Chambourcy, Francia.

El ex diplomático, durante una visita a nuestra redacción, dijo que realiza visitas periódicas a Paraguay, en especial a su natal San Estanislao.

Evreinoff Carrillo refirió también que regresó después de ocho años al país en agosto pasado y encontró que el museo que él formó siendo intendente municipal en 1982, en el ex cuartel del Mcal. Francisco Solano López durante la Guerra de la Triple Alianza, está casi vacío.

En ese sentido, denunció que del citado lugar “desaparecieron” todos los objetos de mayor valor que fueron donados por sus familiares, los Carrillo, parientes de doña Juana Pabla Carrillo de López, esposa de don Carlos Antonio López y madre del Mcal. Francisco Solano López. Indicó que habían entregado 208 piezas por escribanía pública.

De acuerdo a algunos informes, se puede deducir que los elementos pudieron haber sido robados a raíz del descuido de los encargados del lugar, que no habrían notado que personas desconocidas se apoderaron de los objetos, por lo que se hace bastante difícil la identificación de los responsables del hurto, explicó la fiscalía.

“La más interesada en recuperar estos objetos soy yo, pero como nadie sabe en qué época ni en qué circunstancia desaparecieron estas reliquias, mi procedimiento se hace lento para determinar la responsabilidad de los ex intendentes de la

Municipalidad, que de acuerdo a lo que estoy manejando, ninguno de ellos tiene pistas de lo acontecido”, indicó.

Cuando Evreinoff realizó su denuncia, al ser consultado, el intendente actual, José Safuán (ANR), admitió que comprobó que varios objetos de valor que estaban en exhibición en el museo fueron sustraídos. Responsabilizó a sus antecesores del robo de las reliquias.

Safuán indicó que los ex intendentes no supieron responderle sobre el paradero de los objetos.

Por su lado, el ex jefe comunal Andrés Jara Mello (ANR), periodo 2006-2010, indicó que cuando asumió el cargo, el local ni encargado tenía.

“Cuando yo entré a la Municipalidad, recibí del entonces intendente Marcos Rodríguez (ANR) un museo casi en ruinas. En el estado en que me entregaron la casa, cualquiera pudo haberse adueñado de estos elementos”, dijo.

A su turno, Marcos Rodríguez (ANR), periodo 2001-2006, rechazó la versión de Jara Mello. Dijo que en el lugar había un inventario en el que estaban registrados en forma detallada los bienes en exposición.

“Después de la culminación de mi mandato como jefe municipal se había hablado, incluso denunciado públicamente, que algunas personas estaban cavando en el lugar en busca de tesoro (plata yvyguy). Quién sabe si esa misma gente que realizó esas excavaciones no habrá llevado algunas de estas piezas”, manifestó.

Tras la Guerra del 70, el Oratorio de San Carlos de Olivares quedó abandonado. Sufrió saqueos y su estructura fue socavada por buscadores de tesoros. En ruinas soportó el paso del tiempo y, en los años 80, experimentó una etapa de reconstrucción. Hoy, los dueños de las tierras que ocupa encaran nuevas obras con el objetivo de devolverle su esplendor perdido.

Título: Oratorio de Olivares

Olho: Tras la Guerra del 70, el Oratorio de San Carlos de Olivares quedó abandonado. Sufrió saqueos y su estructura fue socavada por buscadores de tesoros. En ruinas soportó el paso del tiempo y, en los años 80, experimentó una etapa de reconstrucción.

Data: 28 de Agosto de 2011

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/oratorio-de-olivares/>

A quinientos metros de la costa del río Paraguay, cerca de la desembocadura del río Manduvirá, Don Carlos Antonio López mandó construir un oratorio privado en su estancia de Olivares. La obra, que se cree fue diseñada y dirigida por el arquitecto italiano Alejandro Ravizza, se inició en los últimos años de su gobierno. El gobernante murió tres meses antes de la inauguración oficial, fechada el 14 de diciembre de 1862. La bendición del recinto sagrado se hizo en presencia de sus familiares, amigos, autoridades y pobladores de estancias cercanas.

Pocos días antes de la habilitación del Oratorio de San Carlos de Olivares, el director del periódico El Semanario, el español Ildelfonso Bermejo, escribió un extenso artículo de cinco columnas que relataba los pormenores de la próxima inauguración. La nota periodística disgustó al nuevo presidente de la República, general Francisco Solano López, pues por tratarse de un acontecimiento privado de la familia, le parecieron

excesivos los comentarios. Enterado del enojo, Ildefonso Bermejo envió al presidente López su carta de renuncia a la dirección de El Semanario, consignando que “no conseguía otra cosa que causar molestias y mortificaciones involuntarias que quería evitar a todo trance” y que por eso solicitaba su separación. De inmediato, la renuncia le fue aceptada.

Con grandes festejos se bendijo la obra. Se hicieron allí muchas misas, responsos y misas cantadas en honor a San Carlos Borromeo y en beneficio del finado presidente Carlos Antonio López.

Juan M. Ortellado, presbítero del lugar, certifica en un documento fechado el 26 de junio de 1865 que: “Cumpliendo el mandato de la capellanía establecida en este Oratorio de Olivares, he celebrado ochenta y cuatro misas rezadas con igual número de responsos, treinta y cuatro de ellos cantados y los demás rezados...”.

Al mes siguiente, el 13 de julio de 1865, el padre Ortellado otorga recibo por “ciento veinte y nueve pesos por mitad en metálico y billetes, como estipendio de ochenta y cuatro misas rezadas...”, a nombre del coronel Venancio López.

Además de la estancia de Olivares, la familia López poseía en la región, no lejos unas de otras, las estancias Ypekua, Yacarey y Capiipobo. Cada estancia, según investigaciones de don Carlos Alberto Pusineri Scala, tenía su capataz. “Pero, de acuerdo a un documento guardado en el Archivo Nacional de Asunción, la hacienda era controlada desde la estancia de Olivares por el capataz Francisco Meza, quien rendía cuenta bien detallada, principalmente de los animales vendidos y carneados...”.

Detallado también es el inventario que se hizo en mayo de 1863 con el listado de todo el material utilizado y el costo de la construcción del oratorio, y los ocho lances de casas que existían en la parte posterior del recinto sagrado. Igual documento permite saber la cantidad y calidad de los muebles, alhajas y ornamentos que pertenecieron al oratorio. Había dos arañas de plata y cristales, un hostiario de plata, una cruz parroquial de plata, un copón de plata con tapa, tres sillas de brazos forradas con damasco de seda colorada, doce escaños de madera, cuatro campanas y muchos objetos. Todo se perdió con el estallido de la Guerra de la Triple Alianza (1865-1870). Tras los sucesos bélicos, el Oratorio de Olivares quedó abandonado. Un tiempo después, la propiedad fue adquirida por un inmigrante alemán, Alberto Pedro María Aostendorp. Al fallecer, en 1913, el establecimiento fue heredado por su hermano Enrique Luis María Aostendorp. Por entonces, la estancia era administrada por el señor Alberto van Humbeeck.

El 26 de julio de 1919, las tierras fueron compradas por Francisco Guanes Machaín, quien a su vez transfirió la propiedad a su madre, Rafaela Machaín de Guanes, en 1924. El mismo año, la señora Rafaela cedió parte del campo que se conoce como López Cué a su hija Luisa Guanes Machaín de Zorraquín. En junio de 1933, la señora Rafaela otorgó el resto del establecimiento a sus otras dos hijas: Sara Guanes Machaín de Gatti y Berta Guanes Machaín de Alvarado. Las mismas tuvieron en condominio el campo hasta 1948, cuando decidieron dividirse en porciones. A la señora de Gatti le tocó la parte llamada Ypekua y a la señora de Alvarado la parte de Olivares.

Hoy, las 360 hectáreas de tierra que se conocen como Tupao Cué es propiedad de Arturo Alvarado Llanos, nieto de doña Berta. Con fondos propios, ahora el hombre, hijo de paraguayos exiliados en Argentina, encara la recuperación edilicia del antiguo oratorio que nada pudo conservar de sus valiosos ornamentos y mobiliarios. Durante largo tiempo, la construcción de buena planta quedó a merced de los depredadores

que causaron graves daños a la estructura. Rompieron paredes, agujerearon pisos y socavaron los cimientos en busca de “plata yvyguy” o tesoros enterrados. La naturaleza contribuyó con el avance de malezas hasta que un día el frontis se desplomó por completo. Apenas las paredes y el elegante campanario resistieron al rapiñaje, que le despojó de puertas, ventanas, rejas de hierro y cuanto material pudiera ser arrancado.

En 1987, el contraalmirante Ramón E. Martino se ocupó de obtener datos históricos a fin de reconstruir el oratorio en ruinas. Encomendó a don Carlos Alberto Pusineri Scala buscar documentos en el Archivo Nacional de Asunción para justificar las intervenciones. Se colocaron el techo, los pisos y una veleta en lo alto del campanario. Se reconstruyeron los pilares del frontis y los revoques, aunque no se completaron las obras. De vuelta, el Oratorio de San Carlos de Olivares quedó en abandono.

Desde el año pasado, el dueño de las tierras, Arturo Alvarado Llanos, inició otra etapa de reconstrucción. “Después de la Guerra del 70, la capilla esta se convirtió en ruinas. Y quedó abandonada por mucho tiempo, hasta que en 1987 se trató de hacer una restauración de parte de la Administración de Puertos; estaba al frente el entonces contraalmirante Martino. Se hizo la parte del frontis, que estaba totalmente caído, con las columnas por el suelo; no tenía techos. Pusieron techo y pisos; lastimosamente no fue una restauración muy buena, tocando los parámetros antiguos de la construcción. Usaron tejas prensadas y en el piso se puso una layota que enseguida se destruyó. No se repusieron las aberturas, puertas y ventanas. Teniendo yo una muestra de los materiales originales, del piso y de las tejas, mandé fabricar esos materiales iguales a los de antes. Y con esos materiales es que estamos encarando la restauración. En estos momentos, el techo de la nave central ya está listo, terminado, y seguimos con los contrapisos. En fin, vamos a ver hasta dónde llegamos”, expresa Alvarado Llanos, en el tono aporteñado que lo caracteriza.

¿Cuál es la finalidad de la recuperación del oratorio? “Y el objetivo es la puesta en valor del edificio histórico; no sé si se podrá ponerlo en funcionamiento”. ¿Hay algún interés de convertir al lugar en atracción turística? “Y bueno, mirá, eventualmente en la iglesia, una vez terminada, se podría dar misa, siempre que venga algún cura. Acá enfrente, tenemos una isla donde hay más o menos unas veinte familias que viven ahí y que eventualmente podrían venir a la misa si es que se organiza”.

El que tiene una visión contundente es Arturo Alvarado (hijo). El joven de 28 años entiende que en un futuro no lejano, el establecimiento podría explotar su potencial turístico. “Por supuesto, nosotros conservamos la naturaleza acá. No permitimos cazar, no dejamos cortar los árboles; hacemos todo lo posible para que se mantenga como está. Acá hay venados, coatíes, también llegamos a ver carpinchos, nutrias, monos y pájaros en gran cantidad. Es una zona muy rica porque hay dos ríos en las cercanías...Y con la puesta en valor de la capilla, podría ser un atractivo turístico muy importante”.

En la actualidad, la estancia Tupao Cué se dedica a la ganadería. Eduardo Zaracho (padre) y Eduardo Zaracho (hijo) son los veterinarios encargados de atender las cuestiones productivas. “En este paradisíaco lugar se crían ganado vacuno de razas cebuinas y europeas con fines comerciales, además de equinos de montar para uso interno”, explican.

Los profesionales hacen saber que también son responsables de un ambicioso programa de reforestación y protección de la fauna silvestre.

“En pocos años, se piensa repoblar el lugar con ñandúes que hasta hace 30 años recorrían en total libertad por estos campos y hoy están desaparecidos”.

Trencito. Una pequeña locomotora a vapor de fabricación norteamericana, de 1904, es el tesoro de Arturo Alvarado Llanos. Cuenta él que la trajo del Uruguay, donde estaba abandonada en un campo de su suegro. “El trencito era de un inglés representante del Lloyds Seguros en Uruguay. Lo hacía funcionar desde el portón de entrada hasta su casa para su diversión. Y cuando mi suegro compró las tierras, estaba tirado, abandonado. Yo al final lo rescaté y lo restauré. Estamos preparándolo para que funcione acá. Solo nos falta juntar la cantidad necesaria de rieles. Va a tener uno o dos vagones donde ubicar pasajeros. Es una reliquia que va a funcionar acá, le vamos a hacer andar”.

Atractiva obra. La estructura del oratorio cuenta con pilastras interiores con molduras, un altar de mampostería y una sacristía. A los costados tenía cuatro ventanas que se abrieron como puertas. Las cuatro columnas circulares que sostienen el frontis de estilo neoclásico italianizante fueron reconstruidas en 1987. Se restituyó el cielorraso de madera y se cerraron los boquetes hechos en las gruesas paredes por los “buscadores de tesoros”. Los depredadores destruyeron también los escalones de acceso. A ambos costados, cinco columnas sostienen los aleros que hacen de corredores laterales. En sustitución de las cuatro campanas de bronce de 80 kilos cada una, se puso una de 50 kilos. Una vez finalizada la reconstrucción, se colocarán reflectores de iluminación nocturna.

Santo. Uno de los objetivos de Alvarado Llanos es restituir la imagen de San Carlos Borromeo al edificio sacro. Sabe que la escultura o talla original de madera que estaba en esta capilla fue a parar a San José de los Arroyos y que se encuentra guardada en la casa parroquial. “Es lo que me dijeron. Eventualmente yo mandaría tallar una copia por algún escultor para tenerlo acá. Pero vamos a ver hasta dónde llegamos, porque también todo depende de la parte económica”.

La estancia Tupao Cué se ubica en el distrito del Arroyos y Esteros. De la ruta que une Emboscada con Arroyos y Esteros se debe ingresar por un camino privado de la estancia Ypekua, de 13 km, con varios portones que abrir y cerrar.

FOTOS: ABC Color/Gustavo Báez

Título: Denuncian el robo de patrimonios históricos del museo de Santaní
Data: 23 de Agosto de 2011
Editoria: Interior (Impressa)
Link: <http://www.abc.com.py/nota/denuncian-el-robo-de-patrimonios-historicos-del-museo-de-santani/>

“Desaparecieron” Los Objetos Más Valiosos, Sostuvo Donador De Reliquias

Iván Evreinoff Carrillo, ex intendente de San Estanislao y ex embajador de Paraguay en Francia, denunció el robo de los objetos más valiosos que donó hace 25 años al museo de dicha ciudad sampedrana.

Iván Evreinoff Carrillo relató que siendo intendente de San Estanislao, en 1982, encaró la restauración del edificio que fue el cuartel del mariscal Francisco Solano López durante la Guerra de la Triple Alianza. Después, en su condición de descendiente de la familia Carrillo, a la que pertenecía Juana Pabla Carrillo de López, esposa de Carlos Antonio López y madre del héroe de la Guerra Grande, donó imágenes barrocas y pertenencias de la familia Carrillo.

Mencionó que entre las reliquias que faltan están un nicho tallado con perfección extraordinaria que era del oratorio de la estancia Monte Negro, que pertenecía a su familia. También candelabros de bronce de Italia; un lienzo de la Virgen de Luján con los escudos de Brasil, Paraguay y Uruguay con la frase: “Al gran caudillo Gervasio Artigas. De las damas uruguayas. Viva la banda oriental del Uruguay y la muy noble Villa del Curuguay”.

Además desapareció una manopla que Napoleón III le regaló al mariscal López; un monedero con una moneda de San Jorge hecha de plata, que fue obsequiado por López a Madame Alicia Lynch, así como colecciones de monedas de plata.

También la imagen de un Cristo Crucificado tallada en madera por los jesuitas a finales del S. XVII; de la Virgen de la Piedad con el Cristo yacente en el regazo, explicó.

Apenas queda la cama que fue utilizada por el mariscal López en su época de juventud, entre otros objetos, dijo Evreinoff.

Detalló que entregó 208 piezas por escribanía pública. El original del acta de donación tiene él en París (Francia) donde reside actualmente, una copia está en la Junta Municipal de Santaní, otra en el Ministerio de Educación y Cultura (MEC) y una tercera en la casa parroquial del distrito sampedrano.

Confirmó denuncia

El intendente, licenciado José Safuán (ANR), admitió que comprobó que varios objetos de valor que estaban en exhibición en el museo fueron sustraídos. Responsabilizó a sus antecesores del robo de las reliquias.

Safuán indicó que los ex intendentes no supieron responderle sobre el paradero de los objetos, comentó.

Por su lado, el ex jefe comunal Andrés Jara Mello (ANR), periodo 2006-2010, indicó que cuando asumió el cargo el local ni encargado tenía.

“Cuando yo entré a la municipalidad, recibí del entonces intendente Marcos Rodríguez (ANR) un museo casi en ruinas. Por suerte conseguí el apoyo de la Itaipú Binacional para recuperar el edificio y en realidad no manejaba tanto la cantidad de cosas que había dentro de los salones, pero, en el estado en que me entregaron la casa, cualquiera pudo haberse adueñado de estos elementos”, dijo.

A su turno, Marcos Rodríguez (ANR), periodo 2001-2006, rechazó la versión de Jara Mello. Dijo que en el lugar había un inventario donde estaban registrados en forma detallada los bienes en exposición. “Después de la culminación de mi mandato como jefe municipal se había hablado, incluso denunciado públicamente, que algunas personas estaban cavando en el lugar en busca de tesoro (plata yvyguy). Quién sabe si esa misma gente que realizó esas excavaciones no habrá llevado algunas de estas piezas”, dijo.

Título: Camilo, Larissa y el default

Data: 7 de Agosto de 2011

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/camilo-larissa-y-el-default/>

Acabo de quemar a Camilo Soares. Les cuento que es bueno para el frío. Esta es una de esas ocasiones en las que el papel de la prensa cumple su objetivo comunitario.

Por Carla Fabri

Además de inusual, hacer fuego en la chimenea tiene su encanto. Camilo se fue consumiendo lentamente entre las llamas mientras a mi mente acudían trozos de la guarania Anahí, que hace mucho no escucho: condenado a muerte ya estaba tu cuerpo envuelto en la hogueraaaa. Y se quemó todito Camilo.

Conseguí algo que en este país es casi imposible, porque aquí nadie se quema.

También me vengo a enterar que la Novia del Mundial, Larissa Riquelme, ¡siiiigeee en Bailando por un sueeeño! como anuncia Tinelli en medio de la sentencia. Me inunda más tranquilidad que cuando supe que Estados Unidos superó el default. Aunque la que ahora está entrando en default soy yo, y si mi congreso doméstico no me da una inyección de liquidez urgente, me voy al mazo y conmigo se va a la China mi entorno planetario. Prosiguiendo con el default superado por Obama, preocupa que el precio del oro se dispare, mientras los países productores de petróleo continúan su chantaje de precios, artificialmente altos; chantaje en el que colaboran los mercados de materias primas y las grandes petroleras. Gente entendida dice que la salida es nunca más producir dinero artificial. Entre quienes saben del tema está el amigo V. Nuovo y según dice él: Los Estados Unidos, agobiados por su deuda externa, han creado un clima de desconfianza de su propia moneda. Su cotización ha precipitado en los mercados internacionales y han conseguido en breve reducir el valor de transacción de su deuda. Lo que ha ocurrido realmente es una devaluación del dólar en el ámbito internacional. Por su parte, Luis Pettengill, titular de la Cámara Paraguaya de la Carne, afirma: Si la paridad cambiaria no mejora, los frigoríficos exportadores paralizarán sus actividades porque no pueden seguir trabajando a pérdida. V. Nuovo observa que los perjudicados por la situación financiera son los ahorradores en dólares, los bancos posicionados en dólares y los países cuyas reservas monetarias están en dólares. Prevé más coletazos y señala que desde que los países suprimieron la convertibilidad de las monedas en oro, todo se convirtió en una ficción manejada por unos cuantos especuladores internacionales con sus enormes capitales golondrinas. Nuovo finaliza diciendo: El BCP está orgulloso con sus reservas en dólares devaluados, mientras el país carece de infraestructuras primarias, como el transporte urbano y el ferrocarril.

Pese a este panorama de nubes negras, esperemos que hoy haya felicidad, alegría y rico ambigü en la celebración del 44.º aniversario de ABC Color. Que Larissa Riquelme continúe un tiempito más en Bailando por un sueño, que Camilo se vaya con Electra, y que encontremos plata yvyguy para enfrentar nuestro default personal de cada mes.

Título: Excedentes Rekávo

Data: 17 de Julio de 2011

Editoria: Opinião

Link: <http://www.abc.com.py/nota/excedentes-rekavo/>

Salto Del Guairá

En un pasado reciente abundaban los plata yvyguy rekaha, los buscadores de tesoros enterrados supuestamente durante la guerra grande que afrontó nuestro país contra la Triple Alianza. Hay muchas anécdotas difícilmente verificables de personas que amasaron fortunas con esas expediciones, pero también existen crónicas periodísticas

muy reales, y muy recientes incluso, sobre cómo terminaban literalmente enterrados en grandes fosas que abrían en busca del oro los plata yvyguy rekaha.

En diciembre pasado, tres personas murieron en Capiatá al colapsar el pozo que iban abriendo. En mayo de ese mismo año, don Eleucipo Gavilán, de Capiibary, también fue tragado por la tierra cuando iba a 8 metros de profundidad tras el tesoro de los López. Pero a lo que según el escritor Carlos Villagra Marsal fue una “diversión”, la búsqueda de platas yvyguy, ahora a esa búsqueda de “riqueza fácil” que tienen los paraguayos se suma un nuevo capítulo: la búsqueda de “excedentes de tierra”.

Son pedazos o superficies de terrenos que han quedado en algún rincón en medio de lotes que iban siendo comercializados. Hasta hace algunos años, incluso, era posible aún encontrar grandes parcelas sin título de propiedad. Muchos de los grandes terratenientes de hoy lograron finalmente ser propietarios de miles de hectáreas de tierra precisamente gracias a los excedentes que fueron adquiriendo y anexando con el tiempo.

En este momento el propio Estado está tras la búsqueda de excedentes. El Indert hace poco logró ubicar una parcela de 3 ha que estaba sin título, sobre la línea internacional entre Brasil y Paraguay. Un par de años antes había ubicado cerca del mismo sitio una parcela de 7 ha. El excedente estaba en un rincón donde cada centímetro cuadrado de tierra está valuado en miles de dólares. El precio pagado al Estado por las 7 ha no llegó a G. 5 millones, pero las coimas y las propinas para quedarse con el predio habrían costado más de una centena de miles de dólares al actual dueño.

Así que no te sorprendas si aparecen unos extraños en la esquina de tu patio realizando mediciones. Probablemente no sean abigeos ni asaltantes, son los nuevos buscadores de tesoro o excedentes, una actualísima y rentable diversión nacional.

Título: Rojas Doria de gira con “Al Rojas vivo”

Data: 4 de Julio de 2011

Editoria: Artes y Espectáculos (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/rojas-doria-de-gira-con-al-rojas-vivo/>

El actor Rafael Rojas Doria durante la visita realizada a la redacción de ABC Color comentó sobre su nuevo proyecto artístico.

“Al Rojas vivo” se denomina el nuevo proyecto encarado por el popular actor, director y dramaturgo compatriota Rafael Rojas Doria, que está llevando a cabo por el interior del país.

“Nos fuimos acompañados de la señorita Pabla Thomen, una de las mejores modelos y revolucionamos con los chicos de Tobatí. Le pedían autógrafos, tomarse fotografías, después de la función de la película “Al Rojas vivo”, en donde se muestran los diferentes momentos que hemos hecho en todos los canales de televisión abierta. La exhibición es gracias a la Gobernación de Cordillera y quiero anunciar que vamos a proseguir el lunes y martes próximo por todo el departamento”, señaló Rojas Doria.

La película se subtitula “Un recuento de la acción de los artistas nacionales”. La gira empezó en Tobatí y hoy estarán en Eusebio Ayala, el martes en Santa Elena, que incluirá también los pueblos de Juan de Mena, Arroyos y Esteros, Emboscada, Nueva Colombia, Loma Grande, Altos, San Bernardino, Atyrá, Caacupé, Primero de Marzo, San José Obrero, Isla Pucú, Mbocayaty, Itacurubí de la Cordillera, Valenzuela, Piribebuy.

“La idea es que la juventud no se olvide de sus artistas, que sepan quiénes son sus artistas en el Paraguay, así sea José Asunción Flores, el creador de la guarania, un escritor como Augusto Roa Bastos, el poeta Elvio Romero, los actores Ernesto Báez, Jacinto Herrera, Emigdia Reisófer, Carlos Gómez, mi compadre César Álvarez Blanco, por mencionar solamente algunos nombres”, señaló nuestro entrevistado.

“El documental es mi idea, y son los momentos en que conjuntos están cantando, contándose chistes, escenas de obras teatrales como “Plata yvyguy rekávo”, donde está otro inolvidable de la escena como José Olitte, Taca Barrios, Alba Ferreira, que hace un desnudo de pecho, muy festejado por los jóvenes. La actuación en vivo con Pabla Thomen, que estará con nosotros en toda la gira”.

“La exhibiciones varían en distintos horarios, tanto por la mañana, tarde y noche, pero eso se irá dando a conocer. Las funciones suelen organizarse en los colegios, salones municipales o gobernaciones. La entrada siempre es gratuita, gracias al apoyo del Fondo Nacional de la Cultura y las Artes Fondec. Sí podemos hacer notar que todos se pelean, porque solamente trece de los veinte pueblos son incluidos en esta gira, pero ojalá consigamos más fondos para recorrer todo el país, que es lo que queríamos”, finalizó diciendo Rafael Rojas Doria.

Título: El dueño del circo

Data: 27 de Febrero de 2011

Editoria: Interior (Impresso)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/el-dueno-del-circo/>

Cuando él tenía ocho años un circo llegó a su pueblo. Quedó tan cautivado que entró y trabajó como artista. Hizo de trapealista, equilibrista, arreglador de lámparas, malabarista, mago y payaso. Hoy, a sus 55 años, Eliodoro Rojas tiene su propio circo y con su carpa recorre el país llevando alegría y magia.

Fue probablemente en el año 1962 cuando la tranquilidad y el tedio de la siesta de Paso Tranquera fueron interrumpidos con la llegada de un camión lleno de colores y repleto de armazones raros. Detrás corrían varios niños que gritaban y reían. La alegría y la magia del circo se instalaban en aquella compañía de Santa Elena (Cordillera).

Uno de esos chicos, Eliodoro Rojas, tenía entonces ocho años y quedó tan cautivado por la magia del circo que todas las tardes, después de la escuela, visitaba la carpa y conversaba con los artistas. Un día, el pequeño Eliodoro le dijo al dueño: “Yo también quiero trabajar con ustedes y hacer todo eso”. Desde ese día nunca más bajó del escenario. Hoy, a sus 55 años, tiene su propio circo y sus hijos son todos artistas del espectáculo circense. Con la ayuda del Fondec, hace unos años, pudo adquirir su propia carpa, y acompañado de sus hijos va ofreciendo su espectáculo por los pueblos del interior.

Con su circo familiar ya recorrió todo el país. Tiene alrededor de 27 hijos. Sus tiempos de “cabezudeadas” terminaron cuando durante una actuación fue flechado por María Petrona Ferreira (56 años), con quien se casó, la hizo también artista de circo y tuvieron 13 hijos. Sus otros hijos son de anteriores relaciones. Ya no los conoce ni llevan su apellido, porque se fueron con sus madres cuando eran muy chicos.

Del grupo de los 13, todos actuaron y actúan en el circo. Lilian, la hija mayor, de 31 años, vive ahora en España, hacía de equilibrista. Daysi (29) también emigró a España. Feliciano, de 28 años, actualmente está en Argentina, trabajando en un circo.

Luis Alberto (28) es trapecista en un circo en el Brasil. Diana Jennifer (27) también emigró a España como otras tantas compatriotas buscando mejores horizontes.

Roberto Rodrigo (26) actualmente está en Nueva Caledonia (Islas del Pacífico), trabajando como trapecista en un circo. Deivy Rocío (25) trabaja con su padre como equilibrista. Perla Soledad (21) también está trabajando en España. Agustín (19) es trapecista, Angel (15) hace de payaso, zanco y trapecista. Tania, de 14 años, hace contorsionismo y baila; y Lucas, de 10 años, el más joven, es trapecista y equilibrista.

Eliodoro es bromista y alegre. Recuerda que su difunto padre al verlo saltando en el trapecio con ironía afirmaba: “Cuando mi hijo ve una azada y un machete es capaz de volar más alto, con tal de no trabajar en la chacra”.

Inició su propio circo en una compañía de Capiatá. Con unos palos cedidos por un vecino improvisó un trapecio, atados con coyunta de cuero. Idas y vueltas de la vida lo llevaron arriba a la gloria en el trapecio y a probar los sinsabores de quedarse sin dinero y no tener nada qué comer.

“En el circo uno se ríe hasta de las situaciones más dolorosas. Porque después todo pasa y uno se acuerda y se ríe”, dice, y recuerda que tuvo que pasar por muchas circunstancias muy difíciles.

—¿Le pasó alguna vez?

—Varias veces. Duro es cuando uno no tiene dinero y no hay nada qué comer y en el almacén del pueblo no quieren darte fiado nada. Terrible es cuando no tenés nada para alimentar a tus hijos, o tu esposa está por parir y no hay ningún vecino que te quiera dar una mano.

Cosa extraña es esto del circo, uno trata de llevar alegría a la gente, pero al poco tiempo uno tiene que salir del pueblo porque si estás mucho tiempo ya les resulta molesto.

—¿Y qué hacía cuando no tenía nada para comer?

—Una siesta estaba tan desesperado porque no tenía dinero y ya había comido durante tres días de una olla de poroto que me cocinó mi esposa. Tenía mucha hambre y me fui a comer guayabas. Entonces, le pedí a Dios que me ayude a encontrar algún plata yvyguy, que me saque de esa situación. Ahí me di cuenta de que tenía una llave en el bolsillo, una llave de esas que se usan para ajustar tuercas. Entonces me fui a una casa vecina y pregunté si no querían que le repare su lámpara. Me trajeron una, la limpié bien y enseguida comenzó a funcionar perfectamente. De allí nomás la señora le avisó a la vecina y así fueron llegando lámparas y lámparas y ese día gané mucho dinero arreglando lámparas.

—¿Alguna vez se cayó del trapecio?

—Sí... Varias veces. Una vez me lastimé la columna y en otra me fracturé el brazo. En una ocasión me caí sobre unos borrachos que estaban a un costado mirando el espectáculo. El público aplaudió pensando que la caída era parte del show (se ríe) Me dolía mucho el golpe, pero levantaba los brazos saludando al público.

Por la edad y los kilos de más don Rojas ya no puede subirse al trapecio. No obstante, cada tanto vuelve a aparecer en el escenario, acompañando a sus hijos actuando como el “Payaso Boyito”, personaje con el que se había hecho famoso. El “Circo

Rojas” va recorriendo el interior del país, la semana pasada montó su carpa en Arroyos y Esteros, previamente estuvo en Emboscada y ahora está instalado en el Polideportivo de Tobatí. Los hijos de don Rojas, “el dueño del circo”, son excelentes artistas. Malabarismo, equilibrismo, música, color y el humor bien paraguayo de los payasos complementan el espectáculo de muy buen nivel y, por sobre todo, totalmente paraguayo.

Título: Mitos y verdades sobre el paraguayo

Data: 14 de Febrero de 2011

Editoria: Locales (Impresa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/mitos-y-verdades-sobre-el-paraguayo/>

Carlos Villagra Marsal, Escritor E Intelectual De Nuestro Tiempo (II)

¿Qué virtudes y defectos definen al hombre paraguayo? Es el tema que abordamos en esta segunda y última de la nota con el escritor Carlos Villagra Marsal. Aparte de ser mestizos biológicamente, los paraguayos tenemos mucho de un mestizaje cultural, que viene de los antepasados: desde la habilidad de zafarse de las situaciones hasta la gran hospitalidad. No obstante, habría que diferenciar un ser paraguayo rural en decadencia y el ciudadano, con múltiples cambios y circunstancias. Tampoco pasa por alto la gran “diversión nacional” de todos estos años: la búsqueda de plata yvyguy (tesoro escondido).

La idiosincrasia del paraguayo ha sido señalada ya en son de broma –más que en otro sentido– por nuestro querido y llorado amigo Helio Vera en su libro “En busca del hueso perdido”, expone Villagra Marsal.

Pero para determinar el ser radicalmente paraguayo habría que separar el ser rural, que está en franca decadencia o con pérdidas de muchas de sus virtudes, y el ser urbano, la burguesía, los que vivimos en la ciudad, y la enorme población marginal producto de los que vinieron del campo a la ciudad, dice.

En todo caso, el paraguayo típico –cita– es un hombre reservado, naturalmente desconfiado. Incluso, con subterfugios para no ser abordado o investigado de alguna manera, como ocurre cuando muchos médicos auscultan a pacientes que van a hospitales rurales. Hay una gran astucia en él para salirse de situaciones y aprietos. Cuando fueron reprimidas las Ligas Agrarias, muchos tuvieron la astucia, la habilidad natural para hacerse de los imbéciles, estúpidos... Y engañaron a los propios represores, a los pyragues, con una manera muy buena, muy fina de zafarse del embrollo.

Otra cosa que le viene al paraguayo de su contacto con el mundo primitivo, del neolítico, es el hecho de ser y actuar como “mestizos culturales”. ¿Cómo se explica? De mestizos biológicos hay una gran mayoría, pero culturales todos, incluso los recién llegados después de unos años a este país se vuelven mestizos culturales. Por ejemplo, cuando hay que “eliminar” a un enemigo, si es posible a traición, con el “guasú apípe”. Esto significa que al venado se lo mata a traición, aunque ello para el paraguayo no sea un delito porque le viene de sus ancestros. “Nadie se va a acercarle a un venado para cazarlo de frente, ni con el viento en contra para que lo huelga, sería un grandísimo torpe”, acota.

Para Villagra Marsal, el tema de la delincuencia es muy posterior al ser paraguayo y es producto de la inadaptación a la ciudad, la falta de trabajo. “Siempre han habido éxodos políticos, pero en los últimos años se dieron éxodos económicos. En ese

sentido, este es un país miserable porque no puede dar trabajo a sus hijos y los obliga al éxodo”.

Ser generalmente sobrio también es una característica del paraguayo por una larga tradición virtuosa. En contrapartida, también menciona que hay una gran tendencia al manejo abusivo del poder, a seguir la antigua prepotencia del oficial de compañía que salía con un tejuruguái a pegarle a todo el mundo. “Y también en los últimos tiempos, un gran desapego a las leyes, a la institucionalidad y grandes dificultades de consenso, están caracterizando al paraguayo”, sostiene.

El investigador señala que los 35 años de dictadura de Alfredo Stroessner han pesado bastante en la conducta del paraguayo. “Antes de Stroessner existía el mboriahuryvatã (pobre satisfecho), situación de la cual los paraguayos de gobiernos colorados y liberales anteriores se sentían orgullosos. “Ahora se trata por todos los medios de hacerse de algo, lo cual es legítimo trabajando, pero muchos quieren tener alguna otra ventaja para apoderarse de la cosa pública que está a su cargo”, advierte.

¿Y la apatía del paraguayo? Es un cuento que manejaron con el mismo criterio los conquistadores españoles y los posteriores, los conquistadores económicos. “En muchos sentidos, somos víctimas también de los imperialismos”, subraya.

Que los paraguayos sean haraganes o no quieren trabajar es otro mito. “El paraguayo es una persona muy guapa en el trabajo y la prueba más palpable se ve en quienes salen al exterior para trabajar”, responde al mencionar que “lo que enfrenta el paraguayo para demostrar su laboriosidad es la falta de oportunidades, la falta de fuentes de trabajo y la solución de problemas fundamentales como educación y salud”.

La hospitalidad es una de las virtudes que se mantienen invariable, sobre todo en el campo: Se conserva también ese espíritu de projimidad, como se le llama en Paraguay, de solidaridad con el semejante. No es raro llegar a un ranchito perdido del interior, donde solo se accede en carreta o a caballo y nunca falta un tipo que salga a dormir afuera y ofrezca su casa con la frase “nde rógape guáicha, karai” (como en tu casa, señor). “Esas manifestaciones continúan y hablan muy bien del Paraguay y del paraguayo”.

De escuchar hoy frases tan diametralmente opuestas como “no existe otro país como el Paraguay” ante el “estamos en Paraguay” o “solo pasa en Paraguay”, Villagra Marsal alega que, muchas veces, la sobrevaloración del país es producto de la nostalgia para quienes están afuera. “Nuestra verdadera Patria es la Patria de la infancia y eso vamos a añorar siempre. Para muchos Paraguay es el paraíso y para otros –que tienen gran facilidad de desarraigo, a veces con razón– este país no les ha dado nada”. Aquí cita que ha escuchado frases como: “ni mis huesos tendrá este país”, mientras otros solo piensan en volver alguna vez.

Del “país de los amigos” el escritor señala que una entidad colectiva que se guíe por el amiguismo es contrario a la institucionalización, más todavía de un país, y agrega que el nepotismo empezó con el régimen de Alfredo Stroessner. “El Paraguay no era así. Hay que ver la lista de gente importante, diputados y senadores de años anteriores, incluso del siglo XIX, que consideraban grave que uno llamara a un hermano a ocupar un cargo público”.

Destaca que existen héroes de hoy en Paraguay, héroes culturales, económicos y gente de trabajo, humilde, sencilla que sin pedir nada a nadie están manteniendo y que son como el cimiento de nuestra nacionalidad. “La gente que quiere a su país, que quiere verlo mejor y que hace algo”.

Considera que hoy día ser apolítico es “ser un gusano”, es no interesarse por la marcha de la sociedad. “Lo que se puede es ser, y con razón legítima, apartidario, independiente de toda facción, pero apolítico no. Todos tenemos que interesarnos por la política y la democracia”.

A si ¿somos independientes o soberanos en vísperas del Bicentenario?, Villagra Marsal responde que “económicamente no, de ninguna manera”, pues dependemos de muchos factores absolutamente externos a nuestro propio desarrollo, a nuestro propio sentido de convivencia y a nuestro propio accionar como país. “No somos independientes energéticamente. Estamos en una situación humillante de inferioridad con respecto al presente y futuro energético”.

Los 200 años de vida independiente, dice, deben ser un punto de inflexión para decidir qué hacer desde el punto de vista político, institucional y económico. “Creo que todavía hay un principio al que nos va a costar llegar, el que hemos tenido durante nuestras dos contiendas bélicas: el principio de la unidad nacional, unidad ante la desgracia, ante las tragedias, las catástrofes, la miseria, etc., sobre todo en el ámbito político”.

Al considerarse “optimista por naturaleza”, el Prof. Carlos Villagra Marsal alienta a los jóvenes a que en estas fechas tan importantes de la vida nacional “se inserten en el gran motor decisorio del país”. Si es necesario hacer política, que hagan y que busquen conciliar con sus actividades: “Primero hay que vivir y luego filosofar, una vez que se tenga asegurado el pan, pero no pretenderlo todo de una vez. Que intervengan en la marcha del país en el campo profesional, cultural, económico, el que sea”.

1- Ser sobrio es una característica del paraguayo por una larga tradición virtuosa. En contrapartida, también hay una gran tendencia al manejo abusivo del poder, a seguir la antigua prepotencia del oficial de compañía que salía con un tejuruguái (látigo) a pegarle a todo el mundo.

2- El nepotismo empezó con el régimen de Alfredo Stroessner. “El paraguayo no era así. Hay que ver la lista de gente importante, diputados y senadores de años anteriores, incluso del siglo XIX, que consideraban grave que uno llamara a un hermano a ocupar un cargo público”.

3- Existen héroes de hoy en Paraguay: héroes culturales, económicos y gente de trabajo, humilde, sencilla, que, sin pedir nada a nadie, están manteniendo y que son como el cimiento de nuestra nacionalidad: la gente que quiere a su país, que quiere verlo mejor y que hace algo.

Título: Plata Yvyguy, la gran distracción nacional

Data: 14 de Febrero de 2011

Editoria: Locales (Imprensa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/plata-yvyguy-la-gran-distraccion-nacional/>

La plata yvyguy o la búsqueda del tesoro escondido ha sido la gran “distracción nacional”, dice Villagra Marsal y explica que, contrariamente a lo que se cree, el tema comenzó antes de la Guerra del 70, tras la expulsión de los Jesuitas por Carlos III. Las misiones del Paraguay eran las más ricas y prósperas de todas y los jesuitas fueron embarcados desde su central en Asunción con una mano detrás y otra adelante: “Le revisaron hasta las partes íntimas. El informe (del Cabildo de Asunción y vistas de Aduanas) dice con mucho respeto los reverendos padres, pero la verdad es que los desnudaron para ver si llevaban algo”.

Los jesuitas tenían un poder monopólico de exportación y ganaron muchísimo dinero con la yerba, muy codiciada entonces, junto con el cuero y el tabaco, mientras los criollos no podían exportar. Hicieron una fortuna inmensa que, según parece, la mitad iba a Roma y la otra mitad quedaba aquí en Paraguay en lingote de oro, relata el investigador. “Se habla de una cantidad muy grande que está reunida en un solo lugar, 27 toneladas de oro, no en las misiones precisamente, pues tuvieron tiempo de guardar. Ellos tenían tres estancias importantes, una en Itapúa, otra en Paraguari y otra en Caaguazú”.

Villagra Marsal dice conocer gente que ha encontrado una campana de origen jesuítico en Caaguazú a unos 7 metros bajo tierra llena de diamantes y bien tapada con cera. “Yo tengo la campana en mi museo y la persona que la encontró en los años 70 tuvo la buena suerte de poder llevar a Amsterdam a vender los diamantes”.

La existencia de los tesoros también surge de los tiempos de Don Carlos A. López cuando el Estado tenía el monopolio de la exportación de productos paraguayos, lo que se llama un estanco. Los campesinos producían y entregaban al Estado y Don Carlos les pagaba en efectivo. “No era nada raro encontrar en casas campesinas de esa época objetos de plata como bandejas, vasos, jarros, libra esterlina y Carlos IV de oro”.

Durante la guerra, cuando la mayoría del Estado Mayor del Mariscal López estaba en Acurra, en 1869, después de la batalla de Lomas Valentinas, se ordena a todo paraguayo o familia paraguaya que posea oro, plata u otros objetos valiosos a que acuda cuanto antes por sí o por mensajero a entregar ese dinero al Gobierno del Paraguay en Acurra. “Si eso no pudieron hacer por las circunstancias de lejanía, presencia cercana del enemigo, etc., ordenaba que todos esos tesoros se enterraran. Entonces hay una enorme cantidad de tesoro escondido. Mucha gente halló cantaritos de cuatro o cinco monedas, unos cuantos anillos, que no son demasiado. Pero si son libras esterlinas es bastante porque no solo tiene valor monetario sino numismático”. Hoy día la búsqueda sigue de la forma más sofisticada.

Durante la Convención Nacional Constituyente Villagra había presentado con Romero Pereira un proyecto, aprobado, por el cual se institucionaliza la propiedad de la riqueza del subsuelo y donde se dice que todo el subsuelo le pertenece al Estado. “Si un propietario halla en su tierra titulada es suya; si es en tierra fiscal debe darle la mitad al Estado y si encuentra en una propiedad ajena tiene que compartir con el propietario. Está legislado en el Código Civil”.

Sobre los movimientos raros que se atribuyen a los sitios donde hay plata vyguy contesta que “la imaginación popular es muy fértil y hay muchas cosas que no tienen relación con el tesoro. Cuando hay metales enterrados o los mismos huesos humanos producen gases como débiles llamaradas”.

¿Dónde hay plata vyguy hoy? Al parecer el tesoro paraguayo se enterró en tres partes porque era inmenso. Uno muy extraño es el Parque Caballero, cuando Asunción estaba por ser invadida. “Como no había banco, el Paraguay cobraba también en oro y en libras esterlinas y, por tanto, el Gobierno pagaba también en libras esterlinas. No había créditos por eso, los barcos de la flota paraguaya se compraban con dinero contante y sonante o en oro al igual que la maquinaria para los ferrocarriles, los mármoles, los enseres, muebles, etc., que existían en Paraguay en la era de los López”.

Los otros sitios donde se habrían colocado son los lugares por donde pasó el Ejército paraguayo y donde estaban las familias; Cordillera, Piribebuy, Caacupé, Valenzuela y el largo camino de la Diagonal de Sangre. “Las Residentas llevaban su dinero como podían y en vista de que no les servía para nada en ese momento enterraban con sus joyas. En muchas casas, incluso, se colocaban entre las paredes”.

Aparte de esto se conocen casos de santos huecos, aunque debe ser de origen jesuita, en cuyo interior se colocaban también los tesoros: “Un poco riesgoso porque el peso delata que no era pura madera”.

Sobre los “tesoros de Madame Lynch”, Villagra Marsal asegura que “no hay tal tesoro”. Ella se fue sin nada. Incluso después demandó al Estado paraguayo para que le devolviera lo que le había regalado el Mariscal en centenares de leguas cuadradas de tierras en el Chaco. “Muchos dicen que eso hizo el Mariscal para garantizar que los aliados no se apoderaran de las tierras, que dejaban de ser del Estado y eran propiedad privada, pues era la época del liberalismo y protección a la propiedad privada, aunque lo mismo no hicieron caso como en el Bermejo y el Pilcomayo que tomó la Argentina”.

En todo este tiempo el tesoro enterrado ha sido una adicción que ha arruinado a mucha gente que se dedica a comprar aparatos y más aparatos para buscarlos y que en muchos casos indican y estiran para detectar cualquier cosa. “Puede ser que se haya encontrado así cerca de Villeta, pero en las zonas de las batallas hay gran cantidad de metales enterrados en bayonetas, fusiles, sables, etc. Entonces el aparato buscador de tesoros funciona de inmediato”.

En Piribebuy también está enterrado el tesoro de la Iglesia que era muy rica por la devoción a Nandejára Guasu y había candelabros de plata, de oro, una virgen con un collar de perlas hasta la rodilla que le daba tres vueltas al cuello, objetos de oro como patenas, cálices, etc.

A criterio de Villagra Marsal tal vez poco o nada se puede hacer por recuperar estos tesoros, pues cuando se intentó en el Parque Caballero la Municipalidad de Asunción contrató a una compañía norteamericana que se dedica a eso y se armó un escándalo. Más bien, quizás por la presencia de un general en servicio activo y un miembro de la Corte lo que no estuvo muy elegante. “Se hubieran abstenido, parece que eran parte de la sociedad, lo cual es legal, pero se hubieran abstenido. Pero allí sí había algo”.

A 200 años de la Independencia y siglos de búsqueda de plata yvyguy, pese a toda la leyenda, es poco lo que se sabe de los hallazgos, pues “la persona que sacó no tiene mucho interés en contar, sino que trata de deshacerse del oro, convertirlo en dólares, euros o adquirir otros bienes. O en todo caso, nadie se queda con las monedas ni los lingotes en la casa”.

Título: Comisión ecológica denuncia abandono de ex estación de ferrocarril de Ypacaraí

Data: 13 de Febrero de 2011

Editoria: Interior (impresa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/comision-ecologica-denuncia-abandono-de-ex-estacion-de-ferrocarril-de-ypacarai/>

Podría Ser Revitalizado En El Marco Del Festejo Del Bicentenario

Miembros de la Comisión Ecológica Arroyo Taruma de Ypacaraí denunciaron el total estado de abandono de la ex estación de tren y un depósito de la ex Tacuaral, pertenecientes al ferrocarril Carlos Antonio López, que podría ser revitalizado en el marco del Bicentenario. El intendente de Ypacaraí, Fernando Negrete (PLRA), mencionó que debido a una orden judicial de no innovar no pueden realizar trabajos de mejoras en el lugar. Margarita Morselli, secretaria ejecutiva de la Comisión de Festejos por el Bicentenario, dijo que oficialmente nadie de la comunidad de Ypacaraí se acercó a pedir apoyo a la organización a su cargo.

YPACARAI (Domiciano Pereira Cabañas, corresponsal). Tanto Lorenza Sforza como Roque Acosta, miembros de la citada agrupación, que busca preservar la naturaleza y los bienes históricos, coincidieron en señalar que ni siquiera fueron invitados para una reunión de la Comisión Bicentenario, que se realizaría esta semana en la Municipalidad local.

Aseguraron que existen empresas y personas que se quieren responsabilizar de los gastos de restauración y de la construcción de una ciclo vía, frente al edificio mencionado, pero que por la desidia de los políticos de la zona no se puede realizar ningún trabajo.

El lugar más abandonado es el que servía de depósito de mercaderías y encomiendas, cuyo piso incluso fue removido casi en su totalidad, para la búsqueda del plata vyguy (tesoro escondido), que en su momento fue publicado por nuestro diario.

Uno de los salones de la ex estación, aunque no está en buenas condiciones, sirve para la práctica de los alumnos del Conservatorio Municipal, y otro para depósito de materiales de la Municipalidad local.

“Queremos conservar la historia de nuestra ciudad por medio de la estación y el depósito. Si ellos no pueden, que nos dejen trabajar; tenemos a quienes pueden ayudarnos”, señalaron Sforza y Acosta.

Al mismo tiempo, lamentaron que la organización para el Bicentenario patrio ni siquiera se acordara de que existe una ciudad rica en historia y que aún está a tiempo de volver a recuperar lo que están por perder definitivamente.

En un breve recorrido, se puede constatar que uno de los edificios está a punto de derrumbarse. Presenta enormes grietas; en el sitio incluso creció una planta de vyvrao (árbol con enorme raíz), que podría precipitar la caída del depósito, poniendo en peligro la integridad física y la vida, sobre todo de los niños que a diario pasan por el lugar para llegar a la escuela República de Honduras, que queda a unos cien metros.

Francisco Acosta, morador y con 23 años de antigüedad como “jefe de estación”, comentó que desde hace dos años recibe un salario por parte de la comuna local.

La ex estación aún conserva dos vagones de carga, aunque ya no en tan buenas condiciones, además del tanque que servía para cambio de agua del tren.

Orden de no innovar

Ante la denuncia formulada por los integrantes de la comisión arroyo Taruma, la secretaria ejecutiva de la Comisión de Festejos del Bicentenario, Margarita Morselli, manifestó que oficialmente nadie de la comunidad de Ypacaraí se acercó a pedir

apoyo a la organización a su cargo, pero que está a disposición de cualquier requerimiento para conmemorar el Bicentenario en la ex Tacuaral. Incluso dijo que existe una Antorcha de la Victoria y el deseo de respaldar el Paseo de los Ilustres, uno de los proyectos de la comisión pro festejos del Bicentenario.

“En una oportunidad se acercó la profesora Raquel Gastella, en forma individual, pero no recibimos nada oficial. Estamos dispuestos a colaborar para preservar la rica historia de Ypacaraí, sin ningún problema”, señaló Morselli.

Por su parte, el intendente municipal local, Fernando Negrete (PLRA), manifestó que no pueden realizar ningún trabajo en el lugar debido a una orden de no innovar emanada de la fiscalía zonal luego de un caso de búsqueda de “plata yvyguy”, publicado en este diario.

Dijo que por el momento no se creó ninguna comisión para los festejos por el Bicentenario, pero que para conformarla se invitaría a todos los dirigentes de movimientos de la zona.

Agregó que uno de los edificios está a cargo de la Municipalidad, donde practican los alumnos del Conservatorio de Ypacaraí, y que apenas se levante la orden judicial y fiscal se procederá a trabajar por su conservación, además de materializarse los proyectos que se tienen con relación al lugar, como la creación de un auditorio en el depósito, una ciclovía, entre otras.

Título: Excavación era un pozo para buscar agua, dicen

Data: 24 de Enero de 2011

Editoria: Nacionales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/excavacion-era-un-pozo-para-buscar-agua-dicen/>

El comisario Fidencio Rivas, de la División de Crimen Organizado, expresó que el sobrino de la propietaria de la vivienda de Lambaré confesó que el pozo cavado en la misma era para buscar agua.

Fidencio Rivas, jefe de la División de Crimen Organizado, expresó que con las declaraciones del sobrino de la dueña de la casa en Lambaré, Inocencia Viedma de Román, se descarta que el túnel sea del Ejército del Pueblo Paraguayo.

“Uno de ellos dice también que buscaban sacar agua”, dijo Rivas a la 780 AM. El mismo expresó que el sobrino y la nuera de la propietaria, junto a otras tres personas, fueron convocados para declarar sobre el hallazgo.

Rivas expresó que tampoco descartan que los mismos estén buscando plata yvyguy (plata enterrada).

Título: Tres hombres quedan enterrados en Capiatá mientras cavaban un pozo

Data: 26 de Diciembre de 2010

Editoria: Nacionales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/tres-hombres-queda-enterrados-en-capiata-mientras-cavaban-un-pozo/>

Personal del puesto policial de Barrio Kennedy informaron a ABC Digital que tres hombres fueron sepultados en un pozo que se encontraban cavando, presuntamente en busca de plata yvyguy (enterrada o bajo tierra).

El hecho ocurrió en el Barrio Kennedy en Capiatá, a la altura del kilómetro 20 de la Ruta 1.

Los tres hombres se encontraban cavando un pozo, presuntamente para buscar plata yvyguy, hasta que en un momento dado el pozo colapsó y enterró a los mismos.

El hecho se registró cerca de las 10:45 de este domingo, según informaron a Radio Ñandutí.

Los afectados estaban trabajando en la casa de un militar de apellido Larrea, situado al costado de la escuela Suecia.

Bomberos de la zona intentan rescatar a los trabajadores, quienes no dan signos de vida.

Título: Harán un “homenaje en vida” al gran actor cómico Luis D’Oliveira

Data: 25 de Octubre de 2010

Editoria: Artes y Espectáculos (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/haran-un-homenaje-en-vida-al-gran-actor-comico-luis-doliveira/>

El Jueves, Con Artistas Invitados, En El Salemma Carmelitas

El jueves se realizará el “Homenaje en vida” al conocido actor Luis D’Oliveira, quien celebra 45 años con el teatro. El reconocimiento a su trayectoria tendrá como escenario el Salón “Luis Alberto del Paraná” de Salemma Carmelitas, San Martín y Roque Centurión Miranda, a las 20:30. La entrada es de 20.000 guaraníes y –como es costumbre en este ciclo– todo lo recaudado será entregado al homenajeado junto con la plaqueta recordatoria entregada por Elzear Salemma. La presentación estará a cargo de Charles González Palisa.

Los artistas invitados

La convocatoria de esta jornada es para vivir una noche de música y humor. Entre los artistas invitados que rendirán igualmente su homenaje a D’Oliveira, está el dúo cómico Cariñito y Floripón, genuinos representantes del humor popular, que desplegarán todo su talento en escena.

Luego actuará la cantante Marizza, la “reina morena de canción” en una amalgama entre el teatro y la música.

Igualmente, subirá a escena el Grupo Real de Teatro, dirigido por Roger Bernalve, quien actuará con la consagrada actriz Katy Pacuá. Esta compañía consolidada en la escena nacional tiene 31 años de trayectoria ininterrumpida llevando a las tablas obras teatrales de autores nacionales y extranjeros, siguiendo con su incansable lucha por el teatro tradicional y popular paraguayo.

Por su parte, el actor homenajeado, Luis D’Oliveira, actuará con esta compañía presentando un paso de comedia.

El homenajeado

D’Oliveira nació el 19 de agosto de 1949, en Asunción. Luego de incursionar en la época de escuela en actos culturales, estudió declamación con la profesora Chinaito Delmás, y después de ganarle por cansancio a su padre, que se oponía en ese entonces a que él sea actor, le convenció y llevó junto a la gran maestra y formadora de artistas, que es Mercedes Jané.

El papá le dijo a Mercedes, “aquí te traigo esto, que quiere ser actor”; eso ocurrió en el año 1965. Ese año y el siguiente integró su compañía de teatro para niños trabajando en varias obras para el público menudo, como “Pinocho”, “Pluf el fantasmita valiente”, “La fuerza de la tierra”, “Cenicienta” y muchos otros.

En el año 1966, Mercedes Jané junto a Miriam Celeste realizan un ciclo por Canal 9 TV Cerro Corá, titulado “Una noche en familia”. Era la primera vez que incursionaba en la TV. En los siguientes años, hasta 1970, hizo en el teatro diversas actividades; como traspunte, utilero, apuntador, sonidista y realizó también radioteatro en esa época.

En 1971 participó en lo que sería uno de los eventos más grandes del teatro popular paraguayo “Plata yvyguy rekávo” con César Álvarez Blanco, Rafael Rojas Doria y Alejo Vargas. A partir de allí empezó a tener notoriedad, trabajando en varias obras de la autoría de Mario Halley Mora. En esa misma década realiza programas de televisión y radio con José Olitte con notable éxito. En 1977 llegó a formar rubro con Carlos Gómez y José Olitte, con la obra “Pokarê”. En los siguientes años, formó elenco sucesivamente con Alejo Vargas y Blanca Navarro. en distintas obras teatrales. En la década del 80 participó en varios programas de TV, como “La oficina de Alberto”, “Residencial Sonrisa”, “Operación matrimonio”, “Locos y divertidos”, y otros.

Ya en la década del 90 hizo “Kalaíto Pombéro” con el grupo de Actores Asociados y la dirección de Tito Chamorro, participando en un festival internacional de teatro en la ciudad de Córdoba, Argentina.

Título: Antecedentes son nefastos

Data: 9 de Agosto de 2010

Editoria: Judicial

Link: <http://www.abc.com.py/nota/164985-antecedentes-son-nefastos/>

Lejos de dar muestras de independencia que puedan ser valoradas y emuladas por magistrados inferiores, pareciera que algunos ministros de la Corte Suprema de Justicia no escatiman esfuerzos por reflejar lo contrario.

Sanción por farrear con Calé

A modo de ejemplo, está el caso de los ministros Víctor Núñez y Raúl Torres Kirmser, actual presidente de la Corte, quienes cuentan en su haber con una sanción ética por participar del cumpleaños del polémico senador colorado Juan Carlos Galaverna. La sanción, aplicada en el 2007, afectó también al ministro Wildo Rienzi, quien se jubiló posteriormente.

El Tribunal destaca el daño causado a la imagen de independencia del Poder Judicial y descartó que la presencia de los ministros haya sido en un simple acto social, en atención a la influencia política del anfitrión y la gran concurrencia de personas del entorno del partido político en función de gobierno y de los círculos de poder de la sociedad.

Bajac, en acto liberal

El ministro Miguel Oscar Bajac causó estupor en la ciudadanía al participar de un acto político partidario que realizaron los azules para lanzar una campaña de documentación denominada “Central, territorio liberal por el bien del Paraguay”, en el año 2005.

El evento se hizo en el local Club de Campo, propiedad de Richard Kent, en la compañía Patiño de Caacupé, donde el principal orador fue el presidente de los liberales, Blas Llano. La presencia de Bajac no fue para nada discreta ni mucho menos mimetizada entre los asistentes, sino que el ministro compartió escenario con los organizadores.

Recientemente, Bajac fue nuevamente cuestionado por haber solicitado al director de Aduanas un “zoquete” para un amigo suyo nada menos como subadministrador del aeropuerto Guaraní y por “visitar” al fiscal Arnaldo Giu-zzio, acompañado de la abogada de un narcotraaficante. En ambas ocasiones se habló de la necesidad de enjuiciar a Bajac; en la primera quedó en el opareí y ahora, ya lo veremos.

Núñez, con SA

Con un sanción ética por farrear con “Calé” y varios cuestionamientos por su actividad de buscador de plata yvyguy, el ministro Víctor Núñez ahora es investigado por la fiscalía por su vinculación con la firma Animex SA.

Diosnel Mujica Gauto es síndico de Animex SA, empresa del ministro Víctor Núñez, creada en el 2005 y cuyas directoras y accionistas María Julia Albertini y Cathia Núñez Albertini, esposa e hija del magistrado del alto tribunal.

Desde el 2006, Animex fue adquiriendo valiosos inmuebles, en Lambaré y Asunción.

Llamativamente, Núñez y su esposa viven en una coqueta residencia del barrio Recoleta de Asunción, que fue adquirida por Animex en 300 mil dólares.

Título: Un buscador de “plata yvyguy” muere sepultado

Data: 12 de Mayo de 2010

Editoria: Policiales (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/117308-un-buscador-de-plata-yvyguy-muere-sepultado/>

CAPIBARY, departamento de San Pedro (Sergio Escobar Rober, corresponsal). Un colono que se dedicaba a la búsqueda de un supuesto tesoro escondido o “plata yvyguy” murió al caer dentro de una excavación de ocho metros de profundidad cuando se encontraba trabajando en el fondo del hueco que cavaron con otro vecino. El hecho se registró ayer en horas de la mañana en la cercanía de la colonia 1º de Marzo de este distrito.

El infortunado fue identificado como Eleucipo Gavilán (38), quien residía en la compañía Pablo Cue. El fatal desenlace al parecer se produjo a causa del desmoronamiento del pozo donde se encontraba la víctima.

Según los informes, Gavilán estaba acompañado de Bartolomé González (56), quien relató a los intervinientes que alrededor de las 10:00 se turnaron en la tarea de la excavación.

Agregó que en un momento dado escuchó un gran ruido en el precipicio donde estaba su compañero de trabajo y observó que el barranco se desplomó. Manifestó que de inmediato trató de auxiliar a Gavilán, pero no pudo hacer nada por la razón de que se encontraba solo.

“Traté de socorrer a mi compañero del pozo, pero lastimosamente no pude hacerlo. Luego salí del lugar en busca de apoyo con el afán de intentar sacarlo vivo del precipicio, sin embargo eso no fue posible”, aseveró el sobreviviente.

Título: Hasta buscadores de “plata yvyguy” depredan el patrimonio ferroviario

Data: 24 de Abril de 2010

Editoria: Economía (Impreso)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/108165-hasta-buscadores-de-plata-yvyguy-depredan-el-patrimonio-ferroviario/>

Estaciones Cercanas A La Capital Son Las Preferidas Por Buscadores De Tesoro

Mientras las autoridades de Fepasa alegan insolvencia para justificar la dejadez que afecta al patrimonio histórico y cultural del ferrocarril, los buscadores de tesoros se pasean “como Juan por su casa” en algunas estaciones para cavar en los pisos y poner en peligro las estructuras.

Todo indica que el histórico Ferrocarril Central Carlos Antonio López (FCCAL), hoy denominado empresarialmente Ferrocarriles del Paraguay SA (Fepasa), no ha conocido peor época en sus más de 150 años que la que vive ahora.

Sus autoridades al parecer se han limitado a cruzarse de brazos y a mirar cómo pasa el tiempo, tranquilas porque creen tener un argumento irrefutable: no hay presupuesto suficiente.

Mientras, algunos avivados están aprovechando esa situación de abandono casi generalizado para destruir o depredar aún más algunas de las valiosas instalaciones ferroviarias del país; valiosas en sí mismas por su precio en el mercado, como los metales, y por su valor cultural.

Gran parte del triste y peligroso deterioro que amenaza cada vez más a las estaciones que se extienden a lo largo de más de 300 kilómetros entre Asunción y Encarnación ha sido descrito en un reciente informe de la Contraloría General, del que ya hemos publicado varios capítulos, pero ninguno tan pintoresco como el que nos ocupa en esta ocasión.

“Plata yvyguy rekávo”

Algunas fuentes consultadas por nuestro diario dijeron que hasta en la Estación Central de Asunción hay rastros de extrañas excavaciones, pero al parecer pertenecen a otros tiempos, por lo que el dato es discutible.

Lo que no puede ponerse en duda es el testimonio de los técnicos de la Contraloría que llegaron a la Estación de Ypacaraí justo en el momento en que los buscadores estaban cavando en el piso del lugar. Labraron acta y presentaron hasta una denuncia en la policía. Y eso que hay dos encargados en dicha estación.

También hallaron pozos similares en “Patiño” (Areguá), tanto dentro como fuera del derruido edificio, y en la Estación de Luque.

Título: “Soy una enamorada del teatro”

Data: 23 de Abril de 2010

Editoria: Semanales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/107630-soy-una-enamorada-del-teatro/>

Blanca Navarro

Comenzó en la radio sin imaginar que le abriría las puertas de la televisión, el teatro y el cine. En todos se sintió cómoda y demostró sus cualidades. Hoy Blanca Navarro sigue dando lo mejor de sí desde la compañía que lleva su nombre.

El encuentro, para la entrevista, fue en su casa, Testanova casi Guillermo Arias. Allí nos recibió una Blanca a cara lavada, pelo castaño con raíces canosas, de pollera hasta las rodillas y blusa holgada. Sencilla. “Detesto ir a la peluquería. A mí me vas a ver siempre así. Solo si tengo algún acontecimiento importante, voy a que me peinen, si no yo nomás me arreglo y ya”, nos diría más tarde. Eso sí, muy amable. Hace alarde de esta virtud. Y merecidamente. Blanca es de las personas que siempre está sonriente y dispuesta. Estas actitudes la posicionaron, primero, en la locución, y luego, en el teatro, en el cine. Lleva 58 años sobre las tablas. Para ella ser actriz no es solo saber decir las letras, tiene que haber una transformación, dejar de ser uno y llenarse del personaje. Cuando recuerda sus años en el teatro, en la locución hace gestos y adopta poses para describirnos cómo es que llegó a ganarse la fama de una de las voces más hermosas de la radio y la televisión. Así, improvisando ya impresiona. Nos imaginamos lo que habrá sido en su mejor momento. Blanca en su larga trayectoria lleva 75 obras teatrales, de las cuales 13 son zarzuelas. Citamos algunos de sus trabajos: Ribereña, zarzuela con la compañía Oscar Barreto Aguayo-Carlos Gómez; El marido de su viuda, con la compañía Báez- Reisofer-Gómez; El taximetrista, con la compañía César de Brix; Los compadres Nueva York gui, con la compañía Los Compadres; Oikóma la guyriry, con la compañía Sánchez-Pastor-Gómez-Navarro; Despedida de soltero, con la compañía Hispanoamericana; Shintaro, con la compañía de Zarzuelas Paraguayas; Plata yvyguy rekávo, primero con la compañía de Los Compadres; luego, con la compañía Rojas Doria-Oliveira-Ojeda.

En todos los papeles se sintió cómoda. Es que cuando se lleva en la sangre, todo fluye con naturalidad y placer. “Mientras la obra y mi papel sean buenos, yo me acomodo bien, muy bien. Con cada obra, con cada personaje, día a día una se va alimentando, perfeccionando, va creando y dejando en el escenario lo mejor”, asegura. A todos sus personajes los recuerda con gran cariño, pero no duda en afirmar que la obra más taquillera fue Plata yvyguy rekávo. “Era de un lleno total siempre, y le arrancábamos carcajadas al público”. Y claro que tiene fresca en su memoria su primer protagónico: La pensión de Ña Lolita. “De la primera una nunca se olvida; me sirvió para pasar a las compañías y ganar notoriedad”. Pero su primer amor fue la radio. “Me inicié en el año 1953 en radio Stentor. Adolfo Biedermann era locutor de la emisora y me invitó a trabajar. Recuerdo que ese primer día de práctica tenía que decir: “Geniol, calma, entona y descongestiona”. Cuando vi la lucecita roja del micrófono, no pude hablar porque se me endureció la mandíbula, ¡ja, ja! Pero bueno, me entendieron, tranquilizaron y motivaron”. Por aquella época, compartió micrófono con Enrique Biedermann, “un muchacho alto, delgado, tenía una pinta de galán y una hermosa voz, que hasta hoy conserva. El fue locutor al igual que Humberto Rubín y Celia María Benítez”. De radio Stentor pasó a Emisoras Paraguay y su red tricolor roja, blanca y azul. Allá por el año 1955 alternaba Emisoras Paraguay con radio Teleco, y al año siguiente integró Caritas. Dejó la carrera durante dos años al casarse con César García Gavilán y ser madre de una “hermosa nena” a la que llamó Blanca Manuela. Luego volvió, en el 60, a Emisoras Paraguay, donde en la hora del radioteatro con Jacinto Herrera y Julia Sandoval, fue escuchada por el representante de Ponds, auspiciante del espacio, quien quedó fascinado con su voz y le pidió que le grabase los mismos textos para pasarlos por LT4 radio Posadas, de Posadas, claro. Así lo hizo, y para sorpresa suya la grabación llegó a Radio Chaco, de Resistencia; después, a radio El mundo, ¡de Buenos Aires! “Fue toda una conquista. Cada mes la firma me enviaba cajas y cajas de jabones, ¡hasta mis ropas lavaba con jabón de olor de tantos que tenía!”, revela riendo. También condujo dos programas, elailable Coca Cola y el tradicionalailable La española. Tuvo, además, la satisfacción de presentar a grandes

artistas internacionales, grandes cantantes, como Leo Dan, Los ángeles negros, Los Wawancó, Luis Aguilé y muchos otros.

Igualmente, demostró su talento en Chaco Boreal y en la primera FM Comercial, Radio Canal 100 ¡por supuesto! Tratándose de una de las voces más hermosas ¡no podía ser de otra manera! Y en Radio 1º de Marzo. “Los señores Miguel Angel Napout y Alcides Riveros me pagaron un sueldo cinco veces más alto que el mínimo, en aquel tiempo, con la condición de no hablar en ninguna otra emisora hasta el día de la inauguración. ¿Y sabés qué? El primer mes no me fui a cobrar de la vergüenza que tenía, ¡recibir plata sin hacer nada! Hasta que me enviaron a casa porque no había caso y así fue hasta el día en que me fui a trabajar”.

Ofertas para lucirse afuera recibió muchas. “De la Argentina tuve varias propuestas, pero tenía que nacionalizarme y me costaba tomar esa decisión. Una de ellas de Canal 9 de Buenos Aires. Arnaldo André también me invitó a formar parte de la telenovela que estaba grabando, pero tenía que aprender 110 parlamentos, y el tiempo era poco, así que nuevamente lo rechacé porque no quería quedar mal ni hacerle quedar mal a nadie. Arnaldo comprendió y me agradeció”. Otra de las ofertas provino de Radio Nacional Formosa. En esa ocasión ni los consejos de Charles González Palisa hicieron mella en ella. Este le había dicho: “Blanca, el país de uno es el país que te da de comer; no seas sonsa, no perdés tu nacionalidad”. Nada. No hubo caso. Tampoco se arrepiente.

Sigamos. En la televisión hizo tiras, como Magdalena de la calle, Noche tras noche, Operación matrimonio, Sombras en la noche, Río de fuego, Viernes de sombrero. El séptimo arte también la tuvo entre sus filas. “Para el cine actué en La Virgencita de Caacupé, una producción paraguayo-española, junto con Raúl Valentino, y fue estrenada en el Cine Victoria en forma simultánea con el Cine Yguazú”. Muchos autores nacionales la recuerdan en sus libros. “Me enorgullece”, admite. Tiene premios y diplomas de reconocimiento o agradecimiento por su labor. Sí, porque ella dio funciones gratuitas a las escuelas y colegios más carenciados. “Me iba a las villas donde ningún elenco quería ir, y qué feliz me sentía cuando veía la alegría de los niños, los padres, los maestros, ¡cuánta felicidad!”, exclama. Y como todo tiene un fin, en el 83, dejó la televisión y la radio para dedicarse completamente al teatro. Llegó a formar compañías. Báez-Gómez-Navarro; Los compadres, con Blanca Navarro, Blanca Navarro-Luis de Oliveira; Carlos Gómez-Blanca Navarro, Sánchez Pastor-Gómez-Navarro. “Después me independicé con la Compañía de Comedias Blanca Navarro”.

Dice que llegó a la cima en su carrera como actriz al protagonizar una obra dramática. “Siempre hice reír a la agente, pero con Fecha feliz, de Néstor Amarilla, hice llorar”. Fue todo un desafío del que salió airosa, fortalecida y orgullosa. Lo que se dice una actriz completa.

Wilfrida Navarro Olmedo, porque es así como figura en su cédula, Blanca es su nombre artístico, hoy se siente plena con la carrera que forjó. “Muchas personas me dieron oportunidades y fueron gentiles conmigo. Recuerdo con especial cariño a don Mario Halley Mora, a todos mis compañeros de trabajo, absolutamente a todos, a toda la gente linda y buena que conocí gracias al teatro, que me brindó su cariño, su aplauso”. Agradece a todos por hacerla tan feliz. Hoy vive en su casa del barrio San Antonio. “Aquí nací, aquí me crié y aquí pienso vivir hasta que Dios diga basta”. Allí vive con su hija Blanca Manuela o Muñeca como es llamada cariñosamente, su yerno Marcos Antonio García y su “divina” nieta, Adriana María Monserrat. Allí se prepara para las actuaciones que le piden realizar. Allí disfruta de su vida a plenitud. Te contamos más. En el Teatro de Autores Paraguayos Asociados (APA) está dirigiendo y

actuando en la obra "Jajoguátante la banca". Va a estar hasta el 2 de mayo. Los viernes y sábados, a las 21:00. Los domingos, a las 20:00. Hay que verla.

"Ser actriz no es solo saber decir las letras, tiene que haber una transformación, dejar de ser uno y llenarse del personaje."

Título: Falleció Carlos Martínez Gamba, gloria de la literatura en guaraní

Data: 21 de Abril de 2010

Editoria: Artes y Espectáculos (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/106580-fallecio-carlos-martinez-gamba-gloria-de-la-literatura-en-guarani/>

Duelo En Las Letras Paraguayas

La salud del escritor en los últimos días fue empeorando debido a la diabetes, y tras entrar en coma, dejó de existir, significando una gran pérdida para la literatura paraguaya. Fue un gran estudioso del guaraní, y toda su obra centró en rescatar el guaraní puro de nuestro país.

Carlos Martínez Gamba fue galardonado con el Premio Nacional de Literatura 2003, por su obra Ñorairõ Ñemonbe'u Guerra Guasúro Guare (Crónicas de las batallas de la Guerra Grande), en versos rimados. Fue la primera vez que una obra escrita totalmente en guaraní recibió un galardón de esta naturaleza.

Nació en el barrio Santa Librada de Villarrica, Paraguay. Se crió en un ambiente guaraniparlante por antonomasia. Es uno de los más fecundos autores paraguayos que escribe solamente en guaraní. Su primera obra y más conocida es Pychãichi. Es autor, entre otros, de los siguientes títulos: "Plata yvyguy" (poesía; 1971), "Ikakuaaharépe ojevýva" (cuentos; 1973), "Tapekue ka'a" (1975), "Niño arapegua purahéi", "Purahéi mitã ñembotorore ha ñemongerã" (poemas; 1984), "Ta'anga vera rendy"; "Jagua ñetu'õ" (cuentos; 1989). En 1980, luego de una década de haber publicado "Pychãichi", su primer libro de poemas sobre el conocido personaje de la narrativa oral paraguaya, salió a luz "Pychãichi rembihasakue Karai Réi ha Sariare ipu'akáramo guare"; y once años después apareció "Pychã Marandeko" (Historia del Piquento) (1991). Entre otras actividades de índole lingüística y literaria, también tradujo al guaraní una antología poética de Rodrigo Díaz-Pérez.

Título: Martínez Gamba se encuentra grave

Data: 19 de Abril de 2010

Editoria: Artes y Espectáculos (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/105478-martinez-gamba-se-encuentra-grave/>

Premio Nacional De Literatura De Nuestro Pais En El 2003

El escritor paraguayo Carlos Martínez Gamba, Premio Nacional de Literatura 2003, se encuentra en grave estado de salud en la ciudad de Puerto Rico, Misiones, Argentina, donde vive actualmente. Según referenciaron personas vinculadas al escritor, este ingresó en las últimas horas en un estado de coma y su situación es muy delicada.

Carlos Martínez Gamba fue galardonado con el Premio Nacional de Literatura 2003, por su obra Ñorairõ Ñemonbe'u Guerra Guasúro Guare (Crónicas rimadas de las batallas de la guerra grande). Fue la primera vez que una obra escrita totalmente en guaraní recibió un galardón de esta naturaleza.

Nació en el barrio Santa Librada de Villarrica, Paraguay. Se crió en un ambiente guaraní parlante por antonomasia. Es uno de los más fecundos autores paraguayos que escribe solamente en guaraní. Su primera obra y más conocida es Pychäichi. Es autor, entre otros, de los siguientes títulos: "Plata yvyguy" (poesía; 1971), "Ikakuaaharépe ojevyva" (cuentos; 1973), "Tapekue ka'a" (1975), "Niño arapegua purahéi" "Purahéi mitã ñembotorore ha ñemonge ra" (poemas; 1984), "Ta'anga vera rendy"; "Jagua ñetu'õ" (cuentos; 1989). En 1980, luego de una década de haber publicado "Pychäichi", su primer libro de poemas sobre el conocido personaje de la narrativa oral paraguaya, salió a luz "Pychäichi rembihasakue Karai Réi ha Sariare ipu'akáramo guare"; y once años después apareció "Pychäi Marandeko" [Historia del Piquento] (1991), el tercer poemario de la misma saga. Entre otras actividades de índole lingüística y literaria, también tradujo al guaraní una antología poética de Rodrigo Díaz-Pérez, con el título de "Yvoty aty poravo pyre" (1973). (poemas; 1978), (cuentos; 1987).

Fue galardonado en Asunción con el Premio Nacional de Literatura 2003, por su obra Ñorairõ Ñemonbe'u Guerra Guasúro Guare (Crónicas rimadas de las batallas de la guerra grande).

Título: Estaciones del ferrocarril son usadas para bares y viviendas de particulares

Data: 13 de Abril de 2010

Editoria: Economía (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/102566-estaciones-del-ferrocarril-son-usadas-para-bares-y-viviendas-de-particulares/>

Inercia De Empresa Ferroviaria Pone En Peligro Su Patrimonio Historico

Algunas cosas que ocurren en el antiguo ferrocarril son directamente para la tristeza, pues según el informe de los auditores de la Contraloría General, algunas estaciones han sido reacondicionadas por ocupantes particulares para ser utilizadas como viviendas, bares o depósitos.

Ferrocarriles del Paraguay SA (Fepasa) "debe tomar acciones serias y responsables sobre la conservación, estabilidad y seguridad" de sus instalaciones a fin de evitar los peligros de destrucción y el riesgo para las personas.

Así dice una de las conclusiones dadas a conocer recientemente por la Contraloría tras realizar a finales del 2009 una auditoría sobre la situación de la empresa.

La recomendación en cuestión se refiere específicamente al mal uso que se está dando a la mayoría de las antiguas estaciones del ex Ferrocarril Central Carlos Antonio López, que tiene más de 150 años de historia y cuyos servicios normales están parados desde 1999.

Los auditores encontraron a gente instalada en las estaciones, en algunos casos residiendo en el lugar o utilizando las mismas como depósitos, mientras en otros casos hay patrimonios históricos reacondicionados para bares o almacenes.

Un caso inaudito es lo ocurrido en la estación de Luque, una de las más antiguas, donde los técnicos hallaron "vestigios de excavaciones realizadas en años anteriores en busca de tesoros (plata yvyguy)".

Además, en el patio de maniobras se encuentran varios vagones, algunos en estado de abandono y uno está siendo utilizado como hamburguesería, y para completar el

cuadro ha sido pintado en azul y amarillo y con imágenes “temáticas” al uso que se le están dando.

El informe (ver facsímil) añade que en el lugar funcionaba un pequeño museo, pero luego fue clausurado y llevaron todas las cosas a la sede de Asunción.

“No es histórico”

Preguntado sobre los motivos de la transformación de uno de los vagones de Luque en hamburguesería, el presidente del ferrocarril, Eduardo Laterza Rivarola, dijo a nuestro diario que se autorizó dicho alquiler porque es un vagón relativamente nuevo, comprado en su momento del ferrocarril argentino, es decir que no es de los históricos.

Respecto al cierre del museo y demás instalaciones, Laterza explicó que decidieron poner candados al local porque inadaptados llegaron a incendiar un vagón y provocaron otros desmanes.

Sobre las demás estaciones, el funcionario reconoció que no han podido establecer un sistema más efectivo de protección debido a la insuficiencia presupuestaria que afecta al ferrocarril.

Copetín en Areguá

La más diversificada parece ser la estación de Areguá, ya que el informe señala que en el sitio funciona un centro de artesanía, un pequeño museo, además de albergar al cuidador y su familia y un copetín que explota esa misma gente.

En la estación Patiño la situación ya es grave pues una de las construcciones está a punto de derrumbarse y se hicieron arreglos que no corresponden.

La Contraloría levantó también detalles de la situación, en su mayoría penosa, en que se encuentran las antiguas terminales ferroviarias de Ypacaraí, caballero, Ybytymí, Coronel Martínez, Félix Pérez Cardozo, San Salvador, Borja y Villarrica, donde ya no quedan rieles ni durmientes.

Título: Enrique Collar denuncia la destrucción de sus obras

Data: 16 de Marzo de 2010

Editoria: Artes y Espectáculos (Impressa)

Link: <http://www.abc.com.py/nota/89608-enrique-collar-denuncia-la-destruccion-de-sus-obras/>

En Sede De Embajada Paraguaya En Roma

Bajo el título de “Brutalidad de una embajada paraguaya”, el pintor y cineasta compatriota Enrique Collar, residente desde hace varios años en Holanda, denunció vía correo electrónico la destrucción parcial de sus obras en la sede de la Embajada paraguaya en Roma, Italia.

Collar expresa que “hace unos años, en 1998, el Viceministerio de Cultura del Paraguay (presidido por Gerardo Fogel, N. de la R.), la Embajada paraguaya en Italia y una condesa romana organizaron un evento artístico con un perfil de intercambio de experiencia entre artistas paraguayos e italianos. Viajamos entusiasmados un grupo de colegas de Paraguay para dicho evento, que, recordando ligeramente, resultó siendo más una sumatoria de sucesos simpáticos y folclóricos que el gran proyecto artístico anunciado en la convocatoria. Para ese evento llevé dos obras de gran

formato (150x150 cm). Dos pinturas pertenecientes a la serie de la mitología paraguaya 'Plata yvyguy', tríptico. Las mismas habían sido expuestas en el Museo Nacional de Bellas Artes de Asunción, en la importante exhibición de arte paraguayo contemporáneo 'Teko', Maison de l'Amérique Latine, París, como también en el Palais de Glace, Buenos Aires”.

“La muestra se realizó en el Palazzo Santa Croce. Recuerdo que expusieron Carlos Spatuzza, Celso Figueredo, Natalia Patiño, entre otros jóvenes artistas. Volvimos al Paraguay y las obras quedaron expuestas. Pasó el tiempo, y ni el Viceministerio ni la Embajada paraguaya se ocuparon de devolvernos las obras. El pasado 19 de febrero iría personalmente a las oficinas de la Embajada a retirar las pinturas. Me confirmaron que podría hacerlo. Llegó por fin una persona a atenderme, a quien había conocido vía mail por otras circunstancias cuando trabajaba en otra embajada paraguaya. Me explica que localizaron las obras en el depósito. Al rato vuelve y entra en la sala donde yo estaba con una de las pinturas montada en su bastidor de madera y envuelta en plástico con burbujas, un aspecto normal para el cuidado de una pintura. Luego fue en busca de la otra, regresó y me entregó en mano: ‘una tela plegada en varias partes, con el lado pintado hacia adentro’. Sí. Como si se tratara de una sábana planchada, lista para ser guardada en un ropero. ‘Esto es lo que encontramos’, me dijo. La tela montada sobre el bastidor estaba con peladuras, rayones, quebraduras y tajos. Me puse a desmontar y desplegar las dos pinturas en el suelo, con el dolor y la bronca de ver la falta de sentido común y tanta brutalidad institucional hacia unas obras de arte. Solo espero que los milagros de restauración logren recuperar al menos una imagen decente de estos mitos populares a los cuales dediqué varios años de mi vida. Esta persona que me atendió me comentó que artistas nacionales, como Enrique Careaga y Hernán Miranda, también habían dejado depositadas obras allí”, dice Collar.

Título: Plata yvyguy y las inversiones de la SA de ministro

Data: 8 de Marzo de 2010

Editoria: Judicial

Link: <http://www.abc.com.py/nota/85369-plata-yvyguy-y-las-inversiones-de-la-sa-de-ministro/>

La inversión de más de 1 millón de dólares de la SA ligada al ministro de la Corte Víctor Núñez podría encontrar alguna explicación. Los lectores de ABC llamaron para recordar que en el 2007, el ministro de la Corte estuvo involucrado en una gigantesca excavación en el Parque Caballero, en busca de plata yvyguy.

Núñez Rodríguez se había asociado con el odontólogo y buscador de tesoros Wilfrido Portillo y el Gral. Porfirio Ramírez, ex presidente del Superior Tribunal de Justicia Militar, para buscar 500 kilos de oro, que habrían pertenecido al Gral. Bernardino Caballero. El ministro fue uno de los financistas y gestores para convencer al entonces intendente de Asunción, Enrique Riera, a que autorizara la excavación en el predio a cambio del 50% de lo obtenido y la reparación de daños causados al espacio público.

¿Habría quitado Núñez los 500 kilos de oro en aquella ocasión? Solo así podría explicarse que una SA vinculada a su familia que en cinco años declaró una ganancia de apenas G. 43 millones, hizo millonarias inversiones en la construcción de dúplex, coqueta residencia y hasta la compra de un campo de 800 hectáreas en Ñeembucú, en el que se están haciendo mejoras para la cría y engorde de ganado vacuno.

Título: Fiscalía allana vivienda donde cavaron pozo de 30 metros

Data: 6 de Noviembre de 2009

Editoria: Nacionales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/43335-fiscalia-allana-vivienda-donde-cavaron-pozo-de-30-metros/>

Propietaria Dice Que Buscaban Tesoro

La fiscalía allanó una vivienda de Ñemby en cuyo predio se realizaba una llamativa excavación. La propietaria alegó que se trataba de una búsqueda de tesoro enterrado (conocido en Paraguay como Plata Yvyguy). La denuncia fue realizada por vecinos de lugar que observaban la cantidad de tierra extraída día a día, informó el corresponsal de ABC Color Higinio Ruiz Díaz.

Los intervinientes observaron un pozo de unos 30 metros de profundidad y 5 de diámetro con dos escaleras. La excavación se realizaba en el predio de una vivienda ubicada en Acceso Sur y Mangoré del barrio San Roque González de Ñemby. El procedimiento se realizó por orden de la jueza de paz local Cristina Aquino.

La propietaria de la vivienda, Luciana González Benegas, señaló que conocidos suyos realizan la excavación en busca de Plata Yvyguy (tesoro enterrado) y que una vez finalizada la tarea utilizaría el sitio como pozo ciego (fosa séptica). Intervino la fiscalía y agentes de la comisaría 7ma de Ñemby.

Título: Hallan elementos para buscar metales en fosa de Ñemby

Data: 6 de Noviembre de 2009

Editoria: Nacionales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/43350-hallan-elementos-para-buscar-metales-en-fosa-de-nemby/>

Bomberos confirmaron a los medios de prensa que el pozo hallado en una vivienda de Ñemby tenía solamente 12 metros de profundidad y no los 30 metros que había informado la Policía este mediodía. Los especialistas hallaron en el interior elementos que servirían para buscar metales, informó el corresponsal de ABC Color Higinio Ruiz Díaz.

La versión de la propietaria del inmueble de Ñemby donde se encontraba un pozo de varios metros fue prácticamente confirmada al hallarse elementos para la búsqueda de metales. Luciana González Benegas explicó que conocidos suyos estaban excavando en el lugar en busca de tesoros enterrados (plata yvyguy) y que posteriormente utilizaría el pozo como fosa séptica.

Título: Falsa denuncia movilizó a policías y fiscales en Ñemby

Data: 6 de Noviembre de 2009

Editoria: Política

Link: <http://www.abc.com.py/nota/43592-falsa-denuncia-movilizo-a-policias-y-fiscales>

ÑEMBY (Higinio R. Ruiz Díaz, corresponsal). La fiscalía y personal de la comisaría séptima de esta ciudad allanaron ayer una vivienda ubicada en el barrio San Roque González de Santa Cruz, en cuyo predio fue encontrado un pozo de más de 12 metros de profundidad, del cual se dijo en un principio que se trataría de un túnel.

El hecho se habría tratado solamente de una jugada de malos vecinos, quienes realizaron la llamada a sabiendas de que en lugar alguna vez se buscó plata yvyguy (tesoro escondido). La comitiva fiscal-policial allanó la propiedad de Luciana González Venegas (63). “Los vecinos informaron a la Policía que en la mencionada casa se

estaba cavando un pozo de gran profundidad y pidieron la verificación porque se presumía que se trataba de un túnel, y llegamos a la casa con una orden de allanamiento y encontramos que es una fosa común”, expresó el jefe de la comisaría Cándido Ramírez. La dueña de casa, al tiempo de cuestionar la labor policial-fiscal, alegó que en el lugar estaban buscando plata yvyguy.

Título: Hallan pozo, municiones y documentos en un terreno en litigio en Itauguá

Data: 5 de Noviembre de 2009

Editoria: Policiales

Link: <http://www.abc.com.py/nota/42873-hallan-pozo-municiones-y-documentos-en-un-terreno-en-litigio-en-itaugua/>

Fue Anoche Y Genero Rumores De Toda Indole

Una excavación de aproximadamente 10 metros, supuestos documentos de la época de dictadura stronista, proyectiles de armas y uniformes militares fueron hallados anoche en el interior de una precaria vivienda colonial ubicada en un predio en litigio en el barrio Cristo Rey de Itauguá. Más de un centenar de personas estaban hasta el cierre de nuestra edición en el extenso terreno arbolado, en donde vive la señora Dominga Rodríguez Aranda, 62 años, quien dijo ser propietaria del inmueble que tiene más de 10.000 metros cuadrados (más de una hectárea).

La misma denunció en la comisaría sexta de Itauguá que fue agredida y rapiñada por personas que invadieron su vivienda. Pobladores que forman parte de una comisión profomento urbano alegaron que el inmueble en cuestión pertenece a la municipalidad de Itauguá y que fue declarado de interés comunal. Incluso existe el proyecto de la construcción de un parque ecológico.

Tras el tumulto de anoche, pobladores que ingresaron al predio encontraron el pozo que dio pie a diversas especulaciones, como que fue hecho por secuestradores o por buscadores de tesoros (plata yvyguy).

Dado el interés existente por el inmueble, de una alta cotización, se ven frecuentemente por el lugar lujosas camionetas que pertenecerían a abogados litigantes.

Un “vyrorei”

Para agentes de la comisaría local todo es un “vyrorei” y que existe mucho interés por el inmueble. Descartaron que el pozo encontrado haya sido hecho por personas con intereses oscuros como los que se les atribuyen a miembros del Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP). Esta versión una vez más corrió anoche dentro de la sicosis que crea el secuestro de Fidel Zavala.

Título: Buscan tesoro en estación de tren

Data: 24 de Septiembre de 2009

Editoria: Interior

Link: <http://www.abc.com.py/nota/27789-buscan-tesoro-en-estacion-de-tren/>

YPACARAI (Domiciano Pereira Cabañas, corresponsal). Funcionarios de la Contraloría General de la República (CGR), en una supervisión de rutina, se percataron de la excavación de varios pozos en pleno depósito de la estación de ferrocarril de esta ciudad.

En el lugar, técnicos de la CGR pudieron constatar enormes y profundos pozos, que en gran parte ya fueron tapados, evidenciando el trabajo de búsqueda de plata yvyguy (tesoro escondido).

La Arq. Jorgelina Alegre Alvarenga, acompañada de tres técnicos de la CGR, luego de constatar el hecho, presentó la denuncia ante la comisaría local, que procedió a la detención de las personas.

El principal sospechoso de encabezar la excavación es el mismo encargado del depósito, Toribio González. El funcionario, según vecinos del lugar, contrató a otras cinco personas para realizar la excavación.

El encargado de la estación del ferrocarril, Amado Ferreira, manifestó que hace varios meses que se realiza este tipo de tarea.

Los detenidos, Juan Antonio Medina, José Martínez Rodríguez e Israel Melgarejo, todos mayores de edad, señalaron a los funcionarios de la CGR que fueron contratados por González para cavar los pozos.

El lugar servía como depósito de cargas del ferrocarril en la época en que aún el tren prestaba servicios a la comunidad.

Todas las personas consultadas sobre el tema coincidieron en señalar que siempre se hacen excavaciones en el lugar. Incluso, las primeras perforaciones datan de la época de la dictadura stronista. “Solo falta que derriben las paredes y digan que ahí hay plata yvyguy”, dijo uno de los vecinos del lugar.

Título: Comedias en salas de teatro asuncenas

Data: 6 de Agosto de 2009

Editoria: Artes y Espectáculos

Link: <http://www.abc.com.py/nota/11110-comedias-en-salas-de-teatro-asuncenas/>

En Tiempos De Crisis Ofrecen Humor

En el Auditorio Manuel de Falla del Centro Cultural de España Juan de Salazar (Herrera 834) esta noche y mañana a partir de las 20:00 se presentará la obra escrita y dirigida por el uruguayo Franklin Rodríguez “La sal de la vida”, con una duración de una hora, del género comedia y con entrada libre y gratuita.

Los diferentes personajes son interpretados por Myriam Sienna Zavala, Patricia Abente, Paola Maltese y Bruno Sosa, con escenografía de Gabriela Doldán. El encuentro de dos hermanas separadas hace tiempo, una por el exilio económico, la otra por el exilio interno al que decidió adherirse.

La obra juega a las puertas del hiperrealismo buscando la aproximación del público que asiste a estas reveladoras jornadas de encuentro. Pero también encuentro de tres generaciones, ya que la hija de una de ellas está en plena rebeldía pre adolescente. Se hace entonces presente la frase: “¿Cómo puedo ser madre si ni siquiera aprendí a ser hija?

Desde esta perspectiva, estas tres mujeres, altas, distintas, pero del mismo género, son vistas con la lupa del tiempo. Sus sueños, lo que no se dijeron a tiempo, el paso irremediable de las agujas del reloj y la necesidad de encontrarse en algún alto del camino.

El humor es parte del resorte del encuentro, es metal fundamental para unir las partes. En este estado de la comedia es donde el humor, la solidaridad y sobre todo la necesidad de nuevas estructuras de relacionarse se hacen presentes en forma de preguntas teatralizadas.

En el Municipal

La comedia "Oîma la mitã ru" es un espectáculo para olvidarse de la crisis y los problemas del día a día, una obra para reír de principio a fin, para no perderselo.

Es lo que Domingo Coronel promete a los espectadores con este nuevo emprendimiento que se presenta hoy desde las 21:00, mañana en función doble a las 19:00 y 21:00, el domingo se despide desde las 20:00, en el Teatro Municipal (Presidente Franco y Alberdi). Actúan Rafael Rojas Doria, Gustavo Cabañas, Enrique Pavón, Nico García, junto a modelos.

En el Teatro Latino

La obra escrita, dirigida y producida por Néstor Amarilla "Che, che K-nal" vuelve a presentarse esta noche, a partir de las 21:00, en el Teatro Latino (Teniente Fariña e/Iturbe y Yegros). La obra cuenta la historia de un cachique que después de haber encontrado plata yvyguy, y para complacer a su esposa, quien le había pedido que le regale una tele, se equivoca y compra todo un canal de televisión.

Actúan los humoristas Martín González y Crispín Martínez del dúo Cariñito y Floripón, Amada Gómez Alicia González, Moraima Quintana, Simone Villar, Facundo Di Francesco y la participación más que especial de Mario Ferreiro, con los mejores chistes de cachique. Entradas a G. 105.000, 85.000 y 55.000.